



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

**A PREPARAÇÃO/REVISÃO DE TEXTOS  
COMO REESCRITA DA TRADUÇÃO**

**AURISTELA MARINA CARDOSO GENARO WEBSTER**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**BRASÍLIA / DF**

**FEVEREIRO / 2018**

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

**A PREPARAÇÃO/REVISÃO DE TEXTOS  
COMO REESCRITA DA TRADUÇÃO**

**AURISTELA MARINA CARDOSO GENARO WEBSTER**

**ORIENTADORA: ALESSANDRA RAMOS DE OLIVEIRA HARDEN**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**BRASÍLIA / DF**

**FEVEREIRO / 2018**

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E CATALOGAÇÃO

WEBSTER, Auristela Marina Cardoso Genaro. A preparação/revisão de textos como uma reescrita da tradução. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2018. 207p.

Dissertação de mestrado. Documento formal, autorizando reprodução desta dissertação de mestrado para empréstimo ou comercialização, exclusivamente para fins acadêmicos, foi passado pelo autor à Universidade de Brasília e acha-se arquivado na Secretaria do Programa. O autor reserva para si os outros direitos autorais, de publicação. Nenhuma parte desta dissertação de mestrado pode ser reproduzida sem a autorização por escrito do autor. Citações são estimuladas, desde que citada a fonte.

### FICHA CATALOGRÁFICA

Webster, Auristela Marina Cardoso Genaro

“A preparação/revisão de textos como reescrita da tradução.”/Auristela Marina Cardoso Genaro Webster; orientadora Alessandra Ramos de Oliveira Harden -- Brasília, UnB, LET 2018.

207p.

Dissertação de mestrado – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução/POSTRAD, 2018. Inclui Bibliografia.

Orientação: Alessandra Ramos de Oliveira Harden.

1. Tradução. 2. Hipótese dos Universais da Tradução. 3. Modelos de reescrita  
4. Preparação/revisão. I.Oliveira Harden, Alessandra. II. Título.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO – POSTRAD**

**A PREPARAÇÃO/REVISÃO DE TEXTOS  
COMO REESCRITA DA TRADUÇÃO**

**AURISTELA MARINA CARDOSO GENARO  
WEBSTER**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-  
GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA  
TRADUÇÃO COMO PARTE DOS  
REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO  
DO GRAU DE MESTRE EM ESTUDOS DA  
TRADUÇÃO.**

**APROVADA POR:**

---

ALESSANDRA RAMOS DE OLIVEIRA HARDEN, Doutora, UnB  
(Orientadora)

---

CRISTIANE ROSCOE BESSA, Doutora, UnB  
(Examinadora Interna)

---

ALESSANDRA MATIAS QUERIDO, Doutora, UCB  
(Examinadora Externa)

---

LETÍCIA MARIA VIEIRA DE SOUZA GOELLNER, Doutora, UnB  
(Suplente)

**BRASÍLIA, 28 DE FEVEREIRO DE 2018**

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Anaídes e Darcy, por estarem sempre presentes e, em especial, à minha mãe, cuja força diante das tantas adversidades da vida foi, é e sempre será a fonte inspiradora. Vocês são símbolos de amor e segurança em minha vida.

Em memória de minhas avós, Auristella Ferreira Marques e Marina Manfiolli Genaro, exemplos de honestidade e trabalho.

Ao meu marido, Marcelo Vicente, companheiro de todas as horas, que, com seu carinho, amor e bom humor, sempre me trouxe paz e equilíbrio e, nas horas mais difíceis, me levou para nadar, pedalar e correr. Meu amor, a vida ao seu lado é uma delícia, te amo muito!

À minha filha, Júlia, por sua doçura e suas traquinagens. Estaremos sempre juntas minha amada!

À minha enteada, Luciana, por compartilhar a sua inteligência e sensibilidade nas visitas dominicais. Lulu, você é especial demais e eu gosto muito de você!

À minha irmã amada, Rosângela, pelos “eu te amo”.

À minha orientadora querida, Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden, pelos ensinamentos e pela preciosa assistência durante a elaboração deste trabalho.

À estimada Dra. Cristiane Roscoe-Bessa, pelos incentivos e orientações no início desta jornada.

Aos professores e funcionários do POSTRAD, por estarem sempre à disposição para ajudar a solucionar os problemas.

À Helionídia Carvalho de Oliveira Pavel, querida e famosa amiga Didi, referência de amizade.

À minha chefe, Coordenadora do Cogia, Dra. Cláudia Moreira Diniz, por sempre ter incentivado o meu crescimento profissional e me contagiar com seu entusiasmo.

Aos colegas do Ibama, especialmente Vitória Adahil Rodrigues, por compartilharem seus conhecimentos, e Maria José França Silvio, pela competência na solução de questões burocráticas.

Ao Diretor do Cenima, Dr. George Porto Ferreira, pelo apoio para a conclusão do curso.

A todos os familiares, amigos e colegas que, cada um ao seu estilo, contribuíram para tornar essa jornada mais leve.

Ao Janailton Mick Vitor da Silva, pelo seu profissionalismo e seriedade nos trabalhos de revisão e formatação desta dissertação.

[...] percebe-se pela maneira como Raimundo Silva está a sorrir neste momento, com uma expressão que não esperaríamos dele, de pura malignidade, desapareceram-lhe do rosto todos os traços do Dr. Jekyll, é evidente que acabou de tomar uma decisão, e que má ela foi, com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade [...]

A História do cerco de Lisboa  
José Saramago (1998, p. 49-50)

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é traçar um paralelo entre o processo de tradução e de preparação/revisão de textos traduzidos, tendo como base o modelo de reescrita descrito pelo teórico belga André Lefevere (2007/1992b). A nossa intenção é verificar se preparadores/revisores de traduções, influenciados por alguns ou todos os elementos descritos nesse modelo – patronagem, a poética e a ideologia – podem transformar a preparação/revisão em reescrita da tradução, e quais as consequências dessa reescrita para as traduções e os tradutores. Para isso, será utilizado um conjunto de dados extraídos de dois *corpora* distintos: o primeiro, composto por dez preparações/revisões, feitas por diferentes preparadores/revisores, de um trecho traduzido do livro *The Terrorist's Son – A Story of a Choice*, de Zak Ebrahim; e o segundo por três diferentes traduções das dez primeiras páginas do conto *A good man is hard to find*, de Flannery O'Connor. Como parte da metodologia, utiliza-se a sistematização das características que ocorrem marcadamente em textos traduzidos, realizada por Mona Baker (1996), por meio da hipótese dos Universais da Tradução, para identificar e agrupar os tipos de interferências de tradutores e de preparadores/revisores. Esta pesquisa está centrada no papel de preparadores e/ou revisores, nas eventuais perdas e ganhos que a interferência desses profissionais pode propiciar aos leitores e à credibilidade do texto traduzido.

Palavras-chave: Tradução. Tradutor. Revisão. Preparador. Reescrita.



## **ABSTRACT**

*The aim of this essay is to draw a parallel between the translation and the proofreading processes based on the model of rewriting described by the Belgian theorist André Lefevere (2007/1992b). It is hereby attempted to verify if proofreaders of translations, under the influence of some or all elements described in this model, namely patronage, poetics and ideology, can transform the proofreading into a rewriting of the translated text, and what the consequences of this rewriting for translations and translators come to be. To that end, a set of data obtained from two distinct corpora will be used: the first one includes ten proofreadings carried out by ten different proofreaders of a translated excerpt taken from the book 'The Terrorist's Son – A Story of a Choice', by Zak Ebrahim; and the second one consists of three different translations of the first ten pages of the short story 'A good man is hard to find', by Flannery O'Connor. As part of the methodology, the Hypothesis of Translation Universals defined by Mona Baker (1996) is used to identify and categorize the types of interference from translators and proofreaders. Finally, this research focuses on the role of proofreaders, on the eventual gains and losses these professionals can propitiate to the readers and to the credibility of the translated text.*

*Keywords: Translation. Translator. Revision. Proofreader. Rewriting.*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1.1 – Exemplos de marcas de revisão.	24
Figura 1.2 – Texto apresentando as modificações feitas pelo preparador de textos.	25
Figura 1.3 – Texto apresentando as alterações do revisor de textos.	25
Figura 1.4 – Erro de tradução em placa de sinalização de via.	46
Figura 1.5 – Erro de tradução em placa de sinalização de rodoviária.	46
Figura 1.6 – Erro de tradução em cardápio de restaurante.	47
Figura 1.7 – Erro de sinalização em lanchonete.	47

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 3.1 – Porcentagem dos totais de Explicitações, Normalizações e Simplificações incluindo-se as intervenções do tradutor.	88
Gráfico 3.2 – Porcentagem dos totais de Explicitações, Normalizações e Simplificações, excluindo-se as intervenções do tradutor.	90
Gráfico 3.3 – Total individual de normalizações.	91
Gráfico 3.4 – Total individual de Simplificações.	91
Gráfico 3.5 – Total individual de Explicitação.	91
Gráfico 3.6 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação do Maria.	92
Gráfico 3.7 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação do Bernardo.	93
Gráfico 3.8 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Marcelo.	93
Gráfico 3.9 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Simone.	93
Gráfico 3.10 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Júlia.	93
Gráfico 3.11 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Gustavo.	94
Gráfico 3.12 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Rosângela.	94
Gráfico 3.13 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Carlos.	94
Gráfico 3.14 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Kátia.	94
Gráfico 3.15 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Otto.	95
Gráfico 3.16 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação do Tradutor.	95
Gráfico 3.17 – Explicitações, Normalizações e Simplificações que modificaram a mensagem.	98
Gráfico 3.18 – Explicitações, Normalizações e Simplificações que resultaram em alterações desnecessárias.	100
Gráfico 3.19 – Explicitações, Normalizações e Simplificações que resultaram na troca de linguagem informal por formal.	103
Gráfico 3.20 – Explicitações, Normalizações e Simplificações dos preparadores/revisores e do tradutor que resultaram na inserção de alterações não desejadas.	108
Gráfico 3.21 – Explicitações, Normalizações e Simplificações de preparadores/revisores e do tradutor que resultaram na inserção de alterações desejadas e não desejadas.	108
Gráfico 3.22 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação no texto de Flannery O’Connor.	110

Gráfico 3.23 – Total de Explicitações no texto de Flannery O’Connor.	111
Gráfico 3.24 – Total de Normalizações no texto de Flannery O’Connor.	111
Gráfico 3.25 – Total de Simplificações no texto de Flannery O’Connor.	111
Gráfico 3.26 – Totais individuais de Explicitações, Normalizações e Simplificações – O’Shea.	112
Gráfico 3.27 – Totais individuais de Explicitações, Normalizações e Simplificações – Fróes.	112
Gráfico 3.28 – Totais individuais de Explicitações, Normalizações e Simplificações – Correia.	112
Gráfico 3.29 – Total de alterações não desejadas.	113
Gráfico 3.30 – Totais individuais de alterações não desejadas na tradução e no português – O’ SHEA.	114
Gráfico 3.31 – Total de alterações não desejadas individuais na tradução e português – CORREIA.	114
Gráfico 3.32 – Total de alterações não desejadas individuais na tradução em português – FRÓES.	114
Gráfico 3.33 – Totais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em: alteração da mensagem; alterações desnecessárias; mensagem confusa ou alterações não desejadas na tradução.	115
Gráfico 3.34 – Totais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alteração da mensagem.	116
Gráfico 3.35 – Totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações não desejadas de mensagens contidas no TF.	116
Gráfico 3.36 – Totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em texto confuso.	117
Gráfico 3.37 – Totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações desnecessárias.	117
Gráfico 3.38 – Total individual de explicitações, normalizações e simplificações de acordo com as categorias estabelecidas – O’ SHEA.	118
Gráfico 3.39 – Total individual de explicitações, normalizações e simplificações de acordo com as categorias estabelecidas – FRÓES.	119
Gráfico 4.40 – Total individual de explicitações, normalizações e simplificações de acordo com as categorias estabelecidas – CORREIA.	120

## LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1 – Explicitações, normalizações, simplificações, alterações não desejadas e alterações desnecessárias – Zak Ebrahim.	80
Quadro 3.2 – Explicitações, normalizações, simplificações, alterações não desejadas e alterações desnecessárias em três traduções de <i>A Good Man is Hard to Find</i> , de Flannery O’Connor.	81
Quadro 3.3 – Exemplo de explicitação.	87
Quadro 3.4 – Exemplo de normalização.	87
Quadro 3.5 – Exemplo de simplificação.	88
Quadro 3.6 – Exemplo de mudança de registro formal para informal.	89
Quadro 3.7 – Exemplos de explicitação, normalização e simplificação que modificaram a mensagem.	96
Quadro 3.8 – Exemplos de explicitação, normalização e simplificação que resultaram em alterações desnecessárias.	99
Quadro 3.9 – Exemplos de explicitação, normalização e simplificação que resultaram na substituição da linguagem informal para a formal.	101
Quadro 3.10 – Exemplos de explicitação, normalização e simplificação que resultaram em alterações desejadas e indesejadas.	105
Quadro 3.11 – Exemplo das alterações individuais de O’Shea	118
Quadro 3.12 – Exemplo das alterações individuais de Fróes.	119
Quadro 3.13 – Exemplo das alterações individuais de Correia.	120

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

TT	Texto Traduzido
TTs	Textos Traduzidos
TF	Texto Fonte
TFs	Textos Fontes
LM	Língua Materna
LE	Língua Estrangeira
TM	Texto Meta

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>CAPÍTULO 1 - O PROCESSO EDITORIAL: A PREPARAÇÃO/REVISÃO DE TEXTOS</b> .....	21
<b>1.1 O PAPEL DE PREPARADORES/REVISORES NO PROCESSO EDITORIAL</b> .....	21
<b>1.2 A PREPARAÇÃO/REVISÃO DE TEXTOS TRADUZIDOS</b> .....	26
1.2.1 O processo de edição do texto traduzido sem a participação do tradutor .....	28
1.2.2 O processo de edição do texto traduzido com a participação do tradutor .....	30
<b>1.3 AUTORIA DAS TRADUÇÕES E RESPONSABILIDADES DO TRADUTOR</b> .....	31
<b>1.4 NUANCES DOS TEXTOS TRADUZIDOS</b> .....	33
<b>1.5 A RELAÇÃO ENTRE PREPARADORES/REVISORES, EDITORES E TRADUTORES</b> .....	35
<b>1.6 O CONTROLE DE QUALIDADE</b> .....	41
<b>CAPÍTULO 2 - A REESCRITA SEGUNDO LEFEVERE</b> .....	50
<b>2.1 LEFEVERE E A REESCRITA</b> .....	54
2.1.1 O poder da patronagem .....	56
2.1.2 A poética .....	62
2.1.3 As Influências da ideologia .....	65
<b>2.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE ALGUNS TEXTOS TRADUZIDOS PROPOSTOS POR LEFEVERE</b> .....	68
2.2.1 Lisístrata – influências ideológicas e poetológicas .....	69
2.2.2 O Diário de Anne Frank – o tradutor em evidência .....	70
<b>CAPÍTULO 3 - OS UNIVERSAIS DA TRADUÇÃO: METODOLOGIA E ANÁLISE</b> .....	74
<b>3.1 A DESCRIÇÃO DA HIPÓTESE DOS UNIVERSAIS DA TRADUÇÃO DE MONA BAKER</b> .....	74
<b>3.2 A METODOLOGIA DE PESQUISA E OS CRITÉRIOS</b> .....	77
3.2.1 Critérios para a formação dos <i>corpora</i> .....	79
3.2.2 A metodologia empregada para as análises das preparações/revisões – <i>Corpus 1</i> .....	82

3.2.3 Metodologia empregada para a análise das traduções – <i>Corpus 2</i> .....	84
<b>3.3 ANÁLISE DOS DADOS DAS INTERVENÇÕES DE PREPARADORES/REVISORES E DO TRADUTOR NO TEXTO DE ZAK EBRAHIM – (CORPUS 1)</b> .....	86
3.3.1 Análise da porcentagem dos totais: explicitações, normalizações e simplificações, incluindo-se as intervenções do tradutor. ....	86
3.3.2 Análise da porcentagem dos totais: explicitações, normalizações e simplificações, excluindo-se as intervenções do tradutor. ....	89
3.3.3 Porcentagem dos totais individuais: explicitações, normalizações e simplificações. ....	90
3.3.4 Análise dos totais: explicitação, normalização e simplificação por preparador/revisor. ....	92
3.3.5 Análise das interferências de preparadores/revisores e do tradutor: explicitações, normalizações e simplificações que modificaram a mensagem. ....	95
3.3.6 Análise das interferências de preparadores/revisores e do tradutor: explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações desnecessárias. ....	98
3.3.7 Análise das interferências de preparadores/revisores e tradutor: explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em substituição de linguagem informal por linguagem formal. ....	101
3.3.8 Análise das interferências dos preparadores/revisores e do tradutor: explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações desejadas e não desejadas. ....	103
3.3.9 Análise final do <i>corpus 1</i> .....	109
<b>3.4 ANÁLISE DE TRÊS TRADUÇÕES DO CONTO <i>A GOOD MAN IS HARD TO FIND</i> NO TEXTO DE FLANNERY O’CONNOR – (CORPUS 2)</b> .....	110
3.4.1 Análise dos totais de Explicitações, Normalizações e Simplificações.....	110
3.4.2 Totais individuais de Explicitações, Normalizações e Simplificações .....	111
3.4.3 Análise dos totais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações não desejadas.....	113



3.4.4	Análise dos totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações não desejadas de tradução e no português.....	113
3.4.5	Totais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em: alteração da mensagem; alterações desnecessárias; mensagem confusa ou alteração não desejada de mensagem contida no TF.....	114
3.4.6	Análise dos totais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alteração da mensagem.....	115
3.4.7	Análise dos totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações não desejadas de mensagens contidas no TF.....	116
3.4.8	Análise dos totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em: alteração da mensagem; alterações desnecessárias; mensagem confusa ou alterações não desejadas na tradução. ....	117
3.4.9	Análise final do <i>Corpus 2</i> .....	120
<b>3.5</b>	<b>ANÁLISE COMPARADA DOS <i>CORPORA</i></b> .....	<b>124</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>125</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>127</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>137</b>
	<b>ANEXOS</b> .....	<b>162</b>

## INTRODUÇÃO

Não seria conveniente se cada autor fosse capaz de compor a sua obra na língua que desejasse, como era comum na Idade Média? Isso deixaria ao preparador/revisor<sup>1</sup> apenas a tarefa de corrigir os erros gramaticais, diminuindo assim a dimensão de suas intervenções, como o fez um poeta holandês que elaborou epítáfios para a sua amada em quatro idiomas distintos: holandês, latim, francês e italiano (BERMAN, 2002). Outra possibilidade de restringir o número de traduções e diminuir a manipulação dos textos por outros reescretores poderia ser o poliglottismo dos leitores. Isso chegou a acontecer dentro de classes sociais privilegiadas e entre os intelectuais no final da Idade Média e no Renascimento, quando os poetas europeus costumavam, com grande frequência, escrever em várias línguas para um público que também era poliglota, conforme foi demonstrado por Léonard Foster (BERMAN, 2002). Mas essa não era a realidade da época em todos os continentes e, com o passar do tempo, o plurilinguismo diminuiu tanto no continente europeu quanto em outras partes do planeta em função de vários fatores, entre eles a dominação cultural.

Em algumas regiões do Brasil colonial, como São Paulo e Amazônia, por exemplo, índios e europeus utilizavam, até a década de 1750, a língua geral (baseada no Tupi Guarani) para se comunicarem. Nesse período, a Coroa portuguesa sancionou leis para eliminar as diferenças culturais e tornar os índios súditos civilizados. Sete anos mais tarde, essas leis se transformaram no documento Diretório dos Índios, e o Marquês de Pombal, principal mentor dessa política, utilizou-o para extirpar os costumes indígenas por meio da imposição do uso exclusivo da língua portuguesa nas colônias, pois considerava o idioma uma forma eficaz para o controle político dos súditos (CARVALHO, 2003).

Em função dessas transformações que levaram a um contexto de hegemonia de línguas em várias culturas, a tradução assumiu um papel importantíssimo em todas as partes do globo e nas mais diversas áreas, como, por exemplo, na ciência, no comércio, na literatura, entre outras, além de ser vital para a compreensão dos costumes e comportamentos das mais diversas sociedades. É lícito afirmar que a preparação/revisão é um componente indispensável do(s) texto(s) traduzido(s) (TT / TTs) e, assim sendo, podem ocorrer diversas e importantes alterações nessa etapa, razão pela qual ela não deve ser desprezada.

---

<sup>1</sup> Tendo em vista as diferenças e a complementaridade dos processos de revisão e preparação de um texto, no transcorrer das nossas análises, nos referiremos sempre a esse binômio.

É preciso enfatizar, no entanto, que a preparação e a revisão de um texto são atividades distintas e têm, cada uma, as suas especificidades. Para executarem suas tarefas, os profissionais dessas áreas devem ter em sua caixa de ferramentas não apenas as regras gramaticais, mas todo um corolário de questões culturais, contextuais, estilísticas e cronológicas, além de estarem atentos à política da empresa para a qual trabalham. Dessa forma, é possível se afirmar que o processo de preparação/revisão do TT é similar ao que Venuti (2002) propõe para o processo tradutório, no qual todas as práticas culturais irão acarretar em uma reprodução de valores, uma vez que, não raro, preparadores/revisores precisam encontrar soluções criativas para frases sem sentido ou corrigir palavras mal empregadas que são frutos de restrições lexicais ou culturais, ou ainda de colocações específicas de cada cultura. A elaboração dessas soluções, em alguns casos, envolve, por parte do tradutor, a busca por uma forma de desmontar o texto de uma língua para remontar em outra sem deixar que o sentido se perca, o que também pode ocorrer na fase de preparação/revisão em que, não raro, estruturas frasais de TT são desmontadas e remontadas com o propósito de dar ao texto mais clareza e/ou coesão.

Não é de hoje que os estudiosos da tradução se preocupam com a qualidade dos TTs e, se paro para pensar, observo que essa preocupação está presente em relação a todos os produtos que consumimos, e não poderia ser diferente com a tradução. Para sopesar a qualidade dos TTs, não posso negligenciar o fato de que a tradução é o passo inicial de um processo do qual participam outros profissionais capazes de alterá-la e torná-la uma segunda reescrita do TF.

A reescrita, segundo o teórico André Lefevere, é uma forma de adequar uma obra a um público com a intenção de fazer com que “essa obra seja lida de acordo com a finalidade para qual ela foi traduzida.” (LEFEVERE, 1992b, p. 7, tradução minha<sup>2</sup>)<sup>3</sup>. Ainda de acordo com o autor, “todas as reescritas, qualquer que seja a sua intenção, refletem certa ideologia e poética e, como tal, manipulam a literatura para funcionar em uma dada sociedade de determinada maneira.” (LEFEVEREb, 1992, p. 7)<sup>4</sup>. Nesse sentido, uma vez que a preparação/revisão de textos é uma forma de reescrita, e admitindo que quase todas as obras traduzidas, sejam elas literárias ou não, passam pelas mãos de um preparador/revisor, nos

---

<sup>2</sup>As traduções das citações feitas com base em texto em língua estrangeira sem publicação em português são de minha autoria. Inclusive as citações de Lefevere (1992b), cuja tradução publicada no Brasil (LEFEVERE, 2007) não foi usada neste trabalho.

<sup>3</sup> “*This work be read out according to the purpose for which it was translated.*” (LEFEVEREb, 1992b, p. 7).

<sup>4</sup> “*All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in given way. Rewriting is manipulation, undertaken in the service of power.*” (LEFEVERE, 1992bb, p. 7).

resta saber até que ponto os profissionais dessa área são capazes de preparar/revisar com eficiência essas obras e o quanto podem modificar o texto, sob a influência de fatores descritos por Lefevere como, por exemplo, a patronagem, pois a “reescrita é a manipulação, realizada a serviço do poder” (LEFEVERE, 1992, p. 7)<sup>5</sup>, sem o conhecimento e consentimento do tradutor. Acredito que uma vez demonstrada a reescrita dos TTs por preparadores/revisores, por meio desta pesquisa, os profissionais da área poderão aprofundar seus estudos e desenvolver métodos de trabalho mais claros e eficazes para tradutores e preparadores/revisores. Atualmente, a forma como essas atividades são conduzidas tem suscitado tensões e a insatisfação de ambos os profissionais, o que pode também contribuir para a baixa qualidade das traduções.

Para compreender como preparadores/revisores atuam no controle de qualidade dos TTs, busco conhecer como se dá a comunicação entre preparadores/revisores e tradutores durante o processo de edição, e quais as habilidades requeridas para se trabalhar com uma tradução, posto que esta exige do preparador/revisor habilidades que vão além dos conhecimentos requeridos para lidar com textos em sua língua materna (LM) ou o simples conhecimento da língua estrangeira (LE). Examinarei a necessidade, por exemplo, de que os profissionais dessa área conheçam alguns princípios básicos do processo de tradução, como o que foi proposto por Friedrich Schleiermacher em 1813, em que fica estabelecido que o tradutor pode optar entre duas estratégias: “ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro.” (SCHLEIERMACHER, 2007, p. 242). Desse modo, o conhecimento de algumas teorias e estratégias de tradução contribuiria para que o preparador/revisor entendesse e respeitasse as inclusões ou exclusões de trechos do texto, as modificações no estilo ou as escolhas lexicais do tradutor.

Fazendo uso da afirmação feita por Lefevere, de que “a reescrita manipula e é eficaz. Mais uma razão então para estudá-la.” (LEFEVERE, 1992, p. 9)<sup>6</sup>, decidi trazer à luz o trabalho de preparadores/revisores, que ainda hoje é tão pouco conhecido e reconhecido, ao ponto de se poder compará-los aos copistas da Idade Média, que, à sombra do anonimato, excluía, acrescentavam e modificavam as escrituras.

Diante do exposto, o objetivo desta dissertação é analisar a preparação/revisão de TTs e avaliá-la como uma reescrita da tradução, considerando o papel de preparadores/revisores enquanto responsáveis pelo controle de qualidade de TTs. A questão central desta pesquisa é:

---

<sup>5</sup> “*Rewriting is manipulation, undertaken in the service of power.*” (LEFEVERE, 1992b, p. 7).

<sup>6</sup> “*Rewriting manipulates, and it is effective. All the more reason, then, to study it.*” (LEFEVERE, 1992b, p. 9).

a preparação/revisão de textos pode se transformar em uma reescrita da tradução? Para responder a essa pergunta, fiz uma pesquisa com dois *corpora* diferentes. No primeiro analiso, por meio da ‘Hipótese dos Universais da Tradução’, proposta por Mona Baker (1996), 10 preparações/revisões de um trecho do livro o ‘Filho do Terrorista’, de Zak Ebrahim e, no segundo, utilizo três traduções do conto *A good man is had to find*, de Flannery O’Connor, feitas por Roberto O’Shea, Leonardo Fróes e Clara Pinto Correia. A minha intenção é traçar um paralelo entre o processo de preparação/revisão e o de tradução por meio da observação das similaridades entre três dos universais de Baker (1996) – explicitação, simplificação e normalização – e analisar suas origens e as consequências dessas interferências e omissões para as traduções e os tradutores.

## CAPÍTULO 1

### O PROCESSO EDITORIAL: A PREPARAÇÃO/REVISÃO DE TEXTOS

O processo editorial de um texto é complexo e envolve tarefas diversificadas. Cada tipo de publicação requer procedimentos diferentes de profissionais com conhecimentos variados, porque preparar/revisar um texto não implica apenas na correção gramatical. Segundo a professora Ibrahima Fontes (2015), há diferentes formas e etapas de edição de uma obra no mercado editorial, dependendo do tamanho da editora e de sua linha editorial. Uma das consequências dessas variações é o número de profissionais que irá manusear e, de alguma forma, alterar os textos e as suas funções. Antes do advento da informática, havia, na maioria das editoras, principalmente nas maiores, a necessidade de um grande e variado número de profissionais contratados e também *freelancers*. Com o passar do tempo e o surgimento de novas tecnologias, algumas dessas profissões simplesmente desapareceram, levando esses profissionais a migrarem para outras áreas ou a desenvolverem novas funções, como foi o caso dos linotipistas e dos datilógrafos.

#### 1.1 O PAPEL DE PREPARADORES/REVISORES NO PROCESSO EDITORIAL

Se for levando em consideração que o fato de uma pessoa ser fluente em um idioma não a torna necessariamente um tradutor, o fato de alguém saber muito bem o seu idioma nativo também não o faz um preparador/revisor de textos. Entretanto, pelo fato de a profissão de revisor/preparador de textos, como a de tradutor, não ser regulamentada, é permitido a qualquer pessoa exercer esse ofício sem treinamento específico, o que abre espaço para que “as editoras, em sua maioria, tratem a tradução exatamente como um ‘serviço’” mal remunerado, por causa do “grande número de pessoas que se dispõem a fazer uma tradução por preços muito baixos” (ESTEVEZ, 2015, p. 56), da mesma forma como ocorre com a preparação/revisão de textos. Outra consequência é que as empresas acabam empregando a nomenclatura que melhor lhes aprouver àqueles que executam essa tarefa.

A respeito do processo editorial, a editora e revisora de textos Lindsay Gois afirma que a primeira correção é denominada por alguns de preparação e, por outros, de copidesque. Segundo ela, quando há essa diferenciação, o copidesque é classificado como uma edição mais detalhada e com cotejo total da tradução com o original, e a preparação é uma etapa posterior, em que se examina a padronização e se corrigem os erros ainda presentes no texto. Entretanto, ela reconhece que “[...] não há muito consenso a respeito da nomenclatura dessa primeira edição de texto” (GOIS, 2016, n/p).

Outro ponto confuso quanto à nomenclatura e ao desempenho das tarefas diz respeito à preparação e à revisão de textos, pois a maioria das pessoas, alheia ao processo editorial, desconhece a etapa da preparação e usa apenas o termo revisão. No entanto, para os profissionais da área, a distinção entre preparação e revisão é clara, porque as tarefas são diferentes e a remuneração também, dado que o salário mensal médio de um preparador no Brasil é R\$ 5.000,00 e o do revisor é de R\$ 2.902,00 (LOVEMONDAYS, 2018). Fontes (2015) explica que a preparação é a correção realizada antes da diagramação e a revisão é a correção feita depois da obra diagramada.

Na etapa da preparação, são realizadas as correções mais complexas e relevantes, como a mudança de parágrafos e a reestruturação de períodos, além do exame de elementos formais, como a padronização e a pesquisa para conferir as informações contidas no texto. As atribuições do preparador seriam então as seguintes: checar a clareza do texto e adequá-lo às normas editoriais; fazer cortes para adaptar seu tamanho ao número de páginas disponível para impressão; eliminar vícios de linguagem; sanar problemas de coesão e coerência; fazer a padronização e o cotejo com o original, no caso de textos estrangeiros; eliminar repetições desnecessárias; fazer a padronização do conteúdo conforme o manual de estilo da editora e ainda organizar os sentidos (FONTES, 2015). A execução de todas essas tarefas, que demandam atenção e conhecimento, pode ser a porta de entrada para que o preparador deixe suas ‘pegadas’ no texto, porque “mesmo o texto mais denso e a exegese mais lúcida nunca são completos. Sempre haverá lacunas, espaço para diferente interpretação e variável recepção” (GENTZLER, 2009, p. 85). Além disso, cada uma dessas tarefas está sujeita à interpretação desse profissional, o que pode também dar margem a erros.

Ademais, também faz parte das responsabilidades do preparador “[...] estar atento ao que se espera dele [...]” (FONTES, 2015, n/p), pois “cada editor espera coisas diferentes do preparador e essa expectativa tem a ver com o tamanho da editora e até mesmo com a experiência de quem distribuiu o trabalho” (FONTES, 2015, n/p). Essa afirmação revela uma

das principais e mais significativas forças que influenciam tanto tradutores quanto preparadores: a patronagem. Contudo, esses últimos profissionais interveem no texto levando em conta as regras e políticas editoriais do padrão.

As tarefas do revisor, por sua vez, são realizadas depois que o texto estiver diagramado. Ele se prenderá aos detalhes mais superficiais como, por exemplo, a verificação da capa, das quebras de texto, dos erros de digitação e do sumário. Fontes (2015) afirma que, para não onerar ou atrasar o processo de produção das publicações, não é cabível que o revisor faça mudanças significativas. Tal declaração deixa transparecer que, para algumas editoras, a questão econômica prevalece frente à qualidade das obras. Tal afirmação é coerente com a baixa qualidade de algumas obras à venda no mercado, principalmente traduções que requerem o cotejo com o original.

A preparação/revisão se estabelece levando em conta quatro formas de correção que possuem tarefas distintas, devendo elas ser previamente determinadas entre preparadores/revisores, editores e tradutores, a saber: 1) a resolutiva, em que o preparador/revisor soluciona os problemas que encontra no texto; 2) a indicativa, quando ele apenas identifica os problemas; 3) a classificatória, no qual ele mostra os problemas por meio de meta linguagem; e 4) a interativa, em que ele dá sugestões e discute com o autor certas questões relacionadas ao texto (RIBEIRO, 2009, n/p apud COSTA, 2012, p. 10-11).

Quanto ao perfil de preparadores/revisores, foram obtidos alguns dados relevantes em uma pesquisa realizada com 156 entrevistados por Marcelo Bessa da PUC de Minas Gerais, em 2015, para o município do Rio de Janeiro. Bessa (2015) constatou que 80% dos revisores são mulheres e a formação profissional citada pela maioria foi o curso de Letras, embora outros cursos tenham sido mencionados como, por exemplo, Comunicação Social, Ciências Sociais, Pedagogia, Serviço Social, entre outros. Demais cursos menos relacionados à área também foram citados, como Matemática, Medicina Veterinária, Música Sacra, entre outros. Além disso, cerca da metade das pessoas entrevistadas afirmou que a profissão de revisor é a sua ocupação principal, e aproximadamente 30% revelou ter vínculo empregatício como revisor. A pesquisa revelou ainda que “apenas pouco mais de um quarto dos respondentes (42) relatou ter tido, em sua graduação, disciplina(s) relacionada(s) à área de revisão e/ou editoração” (BESSA, 2015, p. 78). Outro dado inquietante diz respeito ao treinamento específico para a função, uma vez que, nessa amostra, “grande parte dos graduados [forma-se] sem preparação mínima, até mesmo entre aqueles que almejam trabalhar na área” (BESSA, 2015, p. 79), e a prova disso está em outro estudo realizado por alunos de graduação e de pós-



graduação da UFMG, que constatou “[...] grande desconhecimento de definição de atuações e tarefas/atividades relacionadas ao mundo editorial (RIBEIRO, 2007, p. 3 apud BESSA, 2015, p. 79).

Esses dados são importantes para reforçar a necessidade de se pensar na regulamentação da profissão e na inserção do tema editoração no currículo dos cursos de graduação em Tradução. Embora toda e qualquer alteração feita por preparadores/revisores em uma obra precisa, antes de sua publicação, ser aprovada pelo editor, na realidade isso não é o que ocorre na maioria dos casos. Sendo assim, em função do extenso volume de trabalho, não há tempo para averiguar todas as alterações feitas por preparadores e/ou revisores e, por isso, ele é impelido a confiar nas pessoas que contrata. Por essas razões, no caso da tradução, seria interessante que o tradutor pudesse fazer parte desse processo e também ler o texto final antes de sua publicação.

Numa perspectiva mais técnica, utilizam-se alguns códigos na preparação/revisão de um texto, como observados nas figuras abaixo. Vale salientar que esses códigos podem, a priori, variar em número e tipo de acordo com cada empresa. Ademais, é pertinente lembrar que não é incomum que a grande quantidade de correções em uma única página, devido à falta de espaço e à imprecisão gráfica desses símbolos, gere informações confusas para o diagramador, que irá fazer essas correções no computador, o que pode levar ao erro.

Códigos de Revisão			
Sinal	Ação	Sinal	Ação
—	barra de atenção	VO	ver original
✂ ✂ ✂	suprimir (deleatur)	???	dúvida
↶ ↷	tirar espaço	OK	correção indevida
∪	unir	fonte	alterar fonte
#	adicionar espaço	corpo	alterar corpo
	quebrar linha	it	itálico
↶	inverter	red	redondo
↷	inverter linhas	neg	negrito
ñ ?	sub/sobrescrever	cl	claro
⇄	recorrer	CA	caixa-alta
[ ]	centralizar	cb	caixa-baixa
↵ ↶	alinhar	Abx cAb	caixa alta e baixa

Figura 1.1 – Exemplos de marcas de revisão<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Fonte: VILELA, Pablo. *Códigos de Revisão*. [S.I.]: Cadê o Revisor, 1 jul. 2007. Disponível em: <<https://cadeorevisor.wordpress.com/2007/07/01/codigos-de-revisao/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

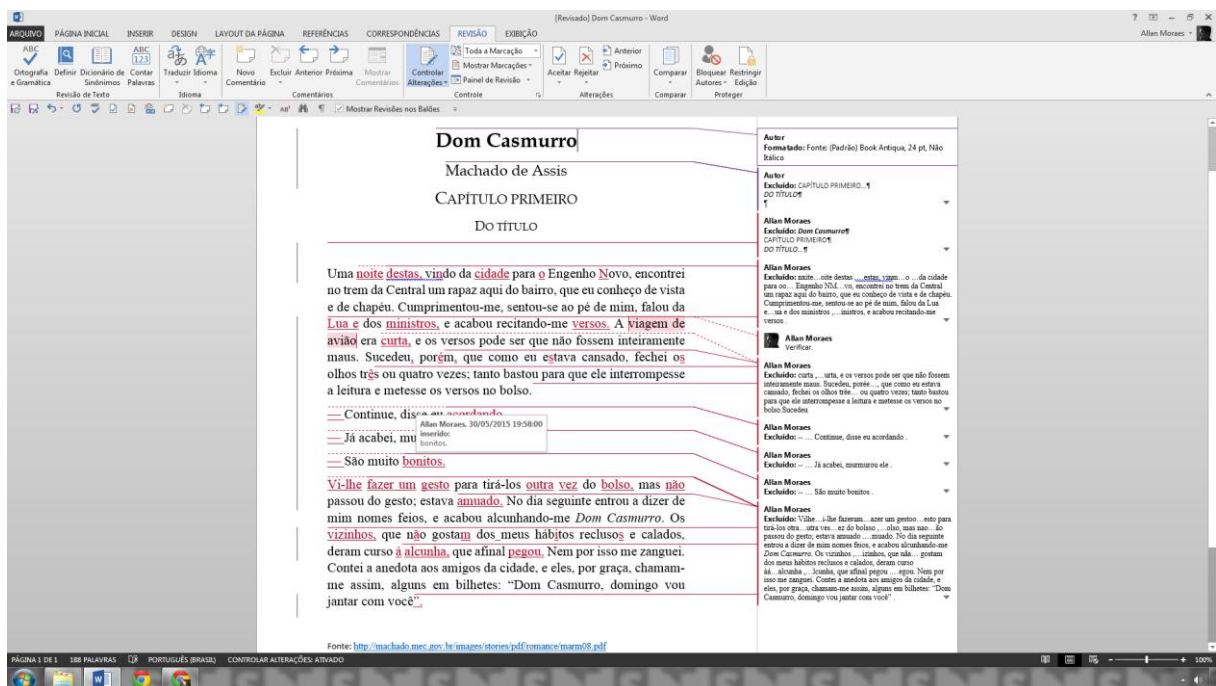


Figura 1.2 – Texto apresentando as modificações feitas pelo preparador de textos<sup>8</sup>.

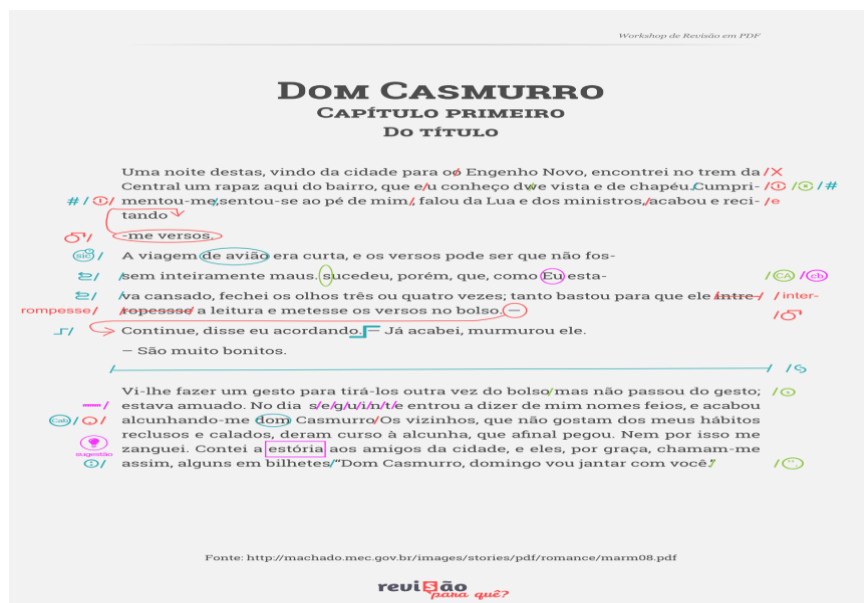


Figura 1.3 – Texto apresentando as alterações do revisor de textos<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> VIDA DE REVISOR. 2016a.

<sup>9</sup> VIDA DE REVISOR. 2016b.

## 1.2 A PREPARAÇÃO/REVISÃO DE TEXTOS TRADUZIDOS

O processo de preparação/revisão de TTs é tão específico que, no livro *‘Cómo corregir sin ofender’*, de Pablo Valle, há um capítulo para tratar unicamente das particularidades relacionadas a esse tipo de texto. Nesse capítulo, o autor enfatiza que a preparação/revisão de TTs, embora pareça ser a mesma coisa, é diferente da preparação/revisão do texto fonte (TF), e reconhece que, apesar disso, “[...] a bibliografia sobre a correção de traduções é praticamente inexistente [...]” (VALLE, 2001, p. 155)<sup>10</sup>.

Apesar de o autor afirmar que “[...] muitas vezes [os bons tradutores] admitem e (até agradecem) o fato de serem corrigidos sem piedade” (VALLE, 2001, p. 157)<sup>11</sup>, há sempre o risco de que algumas alterações indesejadas, pelo tradutor, sejam realizadas, ou ainda que erros possam ser inseridos por preparadores/revisores, como o ocorrido com o tradutor Pierre Blanchaud, a escritora Beatrice Joy Chute e o tradutor Vélez Sársfield, abaixo descritos.

Esses trechos foram extraídos de um artigo intitulado ‘A arte da fidelidade’, publicado no jornal *El Clarin* em 13/06/1995, no qual a tradutora Cristina Sardoy cita algumas declarações feitas por Pierre Blanchaud em um artigo publicado na revista *‘L’Atelier du Roman’*, que ilustram alguns tipos de alterações que podem advir do processo de editoração:

Se suas frases são longas, são diminuídas; e as tornam longas se são curtas. Se enfeitam inutilmente os verbos de ligação, mas eliminam as repetições significativas [...] Quais são as razões desta *censura*, desta *reescrita selvagem*? [...] A submissão total a certo estilo com poder de atração, a uma escritura de supermercado, que é [para o editor] a única capaz de vender o livro.<sup>12</sup> (BLANCHAUD, 1995?, n/p apud VALLE, 2001, p. 162, grifo do autor).

Blanchaud traz à tona a figura de preparadores/revisores, enfatizando que a autoria dos TT não pode ser atribuída única e exclusivamente aos tradutores. Os tipos de intervenções citados servem para alertar sobre as transformações que o TT pode sofrer nas mãos de preparadores/revisores:

<sup>10</sup> “... la bibliografía a cerca de la corrección de traducciones, en cambio, es practicamente inexistente...”. (VALLE, 2001, p. 155).

<sup>11</sup> “...muchas veces admitem (y hasta agradecen) que se los corrija sin piedad.” (VALLE, 2001, p. 157).

<sup>12</sup> “Si sus frases son largas, se recortan; y se alargan si son cortas. Se adornan inútilmente las cópulas pero se eliminan las repeticiones significativas ... ¿Cuáles son las razones de esta censura, de esta reescritura salvaje?... La sumisión total a cierto estilo con gancho, a una escritura de supermercado, que es [para el editor] la única capaz de vender el libro.” (BLANCHAUD, 1995?, n/p apud VALLE, 2001, p. 162, grifo do autor).

Muitas vezes me enfureci com as traduções traiçoeiras que não dão a entender mais claramente que *os responsáveis não são necessariamente os tradutores*. Recentemente li: ‘Às vezes, os escritores estrangeiros se queixam que seus tradutores franceses suavizam a expressão – e, conseqüentemente, também o conteúdo – de suas obras’. Esses escritores devem saber que essas suavizações não são necessariamente obra dos tradutores, às vezes são impostas pelos editores.<sup>13</sup> (BLANCHAUD, 1995, n/p apud VALLE, 2001, p. 161, grifo do autor).

Além das modificações no estilo e da responsabilização do tradutor por essas modificações, Valle (2001) ilustra a falta de respeito com o tradutor, por meio de uma carta que a novelista Beatrice Joy Chute recebeu de um editor que não havia colocado o nome do tradutor em uma de suas obras:

Em virtude de que as traduções estavam em vias de serem revisadas por pessoas alheias que nada tiveram a ver originalmente com a versão, tivemos a impressão que havia sido muito desconcertante –tanto moral quanto intelectualmente- usar o nome de um tradutor sem esclarecer o papel dos revisores. Espero que compreenda que nossa preocupação se volta consideravelmente em favor das traduções e dos tradutores. Na publicação de nossos livros não negamos o papel reconhecido do tradutor, mas no presente caso teria sido um infortúnio usar o nome de tradutores nesse estágio do processo.<sup>14</sup> (VALLE, 2001, p. 162-163).

Além desses tipos de interferências em obras com *status* ‘superior’, ainda há um tipo de manipulação bem menos criteriosa, mais comumente encontrada no que Milton (2015) chama de tradução de fábrica ou tradução industrial, em que “o texto enviado pelo tradutor pode ser consideravelmente modificado tanto pelo editor quanto por seus subordinados” (MILTON, 2015, p. 27).

Esses exemplos são úteis para mostrar que o fluxo do TT, dentro de uma editora, deve ser planejado de forma a evitar que casos como os acima descritos aconteçam, pois Anderson (2005) cita que, em sua pesquisa, 60% dos tradutores não “[...] recebem de volta o texto copidescado” (ANDERSON, 2005, p. 55), o que confirma o fato de que “os tradutores aos quais é dado o direito de examinar as revisões feitas em seu texto são verdadeiras exceções”

---

<sup>13</sup> “*Muchas veces me enfurecí con las traducciones traicioneras sin dar a entender más claramente que los responsables no son necesariamente los traductores. Hace poco leí: ‘A veces, los escritores extranjeros reprochan a sus traductores franceses que edulcoran la expresión – y por ende también el contenido – de sus obras.’ Esos escritores deben saber que las edulcoraciones no son necesariamente obra de los traductores: a veces son impuestas por las editoriales.*” (BLANCHAUD, 1995?, n/p apud VALLE, 2001, p. 161, grifo do autor).

<sup>14</sup> “*En virtud de que las traducciones estaban en vías de ser revisadas por personas ajenas que nada tuvieron que ver originalmente con la versión, tuvimos la impresión de que habría sido bastante desconcertante – tanto moral cuanto intelectualmente – usar el nombre de un traductor, sin esclarecer el papel de los revisores. Espero que comprenda que nuestra preocupación se vuelca considerablemente en favor de las traducciones y de los traductores. En la publicación de nuestros libros no negamos el papel reconocido del traductor, pero en el presente caso hubiera resultado infortunado usar el nombre de traductores en este estadio del proceso.*” (VALLE, 2001, p. 162-163).

(ANDERSON, 2005, p. 38). Por esses motivos, coloca-se a seguir a descrição do fluxo de uma tradução em dois contextos distintos. No primeiro, o fluxograma é descrito pela professora Ibraíma Fontes para um contexto de editoras onde o tradutor é *freelancer*. Todas as citações da Professora Ibrahíma Fontes (2015) foram obtidas por meio da transcrição de vídeos exibidos no curso *latu sensu* de ‘Preparação e revisão: o trabalho com o texto’, realizado em 2015 pela Universidade do Livro, vinculada à Universidade Estadual de São Paulo – UNESP. Em seguida, a preparadora/revisora de textos Vitória Adahil Rodrigues<sup>15</sup> (RODRIGUES, 2016) descreve, em conversa gravada em 2016, o fluxograma nas Edições Ibama, no qual a tradutora faz parte do quadro de pessoal da instituição e atua diariamente com os preparadores/revisores, que também são funcionários da casa.

### **1.2.1 O processo de edição do texto traduzido sem a participação do tradutor**

De acordo com a professora Ibrahima, as editoras geralmente contratam o tradutor que deve entregar a tradução em formato do processador de textos *Microsoft Word*. Quando o editor faz a primeira leitura do texto, costuma fazer algumas modificações e entregá-lo posteriormente junto com o TF ao preparador/revisor, com ou sem diretrizes de como tratar o texto (FONTES, 2015), e há casos em que o texto segue diretamente para o preparador/revisor.

Existem também regras em relação à forma de trabalho e às ferramentas que o preparador/revisor deve saber utilizar para desempenhar suas funções e apresentar o seu trabalho. Ele deve usar o comando de ‘Controle de Marcas’, do editor de textos *Microsoft Word*, para que suas alterações fiquem registradas. Ao terminar o trabalho, o texto é devolvido ao editor para que ele aceite ou não as modificações. Quando se trata de tradução, é provável que o editor determine o cotejo, que é a verificação do TF com o TT linha por linha, mas, por se tratar de uma metodologia lenta e cara, ela é feita apenas quando for muito necessária (FONTES, 2015). Todavia, Fontes (2015) não deixa claro se esse cotejo com o TF é realizado por um tradutor ou uma pessoa que possua apenas o conhecimento da LE. Vale ressaltar, também, que o fluxo do texto dentro de uma editora não segue um padrão, pois não

---

<sup>15</sup> Jornalista - Revisora/preparadora de textos da Edições Ibama, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – Ibama.

é toda editora que possui preparador e revisor de textos. Em algumas delas uma só pessoa desempenha essas duas tarefas.

Na etapa seguinte à preparação, o texto vai para a diagramação e, em seguida, para o primeiro revisor, que deve corrigir os erros à caneta e fazer as sugestões à lápis. Algumas editoras pedem que o revisor faça as sugestões num relatório à parte para não danificar a prova. Essa prova retorna ao editor para que ele indique o que vai ou não ser aceito e, em seguida, volta para a diagramação. Uma vez efetuadas as modificações, o texto é enviado para a segunda revisão, que é composta das mesmas fases que a primeira revisão. Após todas as correções serem feitas e conferidas, o texto vai para a gráfica (FONTES, 2015).

Cada uma dessas etapas tem a sua importância e, por isso, para se obter um texto de qualidade, todas elas devem ser cumpridas. Caso contrário, pode haver prejuízos enormes para a obra (FONTES, 2015). Em função do cuidado com os critérios e detalhes em todas as etapas, esse processo pode levar meses ou anos.

Infelizmente Fontes (2015) não especificou nem o porquê nem que tipo de liberdade o TT permite ao preparador. A professora acredita que os preparadores/revisores estão aptos a julgarem a qualidade dos textos originais e das traduções:

*Imagine a situação em que a tradução ou o original não eram grande coisa. Saiba que isso acontece com muita frequência. Como fica se o preparador não puser a mão ali para efetuar as correções de porte que só podem ser feitas nessa fase em que o texto não foi diagramado? (FONTES, 2015, grifo meu).*

A questão central em relação à afirmação da professora é que a tradução e o tradutor recebem tratamento diferenciado daquele dispensado ao TF e ao seu autor. Em pesquisa realizada com TTs e revisados, Clarissa Santos, pesquisadora da PUC do Rio de Janeiro, constatou que, entre os vários textos analisados, houve apenas um caso “em que o tradutor recebeu novamente o texto depois da revisão, para uma segunda revisão das correções, das modificações e dos comentários do revisor” (SANTOS, 2007, p. 87). Não obstante, em se tratando de TF, o mais comum é que a minoria não tome ciência das modificações e comentários sobre seu texto.

## 1.2.2 O processo de edição do texto traduzido com a participação do tradutor

Em algumas editoras, nas quais os funcionários são contratados e trabalham no mesmo espaço físico, a edição dos TTs se dá de forma conjunta, como é o caso das Edições Ibama, que contam com uma tradutora e dois revisores que trabalham com os TTs. Os revisores são um biólogo, que revisa o conteúdo técnico, e uma jornalista, que possui conhecimentos da língua inglesa e faz a preparação e a revisão do português. Na sala ao lado, separada apenas por uma divisória de vidro, situa-se o espaço reservado à diagramação e à programação visual.

Segundo a preparadora e revisora de textos das edições Ibama, Sra. Vitória Adahil Rodrigues (RODRIGUES, 2016), o TF é entregue ao tradutor nos seguintes formatos: processador de textos *Microsoft Word*, em formato PDF ou cópia impressa (utilizada quando o diagramador fica encarregado de fazer as alterações de correções em seu computador); e o tradutor poderá entregar o trabalho também em um desses formatos. Depois de pronto, o TT passa pela primeira revisão de português e técnica e, posteriormente, é encaminhado para a preparadora/revisora. Todas as dúvidas da revisão/preparação são discutidas e resolvidas juntamente com a tradutora à medida que vão surgindo. Segundo Rodrigues (2016), uma vez terminada a preparação/revisão, o texto volta para a tradutora para que ela faça a checagem em tela e aceite ou rejeite as alterações e efetue as correções no seu computador. No caso de cópia impressa, a tradutora checa as modificações e encaminha o texto para o diagramador para que ele realize as alterações no seu computador. Isso faz com que o risco de haver problemas em TTs diminua consideravelmente, pois também durante a etapa em que a tradutora verifica as correções há discussão e análise das modificações entre preparador/revisor e tradutor. Isso feito, o texto segue para a diagramação e retorna para mais uma revisão de provas feita pela tradutora. Em seguida, a tradução vai para a gráfica de onde retorna em uma primeira prova denominada “boneco” para que sejam feitos os ajustes finais por preparadores/revisores e pela tradutora. Posteriormente o texto é de novo enviado para a gráfica onde será feita a impressão definitiva.

Como pode-se observar no processo descrito pela professora Ibrahima Fontes (2015), o tradutor só é citado no início do processo, depois seu nome desaparece, para surgir novamente, com algum destaque, no livro já impresso. Os nomes dos preparadores/revisores, por sua vez, nem sempre aparecem nas publicações e, quando isso acontece, utiliza-se, na

maioria das vezes, apenas a nomenclatura de revisor para ambas as tarefas por meio de letras miúdas nos elementos pré-textuais.

Na Editora do Ibama, a tradutora faz parte de todo o processo juntamente com os preparadores/revisores, tornando-se ambos responsáveis pela qualidade da publicação. Os nomes de todos os profissionais envolvidos aparecem nos elementos pré-textuais de todas as publicações com igual destaque.

Por fim, é oportuno enfatizar que os procedimentos de preparação/revisão de traduções não devem ser considerados como algo automático, inconsciente ou impessoal, como muitos supõem. A tarefa de preparadores/revisores, como será examinado no decorrer desta dissertação, envolve diversas e numerosas variáveis, que influenciam no seu trabalho.

### **1.3 AUTORIA DAS TRADUÇÕES E RESPONSABILIDADES DO TRADUTOR**

O desprestígio do tradutor e a falta de reconhecimento da autoria das traduções não são questões recentes. Sigmund Freud, por exemplo, mesmo reconhecendo o tradutor como o autor do texto, confessou, em seu livro ‘Sobre a psicologia da Vida Cotidiana’ (1901), que havia feito intervenções em uma tradução de um texto seu para o francês e infringiu “os direitos de propriedade que regem as publicações. Acrescentei notas ao texto traduzido sem pedir a permissão do autor [tradutor], e anos depois tive razões para supor que o autor ficara insatisfeito com essa minha arbitrariedade” (FREUD, 1901, p. 106).

Apesar de exportar literatura e de alguns autores nacionais como, por exemplo, Paulo Coelho, estarem entre os “mais vendidos no mundo” (GUERINI; TORRES; COSTA, 2008, p. 10) o Brasil é um país onde se consome um grande volume de traduções e onde a maioria das obras literárias mais vendidas aqui é composta de traduções. Ao contrário de nações como Inglaterra e Estados Unidos, que, por se verem como culturas centrais, “tendem a não lidar muito com o Outro, a menos que seja obrigada a fazê-lo”<sup>16</sup> (LEFEVERE, 1998, p. 13). Ademais, tendo em vista a importação de tecnologia, também é grande a quantidade de traduções técnicas em que “o tradutor é o responsável final pela tradução que produz” (ROSCOE-BESSA, 2003, p. 46) e a pessoa física ou jurídica que o contratou pode, “em

---

<sup>16</sup> “...are not likely to deal much with with the Other, unless they are forced to do so.” (LEFEVERE, 1998, p. 13).



princípio, processá-lo por uma tradução feita de forma inadequada e que tenha causado algum dano ou contratempo ao consumidor” (ROSCOE-BESSA, 2003, p. 46).

Apesar disso, ainda há muita controvérsia em relação aos direitos autorais das obras traduzidas. Um exemplo disso foi a batalha judicial travada pela tradutora da trilogia do Senhor dos Anéis, Lenita Maria Rimoli Esteves, com a editora Martins Fontes e a distribuidora do filme no Brasil, a New-Line/Warner, em função da utilização de trechos, nomes de personagens e de lugares – traduzidos por Esteves – nas legendas dos filmes, e que resultou no ganho da causa pela tradutora. Esteves (2015) ressalta que o ato de traduzir não pode ser classificado apenas como uma prestação de serviços, mas sim de um trabalho criativo, por isso o tradutor teria direito a uma porcentagem sobre as vendas da obra. A autora afirma que isso ainda não acontece, porque “os editores já são uma classe muito mais forte do que nós, tradutores” (ESTEVES, 2015, p. 50).

Diante das influências de diversos elementos no TT observadas até aqui, é significativo ressaltar que muitos leitores tratam o TT como TF, e raros são aqueles que, uma vez cientes de se tratar de uma obra traduzida, sabem ou buscam saber como se dá o processo tradutório ou editorial. É difícil precisar, no Brasil, a porcentagem de leitores que sabe o nome do tradutor de seu livro favorito, embora ele conste, com certo destaque, nos elementos pré-textuais da obra. No entanto, ao serem constatadas falhas graves no volume adquirido, há uma tendência em atribuir a péssima tradução àquele tradutor específico.

Os problemas relativos à autoria das traduções, no Brasil, incluem incoerências presentes em cláusulas de contratos de grandes editoras. É possível, por exemplo, que seja estabelecido, nas cláusulas iniciais, que o tradutor deva responder pela autenticidade da tradução, assumindo a responsabilidade pela fidelidade ao TF e, em cláusulas posteriores, que a editora poderá submeter a tradução a uma ou mais revisões e publicar o texto com as alterações sugeridas pelas revisões. Apesar de disso, nas cláusulas finais consta que o tradutor é o único responsável pelas informações contidas na tradução e que este aceita a publicação de seus dados na página de créditos da obra traduzida, ou seja, o tradutor será o responsável pela autoria da obra mesmo que ela tenha sido alterada<sup>17</sup>.

É curioso notar que cláusulas contratuais como aquelas supramencionadas ainda façam parte de contratos, mesmo diante da legislação brasileira em vigor, que delibera que o autor

---

<sup>17</sup> Essas considerações foram feitas com base em contrato disponível na página de internet de uma grande editora brasileira no início de 2016. Curiosamente, o documento não está mais disponível *online*.

do TF é o escritor e o autor da tradução é o tradutor, razão pela qual seu nome consta na página de rosto e em todos os lugares onde consta o nome da obra (BRASIL, 1998)<sup>18</sup>.

Em relação aos TTs, constam, na Lei dos Direitos Autorais, nº 9.610/1998, alguns trechos importantes:

- Art. 5º. Para os efeitos desta Lei, considera-se: VIII – obra: item g) derivada – a que, constituindo criação intelectual nova, resulta da transformação de obra originária.
- Art.11. Autor é a pessoa física criadora de obra literária, artística ou científica. Parágrafo único: A proteção concedida ao autor poderá aplicar-se às pessoas jurídicas nos casos previstos nesta Lei.
- Art. 14. É titular de direitos de autor quem adapta, *traduz*, arranja ou orchestra obra caída no domínio público, não podendo opor-se a outra adaptação, arranjo, orquestração ou tradução salvo se for cópia da sua.
- Título IV, Capítulo I Parágrafo Único: Em cada exemplar da obra o editor mencionará: I – o título da obra e seu autor e II – no caso de tradução, o título original e o nome do tradutor. (BRASIL, 1998, n/p).

Diante do acima exposto, os tradutores não podem continuar a serem tratados como executores de um serviço, e é legítimo que gozem das mesmas prerrogativas que autores de TFs durante o processo de editoração de sua obra. Como veremos a seguir, o trabalho com os TTs envolve a percepção de alguns aspectos a eles peculiares.

#### 1.4 NUANCES DOS TEXTOS TRADUZIDOS

Para trabalhar com TTs, é importante se ter em mente que eles podem impactar a evolução de sistemas literários, da mesma forma como o fizeram seus originais (LEFEVERE, 1992), e que em algumas culturas, como é o caso do Brasil, há mais traduções do que textos originais. Por isso, é importante que preparadores/revisores de traduções se perguntem “[...] quem reescreve, por que, sob quais circunstâncias, para que audiência”<sup>19</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 7), pois, com essas informações em mente, é possível entender melhor as opções do tradutor e as suas próprias.

O processo de preparação/revisão de traduções é completamente diferente daquele referente aos textos originais. Conforme o site Keimelion<sup>20</sup>, que oferece este serviço na *internet*, a preparação/revisão de traduções pode ser de três tipos. O primeiro deles é o

<sup>18</sup> Brasil LDA, Lei n. 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

<sup>19</sup> “[...] *who rewrites, why, under what circumstances, for which audience.*” (LEFEVERE, 1992b, p. 7).

<sup>20</sup> Disponível em: <[www.keimelion.com.br](http://www.keimelion.com.br)>. Acesso em: 20 jan. 2018.

‘cotejamento’ ou ‘conferência’, que equivale à checagem entre o TF e o TT. Os textos são conferidos por dois profissionais de forma detalhada, palavra por palavra, vírgula por vírgula. O segundo tipo é a ‘revisão bilíngue’, que é realizada por um profissional bilíngue que conheça a língua de chegada, para ajuste e refinamento do texto em relação ao original. O terceiro tipo é a ‘revisão monolíngue’, na qual apenas a tradução é levada em consideração.

A essas diferentes formas de abordagem dos TTs somam-se ainda outras questões meritórias de atenção, como a tênue linha que separa a tradução e a adaptação de textos, por exemplo. Segundo o dicionário Houaiss (2001), as definições de adaptação e tradução são diferentes, como se pode notar a seguir.

Adaptação é o ‘ato ou efeito de converter uma obra escrita em outra forma de apresentação, mantendo-se ou não o gênero artístico da obra original e o meio de comunicação através do qual a obra é apresentada’ e tradução que é a ‘operação que consiste em fazer passar um enunciado emitido numa determinada língua (língua-fonte) para o *equivalente* em outra língua (língua-alvo), ambas conhecidas pelo tradutor; assim, o termo ou discurso original torna-se compreensível para alguém que desconhece a língua de origem’. (HOUAISS, 2001, p. 78, grifo meu).

A adaptação de traduções tem sido uma área pouco estudada. A preponderância de pesquisas sobre o tema é realizada por áreas acadêmicas como a literatura, teatro, cinema e música. Um dos princípios que contribuiu para afastar o estudo das adaptações da esfera da tradução foi o da *equivalência*, que preconiza que o TT deve ser uma versão exata do original (MILTON, 2015), o que inclusive pode ser constatado na definição de tradução acima oferecida pelo dicionário Houaiss.

Há, no entanto, convergência de opiniões entre grande parte dos teóricos, no sentido de que a adaptação é uma forma mais livre da tradução. Georges Bastin, por exemplo, alegou que a adaptação “[...] resulta em um texto que não é geralmente aceito como tradução, mas ainda assim é reconhecido como representativo do texto-fonte”<sup>21</sup> (BAKER; SALDANHA, 1998 apud BASTIN, 1998, p. 3). Porém, ele também ressalta que “[...] há um ponto em que a adaptação deixa completamente de ser tradução”<sup>22</sup> (BAKER; SALDANHA, 1998 apud BASTIN, 1998, p. 4). Por outro lado, um conceito divergente proposto é por Merino, para quem a tradução teria um traço interlinguístico, enquanto que a adaptação seria “um processo que, por definição, se dá dentro da mesma língua”<sup>23</sup> (MERINO, 2001, p. 5).

---

<sup>21</sup> “[...] which result in a text that is not generally accepted as a translation but is nevertheless recognized as representing a source text.” (BASTIN, 1998, p. 3).

<sup>22</sup> “[...] there is a point at which adaptation ceases to be translation at all.” (BASTIN, 1998, p. 4).

<sup>23</sup> “[...] proceso que por definición se da dentro de la misma lengua.” (MERINO, 2001, p. 5).

Assim, ao se analisarem as interferências de preparadores/revisores nos TTs, percebe-se que eles podem transformar toda uma tradução ou, o que é pior, apenas parte dela, em adaptação. Não raro, é possível perceber obras literárias que domesticam os nomes dos personagens, mas não o cenário da história, ou vice-versa. O fato é que a tradução sempre conterà um pouco de adaptação, seja ela uma imposição ou uma escolha produzida pelo tradutor ou preparador/revisor, e a maior parte dessas adaptações, no processo de preparação/revisão, se dará mediante as orientações que o profissional receber do seu editor.

Diante das transformações das traduções no desenrolar de todo o processo de editoração, muitas questões polêmicas dão origem a algumas tensões entre os profissionais envolvidos, como examinaremos no item a seguir.

## **1.5 A RELAÇÃO ENTRE PREPARADORES/REVISORES, EDITORES E TRADUTORES**

Visto que tradutores e preparadores/revisores atuam, enquanto reescritores, de forma similar, adotam-se, para ambos, os mesmos modelos de perfil descritos por John Hookham Frere (1820) para o tradutor. Segundo ele, o primeiro modelo é o ‘tradutor fiel’ é aquele que faz uma tradução “não domesticadora” (FRERE, 1820, p. 16 apud LEFEVERE, 1992), mantém os nomes de locais do TF e não se importa com o tipo de linguagem da época em que a tradução é realizada. Para esse tradutor, o importante é que a gramática e a lógica estejam corretas. Lefevere (1992), por sua vez, afirma que esse tipo de tradutor tende a ser conservador na poética e na ideologia, e a respeitar a importância cultural do TF.

O segundo modelo de Frere é o ‘tradutor criativo’, que adapta o texto ao seu tempo, não é conservador nem na poética nem na ideologia, não se deixa impressionar pela importância do original e corre os riscos envolvidos no anacronismo. Sua reescrita é, na essência, subversiva e elaborada para que o leitor questione a importância do original, e a sua interpretação é “recebida” em relação à poética e à ideologia (FRERE, 1820, p. 17 apud LEFEVERE, 1992, p. 50). É pertinente lembrar que Lefevere (1992) considera esse tipo de tradução bastante arriscada quando se trata de textos doutrinários.

Apesar de o tradutor e o preparador/revisor ‘conservadores’ trabalharem no nível da palavra ou da sentença, e os ‘criativos’ com a cultura como um todo e com a funcionalidade

do texto na cultura de chegada, é bom salientar que esses tradutores e preparadores/revisores nem sempre optam por um ou outro perfil, pois às vezes isso lhes é imposto. Além disso, em algumas situações a sua própria ideologia simplesmente o impele a corrigir ou suprimir algo que o incomoda ou que não esteja de acordo. Independentemente do perfil do preparador/revisor, é possível observar que:

Quando alguém corrige um texto, de alguma maneira deixa nele a sua marca, por menor que seja, e essa é uma forma de se apropriar dele. No ato de corrigir, como na tradução, a voz do revisor é agregada a qual ecoa com menor intensidade, mas sempre deixa seu rastro. O paradoxo é que, apesar desse tipo de posição subalterna que mantém a voz do revisor com relação à posição do autor, representa a norma, a lei e a partir desse lugar endireita o texto (precisamente, corrigir provém do latim *corrigere*, derivado por sua vez de *regere*, *reger*, *governar*).<sup>24</sup> (GROSMAN; ROGANTE, 2009 apud BASARTE, 2009, p. 167-168)<sup>25</sup>.

Apesar de atuarem sob o influxo dos mesmos elementos que interferem no trabalho dos tradutores, preparadores/revisores são prejudicados ou beneficiados pelo dilema da ‘invisibilidade’, porque é o tradutor quem assina a tradução e, por não ser possível destacar as interferências do preparador/revisor no TT, o tradutor arca com o ônus ou recebe os louros referentes à qualidade da obra. Apesar de assinarem a autoria do texto, os tradutores não recebem, na prática, o mesmo tratamento que os autores de textos fontes (TFs), como se pode observar no depoimento da editora e preparadora de livros, Carla Bitelli, sobre a sua profissão. Outrossim, é interessante notar a falta de comunicação entre tradutores e preparadores/revisores e também o desprestígio dos tradutores junto aos editores:

Sobre as diferenças das preparações de livros nacionais e livros estrangeiros né, traduzidos, eu acho que existe uma diferença do ponto de vista, vamos dizer, dos sentimentos do autor. *Com tradução você não tem isso. Simplesmente. Você pode até ter o do tradutor, mas eu acho que depende muito do tradutor você leva isso em consideração, depende muito do tradutor, você simplesmente muda.* Não quero soar insensível com os tradutores, *mas a realidade é essa.* Agora, com autor nacional você tem que saber com que está lidando né... (BITELLI, 2015, n/p, grifo meu).

Além disso, a professora Ibraíma Fontes (2015) afirma que “[...] em texto de ficção de autor nacional só se corrige a ortografia e a acentuação [...]” e “[...] em texto de não ficção de obra estrangeira o preparador tem mais liberdade de ação, desde que não altere a informação

---

<sup>24</sup> “*Cuando uno corrige un texto, de alguna manera le deja su impronta, por mínima que sea, y esse es un modo de apropiárselo. En el acto de corregir (como en la traducción) se anexa la voz del corrector, que resuena con menor intensidad, pero que siempre deja su huella. Es que, a esta suerte de posición subalterna que mantiene la voz del corrector respecto de la del autor, representa la norma, la ley y, desde esse lugar, rige y em dizeza el texto (precisamente, corregir proviene del latín corrigere, derivado a sua vez de regere, ‘regir’, ‘governar’).*” (GROSMAN; ROGANTE apud BASARTE, 2009, p. 167-168).

<sup>25</sup> Entrevista de Ana Basarte concedida aos autores do livro.

contida no texto [...]” (FONTES, 2015, n/p). É importante notar que, em nenhum momento, a professora ou a editora citam a tradução interativa.

Essa falta de comunicação em todo o processo vai gerando uma série de reclamações dos autores das traduções, tais como modificações no estilo, uso indevido de termos, substituição de linguagem formal por informal e vice-versa, entre outras, pois tais modificações podem alterar o sentido do TT. O relato do escritor e editor de livros, Fernando Nuno, é um bom exemplo das consequências que podem gerar essa falta de diálogo:

A tradução vai para o tradutor que às vezes me diz: puxa Fernando, que livro difícil e me explica todas as soluções que deu, geralmente brilhantes, para as dificuldades encontradas e até me mostra a péssima redação de alguns pontos no original. Em seguida o preparador me diz: Olha Fernando, onde você arrumou esse tradutor? Que porcaria de tradução! Me deu um trabalho! Aí vem a primeira prova e diz: Fernando [...] onde você achou esse preparador? E assim por diante. (NUNO, 2015, n/p).

Em função dos problemas gerados por essa pouca ou nenhuma integração, surgiu entre alguns pesquisadores a curiosidade sobre o tema, como foi o caso da tradutora Flávia Anderson. Ela realizou uma pesquisa com tradutores e revisores por meio de questionários e constatou que os tradutores se queixam que preparadores/revisores efetuam modificações de trechos e de termos, fazem substituições desnecessárias, alterações inócuas, mudanças no estilo e inserem erros em seus textos.

Em suas pesquisas, Anderson (2005) verificou que, “como à maioria dos tradutores entrevistados não é dada a oportunidade de opinar sobre as revisões feitas em suas traduções, eles se sentem revoltados ou frustrados com as modificações que consideram inadequadas ou desnecessárias” (ANDERSON, 2005, p. 42) e também que “vários chegam ao ponto de evitar ler suas obras publicadas ou de usar pseudônimos para evitar aborrecimentos” (ANDERSON, 2005, p. 50). Outro resultado dessas pesquisas é que 44% dos tradutores acreditam que o copidesque extrapola as suas funções.

Todas essas queixas parecem ter influenciado a postura de um tradutor quando da tradução de uma das maiores obras de Liev Tolstói, ‘Guerra e Paz’, realizada recentemente do original russo para o português. Segundo o relato de Leite Neto (2011, n/p), o tradutor Rubens Figueiredo achou necessário alertar a editora Cosac Naify “sobre todas as particularidades do estilo de Tolstói, como a repetição de vocábulos, para evitar que ocorressem mudanças na edição” (LEITE NETO, 2011, n/p). De acordo com o relato, Figueiredo ressalta que parece existir um “protocolo abstrato e genérico” que define que um escritor não deve “escrever errado” ou “repetir palavras” (LEITE NETO, 2011, n/p). Esse tipo de intervenção pode apagar o estilo do tradutor e, muitas vezes, isso é feito por preparadores/revisores até de forma

inconsciente, seja em função da poética, da ideologia que os leva a substituir algumas palavras por outras que lhes pareçam mais naturais, bonitas ou apropriadas, e que estejam de acordo com o seu estilo ou de seu padrão ou, ainda, a sua interpretação daquele contexto.

O educador e escritor Rubens Alves (2009) relata três experiências pessoais em relação a modificações de vocábulos em seus textos, as quais acarretaram em consequências negativas tanto para suas obras quanto para a sua imagem profissional. A primeira se deu com um livro que havia escrito sobre a diferença entre as palavras “estória” e “história”. Segundo ele, o revisor eliminou toda a grafia “estória” e a obra ficou totalmente sem sentido. Na segunda, ele relata que o revisor corrigiu a sua tradução do verso de Eliot, “A liberdade interior do desejo prático [...]”, (“*The inner freedom from the practical desire [...]*”) para “A liberdade interior para o desejo prático [...]”. Nesse sentido, o autor acredita que o “revisor, certamente movido por sua ideologia de esquerda, não podia imaginar que essa liberdade da compulsão do fazer fosse coisa decente.” (ALVES, 2009, n/p). O resultado foi que, “na versão do revisor, todo mundo ficou condenado à compulsão do fazer.” (ALVES, 2009, n/ p). Por último, o terceiro caso exemplifica com clareza as consequências de o texto ser preparado/revisado e não retornar ao autor para a sua aquiescência. No trecho abaixo, pode-se constatar a indignação do autor diante das alterações do revisor em seu artigo ‘Ensinar a Tristeza’, publicado no jornal Folha de S. Paulo:

Fui lendo até que fui apunhalado na minha honra, pelo revisor. Está escrito: ‘*Não consegue ouvir a beleza dos noturnos do músico francês Frédéric Chopin (1810-1849)*’. Fiquei gelado. Em um segundo, por culpa do revisor, minha reputação estava em frangalhos. Porque o que o revisor põe sem assinar, o nome fica sendo como do autor. Está lá, como eu tendo escrito: ‘*o músico francês Frédéric Chopin (1810-1849)*’. *Chopin é polonês*. Todo mundo sabe. O nome de suas peças mais conhecidas revelam a sua pátria: ‘polonaises’. E o pior, essa expressão ‘*o músico francês*’. (ALVES, 2009, n/p, grifos do autor).

O título do artigo, do qual todas as experiências acima foram extraídas, é ‘Revisores, esses seres invisíveis’, evidenciando que o autor desconhece quem manipula o seu texto e expõe, na prática, que a responsabilidade pelos erros acaba sendo do tradutor. Isso pode ser claramente observado no caso da tradução do quinto volume da saga ‘As Crônicas de Gelo e Fogo’, o livro ‘A Dança dos Dragões’, de George R. R. Martin, que, em função de uma quantidade enorme de erros de edição, de português e de tradução, causou um prejuízo de 1 milhão de reais à editora Leya. Alguns problemas da obra foram relatados por Felipe Bini (2015) no site ‘*Game of Thrones*’: “[...] a edição nacional contou também com erros gramaticais e ortográficos, além de problemas na própria tradução. Alguns desses erros

chegaram a alterar passagens e causar sentido diverso do TF.” Segundo Bini, além dos problemas relacionados à tradução, há também “[...] erros de ortografia, gramática ou palavras que simplesmente não foram traduzidas” (BINI, 2015). Apesar de listar e atribuir os erros de português aos revisores, apenas o nome da tradutora, Márcia Blasques, é citado por Felipe Bini. Isso também aconteceu em diversos outros sites que trataram do assunto, o que justifica a indignação dos tradutores.

Ao conversar com Márcia Blasques<sup>26</sup> em 12/04/17, via WhatsApp, perguntei sobre as intervenções de preparadores/revisores em seu texto, ao que a tradutora respondeu-me: “Não li o livro depois de pronto, então não saberia dizer se alteraram muito” e que “na verdade só uma vez... mas eu expliquei minha escolha e aceitaram (acho, não li o livro depois tampouco)”, e acrescentou, ainda, que a editora

tinha muita pressa em lançar o livro e eu traduzi a partir de uma cópia que não parecia ser muito final. Erros de português e digitação certamente são problemas de revisão, não dá nem para discutir. Mas não acho justo culpar só revisores e preparadores. O trabalho é um todo e imagino que eles não tenham tempo hábil de ficar consultando a tradução – embora isso certamente facilitasse muito. Já fiz muita revisão também e sei que é fácil mudar, sem querer, alguma coisa e desagradar o autor (ou o tradutor, no caso). E tem coisas que simplesmente são escolhas [...] (BLASQUES, 2017, n/p).

Ao ser indagada sobre a falta de padronização do livro, Blasques respondeu: “A questão da padronização é que nos três livros iniciais a tradução era de Portugal. No livro *A dança dos dragões*, a editora resolveu acertar isso e depois padronizar as edições seguintes.” (BLASQUES, 2017). Quando informada que, nas Edições Ibama, a tradutora trabalha junto com os preparadores/revisores e é ela quem faz as emendas em seu texto, Blasques comenta “Sorte imensa” e “Que sonho”, deixando transparecer que, se tivesse a oportunidade de rever o seu trabalho depois de editado, o resultado poderia ser bem melhor.

Com relação aos três livros anteriores das ‘Crônicas de Gelo e Fogo’, também publicados pela Editora Leya – que adquiriu, da Editora Saída de Emergência, os direitos autorais das traduções para o português de Portugal e as adaptou para o português do Brasil – houve vários problemas. Em entrevista para o jornal Folha de S. Paulo, o tradutor português Jorge Candeias, que também foi pago pela editora Leya pelos direitos autorais da obra, afirmou: “não renego por completo, mas não foi aquilo que escrevi” (FOLHA DE S. PAULO,

---

<sup>26</sup> Tradutora, Chefe Técnica de Serviços na Universidade de São Paulo.



2012)<sup>27</sup>. Além disso, ele deixa clara a sua insatisfação com o resultado da adaptação feita por preparadores/revisores brasileiros ao afirmar que, “se tivesse havido comunicação, o resultado do trabalho teria sido melhor”. Pode-se considerar essa declaração do tradutor como uma confirmação da importância do trabalho conjunto, como forma não apenas de preservar a obra do tradutor, mas também de melhorar a qualidade das traduções como um todo. Diante de toda a polêmica, o editor português Luis Corte Leal, da editora Saída de Emergência, alegou “ser normal tradutores não serem consultados nesse tipo de processo” (FOLHA DE S. PAULO, 2012), comprovando, assim, que esse tipo de prática ocorre também fora do Brasil.

A interferência de preparadores/revisores, como reescritores, não ocorre apenas em trechos de uma obra, mas em obras inteiras, como pode ser observado no controverso projeto de atualização das obras de Machado de Assis. Uma delas, ‘O Alienista’, já foi concluída pela escritora Patrícia Seco, que atualizou algumas palavras da obra. Após a leitura da reescrita de ‘O Alienista’, o professor Alcides Vilaça afirma que Patrícia Seco mexeu na pontuação e na sintaxe, suprimiu palavras e cortou parágrafos (GLOBONEWS, 2014).

Diante de todos os casos descritos, questiona-se o seguinte: em relação ao número de traduções que podem ter sido reescritas por preparadores/revisores para serem mantidas vivas, quem seriam os profissionais convocados para esse tipo de trabalho? Tradutores ou preparadores/revisores? O público atual e futuro dessas obras está informado sobre as reescrituras ou as lerá como “traduções originais”? Mesmo cientes de que o *status* proeminente de uma obra não irá assegurar a sua sobrevivência através dos tempos, e que isso se dará, em parte, por meio de sua reescrita, indaga-se aqui como é possível manter o nome do autor em um texto que sofreu tantas alterações, como foi o caso de ‘O Alienista’.

Além disso, o problema é que a confiança que deveria haver em tradutores/preparadores/revisores, por parte dos leitores, pode ser abalada em função de problemas encontrados nos TTs, que são, na maioria das vezes, fruto da falta de integração entre esses profissionais. Como a tradução não é a transposição de palavras e sim de significados, e esses significados são construídos por meio da escolha cuidadosa e criteriosa de palavras, que podem ser portadoras de valores estilísticos ou culturais, os preparadores/revisores devem ter em mente que os tradutores são mediadores culturais e isso se aplica também a aspectos culturais e linguísticos das mais diversas áreas e se refletem em códigos de conduta e na ética de tradutores enquanto profissionais e indivíduos. Por isso, defende-se que

---

<sup>27</sup> PORTUGUÊS contesta adaptação feita em sua tradução. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 jun. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/51723-portugues-contesta-adaptacao-feita-em-sua-traducao.shtml>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

preparadores/revisores, mesmo que sejam eles próprios tradutores, não façam alterações no léxico de traduções sem o conhecimento do tradutor, pois os erros nela inseridos podem comprometer a imagem profissional do tradutor.

## 1.6 O CONTROLE DE QUALIDADE

A avaliação de um TT abarca diversos e numerosos aspectos de cunho cultural, político, ético e ideológico. Embora a tradução seja umas das formas de se acessarem conhecimentos, tradições e ideias que poderiam ser limitados pelas barreiras da linguagem, não se pode desprezar o fato de ela ser, principalmente, um ato linguístico (HOUSE, 2015).

Tendo em vista que muitas alterações indesejadas são efetuadas nesses quesitos ao longo das etapas de preparação e revisão, em que vários pontos devem ser examinados além das normas gramaticais, como, por exemplo, o estilo, as escolhas lexicais, as expressões idiomáticas, os aspectos culturais, o público-alvo e as diretrizes editoriais (sob a influência de vários fatores, tais como ideologia, patronagem e poética), os profissionais da área podem não atentar para o fato de que a tradução é o “resultado de uma operação textual linguística, na qual um texto em uma língua é re-contextualizado em outra língua” (HOUSE, 2015, p. 2)<sup>28</sup>, e nem perceber que essa operação é motivada por condições e fatores contextuais linguístico-textuais internos e externos, que interagem e tornam a tradução complexa (HOUSE, 2015). Sendo assim, a avaliação de uma tradução deve levar em consideração a interação desses fatores por meio da observação e análise dos seguintes aspectos (HOUSE, 2015, p. 2-4):

- 1 características estruturais, o potencial de expressividade e as restrições das duas línguas envolvidas na tradução;<sup>29</sup>
- 2 o mundo extralinguístico, que é ‘dividido’ em diferentes formas pelas línguas fonte e alvo;<sup>30</sup>
- 3 o texto fonte, com suas características estilísticas, estéticas e linguísticas, que pertence às normas de uso da língua cultural da comunidade fonte;<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> “[...] result of a linguistic –textual operation in which a text in one language i.e. re-contextualized in another language.” (HOUSE, 2015, p. 2).

<sup>29</sup> “the structural characteristics, the expressive potential and the constraints of the two languages involved in translation;” (HOUSE, 2015, p. 2).

<sup>30</sup> “the extra-linguistic world which is ‘cut up’ in different ways by source and target languages;” (HOUSE, 2015, p. 2).

- 4 as normas linguísticas, estilísticas e estéticas da língua-cultura da comunidade alvo;<sup>32</sup>
- 5 as normas da língua-alvo internalizadas pelo tradutor;<sup>33</sup>
- 6 a intertextualidade governando a totalidade do texto na cultura alvo;<sup>34</sup>
- 7 tradições, princípios, histórias e ideologias de tradução existentes na língua cultural da comunidade-alvo;<sup>35</sup>
- 8 o resumo dado ao tradutor pela(s) pessoa(s) ou instituição que encomendou(ram) a tradução;<sup>36</sup>
- 9 as condições do local de trabalho do tradutor;<sup>37</sup>
- 10 o conhecimento, a competência, a postura ética e perfis comportamentais do tradutor, bem como a sua teoria subjetiva da tradução;<sup>38</sup>
- 11 o conhecimento, a competência, a postura ética e perfis comportamentais do receptor da tradução, bem como a sua teoria subjetiva da tradução<sup>39</sup>.

Acredita-se que esses aspectos devem ser avaliados do ponto de vista da preparação/revisão de TTs, pois, da mesma forma que o tradutor, o preparador/revisor também deve ter em mente que a tradução coloca em contato duas culturas, sendo esta uma forma de comunicação intercultural. Além disso, é necessário atentar-se para algumas questões, tais como quem escreveu o texto, quando, por quê, para quem, com que propósito, entre outras, uma vez que o contexto da situação está inserido no mundo sociocultural mais amplo (HOUSE, 2015).

No curso *online 'Working with translation'*, ministrado pela Universidade de Lancaster em 2016, foi vinculado um texto da professora Dorota Guluch, intitulado 'A Qualidade na Indústria da Tradução: o processo' (*Quality in the translation industry: the process*). Com base nos estudos de Joanna Drugan, Guluch (2016) afirma que "a revisão do

---

<sup>31</sup> "the source text with its linguistic-stylistic-aesthetic features that belong to the norms of usage holding in the source lingua-cultural community;" (HOUSE, 2015, p. 2).

<sup>32</sup> "the linguistic-stylistic-aesthetic norms of the target lingua-cultural community;" (HOUSE, 2015, p. 2).

<sup>33</sup> "the target language norms internalized by the translator;" (HOUSE, 2015, p. 2).

<sup>34</sup> "Intertextuality governing the totality of the text in the target culture;" (HOUSE, 2015, p. 2).

<sup>35</sup> "traditions, principles, histories and ideologies of translation holding in the target lingua-cultural community;" (HOUSE, 2015, p. 2).

<sup>36</sup> "The translational 'brief' given to the translator by the person(s) or institution commissioning the translation;" (HOUSE, 2015, p. 2).

<sup>37</sup> "The translator's workplace conditions;" (HOUSE, 2015, p. 2).

<sup>38</sup> "The translator's knowledge, expertise, ethical stance and attitudinal profiles as well as her subjective theory of translation;" (HOUSE, 2015, p. 2).

<sup>39</sup> "The translation receptors' knowledge, expertise, ethical stance and attitudinal profiles of the translator as well as their subjective theories of translation." (HOUSE, 2015, p. 2).

produto continua sendo uma etapa-chave para a garantia da qualidade.”<sup>40</sup> (GULUCH, 2016, n/p). Para ilustrar os problemas que uma tradução não revisada pode apresentar, a professora cita o caso de uma placa de trânsito bilíngue colocada em uma rua da cidade de Swansea, na Inglaterra, que registrava em inglês a frase “*no entry for heavy goods vehicles*” e a tradução para o galês “*Nidwyfyny swyddfa ar hyn o bryd*”, que significam, respectivamente: “proibida a entrada de veículos pesados de mercadorias” e “não estou no escritório no momento”. Segundo Gulusch (2016), “esse lamentável exemplo revela a total falta de revisão”<sup>41</sup> (GULUCH, 2016, n/p). A autora supõe que “uma solicitação de tradução teria sido enviada e o texto da resposta foi simplesmente copiado sem que ninguém percebesse que se tratava de uma resposta automática e não da tradução.”<sup>42</sup> (GULUCH, 2016, n/p).

Além de mostrar a necessidade de se fazer o controle de qualidade por meio da preparação/revisão, o exemplo acima também revela que esse processo pode variar desde análises elaboradas do TF/TT, realizadas por tradutores experientes, até uma rápida vista d’olhos do próprio tradutor apenas no TT, buscando-se a compreensão básica ou os erros de digitação, o que chama a atenção para a necessidade e a realidade de ser o tradutor o primeiro revisor de seu texto.

Outro aspecto importante da preparação/revisão do TT, levantado pela editora e revisora Ana Basarte (2009), é que cada tipo de texto demandará uma análise diferente: se for um texto jornalístico, por exemplo, o preparador/revisor deverá observar certos aspectos diferentes daqueles que deve considerar em um livro de filosofia ou em um romance e assim por diante.

É claro que uma preparação/revisão feita por pares de tradutores acarretará em um texto de melhor qualidade, como preconiza o tradutor inglês Brian Mossop. Contudo, por ser um processo mais demorado e caro, isso nem sempre é possível, como mencionado anteriormente por Fontes (2015) e Mossop (2014). Além disso, Mossop (2014) recomenda que o TT seja lido mais de uma vez, enfocando-se questões como lógica, fluidez, ortografia e gramática. De acordo com o pesquisador, alguns clientes podem preferir um estilo próprio como, por exemplo, um conjunto de regras de linguagem e editoração; e a tradução também precisa ser analisada de acordo com elas.

O processo de preparação/revisão, no Brasil, também leva em consideração as peculiaridades envolvidas nas traduções e nas versões, pois envolvem conhecimentos

---

<sup>40</sup> “*Revision of the product remains a key stage in quality assurance.*” (GULUCH, 2016, n/p.).

<sup>41</sup> “*This rather unfortunate example exposes a complete lack of revision.*” (GULUCH, 2016, n/p.).

<sup>42</sup> “*a request for translation was sent and the text of the reply was merely copied without anyone realising that it was an automatic out-of-office reply and not the translation.*” (GULUCH, 2016, n/p.).

diferentes e que, por esse motivo, são tarifados de forma diferente, tanto por tradutores quanto por preparadores/revisores. A definição de tradução, de acordo com a prática do mercado, adotada inclusive pelo SINTRA (Sindicato Nacional dos Tradutores), é a transposição de um texto em português para um idioma estrangeiro e a versão o inverso. Todavia, no dicionário de português Houaiss (2001), não há distinção entre os dois termos:

- Versão

1 tradução de um texto de uma língua para outra.

1.1 exercício escolar no qual os estudantes traduzem um texto em outra língua para a sua própria. (HOUAISS, 2001, p. 2850).

- Tradução

1 versão de uma língua para outra *<a t. de um romance do inglês para o português>*

1.1 LING operação que consiste em fazer passar um enunciado emitido numa determinada língua (língua-fonte) para o equivalente em outra língua (língua-alvo), ambas conhecidas pelo tradutor; assim, o termo ou discurso original torna-se compreensível para alguém que desconhece a língua de origem (HOUAISS, 2001, p. 2745) .

O estudioso Erwin Theodor Rosenthal, por sua vez, define tradução como a transposição de um texto em uma LE para o idioma nativo e a versão como o processo inverso. Além disso, o autor distingue três conceitos: a) tradução: “trabalho consciente e exato de transposição de um idioma para outro, entretanto desprovido de cunho artístico”; b) versão: “trabalho de transposição, exato e artístico”; c) recriação: “trabalho de passagem de um texto para outro idioma, artístico, mas pouco exato”. (ROSENTHAL, 1976, p. 88).

[...] a (*tradução*) é um trabalho baseado na correspondência natural ou relativa das palavras. A (*versão*) tem, ao mesmo tempo, de conservar a harmonia do todo, transportando para o outro idioma, assim como as suas qualidades estéticas [...]. E aquela tradução que se esmera em observar a fidelidade semântica, a situação contextual e as propriedades estilísticas, sem atentar contra as boas normas do idioma II. A (*recriação*) tenta combinar a expressão original com a maior liberdade possível no idioma que utiliza. (ROSENTHAL, 1976, p. 88, grifos do autor)

Apesar de esses termos muitas vezes serem utilizados de forma pouco clara, eles serão assim empregados neste trabalho. Em se tratando do par de línguas com que trabalha o tradutor ou preparador/revisor, a tradução será a operação de passagem de uma LE para a LM do tradutor ou para a língua do país no qual ele trabalha, ou o texto resultante desse trabalho; a versão, por sua vez, será a passagem de texto escrito na LM do tradutor para uma língua que lhe seja estrangeira, e o texto daí originário. As versões requerem ainda mais atenção e cuidado do tradutor no que diz respeito a todos os elementos envolvidos nesse processo e, por

consequente, também irá requerer mais cautela de preparadores/revisores responsáveis pelo controle de qualidade desses textos. Vinay e Darbelnet (1960) citam, por meio da observação de textos vertidos para o francês em placas de trânsito, algumas falhas que podem ocorrer quando o tradutor não é nativo ou bilíngue como, por exemplo, traduções de placas de trânsito em inglês e francês fixadas em estradas do Canadá: “*slippery when wet*” (escorregadio quando molhado) foi traduzida por “*glissant si humide*” (escorregadia quando molhada); quando o mais natural, segundo o autor, seria “*chaussée glissant*” (estrada escorregadia). Segundo Bastianetto (1996), esses usos revelam o estrangeirismo de palavras francesas sendo utilizadas da forma inglesa. Além disso, há também o risco de o significado e o significante não possuírem a mesma correspondência como, por exemplo, a palavra *bread* em inglês e *pain* em francês, que possuem significados diferentes nas duas culturas, como bem lembrou Walter Benjamin (2010/1923). Essas questões, entre outras, devem ser objeto de análise de um preparador/revisor de versões que saiba lidar com “a confusão dos valores de cada léxico” (BASTIANETTO, 1996, p. 18).

Erros de várias naturezas podem ser percebidos e evitados durante os procedimentos de controle de qualidade, como, por exemplo, a ocorrência de informações inexatas, a falta de padronização e de sentido, os erros de tradução e de digitação, entre outros. Assim sendo, o trabalho de um preparador/revisor pode evitar a publicação de um texto que contenha trechos confusos ou erros que possam causar todo tipo de contratempo, tanto para o autor quanto para o leitor, como se pode imaginar com base nas traduções apresentadas a seguir, que podem causar problemas que vão de um embaraço em placas e cardápios a consequências mais graves, como incidentes internacionais.

Conforme Júlio Santoyo (2006), a tradução errada pode ter sido a razão última para o primeiro bombardeio atômico da história. Segundo o pesquisador, a declaração do Primeiro Ministro japonês Kantaro Suzuki, em uma coletiva de imprensa, afirma que a Declaração de Postdam era “algo sem grande importância”<sup>43</sup> (SANTOYO, 2006, p. 37), e que “nós iremos simplesmente a *mokusatsu*”<sup>44</sup> (SANTOYO, 2006, p. 37) revela a confusão causada pela tradução errada da palavra *mokusatsu* por “ignorar”. A frase ficou traduzida da seguinte forma: “Nós ignoramos a Declaração de Potsdam” (SANTOYO, 2006, p. 37)<sup>45</sup>. Para piorar as

---

<sup>43</sup> “*a thing of no great value.*” (SANTOYO, 2006, p. 37).

<sup>44</sup> Nós iremos simplesmente *amokusatsu*.

<sup>45</sup> “*We ignore the Potsdam Declaration.*” (SANTOYO, 2006, p. 37).

coisas, essa frase foi interpretada pela imprensa americana e inglesa como “Nós a rejeitamos”<sup>46</sup> (SANTOYO, 2006, p. 37).

Além desse exemplo, há também o incidente diplomático causado pela tradução equivocada, feita por uma secretária da Casa Branca, em 1830, de uma mensagem enviada pelo governo francês ao governo americano. Ela traduziu o verbo *demandar*, que em francês significa “perguntar”, por *demand*, que em inglês significa “exigir” (MACDONALD, 2015).

Nas imagens a seguir observam-se alguns problemas em traduções.



Figura 1.4 – Erro de tradução em placa de sinalização de via<sup>47</sup>.

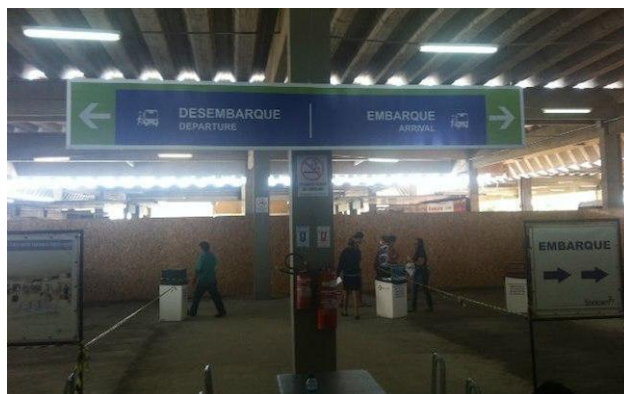


Figura 1.5 – Erro de tradução em placa de sinalização de rodoviária<sup>48</sup>.

<sup>46</sup> “*We reject it.*” (SANTOYO, 2006, p. 37).

<sup>47</sup> HILTON, L. 2014a.

<sup>48</sup> HILTON, L. 2014b.



Figura 1.6 – Erro de tradução em cardápio de restaurante<sup>49</sup>.



Figura 1.7 – Erro de sinalização em lanchonete<sup>50</sup>.

Em se tratando de problemas com textos, em resenha publicada em 2008, Cristina Carneiro Rodrigues apontou várias falhas no controle de qualidade na edição brasileira do livro de André Lefevre, traduzida por Claudia Matos Seligmann com o título de ‘Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária’ e publicada pela Editora Edusc em 2007. Entre os problemas por ela listados estão erros de padronização de nomes de personagens como, por exemplo, o de Pátroclos, na página 143, que se transforma em Pátroclo (p. 147; 157); falta de “[...] padronização do tamanho da fonte nos exemplos de tradução” (RODRIGUES, 2011, p. 322); e problemas de tradução de termos como “*Malagasy poets*”, traduzido por “poetas malagasy” (RODRIGUES, 2011, p. 324), quando a forma correta é ‘poetas malgaxes’. Aqui, acrescentam-se às observações de Rodrigues (2008) três problemas relativos à tradução do livro, cujos exemplos são:

<sup>49</sup> HILTON, L. 2014c.

<sup>50</sup> HILTON, L. 2014d.



- 1 “*Meriones sent after him a spear, / Which entering at his hinder parts, came out / Beneath his navel, and above his gear / Where wounds most fatal are*” (LEFEVERE, 1992, p. 94).

“Meriones enviou atrás dele uma lança / Que, entrando em suas partes impedidas, saiu Abaixo de seu umbigo, e acima de sua engrenagem, / onde as feridas são mais fatais” (LEFEVERE, 2007, p. 153)<sup>51</sup>.

O verbo “enviou” causa muita estranheza nesse contexto. A sugestão aqui seria usar ‘atirou uma lança’, ‘arremessou uma lança’ ou ‘jogou uma lança’. Ademais, a tradução de “*hinder parts*” por “partes impedidas” também ficou sem sentido, para a qual são sugeridos os sintagmas ‘partes baixas’ ou ‘partes inferiores’. Por fim, a tradução do eufemismo “gear” por “engrenagem” também não fez sentido e, portanto, a proposta seria traduzi-lo por ‘equipamento’ ou ‘instrumento’.

- 1 “*What a love feast! Only the table gets laid.*” (LEFEREVE, 1992, p. 94).  
“Mas que festa de amor! Logo que se põe a mesa” (LEFEREVE, 2007, p. 93).

A expressão “*get laid*” é uma gíria que se refere ao ato sexual. O infinitivo do verbo “*laid*”, ‘*to lay*’, significa ‘colocar, botar, pôr’, com o qual o tradutor para o inglês quis fazer um trocadilho com a expressão “*laid the table*” (“colocar na mesa”). Além disso, a tradutora usou a palavra “festa”, em vez de ‘banquete de amor’, que faria a conexão com a frase seguinte. Sendo assim, sugere-se o uso de uma das duas traduções a seguir: ‘Mas que banquete de amor é esse que só se coloca na mesa?’ ou ‘Mas que banquete de amor! Só se coloca na mesa!’

- 2 Seligmann traduz o termo *explicitation* por “explicitação” na primeira vez em que a palavra aparece na página 169. Inexplicavelmente, ela não mantém a padronização do termo nas páginas seguintes, recorrendo ao termo “explicação” na página 170, por exemplo.

Em função de o nome do preparador e/ou revisor não constar nos elementos pré-textuais da obra, não se pode afirmar se o texto foi ou não preparado/revisado. Entretanto, tendo em vista a grande quantidade e a natureza dos erros encontrados, pode-se deduzir que

---

<sup>51</sup> Tradução de Claudia Matos Seligmann (2007), do livro de André Lefereve (*Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*, 1992b). Todas as traduções aqui comentadas do livro foram feitas por essa tradutora.

isso não ocorreu, pois a maioria desses problemas teria sido notada mesmo que o preparador/revisor não fosse tradutor. Como já foi ressaltado, a preparação/revisão de traduções envolve uma série de nuances que torna esse processo diferente daquele realizado em textos de LM, e “[...] a falta de um projeto – tradutório e editorial – compromete a leitura e a confiabilidade de uma obra.” (RODRIGUES, 2008, p. 325-326).

A preparação/revisão de TTs faz parte de um complexo processo que busca melhorar a qualidade desses textos, mas nem sempre é possível garantir que todos os aspectos aqui citados sejam observados, seja em função da escassez de tempo, de questões econômicas, da insuficiência de capacitação de preparadores/revisores, de questões ideológicas, seja da influência da patronagem ou de outras questões. Como se pode observar, ainda há muitos obstáculos a serem ultrapassados, como, por exemplo, a relação entre preparadores/revisores e tradutores, a participação dos tradutores no processo editorial e a questão da autoria das traduções. Por isso, acredita-se que é preciso aprofundar as pesquisas sobre o tema, buscando-se a proposição de soluções.

Uma vez que as pesquisas mencionadas ao longo deste capítulo estão voltadas especificamente para questões ligadas às reescritas, valem-se examinar, no próximo capítulo, as considerações dos estudiosos da tradução sobre o assunto e assim obter elementos para dar suporte aos estudos aqui empreendidos.

## CAPÍTULO 2

### A REESCRITA SEGUNDO LEFEVERE

A denominação dessa área como *translation studies* (Estudos da Tradução) surgiu na década de 1970, quando o grupo de teóricos composto por André Lefevere, Theo Hermans, Gideon Toury, Susan Bassnett e José Lambert rejeitou as “pressuposições teóricas, regras normativas e jargão linguísticos” (GENTZLER, 2009, p. 107) existentes até então, gerando assim um conflito, no qual “os tradutores literários descartavam qualquer análise científica linguística; e os linguistas dispensavam a análise literária não científica” (GENTZLER, 2009, p. 107). Segundo Gentzler (2009), o objetivo desses teóricos era estudar a tradução literária baseada na literatura como sistema, princípio esse que havia sido desenvolvido pelos formalistas russos e retomado, na década de 1970, pelo israelense Itamar Even-Zohar, que formulou a teoria dos polissistemas.

Itamar Even-Zohar lançou mão do conceito do sistema literário hierárquico desenvolvido pelo formalista russo Tynjanov, que concebeu toda cultura como “um complexo ‘sistemas de sistemas’ composto por vários subsistemas tais como literatura, ciência e tecnologia”<sup>52</sup> (STEINER, 1984, p. 128). Tynjanov adaptou-o para a tradução, usando dados obtidos por meio de suas próprias observações (GENTZLER, 2009). Even-Zohar elegeu o termo polissistemas para representar

toda a rede de sistemas correlacionados – literários e extraliterários – na sociedade e desenvolveu uma abordagem chamada teoria dos polissistemas, na tentativa de explicar *todos* os tipos de escrita de determinada cultura – desde os textos canônicos centrais até os mais marginais, não canônicos (GENTZLER, 2009, p. 148, grifo do autor).

Suas pesquisas voltadas para a tradução demonstraram que a literatura traduzida é marginal, porque funciona de maneira diferente para os distintos sistemas literários a depender de seu tempo de existência e da sua força e solidez (GENTZLER, 2009).

É esse o contexto que envolve o surgimento das noções fundamentais para a pesquisa aqui apresentada, a qual se fundamenta no modelo de reescrita de André Lefevere, que

---

<sup>52</sup> “...a complex ‘system of systems’ composed of various subsystems such as literature, science and technology.” (STEINER, 1984, p. 128).

abordou o tema e os elementos que a compõem em obras como *‘Translating Literature: The German Tradition from Luther to Rosenzweig’* (1977); *‘Translation, History and Culture’* (1990); *‘Constructing Cultures: Essays on Literary Translation’* (1998); e, em especial, *‘Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame’* (1992). O modelo de reescrita proposto por Lefevere (1992) vale-se da formulação da teoria dos polissistemas de Even-Zohar.

A proposta da tradução como uma reescrita do TF teve sua origem no final do século XX, quando surgiram novos posicionamentos teóricos acerca da atividade tradutória como questão cultural. Essas novas abordagens levaram os pesquisadores a abandonarem a preocupação com as palavras e voltarem a sua atenção ao contexto social e histórico da produção das traduções, deslocando assim o foco do texto de partida para o texto de chegada, ou seja, para o público ao qual o texto se destinava. Além dos estudos teóricos da tradução, foi estabelecido também um estudo descritivo que, de maneira sistemática, tem contato mais estreito com os fenômenos empíricos observados. Segundo Baker e Saldanha (1998), há três tipos centrais de pesquisa descritiva: o primeiro volta-se para o produto (descreve as traduções existentes); o segundo refere-se à função (descreve a função na situação sociocultural receptora); e o terceiro concentra-se no processo (examina o que acontece na mente do tradutor durante o processo de tradução e a complexidade do fenômeno).

O uso, cada vez mais sistemático, dos princípios de transferência cultural na área da tradução colabora para uma transformação dos paradigmas que foi denominada de Virada Cultural, que entende “a cultura como um fenômeno abrangente, que abarca todas as manifestações de um povo num ponto específico de um eixo espaço-tempo, estabelece uma relação de condicionantes recíprocas entre linguagem e cultura [...]” (AZENHA JUNIOR, 2010, p. 59). André Lefevere selecionou quatro elementos culturais influentes presentes em todas as culturas – patronagem, poética, ideologia e universo do discurso – para elaborar o seu modelo e estudar a tradução como reescrita resultado da manipulação do TF. Dentre esses elementos excluimos o “universo do discurso”, por se tratar de uma abordagem muito ampla e complexa – que envolve a análise de construção social que somente pode ser examinada dentro de seu contexto histórico social, suas condições de produção, e que deve ser vinculada ao seu autor e à sociedade em que vive – e não ser o objeto de nossa pesquisa.

A reescrita não se restringe à tradução, pois ela também pode ocorrer em antologias, críticas, resumos, resenhas etc. Lefevere (1992) incluiu a tradução dentro do conceito maior de reescrita, que a define como atividade discursiva integrada dentro de determinado sistema

de convenções literárias e de uma rede de instituições e de agentes a que estão subordinadas as produções literárias. O autor não crê na existência de um TF no sentido clássico de uma criação individual, pois toda obra é resultado de leituras e impressões anteriores e trabalho do tradutor é mais uma versão das ideias que perpassam o TF. A tradução, nesse sistema, seria uma das muitas práticas que acarretam na reescrita do TF, conjunto que inclui também a edição de TTs e, por conseguinte, a preparação/revisão. Para ele, apesar de a tradução ser um fator de enriquecimento da literatura e de uma sociedade, por permitir a inserção de novos conceitos, gêneros e mecanismos, ela pode também reprimir a inovação, distorcer e ser controladora em função de sua capacidade de “projetar a imagem de um autor e/ou uma (série de) obra(s) em outra cultura, levando o autor e/ou obras para além das fronteiras de sua cultura de origem”<sup>53</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 9).

A luta principal e constante de Lefevere (1992) esteve sempre voltada para impedir que as discussões sobre a tradução se limitassem “apenas às limitações da língua”<sup>54</sup> (BASSNET; LEFEVERE, 1992, p. 14) pois, para o autor, é necessária igualmente a

compreensão da tradição, a genealogia do nosso pensamento, nos ajuda a focar não apenas em problemas relacionados à tradução propriamente dita, mas também às formas pelas quais o estudo da tradução possa se tornar produtivo para os estudos culturais em geral<sup>55</sup> (BASSNET; LEFEVERE, 1992, p. 14).

Ainda mais importante é o fato de que “as tradições não ‘aparecem’. Elas são conscientemente moldadas e estabelecidas por diversas pessoas que compartilham objetivos iguais, ou pelo menos próximos, por alguns anos, décadas ou até séculos”<sup>56</sup> (LEFEVERE, 1977, p. 1).

Apesar de o modelo de reescrita de Lefevere (1992) ser seguido até hoje e de ter dado origem a muitas investigações importantes (cf. BUENO, 2011; REIS 2017; CARIBÉ, 2015), ele já foi alvo de críticas. Theo Hermans, por exemplo, embora reconheça a força e o apelo da obra de Lefevere (1992), considera-a “também frequentemente superficial, inconsistente e descuidada” (HERMANS, 1999, p. 124). Similarmente, Asimakoulas (2011) questiona o fato de Lefevere (1992) não ter examinado a sobreposição dos fatores por ele citados como

---

<sup>53</sup> “...project the image of an author and/or a (series of) work(s) in another culture, lifting that author and/or those works beyond the boundaries of their culture of origin...” (LEFEVERE, 1992b, p. 9).

<sup>54</sup> “Constraints of language only.” (BASSNET; LEFEVERE, 1992b, p. 14).

<sup>55</sup> “[...] knowledge of the tradition, the genealogy of our thinking, helps us to focus not just on problems concerning translation as such, but also on ways in which the study of translation can be made productive for cultural studies in general.” (BASSNET; LEFEVERE, 1992b, p. 14).

<sup>56</sup> “...traditions do not ‘arise’. They are consciously shaped and established by a number of people who share the same or at least analogous goals over a number of years, or even centuries.” (LEFEVERE, 2003, p. 1).

influentes na reescrita e também a possibilidade de se compilar, ordenar e agrupar em listas as complexas barreiras do processo tradutório, como sugerido por Lefevere (1992). A despeito disso, reconhece que

(A) pesar de suas limitações, o modelo de Lefevere contribuiu para situar a tradução dentro de um conjunto mais amplo de atividades com as quais ela está inextricavelmente ligada, e para chamar a atenção de pesquisadores para os fatores sociais e institucionais que influenciam todos os processos de reescrita. Lefevere reiterou a importância da interdependência da poética, da ação social e da ideologia por meio da sua obra [...] O modelo inspirou um leque de estudos de caso traçados exaustivamente sobre seu modelo ou sobre seus elementos, em especial a patronagem<sup>57</sup> (ASIMAKOULAS, 2011, p. 241).

Mona Baker é outra teórica que tem reservas com relação a algumas opiniões de Lefevere (1992). Embora concorde com ele no que diz respeito à influência do contexto social e cultural no processo de tradução, a autora critica a atitude contrária à linguística que o teórico mantém. De fato, segundo Baker (1999), Susan Bassnett e Lefevere (1990), condenam os linguistas por não terem evoluído para além dos muros do texto. Tendo em vista que o foco dos Estudos da Tradução passara a ser outro, Bassnett e Lefevere afirmam, ao tratar da virada cultural na área da tradução, que “o leitor não encontrará mais comparações minuciosas entre originais e traduções” (BASSNETT; LEFEVERE, 1990, p. 4 apud BAKER, 1999, p. 16), porque o objetivo dos Estudos da Tradução é “tratar do problema da ideologia da mudança e do poder na literatura e na sociedade, de forma a confirmar a função central da tradução como força modeladora” (BASSNETT; LEFEVERE, 1990, p. 4 apud BAKER, 1999, p. 16). Apesar de reconhecer essas mudanças, Baker (1999) rejeita veementemente essa ruptura com a linguística e defende que esta é a disciplina que “mais informa os estudos da tradução” (BAKER, 1999, p. 28). Em sua opinião, “as duas áreas devem ser integradas e, não, colocadas em posições antagônicas” (BAKER, 1999, p. 28).

Essas críticas, no entanto, não impediram a difusão do trabalho de Lefevere (1992), que hoje pode ser considerado leitura obrigatória nos cursos de teoria da tradução e de literatura comparada. Além disso, os conceitos que o autor trouxe para os Estudos da Tradução não se mantiveram atuais apenas para as análises de tradução literária, mas foram incorporados por estudiosos de gêneros textuais diversos, como no estudo da tradução de textos técnicos (OLIVEIRA HARDEN, 2009) e audiovisuais (SELVATICI, 2010).

---

<sup>57</sup> “Despite its limitations, Lefevere’s model has been instrumental in situating translation within a broader set of activities to which it is inextricably linked, and in drawing researchers’ attention to social and institutional factors that influence all processes of rewriting. Lefevere reiterated the importance of the interdependence of poetics, social agency and ideology throughout his work [...] This has inspired a range of case studies that drew heavily on his model or some elements of it, especially patronage.” (ASIMAKOULAS, 2011, p. 241).

Lefevere publicou o seu livro ‘Tradução, reescrita e manipulação da fama literária’, em 1992. Vinte anos mais tarde, Susan Bassnett declarou que muito pouco havia mudado no que diz respeito ao papel secundário que a tradução ocupa no sistema literário (BASSNETT, 2011), o que leva os Estudos da Tradução, enquanto disciplina autônoma, a ser uma área relativamente nova, ainda em construção, e que a produção de conhecimento se dá de forma lenta.

A relevância dos estudos dos textos reescritos é enfatizada por Lefevere (1992), por eles já terem demonstrado impactar, no passado, a evolução de sistemas literários da mesma forma como o fizeram seus TFs. Por isso, é importante que tradutores e preparadores/revisores de traduções se perguntem “quem reescreve, porquê, sob quais circunstâncias, para que audiência” (LEFEVERE, 1992, p. 7)<sup>58</sup>, pois as respostas a esses questionamentos podem esclarecer as opções feitas pelo autor e as suas próprias. Essas perguntas, por exemplo, fazem parte de modelos para metodologia da história da tradução, como o proposto por D’hulst (2001).

## **2.1 LEFEVERE E A REESCRITA**

Reescrever tem o claro sentido de escrever novamente ou de outra maneira. Ao ser adotado por Lefevere (1992), o termo incorporou novas acepções, passando a indicar a manipulação do texto por profissionais diversos. Essa manipulação é motivada pelas exigências impostas por sistemas literários e outros sistemas (políticos, científicos, religiosos), que, com eles, se articulam, o que resulta em processos transformadores para todos os elementos dessa estrutura, que pode ser chamada de polissistemas. A manipulação ou reescrita se concretiza com a produção de um novo texto, um texto escrito de outra forma, que toma por base um texto pré-existente. Nesse sentido, a tradução é uma das muitas formas de reescrever um texto, a qual está acompanhada, por exemplo, pela paráfrase, pelo resumo e, como pretendemos comprovar, pela preparação/revisão.

O conceito de reescrita, empregado por Lefevere (1992), deu origem ao movimento que passou a ser conhecido, na metade do século XX, como ‘Escola da Manipulação’, que defendia uma abordagem diversa das visões linguísticas da tradução, que enfatizavam a

---

<sup>58</sup> “[...] *who rewrites, why, under what circumstances, for which audience.*” (LEFEVERE, 1992b, p. 7).

equivalência, com foco nas palavras e no TF<sup>59</sup>. A partir de então, a tradução – que passou a ser analisada como sendo a manipulação, com um propósito específico, do TF – abandona a perspectiva que estabelecia a linguagem e o significado como essenciais. Apesar de poder ser questionada quanto à aplicação de seus princípios em textos pragmáticos, já que era representada por teóricos que se dedicavam ao estudo da tradução literária e à literatura comparada, a Escola da Manipulação foi importante à medida que, a partir dela, surgiram as noções dos Estudos da Tradução, disciplina que fomentou novas ideias e reconheceu que o tradutor influencia culturalmente na forma como a obra é recebida e lida.

Segundo Lefevere (1998), as questões culturais são tão significativas que chegam a interferir inclusive nas técnicas de tradução que vêm se modificando ao longo dos anos e são determinadas em função da

forma pela qual, culturas diferentes, em épocas diferentes, aceitaram o fenômeno da tradução, com o desafio imposto pela existência do Outro e a necessidade de selecionar, a partir de um número possível de estratégias, formas para lidar com esse Outro<sup>60</sup> (LEFEVERE, 1998, p. 12).

Nessa perspectiva, uma forma de avaliar a ideia que se tem da tradução é examinar o uso de palavras diferentes para indicar a tradução em diferentes momentos históricos, por exemplo (PINILLA, 2010).

A partir da virada cultural da tradução na década de 1990, Lefevere (1992) propõe o seu modelo de reescrita e nele identifica quatro fatores que controlam não só o sistema literário, mas todo tipo de reescrita: a poética, a patronagem, a ideologia e o universo do discurso. Com base nesses fatores, o autor afirma que “todas as reescritas, quaisquer que sejam suas intenções, refletem certa ideologia e poética e, como tal, manipulam a literatura para funcionar em dada sociedade de determinada forma”<sup>61</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 7). De acordo com o teórico, e levando-se em conta o que foi discutido no capítulo anterior, essa afirmação, associada ao fato de que grande parte dos textos produzidos é, via de regra, patrocinado, e de que o padrão, geralmente uma instituição, uma editora etc. interfere decisivamente nos textos que publica e pode incumbir a seus tradutores, editores e preparadores/revisores de textos a tarefa de atuarem como seus agentes, vai ao encontro da

---

<sup>59</sup> Sobre o assunto, ver Oliveira Harden (2007), Rodrigues (1998) e Gentzler, (2009).

<sup>60</sup> “[...] *different cultures, at different times, came to terms with the phenomenon of translation, with the challenge posed by the existence of the Other and the need to select from a number of possible strategies for dealing with that Other.*” (LEFEVERE, 1998, p. 12).

<sup>61</sup> “*All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in a given way.*” (LEFEVERE, 1998, p. 7).



afirmação de que a “reescrita é a manipulação, realizada a serviço do poder” (LEFEVERE, 1992, p. 7)<sup>62</sup>.

A palavra poder está intimamente relacionada à patronagem, que é um dos elementos que influenciam o processo de reescrita Lefevere (1992), como será discutido a seguir.

### 2.1.1 O poder da patronagem

Para discutir o tema, faz-se importante analisar a tradução do termo em inglês *patronage* para o português. Alguns tradutores, em diferentes contextos, optaram por traduzi-la por ‘mecenato’, mas esse termo está intimamente ligado à ideia de patrocínio e não de empregador. Na maioria dos sites da *internet* até então consultados, o uso do termo ‘mecenas’ é empregado de acordo com a definição encontrada no dicionário Houaiss: “indivíduo rico que protege artistas, homens de letras ou de ciências, proporcionando recursos financeiros, ou que patrocina, de modo geral, um campo do saber ou das artes; patrocinador.” (HOUAISS, 2001, p. 1875). Já a palavra ‘patrão’, de acordo com o mesmo dicionário, significa

peessoa com autoridade ou controle sobre os outros; proprietário ou chefe de um estabelecimento privado comercial, industrial, agrícola ou de serviços, em relação aos seus subordinados; empregador; chefe de uma repartição pública; aquele que protege; padroeiro; patrono. (HOUAISS, 2001, p. 2150).

Conquanto nenhuma das definições atenda ao significado que Lefevere (1992) atribui ao termo, porque não incluem a concepção de uma dada organização ou instituição como patrão, acredita-se que ele seja o mais adequado, uma vez que incorpora, em seu significado, a ideia do empregador, da autoridade e do controle.

No sistema de patronagem descrito por Lefevere (1992), pessoas ou instituições podem criar barreiras por meio de seu poder e determinar quais obras serão reescritas ou não no sistema literário. Os padrões também tentam regular as relações entre o sistema literário e outros sistemas da sociedade, e são capazes de fazer com que as reescritas sejam manipuladas para se enquadrarem em um determinado sistema ou subsistema (censura), ou então subvertê-lo, de forma que sejam contra esse mesmo sistema ou subsistema (LEFEVERE, 1992).

---

<sup>62</sup> “*Rewriting is manipulation, undertaken in the service of power.*” (LEFEVERE, 1998, p. 7).

Segundo Lefevere (1992), a patronagem é composta pelos seguintes elementos: a) elementos ideológicos, relacionados à influência na escolha e na forma como o tema será desenvolvido; elementos econômicos, concernentes ao pagamento ou a nomeação para algum cargo que escritores e reescritores recebem de seus patrões para se sustentar; elementos de status, voltados ao reconhecimento e ao prestígio proporcionado pelo patrão. Nesse sistema de patronagem, a atenção dos patrões está mais voltada para a ideologia da literatura, pois eles contam com seus escritores e reescritores para produzirem uma literatura que esteja alinhada com a sua ideologia, para assim “legitimar tanto o status quanto o poder desses patrões” (LEFEVERE, 1992, p. 18)<sup>63</sup>.

Os sistemas literários podem ser controlados, de acordo com Lefevere (1992), por dois tipos de patronagem: a ‘patronagem não diferenciada’, na qual os componentes ideológicos, econômicos e os de status são fornecidos pelo mesmo patrão, como, por exemplo, em regimes totalitários; e ‘patronagem diferenciada’, na qual o sucesso econômico é obtido de forma relativamente independente de fatores ideológicos e não trazem, necessariamente, status em si, como é o caso de grande parte dos autores de sociedades contemporâneas abertas.

Entre as razões mais importantes que influenciam a produção de uma obra está o fator econômico, tendo em vista que a concorrência no mercado editorial é acirrada. No Brasil, por exemplo, havia, em 2013, cerca de 750 editoras disputando no mercado (RODRIGUES, 2013), segundo censo da Câmara Brasileira do Livro. De acordo com essa instituição, o setor editorial brasileiro produziu, em 2016, “427,2 milhões de exemplares, vendeu 385, 1 milhões e faturou R\$ 5,27 bilhões” (CBL, 2017, n/p).

A preocupação em manter ou aumentar sua fatia nesse mercado pode justificar a atitude de algumas editoras no sentido de determinar que os preparadores/revisores suprimam ou acrescentem trechos, palavras e frases para modificar o sentido daquilo que não esteja de acordo com a poética ou ideologia aceita pelo público a que a obra se destina. Esse fato se aplica, por exemplo, aos textos nas áreas religiosas, o que acaba tornando as obras mais lucrativas. Um exemplo disso são os paratextos bíblicos, que são posicionados dentro do texto para atender “o propósito do comentário temático da mensagem que visa transmitir” (PINHEIRO, 2017, p. 64).

No que diz respeito às obras literárias, a manipulação dos textos está diretamente ligada à criação do cânone literário, processo que Lefevere (1992) associa à ação das instituições acadêmicas e editoras. As obras literárias “são retiradas de seu contexto histórico

---

<sup>63</sup> “[...] to legitimize both the status and the power.” (LEFEVERE, 1992b, p. 18).

[...]”<sup>64</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 22) e as suas histórias de reescrita são “silenciosamente apagadas”<sup>65</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 22). Segundo ele, “como resultado, o que sobreviveu a esse processo parece ser eterno, e o que é eterno não deve, obviamente, ser questionado”<sup>66</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 22). O apagamento da história de reescrita significa, obviamente, tornar invisível também o reescritor. Nesse sentido, é ilustrativo que muitos leitores não se atentem ao fato de que um romance estrangeiro tenha chegado a suas mãos por meio de tradução (WIELEWICKI, 2009).

É importante ressaltar que as questões referentes à patronagem se aplicam tanto aos autores do TF quanto àqueles que o reescrevem (LEFEVERE, 1992). A patronagem, no que diz respeito aos TTs, pode ser exercida por diversos órgãos, entidades ou grupos, entre os quais estão não apenas as editoras, mas também todos os outros tipos de mídia como, por exemplo, cinema, TV, jornais revistas etc., onde podem atuar tanto tradutores quanto preparadores/revisores que são afetados de forma direta ou indireta pelo poder econômico e/ou político. A relação de patronagem vincula, a partir de sua aceitação pelas partes envolvidas, todos os produtos das atividades desenvolvidas por reescritores e deverão estar de acordo com os padrões e com os parâmetros por ela estabelecidos seja por meio de contratos firmados ou regras pré-estabelecidas (LEFEVERE, 1992).

No caso das traduções, a manipulação dos textos pelas editoras, que muitas vezes o fazem sem deixar claro quem de fato mexeu nos textos, pode gerar reações como a do autor Milan Kundera, mencionada por Venuti, em relação às traduções e edições de seu livro ‘*The Joke*’ (1967) para o inglês:

A primeira, de 1969, chocou Kundera porque editou, mutilou e reordenou capítulos; a segunda de 1982, foi ‘inaceitável’ porque ele a julgou ‘não texto meu’, uma tradução-adaptação (adaptação ao gosto do tempo e do país para o qual se dirige, ao gosto, em última análise, *do tradutor*) (VENUTI, 2002, p.17, grifo meu).

Interessante observar que as alterações por ele citadas podem ter sido feitas tanto pelos tradutores quanto pelos preparadores/revisores, motivados, possivelmente, por questões mercadológicas e/ou determinação das editoras, pois essa obra foi o primeiro romance escrito por Kundera quando não era ainda um autor tão conhecido e, talvez por isso, não seria inviável que os editores tenham solicitado aos preparadores/revisores que diminuíssem o

---

<sup>64</sup> “[...] are taken out of their historical context [...]”. (LEFEVERE, 1992b, p. 22).

<sup>65</sup> “silently obliterated.” (LEFEVERE, 1992b, p. 22).

<sup>66</sup> “As a result, what has survived this process appears to be timeless, and what is timeless should, obviously, not be questioned.” (LEFEVERE, 1992b, p. 22).

tamanho da obra por motivos econômicos e que fizessem, também, modificações para adaptar a obra ao público-alvo. É fundamental que a críticas às traduções levem em consideração a “mediação de outros agentes culturais no processo de publicação de um romance” (ANTUNES, 2007, p. 81). Esses questionamentos podem ser fundamentados em um fato que, apesar de pouco divulgado, é extremamente importante que foi o papel da editora Nancy Nicholas, da *Knopff Publishing Group*. Segundo (WOODS, 2006, n/p) ela modificou a tradução, para o inglês, da obra ‘The Joke’ com o objetivo de adequá-la às expectativas dos leitores norte-americanos.

É importante notar que, em todo esse processo, o preparador/revisor permaneceu anônimo, nem Kundera nem Venuti mencionaram a sua possível interferência nas traduções. Além de tudo, Venuti (2002) relata que o mesmo Kundera que reclamou das modificações em seu texto não hesitou em se apoderar da tradução de um texto seu, feita em 1982, prepará-la/revisá-la e publicá-la como sendo inteiramente sua, sem citar o nome daqueles que fizeram a tradução (VENUTI, 2002, p. 6).

Da mesma maneira como as traduções, as preparações/revisões são realizadas por motivos literários, comerciais, pedagógicos, técnicos, mercadológicos, diplomáticos, entre outros, e seguem os princípios comerciais, filosóficos e patronais estabelecidos por quem contrata os reescritores responsáveis pelas diferentes fases da produção de uma obra. O processo de preparação/revisão procura contribuir para que sejam alcançados os objetivos da tradução, ou seja, atingir a “colaboração entre grupos divergentes, motivada por um reconhecimento das diferenças linguísticas e culturais que a tradução necessariamente reescreve e reordena” (VENUTI, 2002, p. 15). Infelizmente, a atuação dos preparadores/revisores, como reescritores, é definida pelos mesmos fatores que Venuti (2002) descreve como referentes à atividade tradutória e aos escândalos da tradução: “assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência existem em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutora” (VENUTI, 2002, p. 15).

A importância e a influência da patronagem podem ser constatadas já na época dos reis Richard II e Henrique IV. O poeta inglês John Gower, por exemplo, era seu próprio patrão, mas ideologicamente dependia da coroa, pois, a pedido do rei Richard II, escreveu o *Confesso de Amarantes* e, no final da obra, produziu uma passagem enaltecendo o Rei. Alguns anos mais tarde, ele a substituiu por outra passagem enaltecendo o rei Henrique IV (LEFEVERE, 1992).

No universo luso-brasileiro, há exemplos evidentes do poder da patronagem sobre as obras técnico-científicas traduzidas no final do século XVIII, como ocorreu com o livro ‘Reflexões sobre a metaphysica do cálculo infinitesimal’, de 1798, traduzido do francês para o português por Manoel Jacinto Nogueira da Gama, que seria, posteriormente, proclamado Marquês de Baependi. Em sua dedicatória, o tradutor deixa clara a importância da patronagem ao declarar que “o ‘melhor dos Príncipes’ havia financiado a publicação de várias obras, entre textos traduzidos e outros escritos originalmente em português” (OLIVEIRA HARDEN, 2010, p. 15). Nogueira da Gama inseriu, no início da obra, um longo texto contendo vários e extensos trechos enaltecendo o príncipe, como demonstrado no fragmento abaixo:

É da obrigação de um bom Vassalo o cumprir as Ordens do Soberano: e porque todo o seu merecimento consiste na obediência, como fruto dela apresento ante o Trono de V. ALTEZA REAL uma parte do trabalho, que me foi ordenado, e que executei com a maior satisfação, pela incomparável honra de ter sido lembrado para o fazer, não obstante a pequenez dos meus talentos. Serei feliz, se as grandes Luzes de V. ALTEZA o aprovarem. O Céu guarde a Sagrada Pessoa de V. ALTEZA REAL como é mister a Nação Portuguesa, e o seu mais obediente e fiel Vassalo (NOGUEIRA DA GAMA, 1798, n/p).

A relação de Nogueira da Gama com a patronagem teve início com sua nomeação para a Academia Real de Marinha, onde ele “cooperou tanto para o governo colonial português quanto para o governo brasileiro pós-independência, nos dois impérios” (OLIVEIRA HARDEN, 2010, p. 2) fazendo com que se tornasse uma pessoa de destaque. Em função disso, as únicas três obras que traduziu “foram realizadas por ordem do Príncipe Regente Dom João VI” (OLIVEIRA HARDEN, 2010, p. 5). Esse tipo de patronagem exemplifica o modelo de *patronagem não diferenciada* descrito anteriormente.

No Brasil, um fato ilustrativo quanto ao poder da patronagem de governos e instituições, no que diz respeito à ideologia, foi a proibição da publicação da tradução, para o português, da obra *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, que teve a sua comercialização, exposição e divulgação proibidas, em 2016, pelo juiz Aberto Salomão Júnior, da 33ª Vara Criminal do Rio de Janeiro, sob a legação de que é crime de preconceito e raça “praticar, induzir ou incitar, pelos meios de comunicação social ou por publicação de qualquer natureza, a discriminação ou preconceitos de raça, cor, religião, etnia ou procedência nacional” (BRASIL, 1989, n/p), podendo o juiz “determinar o recolhimento imediato ou a busca e apreensão dos exemplares do material respectivo” (BRASIL, 1989, n/p). Na esfera da censura, pode-se citar a proibição, em março de 1965, “do texto teatral *O Vigário* do escritor e dramaturgo Rolf Hochhuth” (MACIEL; PEREIRA, 2009, p. 1).

As alterações em uma obra, seja ela original ou uma reescrita de caráter técnico ou literário, busca causar impacto sobre o meio, e

se essas expectativas não forem satisfeitas, ou até conseqüentemente frustradas, é bem provável que os padrões exijam ou, pelo menos, encorajem efetivamente a produção de obras de literatura mais suscetíveis de atender a suas expectativas [...] <sup>67</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 23).

Nesse sentido, é ilustrativo avaliar o que diz a editora Carla Bitelli sobre a sua expectativa em relação ao trabalho desenvolvido por preparadores de textos:

O preparador que faz um trabalho que eu não gosto é aquele que entrega um resultado tímido, pouca mudança, às vezes me parece assim, pouca reflexão sobre o fraseamento, sobre as palavras, sobre as repetições, sobre as escolhas ali do texto, em tradução especialmente, que existem... né? Aquele texto escrito..., traduzido, mas truncado muitas vezes por causa da diferença de estrutura das línguas e... enfim medroso é a palavra certa, é a palavra que eu gosto de pensar. (BITELLI, 2015, n/p).

Dessa fala pode-se inferir que há uma expectativa de que os preparadores/revisores conheçam e sigam as diretrizes dadas por seus padrões e, por isso, eles estão entre os principais responsáveis pelas transformações no texto, pois conhecem a política e a linha editorial das empresas para as quais trabalham e sabem o que o padrão espera de seu trabalho.

Contudo, apesar de, geralmente, a maioria dos reescritores “ser meticulosa, trabalhadora, versada e tão honesta quanto é humanamente possível” <sup>68</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 13), há os que não são meticulosos, os despreparados e até os desonestos, e essas classes de profissionais, tanto tradutores quanto preparadores/revisores, não devem ser ignoradas. É preciso não esquecer que a reescrita de um texto pode, em suas mais variadas maneiras, transformar o TF com diversos propósitos, como já demonstrado por Lefevere (1992):

Nos séculos IV e V da Era Cristã, a reescrita foi empregada em larga escala às literaturas clássicas gregas e latinas, fundamentalmente para alegorizá-la, de tal maneira, em nome da nova ideologia cristã dominante, que elas se tornassem aceitáveis para os novos padrões e assim escapassem da destruição. <sup>69</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 23).

---

<sup>67</sup> “If these expectations are not met, or even consequently frustrated, patrons are likely to demand or, at least, actively encourage the production of works of literature more likely to meet their expectations [...]” (LEFEVERE, 1992b, p. 23).

<sup>68</sup> “[...] meticulous, hard-working, well-read, and honest as is humanly possible.” (LEFEVERE, 1992b, p. 23).

<sup>69</sup> “In the fourth and fifth centuries of the Common Era rewriting was applied on a large scale to classical Greek and Latin literature, basically to allegorize it to such an extent in the service of the newly dominant ideology of Christianity that it would become acceptable to the new patrons and thus scape destruction.” (LEFEVERE, 1992b, p. 23).

O poder que a patronagem exerce até hoje sobre escritores e reescritores é tal que muitos deles chegam a abrir mão da autoria de suas obras, deixando que seus patrões designem a ela o nome do autor que desejarem, geralmente alguém renomado, com a finalidade de aumentar as vendas. Essa prática, hoje conhecida como *ghost writer* e *ghost translator*, não é recente, remontando a períodos anteriores ao século XVIII na Índia (LEFEVERE, 1992). Uma pesquisa conduzida por Solum (2015) revelou que 25% dos tradutores entrevistados já haviam atuado como *ghost translator* ou utilizado esse tipo de serviço.

A patronagem não atua apenas em questões relacionadas à ideologia, embora esse seja o seu principal foco, estando também voltada à poética, como será discutido a seguir.

### 2.1.2 A poética

A poética, segundo Lefevere (1992, p. 26), é composta pelo “inventário de recursos literários, gêneros, temas, personagens e situações prototípicas, e símbolos” e pelo “conceito de qual é, ou deveria ser, o papel da literatura no sistema social”<sup>70</sup>. Ela não concerne às questões linguísticas, mas sim à cultura e ao contexto histórico e geográfico; não é delimitada pela língua e está vinculada às questões em evidência num dado momento histórico, como, por exemplo, ao comportamento social, às mudanças nos papéis sociais e ao desenvolvimento social. A poética representa, por meio de normas estéticas dominantes num dado contexto, o período em que se vive, ainda que de forma parcial. Além disso, é interessante notar que a luta entre poéticas, sejam elas culturais e/ou cronológicas, “são frequentemente suscitadas pelas traduções e, não raro, também combatidas por meio de traduções” (LEFEVERE, 1992, p. 50)<sup>71</sup>. Nessa perspectiva, há tradutores criativos que não hesitam em correr riscos em relação ao anacronismo e atualizam os TFs incorporando a poética de seu tempo um texto clássico. Por fim, é essencial destacar que a modificação da poética no sistema literário se dá de forma lenta, pois muitos escritores modernos ainda usam elementos de poéticas passadas em suas obras.

---

<sup>70</sup> “[...] inventory of literary devices, genres, motifs, prototypical characters and situations and symbols [...] concept of what the role of literature is, or should be, in the social system as a whole”. (LEFEVERE, 1992b, p. 26).

<sup>71</sup> “Struggles between rival poetics are often sparked off by translations, and not seldom fought also by means of translations”. (LEFEVERE, 1992b, p. 19).

A patronagem tende a impor a poética dominante de sua época. Ela determinará, por meio do seu poder, se a obra será ou não considerada um clássico (LEFEVERE, 1992). Por isso, a grande parte das obras “são reescritas para se alinharem às ‘novas’ poéticas dominantes”<sup>72</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 19). O autor alega que a literatura reescrita desempenha papel importante na evolução da literatura e que “a luta entre poéticas rivais é normalmente iniciada pelos escritores, mas travada e vencida, ou não, pelos reescritores”<sup>73</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 38), afirmação muito próxima àquela feita por Benjamin (2008) a respeito da tradução como sobrevida do texto. Segundo Lefevere (1992, p. 38), “as reescrituras são instrumentos perfeitos para se medir a extensão que uma poética foi interiorizada”<sup>74</sup>. Isso ocorre porque alguns tradutores, ao considerarem a poética da qual são representantes superior às outras, excluem dos TFs todos os elementos que não possam ser reescritos de uma forma palatável e/ou não correspondam às expectativas do público alvo em relação a essa obra, como ocorreu, por exemplo, com a tradução da *Ilíada*, feita por Houdard De la Motte, que, em função da poética que representava, reduziu a obra pela metade (LEFEVERE, 1992).

Esse tipo de modificações no sistema literário pode ser explicado como fruto das mudanças sociais que funcionam como normas para definir o trabalho dos tradutores. As mudanças da poética podem ser claramente constatadas por meio da forma como os temas eram abordados há algumas décadas. O homossexualismo, por exemplo, que tem registro “na arte pré-histórica, na pictografia e nos hieróglifos de culturas da antiguidade” (MATOS, 2003, p.1), foi tratado, por alguns autores da literatura brasileira do século XVII, como, por exemplo, Gregório de Matos, em seu poema *Aqui*, de um ponto de vista conservador no que diz respeito às questões morais da época, “consoante aos contextos sócio históricos e culturais que foram produzidos” (VALLENTIN, 2013, n/p), mas isso se modificou no final do século XIX, quando o tema passa a ser abordado levando em consideração “o ato sexual e o plano afetivo” (VALLENTIN, 2013, n/p.).

Outro aspecto importante a ser abordado diz respeito à historicidade da poética. As poéticas vão se transformando ao longo do tempo como ocorreu, por exemplo, com a poética clássica, do período desde Aristóteles a Boileau, que deu lugar à doutrina romântica, do período de Goethe a Wordsworth e Vitor Hugo (SANTOS, 2004). Essas transformações

---

<sup>72</sup> “[...] rewritten to bring it in line with the ‘new’ dominant poetics.” (LEFEVERE, 1992b, p. 19).

<sup>73</sup> “The struggle between rival poetics is often initiated by writers, but fought and won or lost by rewriters.” (LEFEVERE, 1992b, p. 38).

<sup>74</sup> “Rewritings are also a perfect gauge to measure the extent to which a poetics has been interiorized.” (LEFEVERE, 1992b, p. 38).



históricas que acontecem de acordo com seus contextos, geografia e cronologias, dentro de cada sistema, remetem ao fato de que

uma poética, qualquer poética, é uma variável histórica: ela não é absoluta. Em um sistema literário a poética dominante hoje é muito diferente da poética dominante na origem do sistema. É provável que o seu componente funcional tenha mudado, e que o seu componente de inventário também tenha mudado, na maioria dos casos.<sup>75</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 35).

Assim, a poética deve ser entendida como um elemento inserido em um contexto histórico, mais bem explicado se for considerada a natureza polissistêmica das sociedades. Como exemplos da influência do histórico no literário, podem-se citar as reescritas da lenda de ‘*Cú Chulainn*’ do século XIX e XX, denominadas em alguns casos de tradução, em outros de adaptação, e utilizada pelos irlandeses em seu movimento de independência. De acordo com Tymoczko (1999), que constatou algumas modificações na personalidade do herói, como, por exemplo, o seu comportamento femeeiro, a sua preguiça e o fato de ele ter pulgas. O objetivo dessas modificações foi adequá-lo à poética da época e torná-lo condizente com o que era esperado de um herói naqueles tempos.

Assim, é inequívoco que o tradutor adota a poética do TF e da cultura do TA para fazer com que as suas escolhas lexicais, gramaticais, entre outras, estejam de acordo com a poética almejada. Além disso, esse processo, que tem origem na escolha da obra a ser traduzida e nas escolhas do tradutor, é finalizado nos procedimentos de preparação/revisão. Desse modo, entendemos que, como a tradução, a preparação/revisão, como parte integrante do processo de tradução, também deve ser analisada sob essa ótica. Deve-se considerar que:

Diferentes poéticas dominantes em diferentes etapas na evolução de um sistema literário irão julgar tanto as escritas quanto as reescritas de formas diferentes e irreconciliáveis, todos baseados na boa-fé e na convicção de que cada uma é a representante da verdade única.<sup>76</sup> (LEFEVERE, 1992, p. 36).

Essas transformações na poética podem tanto influenciar como serem influenciadas por obras traduzidas. Por isso, é preciso notar que, da mesma forma como os autores e os tradutores, os preparadores/revisores também atuam dentro de um sistema que possui regras e

---

<sup>75</sup> “A poetics, any poetics, is a historical variable: it is not absolute. In a literary system the poetics dominant today is quite different from the poetics dominant at the inception of the system. Its functional component is likely to have change, and its inventory component will have changed as well, in most cases” (LEFEVERE, 1992b, p. 35).

<sup>76</sup> “Different poetics dominant at different stages in the evolution of a literary system will judge both rewritings in different, irreconcilable ways, all based on good faith and the conviction that each is the representative of the only truth.” (LEFEVERE, 1992b, p. 36).

busca a conformidade ou a divergência com a poética vigente, o que faz com que eles atuem de forma a moldar as traduções de acordo com essas regras que os afetam no campo profissional e pessoal. Sob a influência dos vários sistemas e subsistemas, eles poderão alterar o status desse texto e torná-lo mais formal ou mais popular, por exemplo.

### 2.1.3 As influências da ideologia

O conceito de ideologia foi criado pelo filósofo francês Antoine Louis Claude Destutt de Tracy, que o utilizou pela primeira vez em 1801 para designar o estudo científico das ideias a partir da observação do homem em seu ambiente. Desde então, muitos pensadores têm refletido sobre o tema, como, por exemplo, o sociólogo, também francês, Émile Durkheim, para quem a ideologia individual era insignificante, pois os fatos sociais “são manifestações externas e estão fora e acima das mentes de cada sujeito que integra a sociedade” (CANCIAN, 2007, p. 1). Outro intelectual proeminente que estudou o tema foi Karl Marx, que afirmou que a ideologia não é neutra, sendo influenciada pelo contexto social de determinada época e produzida de acordo com a “relação de dominação entre as classes sociais” (CANCIAN, 2007, p.1).

Neste trabalho, a noção de ideologia está atrelada aos conceitos referentes à cultura e literatura. Lefevere (1998) afirma que a ideologia está subjacente a qualquer tipo de reescrita, pois é “a matriz conceitual composta de opiniões e atitudes consideradas aceitáveis em certa sociedade em um determinado período, por meio das quais leitores e tradutores abordam os textos”<sup>77</sup> (LEFEVERE, 1998, p. 48). De forma geral, o termo ideologia se refere ao conjunto de valores, ideias, crenças de indivíduos ou de grupos. Esses elementos direcionam a forma como o mundo é percebido e determinam, o comportamento em relação às leis e ao governo, por exemplo (LEFEVERE, 1992a). Segundo o autor, a patronagem, composta por elementos ideológicos, econômicos e de status, é o elemento dominante na sociedade.

No Brasil colônia, por exemplo, a ideologia da patronagem dominava os membros – geralmente pessoas proeminentes na sociedade – das Academias fundadas na Bahia e no Rio de Janeiro no século XVIII, cujos “fundadores e protetores eram vice-reis ou alto magistrados” (CÂNDIDO, 1989, p. 166). Como consequência disso, havia um culto à “ordem

---

<sup>77</sup> “the conceptual grid that consists of opinions and attitudes deemed acceptable in a certain society at a certain time, and through which readers and translators approach texts.” (LEFEVERE, 1998, p. 48).

por meio das Letras, louvando as normas da colonização, defendendo e justificando a obra do colonizador, ecoando as palavras das autoridades” (CÂNDIDO, 1989, p. 167), o que explica o fato de que os registros literários brasileiros dessa época “testemunham a função ideológica de uma literatura diretamente ligada aos mecanismos de dominação” (CÂNDIDO, 1989, p. 165).

Em função da influência de suas próprias ideologias ou de seus padrões, os reescretores podem manipular os textos para que se adéquem ao tempo, ao contexto e à finalidade pretendida. As recomendações dadas por Santo Agostinho para a tradução da Bíblia, por exemplo, se enquadram nesse âmbito. Segundo ele, aquilo que não estivesse em conformidade com o que pregava a igreja católica deveria ser reescrito (LEFEVERE, 1992b, p. 7), e se uma passagem figurada da bíblia parecer “ordenar, seja uma ignomínia, seja um delito, ou proibir, seja um ato de benevolência, seja de utilidade, essa expressão está em sentido figurado” (AGOSTINHO, S. 2002, p. 172). Além disso, a mensagem em desacordo com a filosofia cristã deve ser examinada “com minuciosa atenção, até que a interpretação seja conduzida a esse fim: o reino da caridade” (AGOSTINHO, S. 2002, p. 172).

A ideologia do padrão pode determinar a poética da tradução de acordo com o uso que este deseja fazer do TT, pois “o componente funcional de uma poética está, claro, intimamente relacionado, às influências ideológicas externas às esferas da poética em si, as quais são geradas por forças ideológicas no âmbito do sistema literário.”<sup>78</sup> (LEFEVERE, 1992b, p. 27). Em função disso, é relevante atentarmos para o fato de que, “depois de codificada, a poética exerce uma tremenda influência adaptadora sobre o desenvolvimento futuro do sistema literário.”<sup>79</sup> (LEFEVERE, 1992b, p. 26).

Conforme Venuti (1998), qualquer prática criativa, em determinada cultura, acarretará a reprodução criativa de valores. A reescrita, que inclui a tradução e a preparação/revisão do TT, por ser um processo criativo, deixa suas marcas. Venuti (1998), ao examinar a tradução de matéria da revista *Courrier*, publicada pela UNESCO, demonstra como “a inclinação ideológica contra a população nativa está inscrita em escolhas discursivas específicas que funcionam tanto para criar uma identidade subordinada quanto para fazê-la parecer natural ou óbvia” (VENUTI, 1998, p. 13) e indica que o papel do tradutor e dos editores da revista é relevante nesse processo pois, por considerarem essa ideologia natural, não levaram em conta o papel da UNESCO, instituição que deveria ser mais sensível a essas questões. O

---

<sup>78</sup> “*The functional component of a poetics is obviously closely tied to ideological influences from outside the sphere of the poetics as such, and generated by ideological forces in the environment of the literary system.*” (LEFEVERE, 1992b, p. 27).

<sup>79</sup> “*Once a poetics is codified, it exerts a tremendous system-conforming influence on the further development of a literary system.*” (LEFEVERE, 1992b, p. 26).

pesquisador relata ainda que, na tradução de texto em espanhol para inglês, a escolha lexical indica uma “inclinação ideológica contra os mexicanos pré-Colombianos” (VENUTI, 1998, p. 12) , como: “*antiguos mexicanos*” por “índios”; “distinguindo-os claramente de seus colonizadores espanhóis”; “*sabios*” como “advinhos” o que se opõe ao racionalismo europeu; e “testimonias” (testemunhos em português) como “registros escritos”, “privilegiando sutilmente o literário sobre as tradições orais” (VENUTI, 1998, p. 12)

Vê-se assim que não apenas textos literários estão sujeitos a interferências de cunho ideológico polêmico, como os políticos ou religiosos. Os textos de traduções feitas em áreas de conflitos, por exemplo, em que tradutores e preparadores/revisores estão ideologicamente comprometidos, podem trazer marcas das filiações ideológicas dos reescritores, por omissão ou inclusão deliberada ou inconsciente, principalmente em se tratando de temas ideológicos passionais, em que os reescritores se sintam tentados a alterar o texto ou até fazê-lo inconscientemente. Como ensina Baker (2006), as situações de conflito internacional são também atos discursivos, gerados, mantidos e finalizados por meio da linguagem. Nesses processos, tradutores têm papel inigualável de intervenção. Também é plausível que a influência implícita ou explícita do poder da patronagem sobre tradutores e preparadores/revisores os leve a abrir mão de sua ideologia para satisfazer quem lhes dá o sustento ou, ao contrário, lutar contra ela. A esse respeito House (2015) afirma que pesquisas mostram o “impacto no desempenho dos tradutores [...] e como eles se alinham com seus empregadores ou se recusam abertamente a fazê-lo”<sup>80</sup> (HOUSE, 2015, p. 4).

É válido afirmar que, durante o processo de editoração/edição, o preparador/revisor, da mesma forma como o tradutor, fica dividido entre a fidelidade ao TF, a sua própria ideologia e o seu “status como um profissional que deve ser capaz de convencer outros profissionais de que ele é digno daquele título e, ao mesmo tempo, não produzir um trecho que vá contra a sua ideologia”<sup>81</sup> (LEFEVERE, 1992b, p. 45). Esses conflitos, tão conhecidos pelos tradutores, fazem parte do conjunto de variáveis que podem levar o preparador/revisor a alterar o texto com o qual está trabalhando. Um exemplo disso se encontra nas ações do revisor Raimundo Silva, personagem criado por José Saramago no romance intitulado ‘História do Cerco de Lisboa’, que, ao acrescentar de forma intencional a palavra “não” a uma frase, muda toda a história do livro e, assim, a história de Lisboa, de Portugal e do mundo. Saramago faz uma

---

<sup>80</sup> “*impact the performance of translators [...] how translators align themselves with their employers or openly refuse to do so, and how personally involved they become in situations of conflict and violence.*” (HOUSE, 2015, p. 4).

<sup>81</sup> “[...] *status as a professional who must be able to convince other professionals that he is worthy of that title, while at the same time not producing a text the runs counter to his ideology.*” (LEFEVERE, 1992b, p. 45).

descrição do momento conflituoso vivido por seu personagem minutos antes de alterar o texto:

Está como fascinado, lê, relê, torna a ler a mesma linha, esta que de cada vez redondamente afirma que os cruzados auxiliarão os portugueses a tomar Lisboa. [...] A tensão chegou a pontos que Raimundo Silva, de repente, não pôde aguentar mais, levantou-se, empurrando a cadeira para trás, e agora caminha agitado de um lado para o outro no reduzido espaço que as estantes, o sofá e a secretária lhe deixam livre, diz e repete, Que disparate, que disparate [...] (SARAMAGO, 1998, p. 48-49).

Ignorando os conflitos pelos quais podem passar os tradutores e insistindo em acreditar em leituras neutras, grande parte dos editores de texto de qualquer gênero espera, de acordo com Venuti (1995), que as traduções não contenham vestígios culturais ou linguísticos do TF, mas como poderemos observar, por meio dos estudos de caso feitos por Lefevere (1992b), esse apagamento nem sempre se dá de forma eficaz, como é o caso das obras ‘Lisístrata’, de Aristófanes, e ‘O Diário de Anne Frank’, de Anne Frank, como será abordado a seguir.

## **2.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE ALGUNS TEXTOS TRADUZIDOS PROPOSTOS POR LEFEVERE**

As análises aqui apresentadas buscam ilustrar como as influências ideológicas e poetológicas são atribuídas, pelo próprio Lefevere, aos tradutores, ignorando assim a existência de outros reescritores envolvidos no processo de publicação de TTs. No que se refere à ‘Lisístrata’, serão também discutidas duas primeiras edições da tradução da obra para o português feita por Millôr Fernandes. O intuito é então exemplificar as interferências do preparador/revisor em obras já publicadas. As considerações de Lefevere sobre a tradução de ‘O Diário de Anne Frank’ para o alemão foram importantes para demonstrar que, mesmo em se tratando de uma obra reescrita por várias pessoas, todas as questões ideológicas e poetológicas são atribuídas à tradutora Anneliese Schütz.

### 2.2.1 Lisístrata – influências ideológicas e poetológicas

Lefevere (1992b), ao discutir sobre três exemplos de traduções da peça ‘Lisístrata’, de Aristófanes, tece alguns comentários: a) as reescritas de Gilbert Seldes incluem vários trechos que não estão no TF; b) a tradução de C.A Wheelwright se recusou a traduzir alguns trechos da Lisístrata por não concordar com a ideologia de Aristófanes; c) a tradução de Lawrence Housman omitiu as frases do TF em que aparece o termo “*penis coriaceus*” (LEFEVERE, 1992b, p. 42-43). Lefevere (1992b) atribuiu todas essas modificações aos tradutores sem mencionar o TF e o idioma que deu origem à tradução, nem a edição dos originais e das traduções. Essas informações são importantes porque, como será discutido a seguir, as reedições de traduções podem conter uma série de alterações do TT. A falta dessas informações ainda persiste nos dias atuais, pois não há uma regulamentação a esse respeito, e cada editora decide se vai ou não incluir esses dados em suas publicações.

Para concluir, incluem-se aqui também uma breve análise de duas edições da tradução da ‘Lisístrata’ feitas por Millôr Fernandes, que, curiosamente, são duas primeiras edições. Uma foi publicada pela Abril S.A em 1977 e, segundo consta na capa, é uma tradução e adaptação. Ela não inclui o nome do preparador/revisor, apenas o do editor, Victor Civita, que talvez tenha sido também o responsável pela preparação/revisão. É uma edição de capa dura, que possui uma longa introdução de onze páginas explicando o contexto sociocultural da época em que a peça foi escrita, e que contém várias fotos da encenação da peça e de Aristófanes. Além disso, há uma nota introdutória do próprio Aristófanes (1977), datada de 1968, na qual ele explica a peça e o seu conteúdo de cunho sexual.

Ademais, a outra primeira edição, intitulada ‘A Greve do Sexo – Lisístrata’, foi publicada pela L&PM em 2003 e pode também ser encontrada na internet<sup>82</sup>. Ela não contém o nome do preparador/revisor nem a numeração de páginas, mas traz uma apresentação feita por Ana Mariza Filipouski, que consta também como organizadora da obra.

Comparando-se brevemente as duas primeiras edições, é possível observar que nas primeiras linhas da L&PM, a provável interferência de um preparador/revisor. Nas três primeiras páginas, por exemplo, foram observadas 15 modificações, entre elas omissões, normalizações, trocas de palavras e acréscimo de um erro de português. Não foi possível

---

82

Disponível em: <<http://www.ckgivan.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/2/400/330/arquivos/File/Arstofanes.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

apurar se essas modificações foram feitas com base no TF em grego ou se se tratou apenas de um procedimento para adequar a poética/estilo da linguagem ao público da época ou, ainda, se elas correspondem ao estilo do preparador/revisor, como pode ser visto na substituição equivocada da caixa alta na palavra “Academia” por “academia”, na seguinte frase: “Uma tem que ir ao mercado, outra leva o filho à academia”.

Além disso, há nas duas edições aspectos intrigantes em relação à lista de personagens que não foi possível entender. Consta na lista de personagens da edição de 1977, por exemplo, o nome de Prostíbulos que não aparece na história. Na edição de 2001, o nome desse personagem foi trocado para Filostratos, mas ele também não aparece na história. A partir daí pode-se questionar: trata-se de um erro ou de uma omissão intencional em função da fala do personagem ou de seu nome? Tendo o tradutor da obra falecido em 2012, não é possível saber se ele foi consultado ou informado sobre essas modificações, tanto na primeira edição de 1977 quanto na “primeira” de 2001.

### **2.2.2 O Diário de Anne Frank – o tradutor em evidência**

A primeira versão do diário foi escrita entre 1942 e 1943. Enquanto os registros do ano de 1942 estão quase completos, os de 1943 foram quase todos perdidos. A segunda versão foi feita pela própria Anne Frank em 1944, em função de um pedido do ministro Bolkenstein para que qualquer registro escrito durante a guerra fosse guardado. Ela reescreveu o diário em forma de novela, em folhas soltas, acreditando que esses textos poderiam ser publicados após a guerra. Essas duas versões foram entregues, após a guerra, ao pai de Anne, Otto Frank, por duas mulheres que recolheram os escritos de Anne quando a família foi levada de seu esconderijo em Amsterdã. Otto Frank fez uma compilação dos textos denominada então de ‘O Anexo Secreto’, o qual se tornou a terceira versão e onde se encontram combinadas as passagens da primeira e da segunda versão.

Com bases nesses fatos, a questão central em relação a essa obra é a visibilidade da tradutora em um texto manipulado por tantas pessoas, como pela própria Anne Frank, que fez várias modificações, podendo assim ser considerada como a primeira preparadora/revisora de seu texto (LEFEVERE, 1992b). Depois, Otto Frank, pai de Anne, fez a sua versão datilografada do diário. Em seguida, a editora holandesa Contact concordou em publicar a

obra desde que “mudanças fossem feitas”<sup>83</sup> (LEFEVERE, 1992b, p. 61), tendo essa versão sofrido a supressão de 18 trechos. As transformações nos textos originais do diário, encontrado e disponibilizado em 1986, comprovam que houve edição do texto, mas “não mostra quem de fato editou o quê além da edição da própria Anne Frank, que cessou quando a família foi presa e levada embora”<sup>84</sup> (LEFEVERE, 1992b, p. 61).

Mesmo diante dos fatos acima mencionados Lefevere (1992b) afirma que não é importante saber quem fez as modificações ou supressões no diário. Segundo o autor, “[é] inútil especular sobre quem modificou o quê, mas é possível, e esclarecedor, elaborar uma topologia das mudanças feitas.”<sup>85</sup> (LEFEVERE, 1992b, p. 61). Apesar de tal afirmação, o pesquisador faz algumas reflexões a respeito da autoria das omissões de algumas partes do texto, como, por exemplo, a supressão de trechos que teria sido feita a pedido da família de Anne Frank e ainda registra o fato de que “[...] os editores decidiram se curvar a uma forma de barreira ideológica”<sup>86</sup> ao aceitarem essa solicitação (LEFEVEREb, 1992, p. 62). Nesse aspecto, consideramos que cada interferência proposta, em qualquer texto, tem uma intenção que está intrinsecamente ligada aos interesses, valores pessoais e competências daquele que o fez e, por esse motivo, é preciso assinalar quem fez o que em uma reescrita, pois “toda reescrita, qualquer que seja a sua intenção, reflete certa ideologia e uma poética e, como tal, manipula a literatura para que ela funcione em uma determinada sociedade de determinada maneira”<sup>87</sup> (LEFEVERE, 1992b, p. 11).

A jornalista Anneliese Schütz traduziu do holandês para o alemão a versão que ainda não havia sido editada pela Contact (LEFEVERE, 1992b). Não foi mencionado pelo autor o grau de fluência da jornalista nas duas línguas, nem que tipo de formação ou experiência ela tinha na área de tradução. As análises sobre a tradução de Anneliese, feitas por Lefevere (1992b), contêm várias críticas. Segundo ele, a tradutora, com o intuito de adequar o livro ao público dos anos 1950, transformou Anne Frank em um estereótipo cultural, limpando seu linguajar, adequando o seu comportamento ao de uma criança de sua idade, reduzindo seu grau de conhecimento e modificando o seu estilo de escrever. A esse respeito o pesquisador afirma que a tradutora, de forma

---

<sup>83</sup> “[...] changes be made.” (LEFEVERE, 1992b, p. 61).

<sup>84</sup> “It does not show who actually edited what over and beyond Anne Frank’s own ‘auto-edits’, which stops when the family was arrested and taken away.” (LEFEVERE, 1992b, p. 61).

<sup>85</sup> “It is pointless to speculate as to who changed what, but it is possible, and enlightening, to draw up a topology of the changes made.” (LEFEVERE, 1992b, p. 61).

<sup>86</sup> “[...] the editors decide to bend to one kind of ideological constraint.” (LEFEVERE, 1992b, p. 62).

<sup>87</sup> “All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in a given way.” (LEFEVERE, 1992b, p. 11).



consciente ou inconsciente [,] transforma Anne Frank no estereótipo cultural de uma jovem menina adolescente ‘comportada’ em um tempo em que ainda não se havia inventado o adolescente; ‘corretamente educada’ condizente com as conveniências de seu *status* social para torná-la presumivelmente mais aceitável ao público dos anos 1950.<sup>88</sup> (LEFEVERE, 1992b, p. 69-70).

Lefevere (1992b) cita uma declaração do próprio pai de Anne Frank, na qual ele critica a qualidade do texto de Anneliese Schütz e diz que a tradutora “[...] era muito velha para fazê-la e muitas expressões são de uma professora ultrapassada e não em um tom jovem”<sup>89</sup> (PAAPE et al.<sup>90</sup>, 1986, p. 84 apud LEFEVERE, 1992b, p. 65), e também uma declaração da própria Anneliese sobre a tradução: “um livro que você quer vender na Alemanha... não deve conter nenhum insulto direto aos alemães”<sup>91</sup> (PAAPE, et al., 1986, p. 86 apud LEFEVERE, 1992b, p. 66).

Em uma obra tão manipulada é improvável que todas as modificações identificadas por Lefevere (1992b) possam ser atribuídas apenas à tradutora. Por isso, seria interessante para as pesquisas sobre TTs saber quem fez as modificações e o porquê delas, pois, como lembra o próprio Lefevere (1992b, p. 72, grifo meu), a “menina Anne Frank que escreveu o diário se transformou na autora Anne Frank porque ela mesma e *outros* sofreram limitações impostas por questões de ideologia, poética e patronagem”<sup>92</sup>. Entre esses “outros”, citados pelo autor, provavelmente estão preparadores/revisores a quem pode ser atribuída uma parte significativa dessas interferências. Embora os nomes dos preparadores/revisores do texto não constem nos elementos pré-textuais da versão alemã de 1947, em que se observa apenas o nome da tradutora Anneliese Schütz impresso no verso da folha de rosto, julgamos importante considerar a possibilidade de interferência de preparadores/revisores contratados pela Contact.

Para ilustrar as influências ideológicas e de patronagem na obra supramencionada, Lefevere (1992b) faz o cotejo entre vários trechos do TF e da tradução de Anneliese, levantando erros de tradução e ainda as diversas omissões e acréscimos de palavras e frases. Todas essas interferências foram atribuídas à tradutora não apenas por Lefevere (1992b),

---

<sup>88</sup> “[...] consciously or unconsciously turns Anne Frank into the cultural stereotype of the ‘proper’ young adolescent girl of a time that had not yet invented the teenager, ‘properly educated’ as befits her social status, presumably to make her more acceptable to a fifties audience.” (LEFEVERE, 1992b, p. 69-70).

<sup>89</sup> “too old to do it, many expressions are schoolmarmish and not in the tone of youth.” (PAAPE et al., 1986, p. 84 apud LEFEVERE, 1992b, p. 65).

<sup>90</sup> PAAPE, Harry et al. (Eds.). *De dagboeken van Anne Frank*. Gravenhage: Staatsuitgeverij/Amsterdam: Bert Bakker, 1986.

<sup>91</sup> “A book you want to sell well in Germany... should not contain any insults directed at Germans.” (PAAPE et al., 1986, p. 84 apud LEFEVERE, 1992b, p. 66).

<sup>92</sup> “The girl Anne Frank writing her diary has become the author Anne Fran because she herself and others were constrained by ideological, poetological, and patronage considerations.” (LEFEVERE, 1992b, p. 72).

como pode ser constatado em Prose (2010) e Bloom (2010). Diante do conturbado processo de edição da primeira versão do diário de 1947, no qual o texto passa primeiro pela preparação/revisão da própria Anne Frank, depois pela preparação/revisão de seu pai, Otto Frank, e finalmente pela preparação/revisão da editora Contact, muitos aspectos ainda não foram esclarecidos quanto ao processo de edição da obra traduzida. Não se sabe, por exemplo, qual a política editorial nem o público-alvo visado pela editora. Além disso, não há informações acerca da atuação de preparadores/revisores nem da sua formação acadêmica, nem tampouco se a tradutora teria tido acesso ao texto editado antes de sua publicação e teria concordado com as alterações.

Por fim, vale-se ressaltar que, embora o foco de Lefevere esteja nas modificações feitas no diário e não em quem as fez, ele incluiu no texto o nome, o sobrenome, a profissão e o caráter da relação que a tradutora Anneliese Schütz tinha com Otto Frank, além de críticas tecidas por Otto sobre a sua tradução. O autor que, sem citar a fonte de sua informação, afirma que “Anneliese Schütz utiliza-se da omissão para aumentar vantagens políticas e econômicas”<sup>93</sup> (LEVEFERE, 1992b, p. 68), mas não dá nenhuma informação sobre o currículo daqueles que editaram o texto de Anneliese Schütz.

Como visto neste capítulo, as modificações constatadas em TTs, supostamente influenciadas pela poética e/ou ideologia, não podem ser cegamente atribuídas apenas ao tradutor, como foi o caso nas análises que Lefevere (1992b) fez da tradução de Anneliese Schütz. Muitas alterações importantes foram realizadas nos TTs na etapa de edição, alterações essas que podem transformá-las em reescritas, como será discutido no capítulo seguinte.

---

<sup>93</sup> “Anneliese Schütz uses omission to further political (and economic) advantage.” (LEVEFERE, 1992b, p. 68).

## **CAPÍTULO 3**

### **OS UNIVERSAIS DA TRADUÇÃO: METODOLOGIA E ANÁLISE**

Neste capítulo, faz-se a avaliação da atuação de preparadores/revisores no que diz respeito aos TTs, para verificar se as intervenções realizadas durante o processo de preparação/revisão podem se tornar em reescrita da tradução e quais as implicações dessas intervenções ou omissões para o texto final.

Para efetivar esta pesquisa, buscou-se, na área acadêmica, uma forma de pesquisar não apenas como preparadores/revisores interferem no TT, mas também avaliar se as suas interferências equivalem às dos tradutores no TF. Assim, considerou-se a hipótese dos universais da tradução, proposta por Mona Baker, como a ferramenta adequada para fazê-lo, por se tratar de um instrumento desenvolvido para agrupar, em categorias específicas, as formas de intervenção que os tradutores, por escolha ou por imposição cultural e linguística etc., realizam durante o processo de tradução. Esse mecanismo tornou possível fazer uma analogia entre as características das interferências desses dois profissionais e produzir uma análise qualitativa das omissões e alterações desejadas ou não desejadas efetuadas durante o processo de preparação/revisão. Uma vez identificadas as características das intervenções, foram feitas análises das possíveis influências de aspectos culturais, ideológicos, patronais ou da poética sobre a ação desses profissionais.

#### **3.1 A DESCRIÇÃO DA HIPÓTESE DOS UNIVERSAIS DA TRADUÇÃO DE MONA BAKER**

O fato de as atenções dos estudos da tradução terem deixado, gradativamente, o TF para se voltarem ao texto-meta (TM) foi uma das razões pelas quais teóricos, como Baker (1993), se dispuseram a estudar o processo tradutório em si. Essa mudança de foco se deu primeiro por meio da constatação de que, para tipos diferentes de texto, deveriam ser usadas estratégias também diferentes de tradução e, posteriormente, chegou-se à conclusão que a

função da tradução poderia ser diferente da função do TF, necessitando, assim, de adaptações (BAKER, 1996). Segundo a pesquisadora, os TTs possuem características próprias que não podem ser descritas como resultado da interposição de sistemas linguísticos e, se não fosse por entraves pedagógicos e teóricos, poderia ter-se pensado, mais cedo, no desenvolvimento até de uma tipologia de TT, para então ser possível discutir a “tradução em si como um fenômeno textual”<sup>94</sup> (BAKER, 1993, p. 176).

Assim, Baker (1996) propôs a hipótese dos universais da tradução, por meio da adoção de quatro características que influem intensamente os procedimentos de tradução: a explicitação, a simplificação, a normalização e a estabilização. Essas características não foram propostas por um único teórico de forma simultânea e não são estanques. O conceito de explicitação, por exemplo, foi proposto por Vinay e Darbelnet (1958) e reformulado por outros teóricos, como Blum-Kulka (1986) e Séguinot (1988), ao longo dos anos. Essas características são adotadas por muitos estudiosos para se referirem às ações do tradutor, como o fez André Lefevere: “Ele também usa a estratégia de explicitação em sua versão das duas últimas linhas, oferecendo ao leitor o que está no original e a sua própria interpretação daquele original”<sup>95</sup> (LEFEVERE, 1992b, p. 104).

A ‘simplificação’ é a maneira como o tradutor, de forma consciente ou inconsciente, simplifica a mensagem, a língua ou ambos (BAKER, 1996). A autora define a simplificação como uma ‘tendência’ a usar vocabulário mais simples, mais ‘pobre’. Ao fazer uso da simplificação, o tradutor objetiva tornar o texto mais acessível ao leitor, escolhendo o sentido que quer dar à tradução e tentando evitar o duplo sentido, por exemplo. Outro aspecto de simplificação é a pontuação, que é sempre modificada para simplificar e esclarecer as ideias do texto. Segundo May (1996), “em traduções impressas o uso elucidativo da pontuação é mais importante do que aqueles interpretativos ou criativos”<sup>96</sup> (MAY, 1997, p. 17 apud BAKER, 1996, p. 183). Além disso, outras formas de observas a simplificação são descritas por Baker (1996) pela densidade lexical e a relação de tipo de símbolo. Para a pesquisadora,

a densidade lexical está relacionada à proporção léxica como oposição às palavras gramaticais em um *corpus*: o uso de mais gramática e de poucas palavras lexicais

---

<sup>94</sup> “*Translation itself as a textual phenomenon.*” (BAKER, 1993, p. 176).

<sup>95</sup> “*He also uses the strategy of explicitation in his rendering of the last two lines, offering the reader both what is there in the original and his own interpretation of that original*” (LEFEVERE, 1992b, p. 104).

<sup>96</sup> “[...] *in published translations the clarifying uses of punctuation outweigh its interpretative or creative ones.*” (MAY, 1997, p. 17 apud BAKER, 1996, p. 183).

é uma forma de incorporar mais redundância e facilitar o processamento de um texto<sup>97</sup>. (BAKER, 1996, p. 183).

Um exemplo da simplificação é a tradução de Renato Marques de Oliveira (2015, p. 20) para uma frase do livro ‘O filho do Terrorista’, como visto abaixo:

- Texto-fonte: *Reporters are shouting questions.* (ZAK, 2014, p. 16)
- Tradução: Aos berros, repórteres fazem perguntas. (MARQUES, 2015, p. 20)

O outro conceito é o de ‘explicitação’, procedimento este realizada por meio de acréscimos de informações contextuais, culturais ou históricas, buscando-se esclarecer a mensagem. A explicitação nos TTs “implica que há uma tendência geral para tornar as coisas mais claras ao invés de deixá-las implícitas na tradução”<sup>98</sup> (BAKER, 1996, p. 180). Baker (1996) afirma que isso pode ter influenciado na crença compartilhada por muitas pessoas que, mesmo sem “realizar nenhuma pesquisa empírica”<sup>99</sup> (BAKER, 1996, p. 180), sugeriam que os TTs são sempre maiores que os originais em qualquer língua. Além disso, a explicitação também pode ocorrer na sintaxe e no léxico (BAKER, 1996). Outras pesquisas também observam o uso da explicitação como uma forma de o tradutor auxiliar o telespectador na compreensão de obras audiovisuais, como observado no estudo de Silva e Oliveira Harden (2017). Alguns exemplos de explicitação podem ser verificados num pequeno trecho de Renato Marques de Oliveira a seguir:

- *He insisted they accompany him because as a devout Muslim, he couldn't risk being alone in a car with a woman who was not his wife [...]* (ZAK, 2014, p. 4).
- Ele insistiu que a sua família o acompanhasse porque, como muçulmano devoto, não poderia correr o risco de **se ver sozinho** num carro com uma mulher **com quem não era casado**. (MARQUES, 2015, p. 15, grifo meu).

---

<sup>97</sup> “Lexical density relates to the proportion of lexical as opposed to grammatical words in a corpus: using more grammatical and fewer lexical words is a way of building in more redundancy and making a text easier to process.” (BAKER, 1996, p. 183).

<sup>98</sup> “[...] to mean that there is an overall tendency to spell things out rather than leave them implicit in translation.” (BAKER, 1996, p. 180).

<sup>99</sup> “[...] carrying out any empirical research [...].” (BAKER, 1996, p. 180).

A ‘normalização’ ou ‘conservadorismo’ é o processo pelo qual o tradutor busca seguir os padrões gramaticais e estruturais da LM. É possível que essa tendência seja influenciada pelo *status* do texto e da língua fonte, ou seja, quanto maior o *status* do texto e da língua fonte, menor a propensão à normalização. Em outras palavras, quanto mais canônico o texto é, mais estrangeirizado, em termos de uso da norma, ele é. A normalização pode ser mais observada no uso das “estruturas gramaticais típicas, na pontuação e nos padrões colocacionais ou clichês”<sup>100</sup> (BAKER, 1996, p. 184). As expressões criativas e idiossincráticas peculiares à cultura do TF são apagadas e trocadas por estruturas semânticas mais conhecidas dos leitores, tornando-se assim uma espécie de simplificação. Baker (1996) cita, como exemplo de normalização, a tradução de uma expressão, do livro *Faukner’s Sanctuary*, do inglês para o hebraico, feita por Bem-Sharar (1994):

- a) Original em inglês  
*He couldn’t hardly walk, even* (BAKER, 1996 p. 184) - (Ele não mal podia andar, equilibrado)
- b) Tradução para o hebraico  
*He could hardly stand on his fit* (BAKER, 1996 p. 184) - (Ele mal podia ficar ficar sobre seus pés)

O último ‘universal’ da tradução é a ‘estabilização’, cujo foco recai na investigação da similaridade linguística entre os TTs. Baker (1992) afirma que a investigação não está voltada nem para o TF nem para o TM, e que, por meio dessa característica, é possível observar que os TTs possuem maior similaridades entre si do que os TFs. A obtenção dos dados para a análise dessa característica é feita por meio da comparação de *corpora* extensos do TF com *corpora* também extensos de traduções. Em função de a observação desse tipo de característica estar voltada apenas para a tradução em si e não ser o objetivo desta pesquisa, ela não será utilizada.

### 3.2 A METODOLOGIA DE PESQUISA E OS CRITÉRIOS

Segundo Lara e Molina (2011), não há um conceito único de pesquisa qualitativa, pois os vários autores que já abordaram o tema ao longo dos anos, desenvolveram, em maior ou

---

<sup>100</sup> “[...] typical grammatical structures, punctuation and collocational patterns or clichés.” (BAKER, 1996, p. 184).

menor grau, conceitos distintos. Para Minayo, por exemplo, a pesquisa qualitativa “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2003, p. 22). Esta pesquisa, por suas características subjetivas, enquadra-se no tipo de pesquisa qualitativa descrita por Minayo, pois o seu intuito é fazer uma análise dos processos de preparação/revisão, em um nível de detalhe e sob perspectivas que tornam impossíveis o uso de qualquer outro instrumento que não a mente humana. Por meio da observação e da análise das particularidades das ações de tradutores e preparadores/revisores, foi feita uma tentativa de avaliar em que medida os elementos do modelo de reescrita, propostos por Lefevere (1992b), influenciam esses profissionais a ponto de eles transformarem os textos em uma reescrita.

As pesquisas qualitativas podem ser de caráter documental. Neste caso, o significado da palavra documento engloba qualquer material escrito como, por exemplo, “jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas [...]” (GODOY, 1995, p. 20-22). Visto que o foco dessa investigação está voltado para material escrito produzido por tradutores e preparadores/revisores, considerou-se que a pesquisa qualitativa documental é a mais compatível para a consecução de seus propósitos. Segundo GODOY (1995), a pesquisa documental, em que o investigador lida com informações que não se modificam ao longo do tempo, podem fornecer dados contextuais, históricos e econômicos.

Nesse tipo de pesquisa, existem dois pontos vulneráveis. O primeiro é o fato de não serem fornecidas informações sobre a comunicação não verbal que, em determinados contextos, são muito importantes para se analisar algumas mensagens; e o segundo é a “complexidade da codificação das informações nelas contidas [...]” (GODOY, 1995, p. 24-25). Entretanto, essas dificuldades são inerentes a qualquer atividade que envolva a leitura e a interpretação de textos, pois “mesmo o texto mais denso e a exegese mais lúcida nunca são completos. Sempre haverá lacunas, espaço para diferente interpretação e variável recepção” (GENTZLER, 2009).

Os procedimentos para a pesquisa documental têm início com a escolha dos documentos a serem investigados de acordo com o objetivo da pesquisa, que, na presente dissertação é a busca da constatação de que o preparador/revisor pode transformar a tradução em reescrita. Assim, os *corpora* foram gerados objetivando a observação das características das intervenções de tradutores e preparadores/revisores na execução de seu trabalho. Por fim, é necessário se estabelecer uma metodologia de trabalho tendo como base as hipóteses e os

referenciais teóricos (GODOY, 1995). Essa metodologia poderá se valer de técnicas qualitativas e quantitativas para condensar os dados para que o pesquisador possa melhor analisá-los.

### 3.2.1 Critérios para a formação dos *corpora*

Para examinar se a preparação/revisão é uma reescrita da tradução, foram utilizados dois *corpora* diferentes. O primeiro *corpus* foi utilizado para que se pudesse analisar, detalhadamente, o maior número possível de distintas preparações/revisões para um mesmo texto. Por isso, foi selecionada uma amostra curta, (uma página e meia do livro ‘O Filho do Terrorista’) para poder avaliar, proporcionalmente, a qualidade e a quantidade dessas intervenções. No *corpus 2*, optou-se por um texto mais longo (10 primeiras páginas do livro ‘*A good Man is Hard to Find*’) com o objetivo de avaliar a qualidade de três traduções de um mesmo texto e identificar as alterações ou omissões que possam ser atribuídas a preparadores/revisores.

Alguns critérios foram adotados para a formulação de cada *corpus*, segundo os objetivos do uso de cada um. Assim, o texto que geraria o *corpus 1* deveria:

- ser uma tradução relativamente atual;
- ser uma tradução do em inglês para o português;
- conter elementos linguísticos e culturais importantes;
- possuir linguagem informal;
- possuir o nome do preparador e do revisor nos elementos prétextuais da obra.

Por sua vez, o *corpus 2* obedeceu aos seguintes critérios:

- ser uma tradução do em inglês para o português;
- possuir linguagem informal;
- possuir pelo menos uma tradução para o português de Portugal e
- possuir elementos culturais marcantes.



Os dados da pesquisa foram coletados da seguinte forma: No *Corpus 1* o TF em inglês foi alinhado com a tradução em português em uma tabela (Anexo A). Esses textos alinhados foram divididos em 27 trechos. A tradução e cada um dos 10 textos preparados/revisados (para resguardar o nome de preparadores/revisores criamos uma tabela de nomes fictícios) foram analisados individualmente tendo como objetivo a identificação de explicitações, normalizações e simplificações. Além disso, buscou-se também identificar as alterações desejadas de português e/ou de tradução e as omissões dessas alterações. No *Corpus 2* o texto-fonte e as três traduções foram alinhados em uma tabela (Apêndice B) dividindo-os em 78 Trechos e foi feita a identificação das explicitações, normalizações e simplificações buscando traçar um paralelo das características de intervenção encontradas no *Corpus 1*. Em seguida, foi feita a contagem e análise de todas as intervenções conforme exposto nas próximas páginas. Abaixo se encontram amostras nos Quadros 1 e 2 utilizadas para fazer o levantamento e a contabilidade dos dados.

Quadro 3.1 – Explicitações, normalizações, simplificações, alterações não desejadas e alterações desnecessárias – Zak Ebrahim

Texto-fonte	Tradução <sup>101</sup>	Explicitação	Simplificação	Normalização	Alteração não desejada ou desnecessária
<p><b>Trecho 1</b></p> <p>My mother shakes me awake in my bed: “There’s been an accident,” she says.</p>	<p><b>Trecho 1</b></p> <p>Aminha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama.</p> <p>– A aconteceu um acidente – ela diz.</p>	<p>1-Incluiu “De repente” antes de “A minha mãe”.</p> <p>2-Acrescentou “dizendo:” depois de “minha cama” e exclui “ela diz”.</p> <p>3-Acrescentou “!” depois de “acidente”.</p>	<p>2-Modificação na estrutura da frase e da pontuação.</p> <p>1-Colocou “chacoalhões” entre vírgulas.</p> <p>1-A minha mãe</p>	<p>1-Excluiu “A” antes de “minha mãe”. (+1) (+1) (+1)</p>	<p>1-Excluiu “minha” antes de “cama”.</p> <p>1-Excluiu “a minha” antes de “cama”.</p>

Fonte: Da autora.

<sup>101</sup> OBS: Na coluna da Tradução as marcas em azul representam o original e as vermelhas as alterações inseridas. Alterações marcadas apenas em azul representam a sua exclusão do texto.

Legenda:

- Adriana
- Gustavo
- Tradutor
- Bernardo
- Rosângela
- (+1) Preparador/revisor que também fez a mesma alteração
- Marcelo
- Carlos
- Simone
- Kátia
- Júlia
- Otto

Quadro 3.2 – Explicitações, normalizações, simplificações, alterações não desejadas e alterações desnecessárias em três traduções de *A Good Man is Hard to Find*, de Flannery O'Connor.

Texto-fonte Flannery O'Connor	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise <sup>102</sup>
<p><b>Trecho 8</b></p> <p>Bailey didn't look up from his reading so she wheeled around then and faced the children's mother, a young woman in slacks, whose face was as broad and innocent as a cabbage and was tied around with a green headkerchief that had two points on the top like rabbit's ears.</p>	<p>Bailey não ergueu os olhos de sua leitura. Então ela deu a volta e se pôs na frente da mãe das crianças, uma mulher jovem, de calças compridas de aparência barata, e cujo rosto largo e inocente parecia um repolho amarrado por um lenço verde, com duas pontas que faziam lembrar as orelhas de um coelho.</p>	<p>Bailey não olhou para cima, não parou de ler o que lia, e ela então deu uma volta. Foi ficar cara a cara com a mãe das crianças, mulher nova, numa calça folgada, cujo rosto era tão largo e inocente quanto um repolho, estando envolto num lenço verde de cabeça amarrado com duas pontas no alto, como as orelhas de um coelho.</p>	<p>Bailey não levantou a cabeça da secção desportiva e por isso a avó olhou em volta e encarou a mãe das crianças, uma mulher jovem de calças elegantes, cuja face era tão larga e inocente como uma couve, rodeada por um lenço verde com as duas pontas atadas no alto da cabeça, como as orelhas de um coelho.</p>	<p>Slacks: calças compridas de aparência barata/ calça folgada/ calças elegantes</p> <p>N E S E N E E E</p> <p>Alteração não deseja de tradução</p>

Fonte: Da autora.

**Legenda:**

**E** Explicitação; **N** Normalização e **S** Simplificação

<sup>102</sup> OBS: Na coluna da Análise as cores determinam o autor da ação de acordo com a cor atribuída ao seu nome no topo da tabela. No corpo do texto encontra-se também com as cores do autor, o trecho, a palavra ou os sinais de pontuação.

### 3.2.2 A metodologia empregada para as análises das preparações/revisões – *Corpus 1*

Foram utilizadas as quatro primeiras páginas do livro ‘O Filho do Terrorista – A história de uma escolha’, de Zak Ebrahim (2015), traduzido por Renato Marques de Oliveira, para investigar as características das intervenções de preparadores/revisores – de acordo com a hipótese dos universais da tradução – no processo de preparação/revisão. Trata-se de uma tradução atual do inglês para o português que foi escolhida por abordar, mediante o uso de linguagem informal, um tema e conter elementos linguísticos e culturais importantes da cultura árabe como, por exemplo, o uso da palavra *Shahada*, que é um ritual da religião muçulmana. Além disso, o TT foi preparado e revisado, conforme consta nos elementos pré-textuais da obra.

Como a intenção era também avaliar a reação dos preparadores/revisores em relação a outros aspectos como, por exemplo, erros de digitação e alterações não desejadas na tradução, foram inseridos alguns desvios na tradução de Renato Marques de Oliveira, que se encontram devidamente destacados nas tabelas utilizadas para fazer o levantamento dos dados.

Foi enviado, via e-mail, o texto com 801 palavras e 3.559 caracteres em português; juntamente com o seu original em inglês para 30 sites da internet que ofereciam serviços de preparação e/ou revisão de textos. Desses, apenas oito se interessaram pelo trabalho e outros dois preparadores foram indicados por conhecidos e contatados também por e-mail. Esse e-mail continha, além da tradução em português e do TF, a seguinte redação:

Olá, sou aluna de mestrado da Universidade de Brasília e preciso que seja feita a preparação/revisão do português do texto em anexo. Trata-se de uma tradução de apenas uma página e meia. Gostaria também, se possível, que o preparador/revisor respondesse 7 perguntas sobre o seu perfil profissional. Qual o valor da preparação/revisão? Vocês possuem conta no Banco do Brasil Obrigada!!!

O pagamento pelos serviços foi feito de acordo com as instruções dadas pelo contratado. Depois que o orçamento era informado, era dada a autorização para a realização da preparação/revisão. Todos os orçamentos e prazos estipulados, por todos os profissionais, foram por aceitos sem nenhuma ressalva.

O tradutor da obra, Renato Marques de Oliveira, de acordo com informações coletadas no currículo Lattes em outubro de 2017, possui graduação em letras e linguística, mestrado em história e Teoria literária e doutorado em literatura. É professor de literatura, língua

inglesa e tradução; e trabalha como tradutor para diversas editoras. Algumas de suas obras são o ‘Diário de uma Paixão’ (2010) e ‘História da sexualidade’ (2010).

O grupo dos preparadores/revisores apresenta as seguintes características:

- Sete possuem graduação em letras; um em jornalismo; um em comunicação social e um em relações internacionais. Um possui mestrado na área de linguística
- Dois têm 25 e 30 anos de profissão; dois têm 15 e 16 anos; dois têm 10 anos e os restante varia entre dois a cinco anos.
- Dois disseram nunca ter trabalhado com editoras; dois são funcionários do quadro da editora.
- Seis atuam como preparadores e revisores e quatro apenas como revisores.
- A metade fez curso específico para atuar como preparador/revisor.
- Apenas dois têm a profissão como atividade paralela.

As características das alterações foram assim agrupadas nas análise dos gráficos:

- Número total de explicitações, normalizações e simplificações incluindo as intervenções do tradutor;
- Número total de explicitações, normalizações e simplificações excluindo as intervenções do tradutor;
- Número total individual de explicitações de preparadores/revisores e do tradutor;
- Número total individual de normalizações de preparadores/revisores e do tradutor;
- Número total individual de simplificações de preparadores/revisores e do tradutor;
- Número total de explicitação;
- Número total de explicitações, normalizações e simplificações individual para cada preparador/revisor e para o tradutor;
- Explicitações, normalizações e simplificações de preparadores/revisores e do tradutor que modificaram a mensagem;

- Explicitações, normalizações e simplificações de preparadores/revisores e do tradutor que resultaram em alterações desnecessárias;
- Explicitações, normalizações e simplificações de preparadores/revisores e do tradutor que resultaram na troca de linguagem informal por linguagem formal.

Finalmente, foi feita uma análise detalhada de cada intervenção, levando-se em conta fatores culturais e linguísticos, procurando-se assinalar as suas consequências para a tradução.

Nesta pesquisa, optou-se, por princípios éticos, pela adoção de pseudônimos para os preparadores/revisores, com o objetivo de evitar que a exposição de seu trabalho nas análises possa desencadear qualquer risco para a carreira ou vida pessoal de qualquer um deles<sup>103</sup>.

### 3.2.3 Metodologia empregada para a análise das traduções – *Corpus 2*

Foram selecionadas três traduções distintas das 10 primeiras páginas do conto de Flannery O'Connor, *A Good Man is Hard to Find*. As análises desse *corpus* tornará possível observar dois aspectos importantes: as características dos tipos de intervenção de tradutores enquanto reescretores e as soluções encontradas para as barreiras culturais. Os tradutores em questão são Clara Pinto Correia, José Roberto O'Shea e Leonardo Fróes. Esse texto foi escolhido em função de uma das traduções ter sido feita por uma portuguesa e conter elementos culturais e linguísticos diferentes do português praticado no Brasil. Essas diferenças irão nos indicar as barreiras que os preparadores/revisores brasileiros podem encontrar ao trabalhar com um TT para o português de Portugal. As análises do *corpus 2* buscam verificar a qualidade do texto já publicado. Uma comparação entre as três traduções nos permitirá observar até que ponto as explicitações, normalizações e simplificações produzem cenas ou mensagens diferentes entre si, e ainda quais dessas falhas podem ser atribuídas ao preparador/revisor levando em conta os dados e análises na pesquisa com o nosso *corpus* anterior.

Os tradutores em questão são: 'José Roberto O'Shea', que possui formação escolar e acadêmica nos EUA e dedicou parte considerável do seu trabalho à tradução de obras de William Shakespeare para o português do Brasil. Ele se destaca no mundo acadêmico como

---

<sup>103</sup> Sugestão de Augusto Moura Filho (2005).

professor de graduação e pós-graduação, orientador e pesquisador do CNPq na UFSC e também como tradutor tanto de textos literários (de W. Shakespeare, J. Joyce, C. Isherwood, F. O'Connor) quanto de obras importantes da história, teoria e crítica literária (W. H. Auden, T. Cahill e H. Bloom); 'Leonardo Fróes', tradutor, jornalista, naturalista e crítico literário brasileiro. Como jornalista, foi redator do *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Escreveu também para o *Jornal da Tarde*, de São Paulo. Traduziu para o português trabalhos de William Faulkner, Percy By Shelley, Malcolm Lowry, D. H. Lawrence, Jonathan Swift, George Eliot, Virginia Woolf, Rabindranath Tagore, André Maurois, Lawrence Ferlinghetti, Flannery O'Connor e Jean-Marie Gustave Le Clézi e trouxe para o Brasil livros de especialistas como os do ornitólogo Helmut Sick e o mirmecólogo Edward O. Wilson e 'Clara Pinto Correia', que é autora de uma vasta obra, sendo o seu mais conhecido romance *Adeus, princesa*. Ela tem cerca de 50 livros publicados, incluindo ficção, literatura infantil, ensaios, biografia, crônicas, divulgação científica e estudos de História da ciência. O conto de O'Connor é sua única tradução.

O texto-fonte, em inglês, foi alinhado com as três traduções e divididos em 78 trechos. Cada uma das três traduções foi analisada individualmente para que fosse feita a identificação de explicitações, normalizações e simplificações. Além disso, buscamos também identificar as alterações desejadas de português e/ou de tradução e as omissões dessas alterações (Quadro 2). Em seguida, foi feita a contagem de todas as intervenções dos três tradutores. Os resultados foram assim classificados:

- Número total de Explicitações, normalizações e simplificações
- Número total de Explicitações
- Número total de Normalizações
- Número total de Simplificações
- Números totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações
- Números totais individuais Números totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações
- Números totais individuais de Números totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações
- Explicitações, normalizações e simplificações que modificaram a mensagem
- Explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações desnecessárias

Por fim, foram realizadas análises detalhadas de cada intervenção e comparadas com as análises realizadas no *corpus* anterior, buscando-se identificar se há coerência entre os tipos de alterações não desejadas atribuídas aos preparadores/revisores ali encontradas.

### **3.3 ANÁLISE DOS DADOS DAS INTERVENÇÕES DE PREPARADORES/REVISORES E DO TRADUTOR NO TEXTO DE ZAK EBRAHIM – (CORPUS 1)<sup>104</sup>**

O enredo da obra é a autobiografia do filho do terrorista El Sayyid Nosair, que assassinou o rabino Meir Kahane em 1990 e foi o mentor do ataque à bomba ao *World Trade Center* em 1993. O livro de Zak Ebhrahim, publicado alguns anos após os atentados de 11 de setembro no EUA, aborda um tema atual e intensamente debatido por muitas nações.

#### **3.3.1 Análise da porcentagem dos totais: explicitações, normalizações e simplificações, incluindo-se as intervenções do tradutor.**

Como se pode observar, os preparadores/revisores, como o tradutor, explicitaram, normalizaram e simplificaram. A normalização é o tipo de interferência mais expressiva seguida pela explicitação e simplificação respectivamente. Na contabilização dos números, sem levar em conta as interferências do tradutor, a porcentagem de normalizações aumenta, a de explicitações diminui e a de simplificações também diminui. Isso nos mostra que as porcentagens de explicitações, normalizações e simplificações realizadas pelo tradutor são significativas quando, proporcionalmente, comparada às dos preparadores/revisores, o que se justifica pelas barreiras estruturais da língua e da cultura, como ocorreu no Trecho 15 ao acrescentar “o seu véu” para explicar a palavra “*hijab*” que não foi traduzida no TO – e que se trata de uma informação cultural. Nota-se que apesar de Preparadora/revisora Júlia ter se preocupado em pesquisar a palavra *hijab* e colocar a sua “tradução” em português, ele – ou por não entender a importância da escolha do tradutor, talvez por questões ideológicas, em

---

<sup>104</sup> Todos os trechos aqui discutidos encontram-se no Apêndice A.

deixar a palavra *hijab* ou em função de suas próprias questões ideológicas – a excluiu de seu texto. Perde-se, portanto, a imagem do tecido longo que as mulheres muçulmanas colocam na cabeça.

Quadro 3.3 – Exemplo de explicitação.

Texto-fonte	Tradução <sup>105</sup>	Texto preparado/revisado
Her face is flushed. She is clutching the phone with her left hand, with her right, nervously adjusting her hijab where it's come loose around her ear.	O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente o seu <i>hijab</i> , <b>o seu véu</b> , no ponto que afrouxou em volta da orelha.	Júlia substituiu <i>hijab</i> por “véu”.

Fonte: Da autora.

Mesmo em menor proporção que a dos preparadores/revisores, a ‘normalização’ também foi uma preocupação do tradutor e foi mais patente na pontuação e na colocação de artigos antes de substantivos comuns, como, por exemplo, “a minha mãe”, para marcar a linguagem oral informal; na inversão de frases como ocorreu no Trecho 19, “*My mother says*”, por “diz minha mãe”; e na troca das aspas por travessões para marcar os diálogos.

Quadro 3.4 – Exemplo de normalização.

Texto-fonte	Tradução <sup>106</sup>	Texto preparado/revisado
Everyone calls him Red because of his hair. Red sounds desperate to reach my father. “He’s not here,” my mother says. She listen for a moment. “okay”, she says, and hangs up.	Todo mundo o chama de <b>V</b> ermelho por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar e falar com <b>o</b> meu pai.  – Ele não está aqui – diz a minha mãe, que por um momento ouve atentamente.  – Tudo bem – ela diz, e desliga.	<b>Rosângela, Simone, Gustavo e Otto</b> retiram a vírgula antes de “e desliga”.  Otto retirou o artigo “a” antes de “minha mãe” que o tradutor tinha inserido.

Fonte: Da autora.

A simplificação se deu por meio de quebra de frases e pela exclusão de palavras ou expressões Trecho 3. A intenção da maioria das simplificações foi tornar o texto mais claro,

<sup>105</sup> OBS: suprimimos as palavras em azul no texto enviado aos preparadores/revisores.

<sup>106</sup> OBS: As palavras na cor azul representam a tradução original e foram excluídas e as palavras na cor vermelha correspondem às modificações que inserimos.



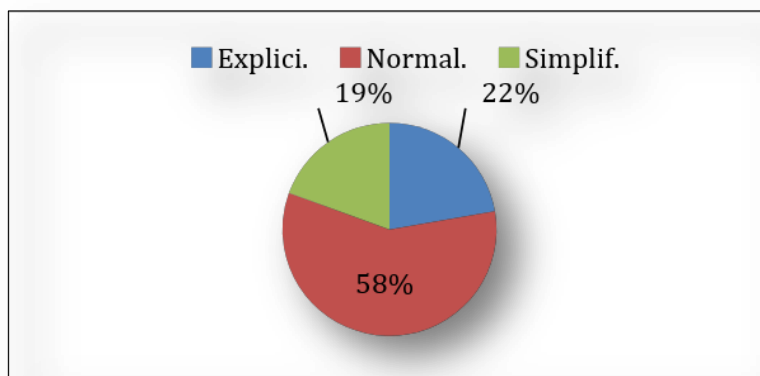
mais fácil de ler. As possíveis motivações para essas intervenções talvez estejam relacionadas às regras com as quais os preparadores/revisores estão acostumados a trabalhar e que lhes são usualmente impostas pela patronagem por meio de seus manuais de editoração.

Quadro 3.5 – Exemplo de simplificação.

Texto-fonte	Tradução <sup>107</sup>	Texto preparado/revisado
<p>I'm accustomed to being roused before dawn, but only by my father, and only to pray on my little rug with the minarets. Never by my mother.</p> <p>It's eleven at night. My father is not home.</p> <p>Lately, he has been staying at the mosque in Jersey City deeper and deeper into the night.</p>	<p>Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho <b>de com os</b> minaretes. Nunca pela minha mãe.</p> <p>São onze da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos ele vem passando cada vez mais horas e horas a fio, noite adentro, na mesquita de Jersey City.</p>	<p><b>Maria e Marcelo</b> excluíram “a fio”; <b>Otto</b> excluiu “e horas”.</p>

Fonte: Da autora.

Gráfico 3.1 – Porcentagem dos totais de Explicitações, Normalizações e Simplificações, incluindo-se as intervenções do tradutor.



Fonte: Da autora.

<sup>107</sup> OBS: as palavras em azul correspondem ao original e foram excluídas e as palavras em vermelho correspondem às alterações inseridas.

### 3.3.2 Análise da porcentagem dos totais: explicitações, normalizações e simplificações, excluindo-se as intervenções do tradutor.

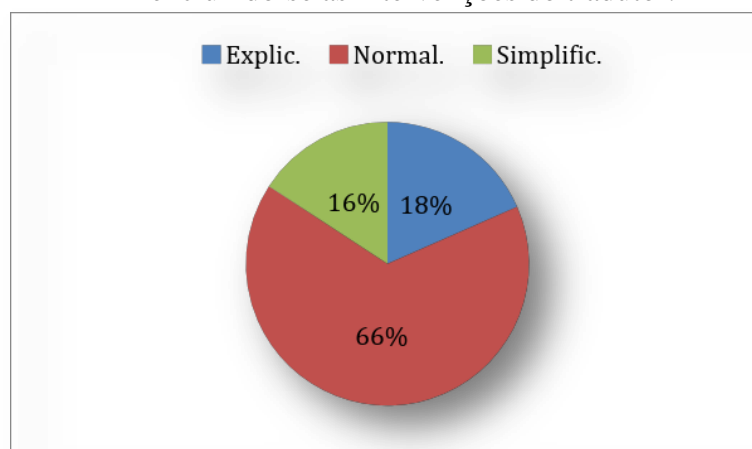
Na análise dos dados referente apenas aos preparadores/revisores (cf. Gráfico 3.2), constatamos que a grande preocupação desses profissionais está voltada para as normas gramaticais e em tornar o texto mais enxuto por meio da exclusão de artigos, de pronomes pessoais e possessivos, e de verbos de ligação. Vale salientar que algumas dessas interferências afetaram a informalidade da mensagem, como ocorreu no Trecho 9. Algumas explicitações implicaram na alteração parcial ou total da mensagem como, por exemplo, as alterações feitas por Carlos. Resulta-se daí que o preparador/revisor pode inserir no texto a sua interpretação do contexto e assim modificar a mensagem. As possíveis motivações para que Maria e Simone fizessem a substituição da linguagem formal pela informal poderiam ser decerto assuntos relacionados à patronagem, por acreditarem que o patrão espera que conheçam a língua culta e saibam empregá-la e, por se tratar de uma tradução, como tantas vezes foi enfatizado por editores, no Capítulo 1, eles devam ser mais ousados.

Quadro 3.6 – Exemplo de mudança de registro formal para informal

Texto-fonte	Tradução	Texto preparado/revisado
<p>“Look in my eyes, Z,” she says, her face so knotted with worry that I hardly recognize her.</p> <p>“You need to get dressed as quick as you can.” “And then you need to put your things onto this sheet, and wrap it up tight. Okay?”</p> <p>“Your sister will help you.” She moves towards the door. “Yulla, Z, yulla. Let’s go.”</p>	<p>– Olhe nos meus olhos, Z – ela diz, com o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço.– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.</p> <p>Ela caminha na direção da porta.</p> <p>– <i>Yulla, Z, yulla. Vamos.</i></p>	<p><b>Maria</b> substituiu “a sua irmã vai ajudar você” por “a sua irmã vai lhe ajudar”</p> <p><b>Simone</b> substituiu “embrulhar e amarrar” por Embrulhá-las e amarra-las”.</p> <p><b>Carlos</b> acrescentou “e chama por <i>Yulla.</i>” depois de” Ela caminha na direção da porta”.</p> <p><b>Carlos</b> acrescentou ponto de exclamação depois de “Vamos.”</p>

Fonte: Da autora.

Gráfico 3.2 – Porcentagem dos totais de Explicitações, Normalizações e Simplificações, excluindo-se as intervenções do tradutor.

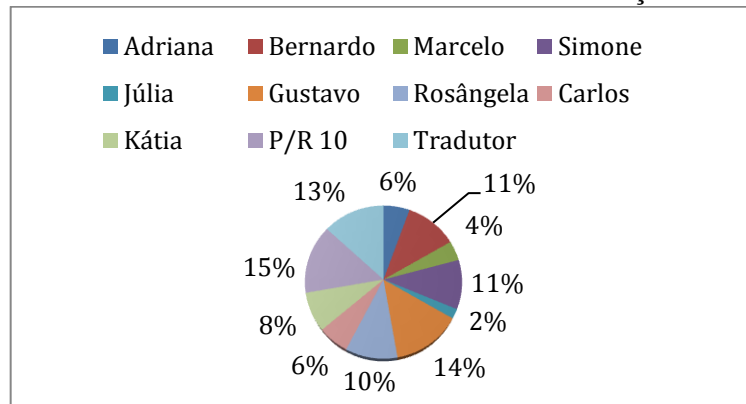


Fonte: Da autora.

### 3.3.3 Porcentagem dos totais individuais: explicitações, normalizações e simplificações.

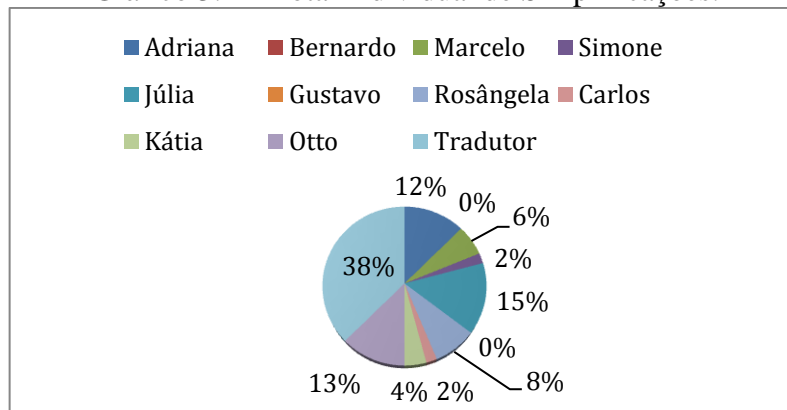
Verificou-se (cf. Gráficos 3.3, 3.4 e 3.5) que os tipos de interferências estão percentualmente assim distribuídos entre preparadores/revisores e tradutores: a normalização é a mais equilibrada, comprovando a preocupação dos profissionais com as regras e as estruturas da LM, provavelmente para atender às expectativas da patronagem. A simplificação obteve baixa porcentagem por parte dos preparadores/revisores e um valor expressivo do tradutor 38%, demonstrando a diferença nas estruturas linguísticas e a necessidade de o tradutor lançar mão desse recurso para deixar a mensagem mais clara para o leitor. Os números referentes à explicitação mostram que, mesmo em porcentagens bem menores que o tradutor, os preparadores/revisores efetuam esse tipo de interferência, chegando três deles a atingir 25%, 26% e 36%, o que sinaliza que o preparador/ revisor também acrescenta informações que não estão no TT, mesmo que a sua intenção seja tornar a mensagem mais clara, como foi o caso do preparador/ revisor que modificou o nome do personagem de Vermelho para Ruivo, possivelmente com o intuito de usar o substantivo que caracteriza os indivíduos que têm o cabelo dessa cor. No entanto, essa informação não está no texto. É possível que o personagem tenha os cabelos pintados em uma tonalidade de vermelho que não esteja de acordo com o adjetivo.

Gráfico 3.3 – Total individual de normalizações.



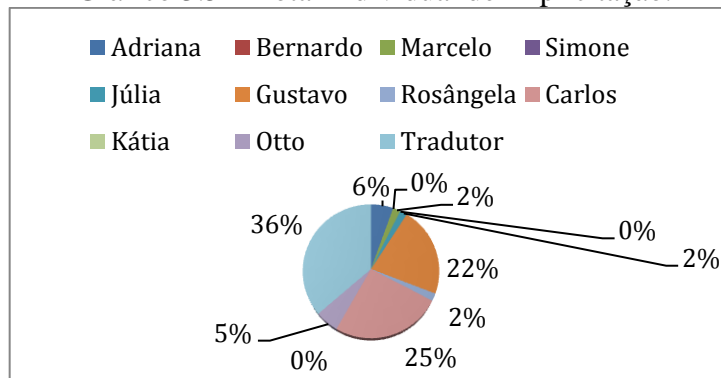
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.4 – Total individual de Simplificações.



Fonte: Da autora.

Gráfico 3.5 – Total individual de Explicitação.



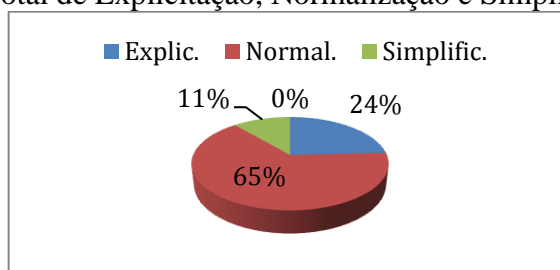
Fonte: Da autora.

### 3.3.4 Análise dos totais: explicitação, normalização e simplificação por preparador/revisor.

A análise das interferências individuais de cada preparador/revisor e do tradutor (cf. Gráficos de 6 a 16) demonstrou que a maioria dos preparadores/reviseurs tem a normalização como sua principal maneira de intervenção. No que se refere às explicitações, verificou-se que não foi uma intervenção muito significativa para a maioria dos preparadores/reviseurs, com exceção de Carlos, para quem este tipo de alteração chegou a atingir 58% do total de suas intervenções. O texto final de Carlos foi o que mais se distanciou da tradução. Ao lê-lo, é possível identificar a reescrita em vários trechos. Algumas de suas explicitações, como, por exemplo, a transformação da palavra “*Yulla*”<sup>108 109</sup> para ‘personagem’, podem ser atribuídas à falta de atenção e/ou de conhecimento da língua árabe, mas o acréscimo da expressão “de repente”, logo na primeira linha da tradução, pode ser interpretado como a necessidade que ele sentiu de colocar no texto a sua interpretação da cena.

A simplificação foi realizada pela maioria dos preparadores/reviseurs, mas teve percentuais baixos, exceto por um profissional, cuja porcentagem foi de 63%. As intervenções do tradutor foram distribuídas de forma equilibrada, demonstrando assim que o processo tradutório é diferente do processo de preparação/revisão no que diz respeito aos tipos de intervenção descritos por Mona Baker nas hipóteses dos universais da tradução, pois, enquanto o tradutor é obrigado a lidar com questões culturais, linguísticas, estruturais etc., o preparador/revisor está mais centrado nas normas e regras da LM.

Gráfico 3.6 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação do Maria

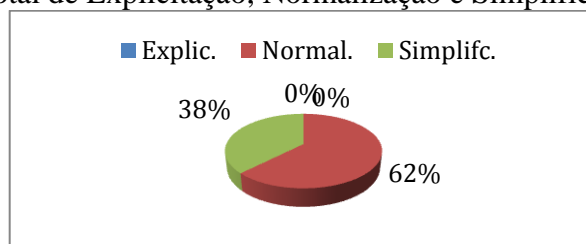


Fonte: Da autora.

<sup>108</sup> O professor de árabe Milson Santos Júnior informou, via *whatsapp*, desconhecer a palavra *Yulla*, e que, de acordo com o contexto, o mais provável é que a palavra em questão seja *Yalla*, que significa em linguagem informal “bóra, vamos”.

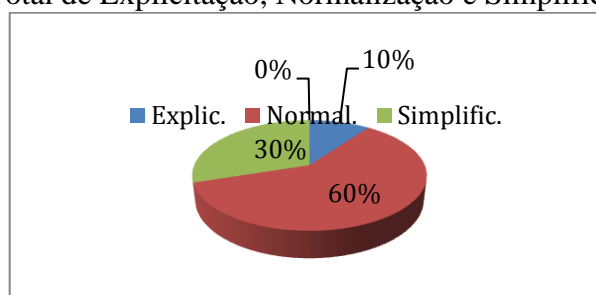
<sup>109</sup> Essa informação foi confirmada no site ‘Yallabr’. Disponível em: <<http://yallabr.tumblr.com/>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

Gráfico 3.7 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação do Bernardo



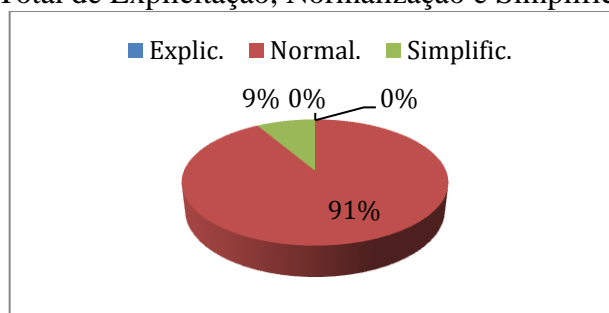
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.8 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Marcelo



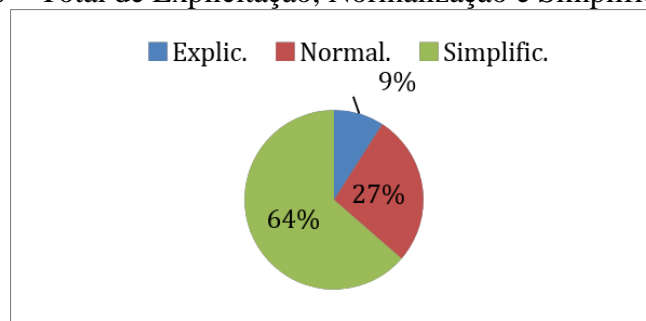
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.9 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Simone



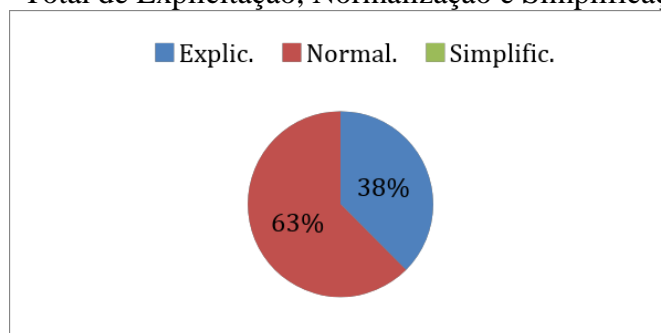
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.10 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Júlia



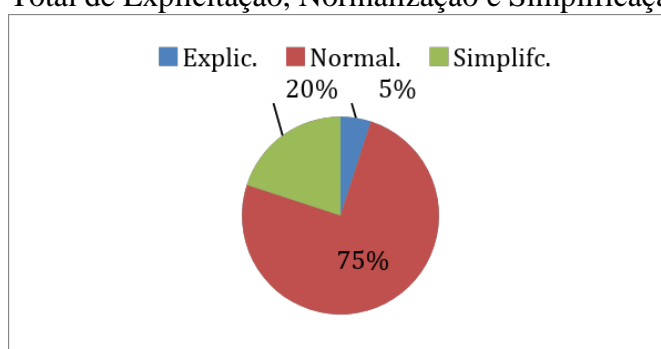
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.11 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Gustavo



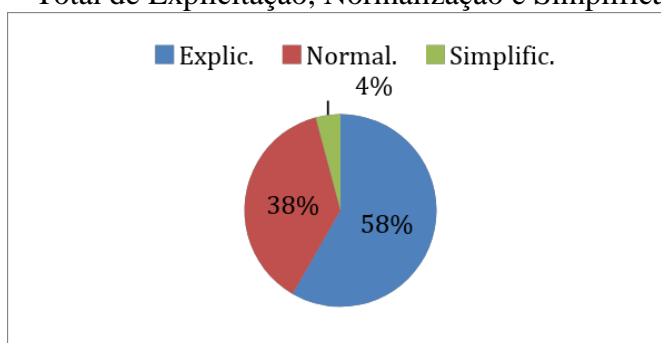
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.12 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Rosângela



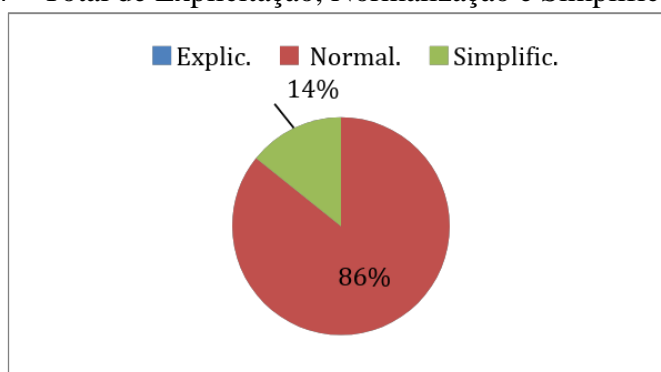
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.13 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Carlos



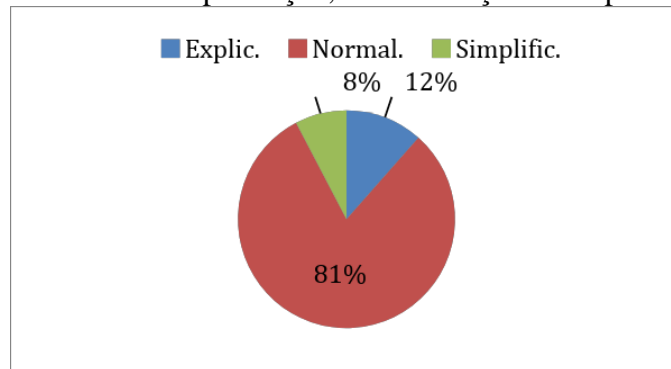
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.14 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Kátia



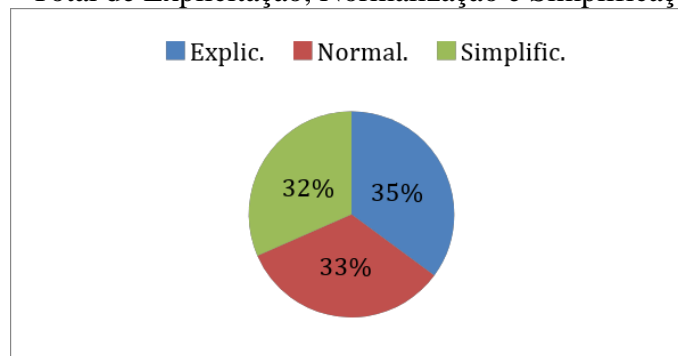
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.15 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação de Otto



Fonte: Da autora.

Gráfico 3.16 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação do Tradutor



Fonte: Da autora.

### 3.3.5 Análise das interferências de preparadores/revisores e do tradutor: explicações, normalizações e simplificações que modificaram a mensagem.

Abaixo, encontram-se as análises detalhadas desse tipo de interferência, trecho a trecho, de acordo com o levantamento feito no quadro do apêndice A. É importante recapitular que as palavras em vermelho representam as alterações inseridas e as azuis representam a tradução original excluídas.



Quadro 3.7 – Exemplos de explicitação, normalização e simplificação que modificaram a mensagem.

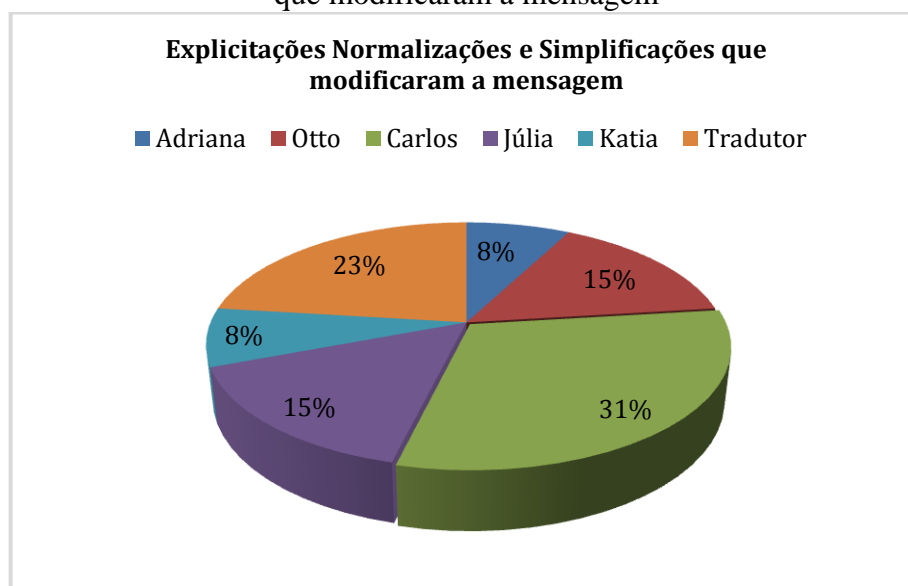
Texto original	Tradução	Texto preparado/revisado
<p>Trecho 1</p> <p>My mother shakes me awake in my bed: “There’s been an accident,” she says.</p>	<p>A minha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama.</p> <p>– A aconteceu um acidente – ela diz.</p>	<p>- <b>Maria e Otto</b> simplificaram e retiraram o pronome possessivo “minha” na expressão “minha cama”. O que deixa a cargo da imaginação do leitor em que cama o personagem dormia.</p> <p>- <b>Carlos</b> ao introduzir a expressão “De repente” antes de “a minha mãe” e pontos de exclamação depois de “aconteceu um acidente!” dá à cena uma ideia de alvoroço e excitação da personagem que não está presente na tradução.</p>
<p><b>Trecho 3</b></p> <p>I’m accustomed to being roused before dawn, but only by my father, and only to pray on my little rug with the minarets. Never by my mother.</p> <p>It’s eleven at night. My father is not home.</p> <p>Lately, he has been staying at the mosque in Jersey City deeper and deeper into the night.</p>	<p>Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho de com os minaretes. Nunca pela minha mãe.</p> <p>São onze da noite. Meu pai não está em casa.</p> <p>Nos últimos tempos ele vem passando cada vez mais horas e horas a fio, noite adentro, na mesquita de Jersey City.</p>	<p>Uma modificação sutil, feita por <b>Carlos</b>, na troca da preposição da expressão “na mesquita” por “em uma mesquita” exclui a ideia de se tratar de uma mesquita específica.</p>
<p>Trecho 7</p> <p>I can’t get the questions out because I’m too scared of the answers.</p>	<p>Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.</p>	<p><b>Júlia e Kátia</b> a alteraram a frase “tenho medo demais das respostas” por “tenho muito medo” o que generalizou o medo do personagem que, na tradução, se restringia às respostas.</p>
<p>Trecho 10</p> <p>“Wait,” I say. It’s the first word I’ve manage to utter since I tumbled out from under my He – Man blanket.</p>	<p>– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de baixo da minha colcha do He-Man man.</p>	<p>A tradução de “tumbled out” por “saí”. A expressão equivale ao verbo “rolar” e não a “sair de”.</p>

cont. Quadro 3.7

Texto original	Tradução	Texto preparado/revisado
<p>Trecho 11</p> <p>“What should I put in the sheet? What... Things?” I’m a good kid. Shy. Obedient. I want to do as my mother says.</p>	<p>– O que devo colocar no lençol? Que... <i>coisas coisa</i>? Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer exatamente o que <i>a</i> minha mãe me pediu.</p>	<p><b>Otto</b> trocou do verbo “devo” por “tenho de” mudou a ideia de uma sugestão para uma obrigação.</p>
<p>Trecho 13</p> <p>Once we’ve packed, my sister, my brother, and I pad down to the living room.</p>	<p>Assim que terminamos de arrumar as nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar.</p>	<p>a <b>Tradução</b> de “<i>we’ve packed</i>” por “arrumar as nossas coisas”, “<i>packed</i>” insere a ideia de embalar, de fazer as malas que não está contida no verbo “arrumar”.</p>
<p>Trecho 15</p> <p>Her face is flushed. She is clutching the phone with her left hand, with her right, nervously adjusting her hijab where it’s come loose around her ear.</p>	<p>O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente o seu <i>hijab</i>, <i>o seu véu</i>, no ponto que afrouxou em volta da orelha.</p>	<p><b>Júlia</b> substituiu “afogueado” por “queimando” o que apagou a ideia de que o rosto está vermelho e que é transmitida pelo adjetivo afogueado.</p>
<p>My mother paces around, checking and rechecking her purse. She has all our birth certificates: proof, if anyone demands it, that she is our mother.</p>	<p>A minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo de novo a sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato a nossa mãe.</p>	<p>a <b>Tradução</b> de “<i>paces around</i>” por “zanzando de um lado para o outro”. A expressão <i>pace around</i> significa “andar em círculos”.</p>
<p>I do not ask where we are going, and no one tells me. We just wait far longer than it should take Ammu to drive from Brooklyn to New Jersey.</p>	<p>Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey.</p>	<p><b>Carlos</b> trocou o ponto final por ponto de exclamação em, “ninguém me diz”, e em “Apenas esperamos”, o que pode ser interpretado como uma indignação do personagem.</p>

Fonte: Da autora.

Gráfico 3.17 – Explicitações, Normalizações e Simplificações que modificaram a mensagem



Fonte: Da autora.

### 3.3.6 Análise das interferências de preparadores/revisores e do tradutor: explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações desnecessárias

O Gráfico 18 nos mostra que esse tipo de alteração foi significativo e, embora não tenha afetado a qualidade do texto, os exemplos abaixo demonstram que interferiram na escolha do tradutor, que deveria ter sido consultado. Essas alterações são aquelas classificadas de acordo com o dito popular “trocam seis por meia dúzia”.

Essas alterações talvez possam ser explicadas pela expectativa que muitos patrões têm em relação ao trabalho do preparador/visor, como podemos constatar na afirmação da editora e preparadoras de textos Carla Bitelli, de não gostar de profissionais que entregam “...um resultado tímido, com pouca mudança...” (BITELLI, 2015, n/p). Ela ainda reitera, afirmando que, “em tradução, especialmente, que você tem um... né? Aquele escrito... traduzido, mas truncado muitas vezes por causa da diferença de estrutura das línguas e... enfim... acho que medroso é a palavra certa, é a palavra que eu gosto de pensar.” (BITELLI, 2015). Assim, talvez na ânsia de agradar ao patrão e mostrar serviço, alguns profissionais acabam por fazer esse tipo de alterações, como exemplificamos abaixo.

Quadro 3.8 Exemplos de explicitação, normalização e simplificação que resultaram em alterações desnecessárias

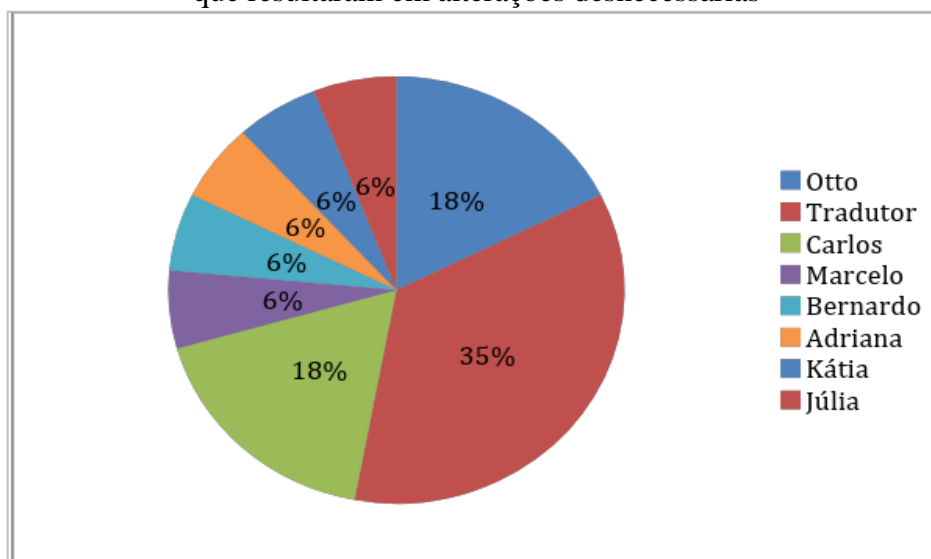
Texto original	Tradução	Texto preparado/revisado
<p><b>Trecho 3</b></p> <p>I'm accustomed to being roused before dawn, but only by my father, and only to pray on my little rug with the minarets.</p>	<p>Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho <b>de com os</b> minaretes.</p>	<p><b>Otto</b> substituiu “somente” por “apenas”.</p>
<p><b>Trecho 5</b></p> <p>Just this morning he tried to teach me, yet again, how to tie my shoes.</p>	<p><b>Nesta Ainda nessa</b> mesma manhã ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar <b>os tênis meus cadarços</b>.</p>	<p>o <b>Tradutor</b> modificou a posição do aposto na frase sem necessidade.</p>
<p><b>Trecho 6</b></p> <p>Has he been in an accident? What kind of accident? Is he hurt? Is he dead?</p>	<p><b>Será que ele Ele</b> se envolveu em um acidente? Que <i>tipo</i> de acidente? <b>Está Estará</b> machucado? <i>Morreu?</i></p>	<p>o <b>Tradutor</b> modificou o tempo verbal de “<i>is he hurt</i>” e “<i>is he dead</i>” por “estará machucado” e “morreu”.</p>
<p><b>Trecho 7</b></p> <p>I can't get the questions out because I'm too scared of the answers.</p>	<p>Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.</p>	<p><b>Carlos</b> substituiu “perguntas” por “questionamentos”.</p>
<p><b>Trecho 9</b></p> <p>“You need to get dressed as quick as you can.” “And then you need to put your things onto this sheet, and wrap it up tight. Okay?”</p>	<p>– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem?</p>	<p>- o <b>Tradutor</b> trocou “ok” por “tudo bem”;</p> <p>- <b>Maria e Marcelo</b> trocaram “tudo bem” por “certo”; <b>Otto</b> trocou “tudo bem” por “entendeu?”.</p>
<p><b>Trecho 12</b></p> <p>She stops to look at me. “Whatever will fit,” she says. “I don't know if we're coming back.” She turns, and she's gone.</p>	<p>Ela se detém e olha para mim.</p> <p>– Tudo que couber – <b>ela</b> diz – Não sei se a gente vai voltar. Gira sobre os calcanhares, e desaparece.</p>	<p>– o <b>Tradutor</b> traduziu “turns” por “gira sobre os calcanhares”; e “she's gone” por “desaparece”.</p>
<p><b>Trecho 15</b></p> <p>Her face is flushed. She is clutching the phone with her left hand, with her right, nervously adjusting her hijab where it's come loose around her ear.</p>	<p>O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente o seu <i>hijab</i>, <b>o seu véu</b>, no ponto que afrouxou em volta da orelha.</p>	<p><b>Otto</b> trocou “nervosamente” por “com nervosismo”.</p> <p><b>Júlia</b> trocou “alguma coisa” por “algo”.</p> <p><b>Kátia</b> trocou “que sabe” por “saber”.</p>

cont. Quadro 3.8

Texto original	Tradução	Texto preparado/revisado
<p><b>Trecho 19</b></p> <p>Red sounds desperate to reach my father.</p>	<p>Vermelho parece desesperado para localizar e falar com o meu pai.</p>	<p>o <b>Tradutor</b> fez um acréscimo desnecessário do verbo “falar” na tradução de “<i>to reach my father</i>”.</p>
<p><b>Trecho 22</b></p> <p>A little later, I wake up on a blanket on the living room floor.</p> <p>Somehow, in the midst of the chaos, I’ve nodded off. Everything we could possibly carry – and more – is piled by the door, threatening to topple at any second.</p>	<p>Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor, no chão da sala de estar.</p> <p>De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo.</p>	<p><b>Bernardo</b> trocou “junto” por “juntamente”.</p> <p><b>Otto</b> trocou “peguei” por “tinha pegado” e “De alguma maneira” por “não sei como”.</p> <p><b>Carlos</b> trocou “maneira” por “modo”.</p>

Fonte: Da autora.

Gráfico 3.18 – Explicitações, Normalizações e Simplificações que resultaram em alterações desnecessárias



Fonte: Da autora.

### 3.3.7 Análise das interferências de preparadores/revisores e tradutor: explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em substituição de linguagem informal por linguagem formal.

A troca de linguagem informal por formal (cf. Gráfico 3.19) talvez tenha ocorrido por parte dos preparadores/revisores que, talvez na tentativa de cumprir o seu papel e moldar o texto de acordo com as regras e normas gramaticais, não tenha se dado conta de que estavam interferindo na informalidade da linguagem. Essa preocupação dos preparadores/revisores com a língua culta deixa transparecer o poder que as normas cultas exercem sobre o sistema literário e, embora essas modificações não tenham alterado o sentido das mensagens, é preciso lembrar que eles têm relação direta com o contexto e a intenção comunicativa.

Quadro 3.9 Exemplos de explicitação, normalização e simplificação que resultaram na substituição da linguagem informal para a formal

Texto original	Tradução	Texto preparado/revisado
<p><b>Trecho 9</b></p> <p>“Look in my eyes, Z,” she says, her face so knotted with worry that I hardly recognize her.</p> <p>“You need to get dressed as quick as you can.” “And then you need to put your things onto this sheet, and wrap it up tight. Okay?”</p> <p>“Your sister will help you.” She moves towards</p>	<p>– Olhe nos meus olhos, Z – ela diz, com o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço.– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.</p>	<p><b>Simone</b> substituiu “embrulhar e amarrar” por “embrulhá-las e amarrá-las”.</p> <p><b>Bernardo</b> substituiu “na direção da” por “em direção à”.</p>
<p><b>Trecho 12</b></p> <p>She stops to look at me. “Whatever will fit,” she says. “I don’t know if we’re coming back.” She turns, and she’s gone.</p>	<p>Ela se detém e olha para mim.</p> <p>– Tudo que couber – ela diz – Não sei se a gente vai voltar. Gira sobre os calcanhares, e desaparece.</p>	<p><b>Rosângela</b> substituiu “a gente vai voltar” por “voltaremos”.</p>

cont. Quadro 3.9

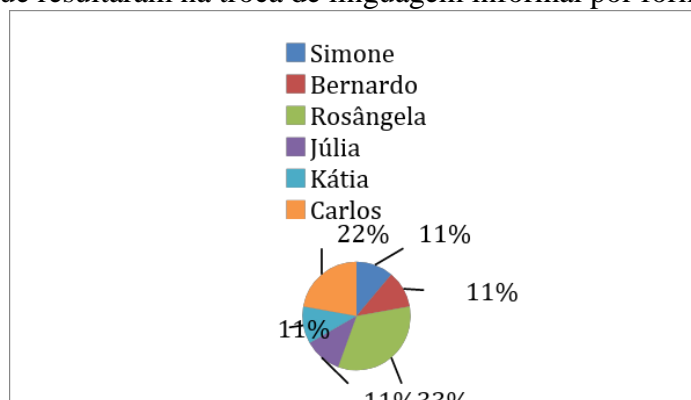
Texto original	Tradução	Texto preparado/revisado
<p><b><u>Trecho 17</u></b></p> <p>My mother catches us watching, and hurries to turn it off.</p> <p>She talks to Ammu Ibrahim a while longer, her back to us. When she hangs up, the phone begins ringing. It's a jarring sound in the middle of the night: too loud and like it <i>knows</i> something.</p>	<p>A minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.</p> <p>Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas para nós. Assim que ela desliga, o telefone volta a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece que <i>sabe</i> de alguma coisa.</p>	<p><b>Júlia</b> substituiu “alguma coisa” por “algo”;</p> <p><b>Kátia</b> substituiu “que sabe” por “saber”.</p>
<p><b><u>Trecho 22</u></b></p> <p>A little later, I wake up on a blanket on the living room floor.</p> <p>Somehow, in the midst of the chaos, I've nodded off. Everything we could possibly carry – and more – is piled by the door, threatening to topple at any second.</p>	<p>Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor, no chão da sala de estar.</p> <p>De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo.</p>	<p><b>Rosângela</b> substituiu “a gente foi capaz” por “fomos capazes”.</p>
<p><b><u>Trecho 24</u></b></p> <p>My father, El-Sayyid Nosair, was born in Egypt. But my mother was born in Pittsburgh. Before she recited the Shahada in a local mosque and became Muslim – before she took the name Khadija Nosair – she went by Karen Mills.</p>	<p>O meu pai, El-Sayyid Nosair, nasceu no Egito. Mas a minha mãe nasceu em Pittsburgh. Antes de recitar a <i>Shahada</i><sup>1</sup> numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.</p>	<p><b>Carlos</b> substituiu “numa” por “em uma”.</p>
<p><b><u>Trecho 25</u></b></p> <p>“Your Uncle Ibrahim is coming for us,” she tells me when she sees me sitting up and rubbing my eyes. The worry in her voice is tinged with impatience now. “If he ever gets here.”</p>	<p>O seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente – ela diz, quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.</p>	<p><b>Rosângela</b> substituiu “quando me vê” por “ao me ver”.</p>

cont. Quadro 3.9

Texto original	Tradução	Texto preparado/revisado
<p><b>Trecho 26</b></p> <p>I do not ask where we are going, and no one tells me. We just wait far longer than it should take Ammu to drive from Brooklyn to New Jersey.</p>	<p>Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey.</p>	<p><b>Carlos</b> substituiu “para vir” por “em vir”.</p>

Fonte: Da autora.

Gráfico 3.19 – Explicitações, Normalizações e Simplificações que resultaram na troca de linguagem informal por formal



Fonte: Da autora.

### 3.3.8 Análise das interferências dos preparadores/revisores e do tradutor: explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações desejadas e não desejadas.

As análises dos dados levantados a seguir tiveram o intuito de apontar dois tipos de alterações: a) aquelas indesejadas por terem contribuído para tornar a qualidade do texto insatisfatória o que, em alguns casos, tornou o TF ou o TT uma reescrita; b) aquelas desejadas que melhoraram a qualidade do texto.

- a) O reescritor, motivado, de forma consciente ou inconsciente, por suas próprias ideologias e poética, ou ainda por aquelas impostas pela patronagem por meio de normas, regras e expectativas, com as quais está habituado, fez alterações sutis que resultaram tanto em modificações superficiais quanto significativas da mensagem,



como podemos observar (cf. Trecho 24) no quadro abaixo, em que Marcelo coloca a palavra *Shahada* em caixa baixa, supostamente por não entender a importância do ritual para os muçulmanos. A alteração de Rosângela (cf. Trecho 24) demonstra a insciência relacionada à religião muçulmana e o pouco interesse em pesquisar assuntos a ela relacionados. Nenhum dos revisores demonstrou interesse em pesquisar o significado da palavra ou apontou para a necessidade de o tradutor fazê-lo. Observam-se ainda algumas alterações – gramaticais e tradutórias – sem qualquer ligação com questões poéticas, ideológicas ou patronais, mas que são importantes e dignas de nota por interferirem na qualidade do texto e até modificarem a cena ou a mensagem. As alterações gramaticais encontram-se em: Carlos (cf. Trechos 1 e 9), Bernardo (cf. Trechos 9 e 26) e Adriana (cf. Trecho 19). As alterações na tradução em (cf. Trechos 2, 5, 8, 10, 17, 23, 27).

- b) Observaram-se alterações – de gramática e tradução – desejadas e necessárias, realizadas por Adriana e Gustavo (cf. Trecho 10) e Maria, Bernardo, Simone, Júlia, Gustavo, Carlos, Kátia e Otto (cf. Trecho 12). Essas alterações – que não se associam a nenhuma influência da poética, da patronagem ou da ideologia – demonstram a atuação do preparador no controle de qualidade.
- c) Observaram-se alterações – na gramática e na tradução – desejadas e necessárias, realizadas por Adriana e Gustavo (cf. Trecho 10); e Maria, Bernardo, Simone, Júlia, Gustavo, Carlos, Kátia e Otto (cf. Trecho 12). Essas alterações – que não se associam a nenhuma influência da poética, da patronagem ou da ideologia – demonstram a atuação do preparador no controle de qualidade. Apesar de a tradução ter sido preparada e revisada, a palavra *Baba*<sup>110</sup> não está em itálico na tradução, como determinam as regras da língua portuguesa. Interessante notar que, também no TF, em inglês, – língua cujas regras gramaticais determinam que palavras estrangeiras sejam destacadas do texto por meio de itálico – a palavra não está destacada. Além disso, não há nem na tradução, nem no TF, nenhuma explicação sobre a origem e o significado do termo. Neste caso, revela-se o pouco interesse de preparadores/revisores com o Outro, como citado por Lefevere (1988). Há também a possibilidade de que questões ideológicas subjacentes tenham influenciado nessa omissão. A palavra *Baba* sem o itálico só foi percebida por um preparador/revisor que sugeriu a pesquisa e a explicação do termo em nota de rodapé. O fato de a maioria ter ignorado o termo estrangeiro

---

<sup>110</sup> De acordo com o professor de árabe Milson Santos Júnior, a palavra *Baba* é uma forma carinhosa para se referir a pai.

pode ainda ter tido dois outros motivos: 1) a grafia parecida com “papa”, e o fato de não estar em itálico pode ter favorecido a leitura inadequada; e 2) a suposição de que se tratava de um apelido. Isso pode ter ocorrido porque a língua e a cultura árabe são ainda pouco conhecidas no Brasil, ao contrário, por exemplo, da cultura e da língua inglesa/americana, que já fazem parte do dia-a-dia de muitos brasileiros que, além de conhecer, já adotam muitos dos seus hábitos e vocabulário.

**Quadro 3.10 – Exemplos de explicitação, normalização e simplificação que resultaram em alterações desejadas e indesejadas.**

Texto original	Tradução	Texto preparado/revisado
<p><b>Trecho 2</b></p> <p>I am seven years old, a chubby kid in Teenage Mutant Ninja Turtle Pajamas.</p>	<p>Tenho 7 anos de idade. <b>Sou</b> um menino gordo <b>de vestindo</b> pijama das tartarugas ninjas.</p>	<p><b>Carlos</b> colocou o algarismo “7” por extenso, de acordo com as regras do português todo número abaixo de 10 deve ser escrito por extenso.</p> <p><b>Tradução</b> o título do desenho animado estava incompleta “Tartarugas Ninjas Mutantes”.</p>
<p><b>Trecho 5</b></p> <p>Just this morning he tried to teach me, yet again, how to tie my shoes</p>	<p><b>Nesta Ainda nessa</b> mesma manhã ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar <b>os tênis meus cadarços</b>.</p>	<p><b>Tradução</b> de “shoes” por “tênis”. Nos dicionários que consultamos “shoes” são “sapatos”; “tênis” seria a tradução de <i>tennis shoes</i>; <i>sneakers</i> ou <i>trainers</i>.</p>
<p><b>Trecho 8</b></p> <p>My mother flings open a white sheet – it mushrooms briefly, like a cloud – then leans down to spread it on the floor.</p>	<p>Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante, o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem –, depois cai e se esparrama pelo chão.</p>	<p><b>Tradução</b> de “...then leans down to spread it on the floor.” por “depois cai e se esparrama pelo chão.” Não corresponde ao que está descrito no original. O que ocorre é: a mãe abre o lençol e depois se inclina para esticá-lo sobre o chão.</p>

cont. Quadro 3.10

Texto original	Tradução	Texto preparado/revisado
<p><b>Trecho 9</b></p> <p>“Look in my eyes, Z,” she says, her face so knotted with worry that I hardly recognize her.</p> <p>“You need to get dressed as quick as you can.” “And then you need to put your things onto this sheet, and wrap it up tight. Okay?”</p> <p>“Your sister will help you.” She moves towards the door. “Yulla, Z, yulla. Let’s go.”</p>	<p>– Olhe nos meus olhos, Z – ela diz, com o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço.– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.</p> <p>Ela caminha na direção da porta.</p> <p>– Yulla, Z, yulla. Vamos.</p>	<p><b>Bernardo</b> substituiu “dentro deste lençol” por “dentro desse lençol”, mas neste contexto o correto é “deste” uma vez que o lençol está próximo à personagem.</p> <p><b>Carlos</b> substituiu: “Ela caminha na direção da porta.” por “Ela caminha na direção da porta e chama por Yulla”</p>
<p><b>Trecho 10</b></p> <p>“Wait,” I say. It’s the first word I’ve manage to utter since I tumbled out from under my He – Man blanket.</p>	<p>– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de baixo da minha colcha do He-<b>Man man</b>.</p>	<p><b>Adriana</b> Substituiu “de baixo” por “de debaixo”. A substituição é adequada, pois “de baixo” deve ser empregado quando a intenção é fazer oposição a “cima” e nem sempre precisa do complemento; “debaixo” significa sob e sempre pede complemento. Também fez a uma alteração adequada <b>na tradução</b> de “colcha” para “cobertor”.</p> <p><b>Gustavo</b> inseriu um travessão para realçar um aposto.</p> <p><b>Tradução</b> de “blanket” por “colcha” não é adequada, pois nos dicionário que consultamos a tradução de “blanket” é “cobertor”.</p>
<p><b>Trecho 12</b></p> <p>She stops to look at me.</p> <p>“Whatever will fit,” she says. “I don’t know if we’re coming back.” She turns, and she’s gone</p>	<p>Ela se detém e olha para mim.</p> <p>– Tudo que couber – <b>ela</b> diz – Não sei se a gente vai voltar. Gira sobre os calcanhares, e desaparece.</p>	<p><b>Maria, Bernardo Simone, Júlia, Gustavo, Carlos, Kátia e Otto</b> excluíram adequadamente a vírgula antes do conectivo “e”. Essa prática na pontuação é muito utilizada na língua inglesa, mas no português ela só é correta em casos onde o “e” significar “mas”; para separar orações com sujeitos diferentes; o “e” indicar realce ou o “e” for repetido intencionalmente.</p>

cont. Quadro 3.10

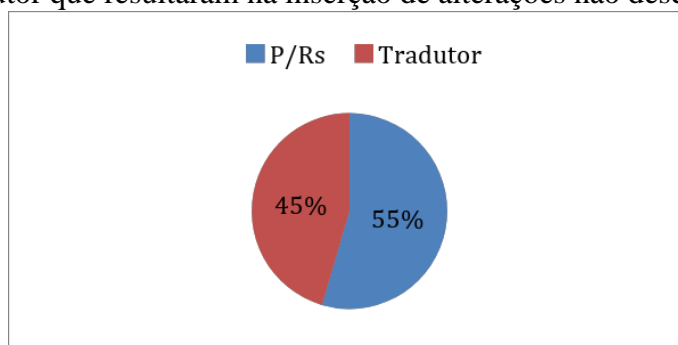
Texto original	Tradução	Texto preparado/revisado
<p><b>Trecho 17</b></p> <p>When she hangs up, the phone begins ringing.</p>	<p>Assim que ela desliga, o telefone volta a tocar.</p>	<p><b>Tradução</b> de “<i>When she hangs up, the phone begins ringing.</i>” por” Assim que ela desliga, o telefone volta a tocar.” Não é adequada, pois o telefone não havia tocado anteriormente.</p>
<p><b>Trecho 19</b></p> <p>“He’s not here,” my mother says.</p>	<p>– Ele não está aqui – diz a minha mãe, que por um momento ouve atentamente.</p>	<p><b>Adriana</b> Substituiu o verbo “diz” por “responde”. A nosso ver, não há motivo para fazer a substituição, pois não sabemos se o seu interlocutor fez uma pergunta.</p>
<p><b>Trecho 23</b></p> <p>My mother paces around, checking and rechecking her purse.</p>	<p>A minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo de novo a sua bolsa.</p>	<p><b>tradução</b> de “checking and rechecking” por “conferindo e reconferindo de novo” ficou redundante.</p>
<p><b>Trecho 24</b></p> <p>Before she recited the Shahada in a local mosque and became Muslim – before she took the name Khadija Nosair – she went by Karen Mills.</p>	<p>Antes de recitar a <i>Shahada</i><sup>1</sup> numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.</p>	<p><b>Rosângela</b> trocou inadequadamente “islamismo” por “islã”. Islã é a civilização que se ergue sobre a base da fé islâmica e Islamismo e a religião caracterizada por monoteísmo estrito e síntese entre fé religiosa e organização sociopolítica fundada pelo profeta árabe Maomé.</p> <p><b>Marcelo</b> colocou a letra inicial da palavra “<i>Shahada</i>” em letra minúscula. Apesar de, em português, ser um substantivo comum, o tradutor optou por mantê-la em letra maiúscula, como está no texto-fonte.</p>
<p><b>Trecho 26</b></p> <p>I do not ask where we are going, and no one tells me. We just wait far longer than it should take Ammu to drive from Brooklyn to New Jersey.</p>	<p>Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey</p>	<p><b>Bernardo</b> substituiu, de forma inadequada, “para onde” por “aonde”. Em “para onde” prevalece a ideia de lugar e não de movimento, o que no contexto está correto.</p>

cont. Quadro 3.10

Texto original	Tradução	Texto preparado/revisado
<p><b>Trecho 27</b></p> <p>And the longer we wait, the faster my mother paces and the more I feel like something in my chest is going to burst. My sister puts an arm around me. I try to be brave. I put an arm around my brother.</p>	<p>E quanto mais tempo esperamos, mais rápido a minha anda de um lado para o outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. A minha irmã mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um braço em volta do ombro do meu irmão.</p>	<p><b>Kátia</b> fez uma alteração adequada na tradução excluindo a explicitação do tradutor “do ombro”.</p> <p>A tradução de “puts an arm round me” por “me abraça” não é adequada, pois a irmã apenas coloca o braço em volta dele. Nenhum preparador/revisor alterou a tradução.</p>

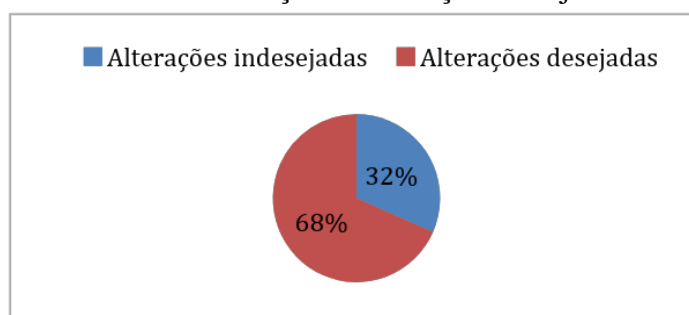
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.20 – Explicitações, Normalizações e Simplificações dos preparadores/reviões e do tradutor que resultaram na inserção de alterações não desejadas.



Fonte: Da autora.

Gráfico 3.21 – Explicitações, Normalizações e Simplificações de preparadores/reviões e do tradutor que resultaram na inserção de alterações desejadas e não desejadas.



Fonte: Da autora.

### 3.3.9 Análise final do *corpus* 1

É importante mencionar que, por meio das simplificações, normalizações e explicitações, alguns preparadores e revisores inseriram alterações indesejadas ou modificaram, de forma significativa, a tradução, sobretudo se se for levado em conta o tamanho reduzido do texto. Além disso, houve ainda omissões em relação às alterações indesejadas de tradução (cf. Trechos 2, 5, 8, 17, 23 e 27). Portanto, esses resultados evidenciam que ou os profissionais desconheciam o idioma da língua fonte ou não se interessaram em fazer o cotejo do texto. É pertinente informar ainda que nenhum dos profissionais contratados entrou em contato para sanar dúvidas antes, durante ou após a execução de seu trabalho.

Como se pode observar, alguns desses tipos de intervenções realizadas tanto por preparadores/revisores quanto por tradutores interferiram no sentido das mensagens e também no cenário em que as ações se passam. Em alguns casos, o percentual de interferências do preparador/revisor foi o mesmo que o do tradutor e que algumas alterações, como a inserção de um personagem feita pelo preparador/revisor no Trecho 9, comprometem a qualidade da tradução. A modificação de linguagem informal pela linguagem formal também foi significativa nas interferências de alguns preparadores/revisores, tendo possivelmente ocorrido em função de terem sido informados pelo “patrão” que o texto seria utilizado em uma dissertação de mestrado. O grande número de alterações desnecessárias também pode revelar, como exposto no Capítulo 1, a ânsia em satisfazer as expectativas do “patrão” e “mostrar serviço”.

Não obstante, algumas dessas alterações culminaram em alterações desejadas e significativas da gramática e também da tradução, o que deu ao TT mais fluência, coerência e também mais ‘fidelidade’ ao TF. Além disso, foram feitas correções de erros de digitação e a formatação dos parágrafos. Alguns preparadores/revisores estranharam a palavra estrangeira “*hijab*”, já que intencionalmente havíamos suprimido a explicitação “seu véu” da tradução, e incluíram seu significado no texto ou em nota de rodapé, o que contribuiu para a melhor compreensão do texto. Alguns preparadores/revisores explicaram as suas modificações por meio de balões de nota – ferramenta de revisão do programa *Microsoft Word* – que poderia ser um meio de comunicação importante entre os dois profissionais para justificar suas alterações. Entretanto, vale lembrar que o tradutor raramente tem acesso a essas notas.

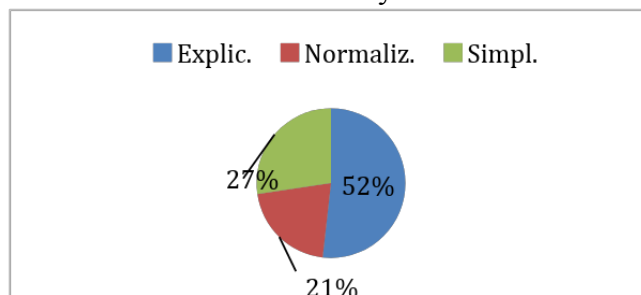
### 3.4 ANÁLISE DE TRÊS TRADUÇÕES DO CONTO *A GOOD MAN IS HARD TO FIND* NO TEXTO DE FLANNERY O’CONNOR – (CORPUS 2)<sup>111</sup>

Este conto foi publicado pela primeira vez em 1953 nos EUA, período em que ainda havia segregação racial legalizada, a qual teve início após a Guerra Civil americana, na segunda metade do século XIX. Nas primeiras páginas do conto, que relata a viagem de férias de uma família americana, os personagens de O’Connor fazem alguns comentários racistas por meio do uso de adjetivos pejorativos como *niggers*, para se referir a um menino negro. Por outro lado, o narrador da história usa o adjetivo “*yellow head*” para destacar que aquela família era composta por pessoas brancas. Esses são marcadores culturais importantes aos quais o tradutor deve estar atento.

#### 3.4.1 Análise dos totais de Explicitações, Normalizações e Simplificações

Os dados (cf. Gráfico 3.22) mostram que houve tendência para a explicitação, o que demonstra coerência com a prática tradutória de que o acréscimo de informações é mais necessário nas traduções. Observa-se que houve certo equilíbrio entre os tradutores no que diz respeito aos tipos de interferências (cf. Gráficos 3.23, 3.24 e 3.25), enquanto que, entre os preparadores/revisores do texto de Zak Ebrahim, apenas as porcentagens da normalização ficaram relativamente equilibradas, demonstrando que há especificidades em cada profissão.

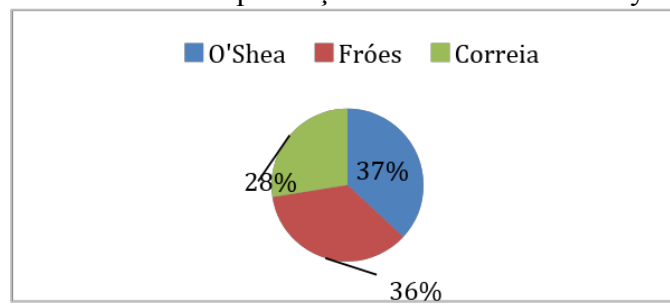
Gráfico 3.22 – Total de Explicitação, Normalização e Simplificação no texto de Flannery O’Connor



Fonte: Da autora.

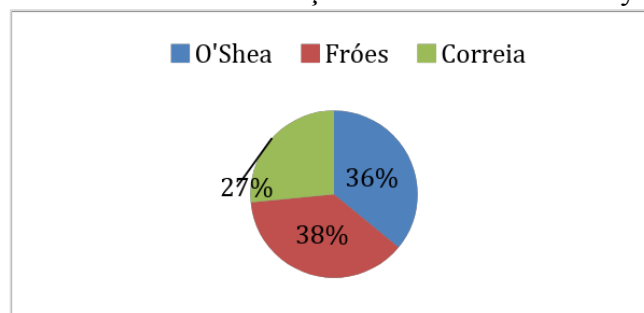
<sup>111</sup> Todos os trechos pertencentes a essa discussão encontram-se no Apêndice B.

Gráfico 3.23 – Total de Explicitações no texto de Flannery O'Connor



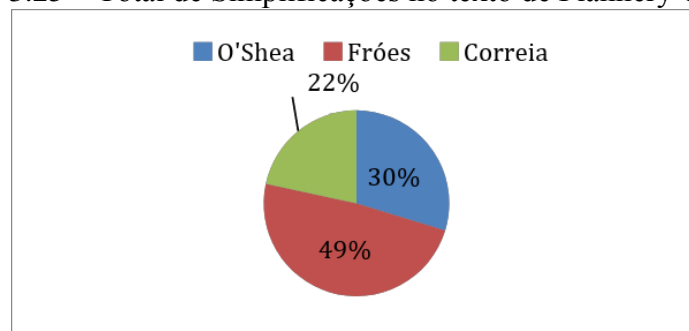
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.24 – Total de Normalizações no texto de Flannery O'Connor



Fonte: Da autora.

Gráfico 3.25 – Total de Simplificações no texto de Flannery O'Connor



Fonte: Da autora.

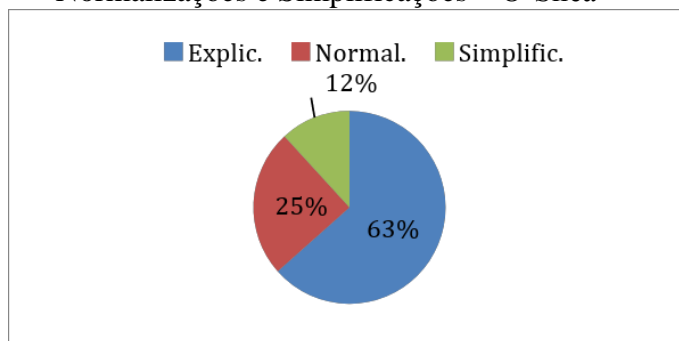
### 3.4.2 Totais individuais de Explicitações, Normalizações e Simplificações

Na análise individual dos tipos de interferências (cf. Gráficos 3.26, 3.27 e 3.28) percebe-se uma tendência da explicitação entre os tradutores, da mesma forma como ocorreu em relação à normalização entre os preparadores/revisores, o que reforça a diferença entre os dois tipos de intervenção. Observa-se que as explicitações foram responsáveis pela



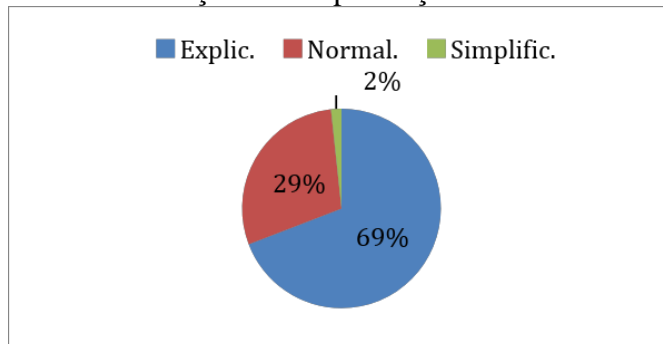
modificação das mensagens, como ocorre, por exemplo, no Trecho 04, no qual Fróes acrescenta a informação “ao seu lado”, que não está no TO; Correia, no Trecho 19, que acrescenta a o adjetivo excitante à frase e que também não está no original. A seguir, encontram-se os gráficos dos totais individuais dos tradutores.

Gráfico 3.26 – Totais individuais de Explicitações, Normalizações e Simplificações – O’Shea



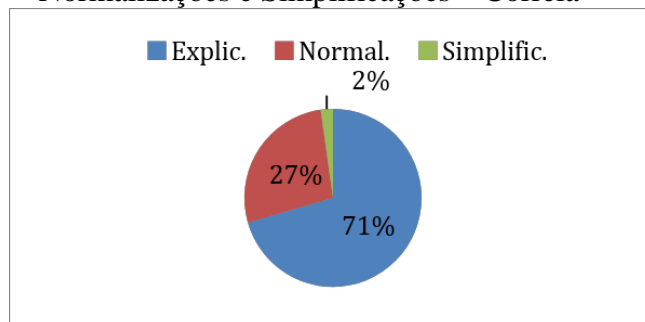
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.27 – Totais individuais de Explicitações, Normalizações e Simplificações – Fróes



Fonte: Da autora.

Gráfico 3.28 – Totais individuais de Explicitações, Normalizações e Simplificações – Correia

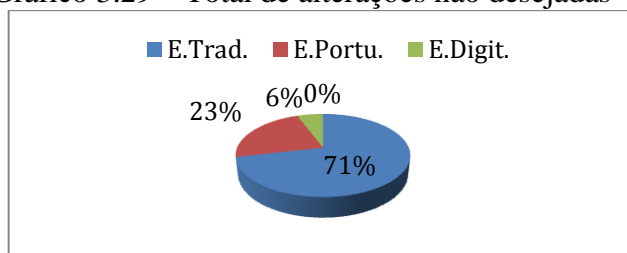


Fonte: Da autora.

### 3.4.3 Análise dos totais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações não desejadas

Nota-se uma alta porcentagem de alterações não desejadas (cf. Gráfico 3.29). Esse dado reflete as consequências da baixa porcentagem de alterações desejadas em relação à tradução por parte dos preparadores/revisores, também verificadas no texto de Zak Ebrahim, no qual apenas dois, dos dez preparadores/revisores, realizaram, cada um, esse tipo de alteração. Como ocorreu no texto do *corpus* 1, esses dados atestam a necessidade de que o preparador/revisor seja um tradutor e de se fazer o cotejo com o TF. A porcentagem de alterações gramaticais desejadas foi pequena e os problemas de digitação não foram significativos, nos fazendo crer que as traduções tenham sido preparadas e/ou revisadas no que diz respeito ao português.

Gráfico 3.29 – Total de alterações não desejadas

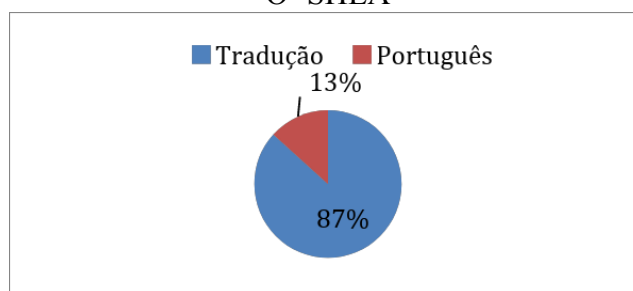


Fonte: Da autora.

### 3.4.4 Análise dos totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações não desejadas de tradução e no português

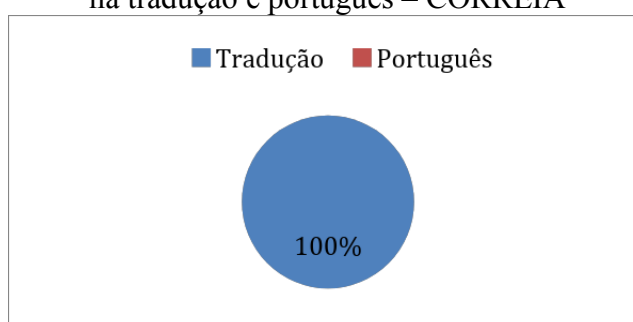
As análises das alterações não desejadas individuais de português, como as encontradas no texto de O’Shea (cf. Trecho 11), “levar elas”; e na tradução de “*chinaberry*” (amargoseiro) (cf. Trecho 78) por “pé de laranja” (O’Shea); “pé de saboeiro” (Fróes) e “arbusto” (Correia) (cf. Gráficos 30, 31 e 32). Essas traduções também apontam para altas porcentagens de alterações não desejadas na tradução, demonstrando assim que os problemas em relação a esse aspecto ocorreram nos três textos. Nas análises do texto de Correia, todavia, não conseguimos identificar alterações não desejadas de português.

Gráfico 3.30 – Totais individuais de alterações não desejadas na tradução e no português – O' SHEA



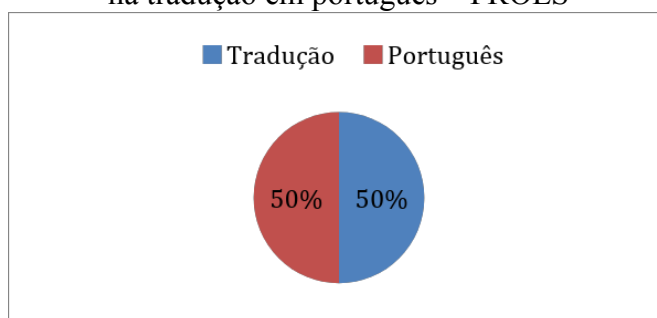
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.31 – Total de alterações não desejadas individuais na tradução e português – CORREIA



Fonte: Da autora.

Gráfico 3.32 – Total de alterações não desejadas individuais na tradução em português – FRÓES



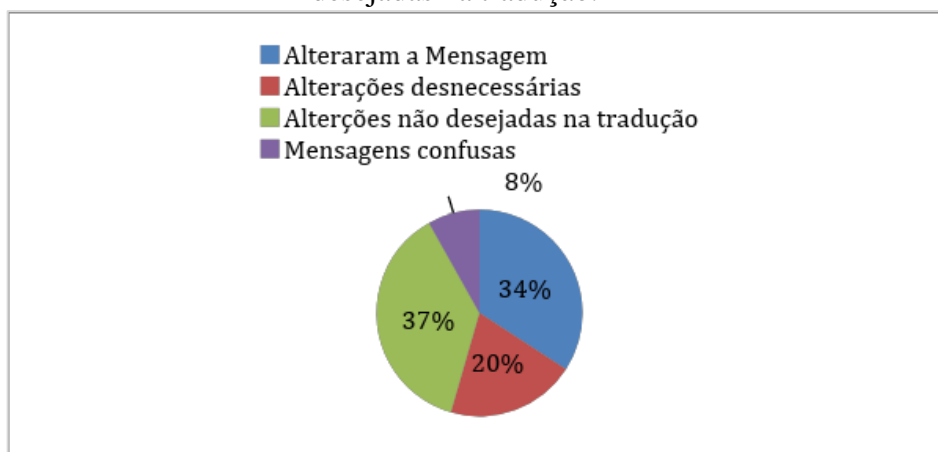
Fonte: Da autora.

**3.4.5 Totais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em: alteração da mensagem; alterações desnecessárias; mensagem confusa ou alteração não desejada de mensagem contida no TF.**

É possível observar que prevaleceram (cf. Gráfico 3.33) as alterações não desejadas de mensagem contidas na tradução, comprovando assim que os preparadores/revisores, como

ficou constatado no *corpus* 1, não atingem as expectativas em relação a esse tipo de intervenção. Como os preparadores/revisores, os tradutores fazem bastantes alterações desnecessárias, mas quando se trata dos tradutores, a maioria delas estava relacionada à estrutura das frases. Nota-se ainda que houve muitos problemas em relação à clareza das mensagens e que grande parte das explicitações resultou na modificação das mensagens.

Gráfico 3.33 – Totais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em: alteração da mensagem; alterações desnecessárias; mensagem confusa ou alterações não desejadas na tradução.

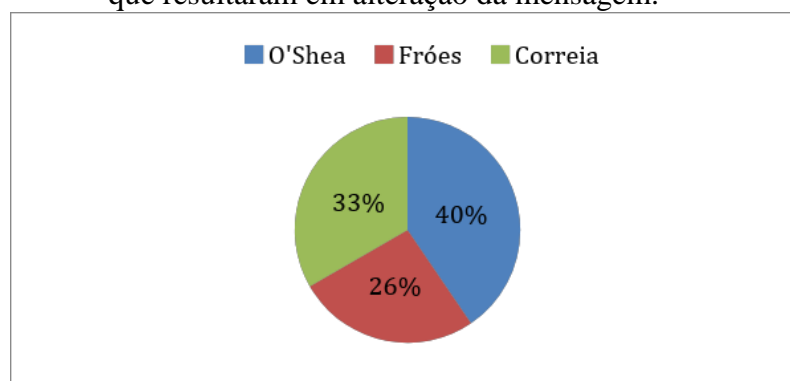


Fonte: Da autora.

### 3.4.6 Análise dos totais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alteração da mensagem.

Observa-se que as possíveis lacunas de preparação/revisão nas traduções (cf. Gráfico 3.34) ocorreram com certo equilíbrio nas três traduções no que diz respeito às alterações das mensagens. Comparamos essas alterações nas três traduções e verificamos que em alguns trechos algumas delas alteraram a mensagem ou a cena, como ocorreu nas traduções de O'Shea e Fróes (cf. Trecho 4), em que a personagem de O'Shea "roça" o jornal na careca do filho e a de Fróes "esfrega" o jornal. Em se tratando dos preparadores/revisores, notamos que eles inseriram personagens, trocaram linguagem informal pela linguagem formal e transformaram a tradução em uma reescrita.

Gráfico 3.34 – Totais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alteração da mensagem.

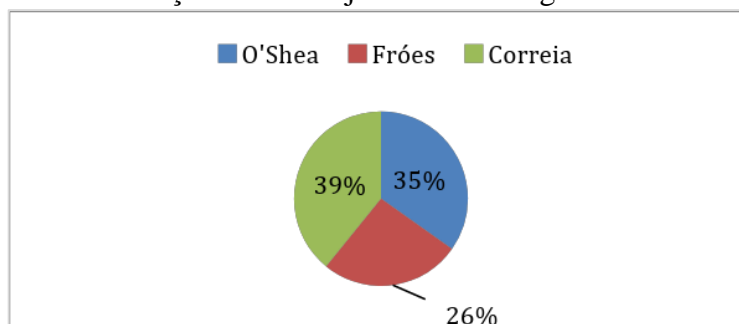


Fonte: Da autora.

### 3.4.7 Análise dos totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações não desejadas de mensagens contidas no TF

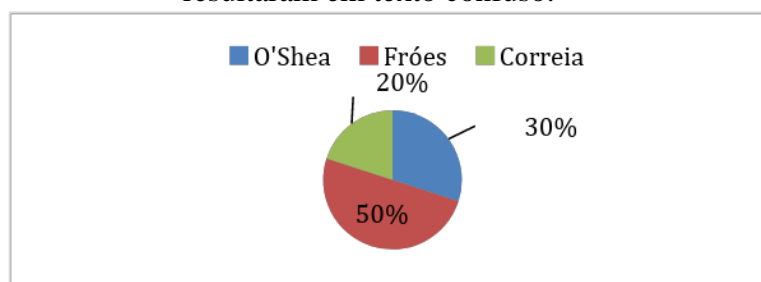
Os gráficos 3.35, 3.36 e 3.37 nos mostram os totais individuais desses tipos de intervenção e, ao analisá-los, constatamos que as alterações não desejadas nas traduções ocorreram de forma equilibrada entre as três traduções. Observamos que houve omissões na etapa de preparação/revisão, o que, mais uma vez, reforça a necessidade de os TTs serem revisados por tradutores por meio do cotejo com o TF. Quanto aos problemas relacionados à clareza dos textos, verificamos que o texto de Correia, que certamente foi revisado, apresentou menos problemas.

Gráfico 3.35 – Totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações não desejadas de mensagens contidas no TF.



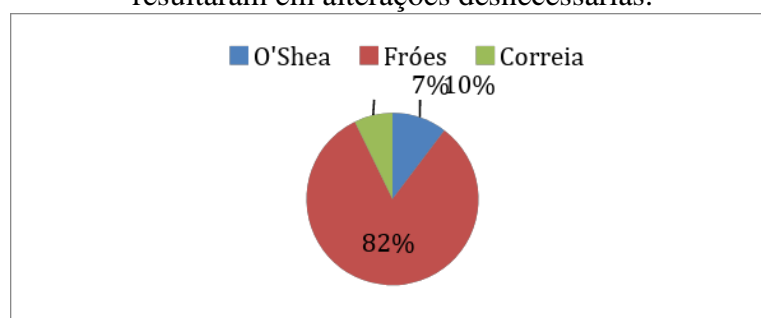
Fonte: Da autora.

Gráfico 3.36 – Totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em texto confuso.



Fonte: Da autora.

Gráfico 3.37 – Totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em alterações desnecessárias.



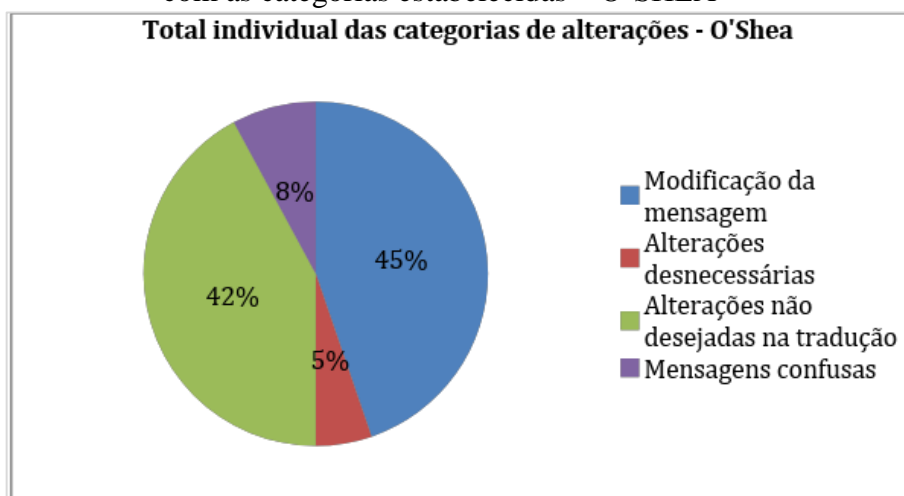
Fonte: Da autora.

### 3.4.8 Análise dos totais individuais de explicitações, normalizações e simplificações que resultaram em: alteração da mensagem; alterações desnecessárias; mensagem confusa ou alterações não desejadas na tradução.

As formas de atuação de cada um dos tradutores, no que diz respeito a cada categoria, estão demonstradas nos Gráficos 3.38, 3.39 e 3.40. A análise comparativa desses dados possibilitou observar que as alterações não desejadas de mensagens contidas no TF foram proporcionais às modificações das mensagens nas três traduções. Essas alterações não desejadas ocorreram principalmente em função das explicitações que, coerentemente, obtiveram a maior porcentagem entre os tipos de interferência para os três tradutores, como demonstram os Gráficos 3.26, 3.27, 3.28. A tradução de Fróes, que foi a que mais apresentou interferências na estrutura das frases, foi também a que obteve a maior porcentagem de mensagens confusas.

Abaixo de cada um dos gráficos a seguir, encontramos uma tabela com alguns exemplos de cada tradução.

Gráfico 3.38 – Total individual de explicitações, normalizações e simplificações de acordo com as categorias estabelecidas – O’SHEA



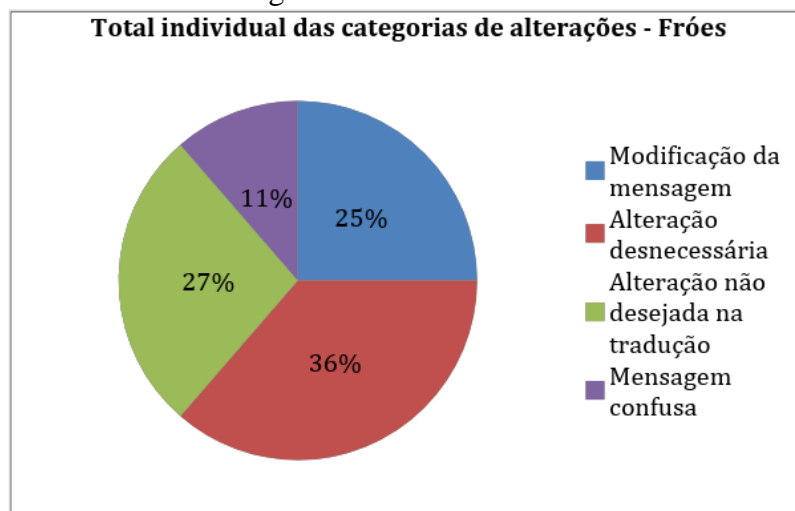
Fonte: Da autora.

Quadro 3.11 – Exemplo das alterações individuais de O’Shea

O’CONNOR	O’SHEA
<p>■ Trecho 5</p> <p>is aloose from the Federal Pen</p>	<p>fugiu da penitenciária <b>estadual</b></p>
<p>■ Trecho 1</p> <p>She wanted to visit some of her connections</p>	<p>Desejava visitar uns parentes <b>distantes</b></p>
<p>■ Trecho 8</p> <p>Bailey didn't look up from his reading so she wheeled around then and faced the children's</p>	<p>Bailey não ergueu os olhos de sua leitura. Então ela deu a volta e se pôs</p>
<p>■ Trecho 36</p> <p>She said she thought it was going to be a good day for driving</p>	<p><b>Ela disse que achava que seria</b> um bom dia para viagem de carro</p>

Fonte: Da autora

Gráfico 3.39 – Total individual de explicitações, normalizações e simplificações de acordo com as categorias estabelecidas - FRÓES



Fonte: Da autora

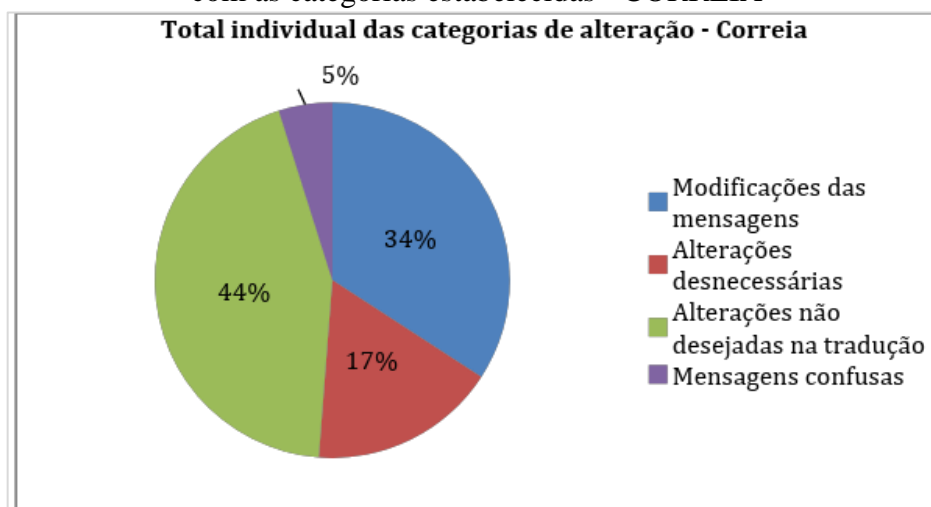
Quadro 3.12 – Exemplo das alterações individuais de Fróes.

<p>■ Trecho 51</p> <p>"Little niggers in the country don't have things like we do.</p>	<p>"Os negrinhos da roça <b>não são assim como nós, não têm coisas.</b>"</p>
<p>■ Trecho 1</p> <p>She wanted to visit some of her connections in east Tennessee and she was seizing at every chance to change Bailey's mind.</p>	<p>Queria visitar uns <b>parentes</b> no leste do Tennessee e aproveitava todas as oportunidades para induzir Bailey a mudar de ideia.</p>
<p>■ Trecho 52</p> <p>If I could paint, I'd paint that picture," she said</p>	<p><b>E acrescentou: "Ah, se eu soubesse pintar, bem que faria esse quadro!"</b>.</p>
<p>■ Trecho 25</p> <p>She had her big black valise that looked like the head of a hippopotamus</p>	<p>Tinha posto num canto sua <b>enorme malinha</b> preta, que parecia uma cabeça de hipopótamo</p>

Fonte: Da autora.



Gráfico 4.40 – Total individual de explicitações, normalizações e simplificações de acordo com as categorias estabelecidas - CORREIA



Fonte: Da autora.

Quadro 3.13 – Exemplo das alterações individuais de Correia.

<p>■ Trecho 63</p> <p>"Gone with the Wind," said the grandmother. "Ha. Ha."</p>	<p>E tudo o vento levou - disse a avó. - Ah ah!</p>
<p>■ Trecho 52</p> <p>If I could paint, I'd paint that picture," she said.</p>	<p>Se eu soubesse pintar, pintava aquela <b>cena campestre</b>.</p>
<p>■ Trecho</p> <p>"All right, Miss," the grandmother said.</p>	<p>- Muito bem, menina -, <b>disse a avó</b>.</p>
<p>■ Trecho 2</p> <p>Bailey was the son she lived with, her only boy.</p> <p>He was sitting on the edge of his chair at the table, bent over the orange sports section of the <i>Journal</i>.</p>	<p>Bailey era o filho com quem vivia, o seu único rapaz. Estava sentado na beirinha da cadeira, inclinado sobre as páginas cor de laranja da secção desportiva do jornal</p>

Fonte: Da autora.

### 3.4.9 Análise final do *Corpus 2*

Comparando um mesmo trecho das diferentes traduções, foi constatado que a descrição de uma peça de roupa da personagem (cf. Trecho 8) pode ser considerada uma

reescrita, já que dá margem a três interpretações diferentes. A tradução por “calças de aparência barata” transmite a ideia de que a personagem era pobre ou que o material da calça era ruim ou de gosto duvidoso; a tradução por “calças largas” pode aventar a possibilidade de que a personagem era magra ou que a calça era grande demais para ela; e a tradução por “calças elegantes” sugere que se tratava de uma mulher rica ou de bom gosto.

Foram identificadas também algumas questões relativas à poética, como a tradução de *queen for a day*, um programa americano de rádio e televisão que foi ao ar de 1956 a 1964 pela ABC, por ‘Boa Noite Cinderela’, que era um programa apresentado pelo comunicador Silvio Santos, na década de 1960, exibido pela Rede Globo. Embora o formato seja semelhante ao do programa americano, os participantes do ‘Boa Noite Cinderela’ eram crianças, enquanto que no *queen for a day* eram adultos. O programa brasileiro é desconhecido para a geração da década de 1991, quando a tradução foi publicada. Mesmo que o leitor obtenha as informações sobre o programa, terá dificuldade em entender a relação com o contexto, pois, apesar de o formato ser o mesmo, como encaixar um programa brasileiro na cultura americana em épocas tão distantes?

É possível que as motivações para a tradução de *Barbecued sandwiches* por “sanduíches de carne de porco desfiada” – embora a tradução por “sanduíche de churrasco” ou simplesmente “sanduíche de carne” seria mais simples e adequada à ideia do TF – tenham sido registros culturais regionais individuais do tradutor. Ademais, provavelmente também questões culturais tenham levado à tradução por “grelhado”<sup>0</sup> omitindo assim a informação de que se tratava de um sanduíche.

É provável que a tradução de “*motel*” por “hotel de beira de estrada” tenha sido motivada por questões poetológicas, mas também não se pode descartar as influências ideológicas e patronais, já que no Brasil a palavra significa, em alguns estados, um lugar que aluga quartos para encontros amorosos.

Questões ideológicas podem ter motivado a omissão da importante informação de que a criança era loira na tradução da frase “*June Star said without raising her yellow head*”, por “disse June Star sem levantar a cabeça”, uma vez que há referências ao racismo no texto. Observaram-se ainda possíveis alguns indícios ideológicos significativos nas variações das traduções para as seguintes palavras e expressões: *negro child* (cf. Trecho 46); *little pickaninny* (cf. Trecho 46); *little negro* (cf. Trecho 47); *little niggers* (cf. Trecho 51), que requerem um exame mais detalhado.

Em consulta a alguns sites brasileiros e portugueses<sup>112</sup>, observamos que as palavras “preto”, “nego” e “neguinho”, em determinados contextos, costumam ser consideradas formas pejorativas de se referir às pessoas afrodescendentes, exceto quando são usadas de forma íntima e/ou afetiva. As formas comumente aceitas e politicamente corretas são negro e/ou afrodescendente. Os tradutores brasileiros optaram pela forma mais ofensiva “criança preta” para “*negro child*”, para marcar o racismo uma vez que a expressão “*negro*” é considerada, nos Estados Unidos, mais ofensiva do que “*black*”. Correia, por sua vez optou pela forma menos ofensiva “negra”. A expressão *little pickaninny*, extremamente racista em inglês, foi traduzida apenas por O’Shea por “neguinho”; Fróes e Correia por “pretinho amoroso”, que dá uma conotação mais carinhosa ao termo. A expressão *little negro* foi traduzida por O’Shea por “criança”, apagando completamente a referência ao racismo; Fróes traduziu-a por “menino negro”, amenizando assim a sua tradução anterior; e Correia usou “pretinho”. A última expressão, *little niggers*, claramente racista no contexto, foi traduzido por O’Shea por “neguinhos”; Fróes traduziu por “negrinhos”, que ameniza um pouco o racismo; e Correia traduziu por “pretinhos”, mantendo a sua padronização.

O fato é que o leitor de cada uma dessas traduções teria uma visão diferente da cena. Os leitores de O’Shea teriam uma visão mais racista de acordo com o contexto histórico e geográfico em que a estória se passa e os de Fróes nem tanto. Embora tenhamos as informações sobre a carga de racismo nas palavras “preto” e “nego” em português de Portugal, não sabemos sobre a existência de outros termos com cargas de racismo maiores ou menores, nem nos é possível determinar a carga de racismo para os portugueses na frase “que pretinho amoroso!”, traduzida por Correia.

Por fim, chamou a atenção o número de alterações não desejadas nessas poucas páginas, principalmente se levarmos em conta o currículo de todos os tradutores e o fato de pelo menos uma das traduções ter sido revisada. Em nossas análises constatamos alguns equívocos como, por exemplo, o de O’Shea, ao confundir odômetro e velocímetro; as traduções de roxo por azul; “repolho” por “couve”; e “geleia de damasco” por “geleia de mocotó”, que nem sequer existe na cultura da língua fonte; a tradução literal de *yellow head* por “cabeça amarela”; a não conversão de milhas por quilômetros etc. Como pode ser

---

<sup>112</sup> Johnny na Babilônia. Disponível em: <<http://johnnynababilonia.blogspot.com.br/2009/02/o-uso-do-nego-e-do-neguinho-racismo-ou.html>>. Acesso em: 15 jun. 2016. Que nega é essa? Disponível em: <<http://quenegaessa.com/nega-explica-porque-o-meme-nego-e-racista/>>. Acesso em: 15 jun. 2016. Publico. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2008/08/28/jornal/negro-preto-ofensivo--ou-natural-273914>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

observado, há equívocos em relação à pontuação, à gramática, à digitação e falta de clareza em vários trechos.

As análises no texto de Correia demonstraram ainda que as diferenças culturais e linguísticas entre as traduções brasileiras e a portuguesa representam uma barreira para os preparadores/revisores de ambas as nacionalidades, comprovando assim que a preparação/revisão de texto, como a tradução, requer não apenas a análise de aspectos linguístico do texto, mas também culturais.

Alguns exemplos desses obstáculos se referem à grafia de palavras como bebé (cf. Trecho 9); secção, direção (cf. Trecho 2); acções (cf. Trecho 74), infracção (cf. Trecho 36) e quilómetro (cf. Trecho 78) que poderiam ser corrigidas. Há ainda a palavra camião, cuja grafia consta no dicionário, mas não é grafada assim no Brasil. Além disso, palavras como: miúdo (cf. Trecho 13); rapariga (cf. Trecho 14); banda desenhada (cf. Trecho 14); revistas de quadrinhos (cf. Trecho 37), livros de quadrinhos (cf. Trecho 53), Estação de gasolina (cf. Trecho 76); boião (cf. Trecho 9), alperces (cf. Trecho 9), fazer batota (cf. Trecho 67); dar estaladas (cf. Trecho 61); breque (cf. Trecho 71) poderiam ser substituídas ou por possuírem sentidos diferentes, ou serem pouco conhecidas pelos brasileiros, ou ainda por não fazerem sentido algum. O emprego das palavras rapaz (cf. Trecho 13) para designar um garoto de oito anos também causaria estranheza ao preparador/revisor brasileiro.

Foram encontradas ainda algumas dificuldades em relação à identificação de linguagem formal ou informal, como na frase “Dava-lhe cabo do focinho” (cf. Trecho 17); apanhasse-vos (cf. Trecho 16); conosco (cf. Trecho 20); e apeadeiro de toscos (cf. Trecho 43), que o preparador/revisor teria dificuldade em interpretar. Percebeu-se que há diferenças em relação à conjugação de verbos, como na frase “A avó disse que lhes **contava** uma história” (cf. Trecho 68). O verbo contar na segunda pessoa do singular conjugado no pretérito imperfeito estaria incorreto nesse contexto, no português do Brasil, e deveria ser corrigido para o futuro do pretérito ‘contaria’. Igualmente, “ele fazia-lhe um sorriso” (cf. Trecho 57) não faz sentido no Português Brasileiro, pois se usa a expressão “ele deu-lhe um sorriso”. Outro exemplo é a expressão “sentido de humor”, utilizada como “senso de humor” aqui.

Verificou-se também que uma referência ao título do filme *Gone with the wind* poderia ter se perdido se um preparador/revisor modificasse uma sutil diferença na tradução para o português de Portugal: “E tudo o vento levou” (cf. Trecho 63) para o português do Brasil “E o vento levou”.

### 3.5 ANÁLISE COMPARADA DOS *CORPORA*

A comparação das análises dos dois *corpora* demonstrou que tradutores e preparadores/revisores, supostamente influenciados por elementos que compõem o modelo de Lefevere, transformaram algumas partes do texto em uma reescrita, e que os leitores de diferentes traduções de um TF irão contar, se não toda, pelo menos partes da história, de forma diferente. Esta pesquisa comprovou ainda que as características das intervenções do tradutor são as mesmas que as do preparador/revisor.

Os modelos de reescrita propostos por Lefevere são importantes para nos ajudar a entender os fatores que podem influenciar as reescritas, entretanto, não é em todos os casos que podemos afirmar categoricamente que essa ou aquela tradução ou preparação/revisão tenha sido influenciada pela patronagem, pela poética ou pela ideologia. Em determinadas obras e contextos apenas o próprio reescritor poderá fazê-lo. Conhecer os modelos de reescrita é essencial porque nos torna mais conscientes, alertas e cuidadosos em relação aos textos que lemos e produzimos sejam eles técnicos ou literários. Essa pesquisa mostrou que Baker (2009) está correta ao afirmar que as análises dos TTs devem ser feitas do ponto de vista cultural e linguístico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução exerce um papel cada vez mais importante e exige dos tradutores grande responsabilidade em relação à qualidade do texto que produzem, seja ele político, religioso, comercial, econômico, científico etc., porque as traduções representam um componente significativo nas mais diversas áreas da história da humanidade. Ela pode agir como elemento de dominância cultural e proporcionar mudanças no comportamento individual e social nos mais diversos níveis. No Brasil, a tradução está presente em numerosos segmentos do corpo social e, embora a profissão não seja regulamentada, é exigido do tradutor o comprometimento com os textos dos quais ele assume a autoria.

Como foi possível observar, o tradutor não está sozinho, pois preparadores/revisores, na qualidade de reescritores, são agentes importantes nas traduções, já que suas intervenções podem implicar na composição de um novo texto. No entanto, isso não significa dizer que a preparação/revisão dos TTs não seja necessária, pois, como demonstrado pelas pesquisas, esse processo é responsável por realizar o controle de qualidade nos TTs, da mesma maneira como acontece com os TFs. Entretanto, tradutores e preparadores/revisores devem trabalhar de forma conjunta, buscando aperfeiçoar o resultado final. Para que isso aconteça, é necessário que seja estabelecido, dentro das editoras, um fluxograma que inclua a revisão final, feita pelo tradutor, das alterações realizadas na edição. A preparação/revisão de uma tradução pode ser realizada por quantas pessoas o editor achar necessário, utilizando os métodos e técnicas que achar mais apropriadas, e fazer modificações no léxico, no estilo e excluir ou incluir aquilo que desejar. A única coisa que não deve ser feita é retirar do tradutor a oportunidade de ler o seu texto e se posicionar contra ou a favor das mudanças e, mais importante ainda, dizer se concorda ou não em assinar a autoria da tradução. É importante ressaltar que a tarefa de se preparar e/ou revisar um texto não é algo que pode ser executado de forma automática, inconsciente ou impessoal, como muitos podem supor.

Além disso, também há que se pensar sobre as consequências das alterações para o consumidor, de qualquer gênero textual, e refletir sobre a necessidade de comunicá-lo sobre as modificações realizadas sejam elas necessárias ou não, intencionais ou não, pois nem todos sabem como se dá o processo tradutório e editorial. Por uma questão de ética, o público deve ser previamente informado sobre o que está prestes a ler, assistir ou escutar. Assim, talvez seja possível minimizar os efeitos de sua exposição à ideologia e à poética de padrões, tradutores e preparadores/revisores, ou às alterações decorrentes de suas interpretações e

escolhas. Muitas alterações aqui apontadas, nos dois *corpus* selecionados, podem parecer detalhes sem importância para algumas pessoas, mas para outras podem ser motivo de desagrado.

Diante das questões levantadas por esta pesquisa e da demonstração de que a preparação/revisão é, de fato, uma reescrita da tradução, não se pode deixar de enfatizar a necessidade de as universidades refletirem sobre a oportunidade de oferecer, ao estudante dos cursos de graduação de Tradução, um espaço para a discussão do processo de edição dessas obras e as consequências negativas e positivas desse processo para o texto final.

Para concluir, ler TTs é ler o ponto de vista de outros. É ler uma, duas, três reescritas. Algumas edições de Tolstói em português, por exemplo, não são Tolstói: são uma soma de dois tradutores, um para o francês e outro para o português; preparadores de textos em francês e português e revisores em francês e português; todos eles, em alguma medida, simplificando, normalizando e explicitando sob a influência da patronagem, da ideologia e da poética. A mistura de todos esses fatores e características que intervêm tanto no trabalho de tradutores quanto de preparadores/revisores podem ser benéficas ou maléficas para o TT. Por isso, é importante que mais pesquisas sejam realizadas e que se busque, progressivamente, a integração entre esses profissionais, objetivando assim o respeito mútuo ao trabalho que desenvolvem, porque, do contrário, corre-se o risco de que publicações de má qualidade sejam produzidas, trazendo assim problemas a todos os envolvidos, além de desacreditar as obras traduzidas.

## REFERÊNCIAS

- ADAPTAÇÃO. In: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. p. 78.
- AGOSTINHO, S. *A Doutrina Cristã – manual de exegese e formação cristã*. Tradução de Ir. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002. v. 17.
- ALVES, R. Revisores, esses seres invisíveis. *Revisor 10*, Brasília, 01 mar. 2009. Disponível em: <[http://www.revisor10.com.br/sys/conteudo/visualiza\\_lo22.php?pag=:revisor10A;paginas;visualiza\\_lo22&cod=532&secao=9](http://www.revisor10.com.br/sys/conteudo/visualiza_lo22.php?pag=:revisor10A;paginas;visualiza_lo22&cod=532&secao=9)>. Acesso em: 25 mar. 2016.
- AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, E. (Orgs.). *Tradução & perspectivas teóricas e práticas*. São Paulo: Unesp/Cultura Acadêmica, 2015.
- ANDERSON, F. C. A (não) relação entre tradutores e copidesques no processo de edição de obra estrangeira. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 37-67, 2005. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25340/25340.PDF>>. Acesso em: 30 jan. 2017.
- ANTUNES, M. A. G. *Autotradução e autotradutores: breve histórico tradução e comunicação*. (Cessou em 1996), v. 1, p. 78-83, 2007.
- ANNE FRANK. As diferentes versões do diário de Anne. *Anne Frank.org*, Amsterdã, s/d. Disponível em: <<http://www.annefrank.org/pt/Anne-Frank/O-diario-e-publicado/As-diferentes-versoes-do-diario-da-Anne/>>. Acesso em: 30 jan. 2018.
- ARISTÓFANES. Lisístrata: As nuvens. Tradução de Millor Fernandes. In: FILLIPOUSKI, A. M. (Org.). *Coleção Teatro Vivo*. 1. ed. São Paulo: Ed. Abril, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Lisístrata: A greve do sexo*. Tradução de Millor Fernandes. 1. ed. Porto Alegre: LP&M, 2003.
- ASIMAKOULAS, D. Rewriting. In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (Ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2. ed. New York: Routledge, 2011. p. 241.
- AZENHA JUNIOR, J. Transferência cultural em tradução: contextualização, desdobramentos, desafios. *TRADTERM*, São Paulo, v. 16, p. 36-66, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/46311/50074>>. Acesso em: 18 jan. 2018.
- BAKER, M. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, Mona et al. (Eds.). *Text and technology: In honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. p. 233-250.
- \_\_\_\_\_. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, Harold. (ed.) *Terminology, LSP and translation: studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996. p. 177-186.



\_\_\_\_\_. Linguística e estudos culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos estudos da tradução. In: MARTINS, M. A. P. (Org.). *Tradução e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Y.H. Lucena, 1999. p. 15-34.

\_\_\_\_\_. *In Other Words: a coursebook on translation*. 2. ed. New York: Routledge, 2011.

BAKER, M. *Translation and Conflict: A narrative Account*. New York: Routledge, 2006.

BAKER, M.; SALDANHA, G. (Eds.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2. ed. London: Routledge, 1998.

BARROS, A. M. L.; MOLINA, A. A. *Pesquisa qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias*. In: TOLEDO, C. A. A.; GONZAGA, M. T. C. (Org.). *Metodologia e técnicas de pesquisa: nas áreas de Ciências Humanas*. Maringá: Eduem, 2011. p. 122-133.

BASARTE, A. Entrevistadores: P. Grosman e A. Rogante. In: GROSMAN, P.; ROGANTE, A. *4 Cuatro Tramas Orientación para Leer, escribir, traducir e revisar*. 1 ed. Buenos Aires: Editora Três Almenas, 2009. p. 167-168.

BASSNETT, S. Prologue. In: PARKER, Jan; MATHEWS, Timothy. *Tradition, translation, trauma: the classic and the modern*. Oxford: Oxford University Press, 2011. P. 1-8.

BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. (Eds.). *Translation History Culture – A Sourcebook*. London: Routledge London, 1992.

BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. Introduction. Proust's grandmother and the Thousand and One Nights: The 'Cultural Turn' in Translation Studies. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). *Translation, History and Culture*. London/New York : Routledge, 1990. p. 4.

BASTIANETTO, P. C. J.-P. Vinay, J. Darbelnet – Slytilisque comparée du Français et de L'anglais: méthode de traduction. In: VIEIRA, L. R. P. (Org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 13-41

BASTIN, G. Adaptation. In: BAKER, M.; SALDANHA, G. (Eds.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. 2. ed. London: Routledge, 1998. p. 3-4.

BENJAMIN, W. A tarefa do Tradutor. In: BRANCO, L. C. (Org.). *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008. p. 25-42.

\_\_\_\_\_. A tarefa do tradutor. Tradução de Susana Kampff. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. 2. ed. Florianópolis: UFSC/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2010. p. 202-231.

BERMAN, A. *A Prova do Estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schlegel, Schleiermacher, Hölderlin*. Bauru: Edusc, 2002.

BESSA, M. Perfil dos profissionais que trabalham com revisão de textos no município do Rio de Janeiro. *Cadernos CESPUC de pesquisa Série Ensaio*, Belo Horizonte, n. 26, p. 78-79, 2015.

BINI, F. *Site Game of Thrones*. Disponível em: <<http://www.gameofthronesbr.com/2015/03/os-erros-nas-edicoes-de-o-mundo-de-gelo-e-fogo.html#ixzz4XFdJmlm3>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

BITELLI, C. *Vídeo complementar sobre os limites de intervenção: os limites com o autor nacional*. Curso de Pós-Graduação On-Line em Língua Portuguesa. Produção de Erik Rafael Alves Ferreira. Coordenação de Jézio Hernani Bomfim Gutierre e Klaus Schlünzen Junior. São Paulo: Universidade do Livro/Unesp, 2015. 1 vídeo (11:08 min).

BLANCHAUD, P. *A revisão de traduções literárias pelas Editoras - L'Atelier du Roman*. Disponível em: <[http://latelierduroman.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=92:numero-04&catid=13:anciens-numeros](http://latelierduroman.com/index.php?option=com_content&view=article&id=92:numero-04&catid=13:anciens-numeros)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BLASQUES, M. Entrevista com Márcia Blasques. [12 de abril, 2017]. Brasília: WhatsApp. Entrevista concedida a Auristela Marina Cardoso Genaro Webster.

BLOOM, H. *Anne Frank's The Diary of Anne Frank*. New York: Ed. Bloom's Literary Criticism/An Imprint of Infobase Publishing, 2010.

BRASIL. Lei 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 6 jan. 1989. Seção 1. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L7716.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7716.htm)>. Acesso em: 29 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Lei 9.610, de 19 fevereiro de 1998. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 20 fev. 1998. Seção 1, p. 3. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19610.htm)>. Acesso em: 29 jan. 2018.

BUENO, L. T. *Chapeuzinho vermelho e Caperucita roja: uma investigação de reescritas com base na representação (visual) de atores sociais e na representação da ação social*. 2011. 297f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CAMARGO, D. C. Tradução e tipologia textual. *Tradução & Comunicação*, Londrina, v. 16, p. 46-52, 2007. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/viewFile/2123/2020>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

CANCIAN, R. Ideologia: termo tem vários significados em ciências sociais. *UOL Educação*, São Paulo, 8 mai. 2007. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/ideologia-termo-tem-varios-significados-em-ciencias-sociais.htm>>. Acesso em: 24 out. 2017.

CÂNDIDO, A. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. Série Temas: Estudos Literários, vol. 1.

CARIBÉ, Y. J. A. *Tradução, adaptação e reescrita da obra de Virginia Woolf por Michael Cunningham em The Hours (1988)*. 2014. 170f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2015.

CARNOT, L. *Reflexões sobre a metaphysica do cálculo infinitesimal*. Lisboa: Oficina de João Procópio Correia da Silva, 1798.

CARVALHO, L. M. *Os pressupostos ideológicos das Reformas Pombalinas do Estado Português (1750-1777)*. 2003. 119f. Dissertação (Mestrado em História)–Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2003.

CBL (Câmara Brasileira do Livro). Setor editorial teve queda de 5,2% em. *CBL*, São Paulo, 17 mai. 2017. Disponível em: <<http://cbl.org.br/imprensa/noticias/setor-editorial-teve-queda-real-de-52-em>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

COSTA, R. S. *A revisão de texto traduzido: A importância do papel do tradutor e do revisor para a fluência do texto traduzido*. 110f. Brasília, 2012. Monografia (Pós-Graduação em Revisão de Texto)–Centro Universitário de Brasília (UnICEUB/ICPD). 2012.

DARBELNET, J; VINAY, J. P. *Stylistique compare du français et de l'anglais: Méthode de traduction*. Paris: Didier/Beauchemin, 1960.

D'HULST, L. Why and how to write translation histories. *Crop*, São Paulo, v. 6, p. 21-32, 2001.

EBRAHIM, Z. *The Terrorist's Son – A Story of a choice*. New York: Simon & Schuster, 2014.

\_\_\_\_\_. *O Filho do terrorista – A história de uma escolha*. Tradução de Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Alaúde, 2015.

ESTEVES, L. M. R. Tradução & direitos autorais. In: AMORIN, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, É. (Orgs.). *Tradução & perspectivas teóricas e práticas*. São Paulo: Unesp / Cultura Acadêmica, 2015. p. 45-69.

FERNANDEZ, E. P. G. Tradução em regime de direitos autorais – serviço ou obra? *PIDCC*, Aracaju, v. 3, n. 5, p. 67-86, 2014.

FOLHA DE S. PAULO. Português contesta adaptação feita em sua tradução. FOLHA DE S. PAULO, São Paulo, 30 jun. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/51723-portugues-contesta-adaptacao-feita-em-sua-traducao.shtml>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

FONTES, I. *Vídeo aula 1 e 2: A produção do texto / A preparação do texto*. Curso de Pós-Graduação On-Line em Língua Portuguesa. Produção de Erik Rafael Alves Ferreira. Coordenação de Jézio Hernani Bomfim Gutierre e Klaus Schlünzen Junior. São Paulo: Universidade do Livro/Unesp, 2015. 2 vídeos (6:34 min; 7:11 min).

FREUD, S. *Sobre a psicopatologia da Vida Cotidiana (1901)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 6.

GENTZLER, E. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras Editora, 2009.

GLOBO NEWS. Versão simplificada de livro de Machado de Assis gera polêmica. *GLOBO.COM*, São Paulo, 17 mai. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo>>

news/noticia/2014/05/versao-simplificada-de-livro-de-machado-de-assis-gera-polemica.html>. Acesso em: 24 abr. 2017.

GODOY, A. S. Título Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOIS, L. Preparação e revisão de textos. *Profissão Editor*, [S.I.], 06 jun. 2016. Disponível em: <<http://profissaoeditor.com.br/?p=48>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

GOLUCH, D. *Quality in the translation industry: the process*. Cardiff University: Futurelearn.com, 2013. Disponível em: <<https://www.futurelearn.com/courses/working-with-translation/2/steps/158032>>. Acesso em: 20 out. 2016.

GROSMAN, P.; ROGANTE, A. Entrevista com Basarte, A. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). *4 Cuatro Tramas Orientación para Leer, escribir, traducir e revisar*. 1 ed. Buenos Aires: Editora Três Almenas, 2009. p. 167-168

GUERINI, A.; TORRES, M.-H. C.; COSTA, W. C. (Org.). *Literatura Traduzida e Literatura Nacional*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 9-12.

HERMANS, T. *Translation in systems – descriptive and system-oriented approaches explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

HILTON, L. 16 Das traduções mais infames e hilárias de placas e cardápios para a Copa. *Tudo Interessante*, [S.I.], 05 jun. 2014a. Disponível em: <<https://www.tudointeressante.com.br/2014/06/16-das-traducoes-mais-infames-e-hilarias-de-placas-e-cardapios-para-a-copa.html>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. 16 Das traduções mais infames e hilárias de placas e cardápios para a Copa. *Tudo Interessante*, [S.I.], 05 jun. 2014b. Disponível em: <<https://www.tudointeressante.com.br/2014/06/16-das-traducoes-mais-infames-e-hilarias-de-placas-e-cardapios-para-a-copa.html>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. 16 Das traduções mais infames e hilárias de placas e cardápios para a Copa. *Tudo Interessante*, [S.I.], 05 jun. 2014c. Disponível em: <<https://www.tudointeressante.com.br/2014/06/16-das-traducoes-mais-infames-e-hilarias-de-placas-e-cardapios-para-a-copa.html>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. 16 Das traduções mais infames e hilárias de placas e cardápios para a Copa. *Tudo Interessante*, [S.I.], 05 jun. 2014d. Disponível em: <<https://www.tudointeressante.com.br/2014/06/16-das-traducoes-mais-infames-e-hilarias-de-placas-e-cardapios-para-a-copa.html>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

HOUSE, J. *Translation quality assessment past and present*. New York: Routledge, 2015.

KOSKINEN, K; WAY, C. New horizons in translation research and education. In: SOLUM, K. (Ed.). *Multiple translatorship: identifying the ghost translator*. Joensuu: University of Easter Finland, 2015.

LEFEVERE, A. *Translating literature: the German tradition*. Amsterdam: Van Gorp & Comp., 1977.

\_\_\_\_\_. (Ed.). *Translation / History / Culture: a sourcebook*. London/New York: Routledge, 1992a.

\_\_\_\_\_. *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge, 1992b.

\_\_\_\_\_. Constructing cultures: essay on literary translation topics. In: BASSNET, S.; LEFEVERE, A. *Translation practice(s) and the circulation of cultural capital: some aeneids in English*. London: Multilingual Matters Bristol, 1998. p. 48.

\_\_\_\_\_. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

LEITE NETO, A. C. Para especialistas, nova tradução é a mais fiel ao estilo de Tolstói. *Folha.com*, São Paulo, 17 dez. 2011. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2011/12/17/para-especialistas-nova-traducao-e-a-mais-fiel-ao-estilo-de-tolstoi.jhtm>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

LOVEMONDAYS. Salários de revisor de textos. *Lovemondays*, São Paulo, 15 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.lovemondays.com.br/salarios/cargo/df/salario-revisor-de-textos/brasil>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

MACDONALD, F. Os piores erros de tradução da história. *BBC Culture*, São Paulo, 24 mar. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150324\\_vert\\_cul\\_piores\\_traducoes\\_ml](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150324_vert_cul_piores_traducoes_ml)>. Acesso em: 24 jan. 2018.

MARTIN, G. R. R. *A dança dos dragões*. Tradução de Márcia Blasques. São Paulo: Leya, 2012.

MATOS, A. S. de. *A homossexualidade no ocidente: uma perspectiva histórica*. *Ultimato Online*, Viçosa, 1 set. 2003. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/284/a-homossexualidade-no-ocidente-uma-perspectiva-historica>>. Acesso em: 04 fev. 2018.

MECENAS. In: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. p. 1875.

MERINO, R. Traducción, adaptación y censura de produtos dramáticos. In: CHAUME, F.; AGOST, R. (Eds.). *La traducción em los medios audiovisuales*. Castellón: Publicacions de la Universitat Jaume I, 2001. p. 1-9.

MILTON, J.; NOBREGA, T. M. The role of Haroldo and Augusto de Campos in bringing translation to the fore of literary activity in Brazil. In: MILTON, J.; BANDIA, P. (Orgs.). *Agents of Translation*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 257-277.

MILTON, J. Tradução e Adaptação. In: AMORIN, L. M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO, É. (Orgs.). *Tradução & perspectivas teóricas e práticas*. São Paulo: Unesp / Cultura Acadêmica, 2015. p. 27-34.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

- MOSSOP, B. *Revising and editing for translators*. London/New York: Routledge, 2014.
- MOURA FILHO, A. C. L. *Reinventando a aula por um contexto cooperativo para a aprendizagem de inglês com língua estrangeira*. 2000. 105f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)–Universidade de Brasília, Brasília, 2000.
- NOGUEIRA DA GAMA, M. J. Dedicatória. In: CARNOT, L. *Reflexões sobre a metaphysica do cálculo infinitesimal*. Tradução de Manoel Jacinto Nogueira da Gama. Lisboa: Off. João Procópio Correia da Silva, 1798.
- NUNO, F. *Vídeo complementar: o trabalho com o texto – visão geral e ligeiramente histórica*. Curso de Pós-Graduação On-Line em Língua Portuguesa. Produção de Erik Rafael Alves Ferreira. Coordenação de Jézio Hernani Bomfim Gutierre e Klaus Schlünzen Junior. São Paulo: Universidade do Livro/Unesp, 2015. 1 vídeo (11:28 min).
- O’CONNOR, F. *É difícil encontrar um homem bom*. Tradução de José Roberto O’Shea. 1. ed. São Paulo: Siciliano, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Um homem bom é difícil de encontrar*. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Um bom homem é difícil de encontrar*. Tradução de Clara Pinto Correia. Portugal: Cavallo de Ferro, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A good man is hard to find*. New Jersey: Rutgers University Press, 1993.
- OLIVEIRA HARDEN, A. R. Equivalência: sinônimo de divergência. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 19, p. 97-114, 2007.
- \_\_\_\_\_. Brasileiro tradutor e/ou traidor: Frei José Mariano da Conceição Veloso. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 23, p. 131-148, 2009.
- \_\_\_\_\_. Manoel Jacinto Nogueira da Gama: ciência e tradução no final do Século XVIII. *Tradução em Revista*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-19, 2010.
- \_\_\_\_\_. A história e a história da tradução: questões de legitimidade e fragilidade. In: SOUZA, G. H.; VERÍSSIMO, T. A. (Org.). *História e historiografia da tradução: desafios para o século 21*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2016. v. 3. p. 31-54.
- PAAPE, Harry et. al. (Eds.). *De dagboeken van Anne Frank*. Gravenhage: Staatsuitgeverij; Amsterdam: Bert Bakker, 1986.
- PATRÃO. In: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. p. 2150.
- PINHEIRO, C. D. *Feitas especialmente pra você: considerações sobre a tradução de bíblias temáticas no Brasil*. 2017. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução)–Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- PINILLA, J. A. Las antologias sobre la traducción em España y Portugal: revisión crítica. *SENDEBAR*, Granada, v. 21, p. 1-13, 2010.

PROSE, F. *Anne Frank: A história do diário que comoveu o mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PYM, A. *Epistemological problems in translation and its teaching a seminar for thinking students*. Calaceit: Ediciones Caminade, 1993.

RABADÁN, R.; GUZMÁN, T.; FERNÁNDEZ, M. *Lengua, traducción, recepción: em honor of Julio César Santoyo*. León: Universidad de León, Área de Publicaciones, 2010.

REIS, F. S. F. *Ficção e traduções de fãs na internet: um estudo sobre reescrita, colaboração e compartilhamento de fanfiction*. 2017. 207f. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

RISSATTI, P. A tradução como ela é tradução, autoria e direitos autorais. *Ponte de letras*, [S.I.], 07 jul. 2017. Disponível em: <<https://pontedeletas.com/2014/07/07/a-traducao-como-ela-e-traducao-autoria-e-direitos-autorais/>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

RODRIGUES, C. C. Tradução e diferença: uma proposta de desconstrução da noção de equivalência em Catford, Nida, Lefevere e Toury. *Síntesis*, [S.I.], v. 4, p. 273-281, 1999.

\_\_\_\_\_. Tradução, reescrita e manipulação da fama literária de André Lefevere. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 27, p. 321-326, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v1n27p321/19785>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

RODRIGUES, M. F. Sem medo da concorrência ou do cenário, novas editoras se lançam no mercado. *Estadão*, São Paulo, 8 jun. 2013. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,sem-medo-da-concorrencia-ou-do-cenario-novas-editoras-se-lancam-no-mercado,1040051>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

RODRIGUES, V. Entrevista com Vitória Rodrigues. [setembro, 2016]. Brasília: [arquivos pessoais]. Entrevista concedida a Auristela Marina Cardoso Genaro Webster.

ROSCOE-BESSA, C. *A tradução de rótulos de comestíveis e cosméticos*. Brasília: Plano, 2003.

ROSENTHAL, E. T. *Tradução: ofício e arte*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1976.

SANTOS, A. O. Poética, história e poética histórica. *Literatura e História – Actas do Colóquio Internacional*, Porto, v. 2, p. 211-216, 2004.

SANTOS, C. S. *A revisão como atividade interventora no processo tradutório*. 2006. 192f. Dissertação (Mestrado em Letras)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SANTOYO MEDIAVILLA, J.-C. *Blank spaces in the history of translation*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2006.

SARAMAGO, J. *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso Braida. *Princípios*, Natal, v. 14, n. 21, p. 233-265, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/500/432>>. Acesso em 15 mar. 2017.

SELVATICI, C. *Closed caption: conquistas e questões*. 87 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, J. M. V.; OLIVEIRA HARDEN, A. R Revelando o implícito nas legendas oficiais da série de TV Bates Motel: um estudo baseado em *corpus*. *Revista Belas Infêis*, Brasília, v. 6, p. 123-144, 2017.

SOUSA, M.; MACIEL, S. M. P. O teatro brasileiro sob pressão. *Dito e Feito*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2009.

STEINER, P. *Russian formalism: a metapoetics*. Ithaca: Cornell University Press, 1984.

TRADUÇÃO. In: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. p. 2.745

TYMOCZKO, M. *Translation in a post colonial context: early Irish literature in English translation*. 1 ed. London: St. Jerome Publishing, 1999.

VALENTIN, L. H. A. Representação da homossexualidade brasileira do século XVII ao século XIX. (Relatório de pesquisa) 2013. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 25., 2010. São José do Rio Preto, SP. *Anais...* São José do Rio Preto: Unesp/Ibilce, 2010.

VALLE, P. *Cómo corregir sin ofender: manual técnico-prático de corrección de estilo*. Buenos Aires: Lumen, 2001.

VENUTI, L. (Ed.). *Rethinking translation - discourse, subjectivity, ideology*. London/New York: Routledge, 1992.

VENUTI, L. Invisibility. In: \_\_\_\_\_. *The translator's invisibility: a history of translation*. London/New York: Routledge, 1995. p. 1-42.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrini; Lucineia Marcelino Villela; Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

VERSÃO. In: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. p. 2.850.

VIDA DE REVISOR. Precisamos falar sobre a diferença entre preparação e revisão de textos. [S.I.]: Revisão para quê?, 19 mai. 2016a. Disponível em: <<http://revisaoparaque.com/blog/diferenca-preparacao-e-revisao-de-textos/>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Precisamos falar sobre a diferença entre preparação e revisão de textos. [S.I.]: Revisão para quê?, 19 mai. 2016b. Disponível em: <<http://revisaoparaque.com/blog/diferenca-preparacao-e-revisao-de-textos/>>. Acesso em: 23 jan. 2018.



VILELA, Pablo. *Códigos de Revisão*. [S.I.]: Cadê o Revisor, 1 jul. 2007. Disponível em: <<https://cadeorevisor.wordpress.com/2007/07/01/codigos-de-revisao/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

WEBSTER'S New Universal Unabridged Dictionary. 2. ed. Washington, D.C.: Washington Post Book World, 1996.

WIELEWICKI, V. H. G. Literary translation and foreign language teacher education in Brazil: A possible path for an inclusive education. In: WITTE, A.; HARDEN, T.; HARDEN, A. (Ed.). *Translation in second language. learning and teaching*. Editora Die Deutsche Bibliothek Bern, 2009.

WOODS, M. *Translating Millan Kundera*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006.

## **APÊNDICES**

APÊNDICE A – Explicitações, Normalizações, simplificações, Alterações não desejadas e alterações desnecessárias – Zak Ebrahim

Quadro A.1 – Explicitações, Normalizações, simplificações, Alterações não desejadas e alterações desnecessárias – Zak Ebrahim

ORIGINAL	TRADUÇÃO <sup>113</sup>	EXPLICITAÇÃO	SIMPLIFICAÇÃO	NORMALIZAÇÃO	ALTERAÇÃO NÃO DESEJADA OU DESNECESSÁRIA
<p><b>Trecho 1</b> My mother shakes me awake in my bed: “There’s been an accident,” she says.</p>	<p><b>Trecho 1</b> Aminha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama. – A aconteceu um acidente – ela diz.</p>	<p>1-Incluiu “De repente” antes de “A minha mãe”. 2- Acrescentou “dizendo:” depois de “minha cama” e exclui “ela diz”. 3-A acrescentou “!” depois de “acidente”.</p>	<p>2-Modificação na estrutura da frase e da pontuação. 1-Colocou “chacoalhões” entre vírgulas. 1-A minha mãe</p>	<p>1-Excluiu “A” antes de “minha mãe”.(+1) (+1) (+1) (+1) (+1) (+1)</p>	<p>1-Excluiu “minha” antes de “cama”. 1-Excluiu “a minha” antes de “cama”.</p>
<p><b>Trecho 2</b> I am seven years old , a chubby kid in Teenage Mutant Ninja Turtle Pajamas.</p>	<p><b>Trecho 2</b> Tenho 7 anos de idade. Sou um menino gorducho de vestindo pijama das tartarugas ninjas.</p>	<p>1-Sou um menino</p>	<p>1-Tartarugas Ninja 2- Dividiu o período em dois. 1-Trocou “vestindo” por “que veste”.</p>	<p>1- Tenho 7 anos.. 2- Trocou “7” por “sete”.</p>	<p>1- O nome correto o desenho é Tartarugas Ninjas Mutantes.</p>
<p><b>Trecho 3</b> I’m accustomed to being roused before dawn, but only by my father, and only to pray on my little rug with the minarets. Never by my mother. It’s eleven at night. My father is not home. Lately, he has been staying at the mosque in Jersey City deeper and deeper into the night.</p>	<p><b>Trecho 3</b> Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho de com os minaretes. Nunca pela minha mãe. São onze da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos ele vem passando cada vez mais horas e horas a fio, noite adentro, na mesquita de Jersey City.</p>	<p>1-...antes mesmo de o dia raiar 2- ...orar ajoelhado 3-... cada vez mais horas e horas a fio... 1-A acrescentou “horas” depois de “onze”. 2-Colocou “!” depois de “mãe”. 3-A acrescentou “horas” depois de “onze”.</p>	<p>1-excluiu “a fio”. (+1) 1-excluiu “e horas a fio”. (+1)  1-Trocou “vem passando cada vez mais horas e horas a fio” por “tem passado mais e mais horas noite adentro...” 1-Trocou “somente” por “apenas antes de “para orar”.</p>	<p>1- Alerta que a “;” depois de pai é optativa. 2-Exclui “o” antes de “meu tapetinho. 1-Exclui a “;” depois de “”Nos últimos tempos”. 1-Trocou “onze” por “11” (+1)</p>	<p>Trocou “na mesquita” por “uma mesquita”.</p>

Fonte: Da autora.

<sup>113</sup> OBS: Na coluna da Tradução as marcas em azul representam o original e as vermelhas as nossas alterações. Alterações marcadas apenas em azul representam a sua exclusão do texto.

cont. Quadro A.1

ORIGINAL	TRADUÇÃO	EXPLICITAÇÃO	SIMPLIFICAÇÃO	NORMALIZAÇÃO	ALTERAÇÃO NÃO DESEJADA OU DESNECESSÁRIA
<b>Trecho 4</b> But he is still Baba to me – funny, loving, warm.	<b>Trecho 4</b> Mas para mim ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso.		1-Colocou “mas para mim” entre vírgulas. 1-Colocou “para mim” entre vírgulas.		
<b>Trecho 5</b> Just this morning he tried to teach me, yet again, how to tie my shoes.	<b>Trecho 5</b> Nesta Ainda nessa mesma manhã ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar os tênis meus cadarços.	1-trocou “Nesta mesma” por “nesta exata.”	1-Trocou “Nesta mesma manhã” por “Pela manhã”	1-Modificou a posição do aposto na frase.	1-A tradução de <i>shoes</i> é sapatos. Tênis poderia ser: <i>tennis shoe, sneakers, trainers</i> .
<b>Trecho 6</b> Has he been in an accident? What kind of accident? Is he hurt? Is he dead?	<b>Trecho 6</b> Será que ele Ele se envolveu em um acidente? Que tipo de acidente? Está Estará machucado? Morreu?	1- Acrescentou “Mas, em relação à afirmação de minha mãe” antes de “ele se envolveu...” 1-..em algum acidente..	2-estará machucado 3.morreu? 1-Trocou “morreu por “estará morto”. 1-Excluiu “tipo de” antes de “acidente”.		1-O tempo verbal foi modificado sem necessidade.
<b>Trecho 7</b> I can’t get the questions out because I’m too scared of the answers.	<b>Trecho 7</b> Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das resposta.				1-Trocou “as perguntas” por “os questionamentos”. 1-Trocou “medo demais” por “muito medo”. (+1)
<b>Trecho 8</b> My mother flings open a white sheet – it mushrooms briefly, like a cloud – then leans down to spread it on the floor.	<b>Trecho 8</b> Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante, o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem –, depois cai e se esparrama pelo chão.	1-O tecido se avoluma feito um cogumelo.	1-Trocou “feito cogumelo” por “como um cogumelo”. 2-Trocou “– por um breve instante, o tecido” por “que, por um breve instante, se avoluma”.	2- Excluiu a vírgula depois de nuvem. (+1) (+1)	1- “Depois cai e se esparrama pelo chão” Não é isso que acontece. Ela abre o lençol depois ela se inclina para esticá-lo sobre o chão.

Fonte: Da autora.

cont. Quadro A.1

ORIGINAL	TRADUÇÃO	EXPLICITAÇÃO	SIMPLIFICAÇÃO	NORMALIZAÇÃO	ALTERAÇÃO NÃO DESEJADA OU DESNECESSÁRIA
<p><b>Trecho 9</b>            “Look in my eyes, Z,” she says, her face so knotted with worry that I hardly recognize her.            “You need to get dressed as quick as you can.” “And then you need to put your things onto this sheet, and wrap it up tight. Okay?” “Your sister will help you.” She moves towards the door. “Yulla, Z, yulla. Lets go.”</p>	<p><b>Trecho 9</b>            – Olhe nos meus olhos, Z – ela diz, com o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço.– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.            Ela caminha na direção da porta.            – <i>Yulla, Z, yulla. Vamos.</i></p>	<p>1-Retorcido <b>por inúmeros nós</b>            2-Colocar suas <b>dentro</b> deste lençol            3- <b>Tudo bem?</b>            1-Colocou “!” depois de “Vamos”.            1-Trocou “o” por “seu” antes de rosto.            1-Colocou dois pontos depois de “porta” e ponto de exclamação depois de “Vamos”.            1-trocou “inúmeros nós” por “inúmeras rugas”. (+1)            1-Trocou “com o rosto tão retorcido por inúmeros nós” por “com o rosto enrugado”.</p>	<p>1-E depois <b>precisa colocar</b>            2-Ela <b>caminha</b>            1-Excluiu “inúmeros nós”            1-Exclusão do “A” antes de “sua irmã”            1-Troca “Tudo bem” por “certo?” (+1)            1-Trocou “tudo bem” por “entendeu?”            1-Excluiu “as” antes de “suas”.            1-Excluiu “A” antes de “sua irmã”. (+1)</p>	<p>1-A sua irmã            1-Retirou a <b>vírgula</b> depois de “olhos”. (+1)            2-Trocou “a sua irmã vai ajudar você” por “a sua irmã vai lhe ajudar”.            1-Colocou vírgula depois de “preocupação”.            1-Alerta que o ponto depois de “puder” pode ser trocado por vírgula.            1-trocou “embrulhar e amarrar” por “embrulhá-las e amarrá-las”.            2-troca “na direção da” por “em direção à”            1-Colocou dois pontos depois de “porta”.</p>	<p>1-Tradução literal: com o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação.            1-Introdução de alteração não desejada ao trocar “deste” por “esse”.            1-Alteração não desejada: acrescentou “e chama por <i>Yulla</i>” depois de “porta”.</p>
<p><b>Trecho 10</b>            “Wait,” I say. It’s the first word I’ve manage to utter since I tumbled out from under my He –Man blanket.</p>	<p><b>Trecho 10</b>            – Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de baixo da minha colcha do He-<b>Man man.</b></p>	<p>1-Troca “da minha colcha” por “do meu cobertor”.</p>	<p>1-...que <b>saí</b> de baixo...            1-Excluiu “eu digo”. 1-Excluiu “eu” antes de “digo”.</p>	<p>1-trocou “de baixo” por “de debaixo”.            1-Coloca travessão depois de “eu digo”.</p>	<p>1-De baixo de minha colcha. Alteração não desejada de português. O correto é saí de debaixo da minha colcha.            2-A tradução de <i>blanket</i> e cobertor ou manta.            3- A tradução para <i>tumbled out</i> é rolar.            4- Não foi colocado o travessão depois de “digo”.</p>

Fonte: Da autora.

cont. Quadro A.1

ORIGINAL	TRADUÇÃO	EXPLICITAÇÃO	SIMPLIFICAÇÃO	NORMALIZAÇÃO	ALTERAÇÃO NÃO DESEJADA OU DESNECESSÁRIA
<p><b>Trecho 11</b>                      “What should I put in the sheet? What... Things?”                      I’m a good kid. Shy.                      Obedient. I want to do as my mother says.</p>	<p><b>Trecho 11</b>                      – O que devo colocar no lençol? Que... <i>coisas coisa?</i>                      Sou um bom menino. Tímido.                      Obediente. Quero fazer exatamente o que <i>a</i> minha mãe me pediu.</p>	<p>1-Quero fazer <b>exatamente</b> o                      2-que minha mãe <b>me pediu</b>.</p>	<p>1-Colocou “exatamente” entre vírgulas.</p>	<p>1-Trocou “pediu” por “pede”                      1-Substituiu “coisa” por “coisas” (+1) (+1) (+1) (+1) (+1)</p>	<p>1-Trocou “devo” por “tenho de”</p>
<p><b>Trecho 12</b>                      She stops to look at me.                      “Whatever will fit,” she says. “I don’t know if we’re coming back.” She turns, and she’s gone.</p>	<p><b>Trecho 12</b>                      Ela se detém e olha para mim.                      – Tudo que couber – <i>ela</i> diz –                      Não sei se a gente vai voltar.                      Gira sobre os calcanhares, e desaparece.</p>	<p>1-Gira sobre os calcanhares</p>	<p>1-Excluiu “ela” antes de “diz”.                      2-e desaparece                      1-Troca de “gira sobre os calcanhares” por “se vira”. (+1)                      2-Exclusão de “ela diz”                      1-Acréscita “dizendo” depois de “mim” e exclui “diz”.</p>	<p>1-Retirou vírgula depois de “calcanhares”                      1-Exclui a vírgula depois de “calcanhares”. (+1) (+1) (+1) (+1)                      1-Troca “a gente vai voltar” por “voltaremos”</p>	
<p><b>Trecho 13</b>                      Once we’ve packed, my sister, my brother, and I pad down to the living room.</p>	<p><b>Trecho 13</b>                      Assim que terminamos de arrumar as nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar.</p>	<p>1-arrumar as nossas coisas</p>	<p>1-Colocou “passos surdos” entre vírgulas.</p>	<p>1-Exclui “as” antes de “nossas”. (+1)</p>	
<p><b>Trecho 14</b>                      My mother has called my father’s cousin in Brooklyn – we call him Uncle Ibrahim, or just Ammu – and she’s talking to him heatedly now.</p>	<p><b>Trecho 14</b>                      A minha mãe tinha ligado para o primo do meu pai que vive no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou simplesmente Ammu – e agora está tendo uma acalorada discussão com ele.</p>	<p>1-...que vive no...                      1-Trocou “e agora está tendo uma” por “e deu início a uma”.                      1-Colocou “simplesmente” entre vírgulas.</p>		<p>1- <b>tio</b> Ibrahim                      2-<b>tendo uma</b>                      Colocou vírgula depois de “Ammu”.                      1-excluiu “A” antes de “minha”. (+1)(+1) (+1) (+1)                      1-Colocou “,” depois de “pai”</p>	<p>1-Trocou “vive” por “mora”</p>

Fonte: Da autora.

cont. Quadro A.1

ORIGINAL	TRADUÇÃO	EXPLICITAÇÃO	SIMPLIFICAÇÃO	NORMALIZAÇÃO	ALTERAÇÃO NÃO DESEJADA OU DESNECESSÁRIA
<p><b>Trecho 15</b> Her face is flushed. She is clutching the phone with her left hand, with her right, nervously adjusting her hijab where it's come loose around her ear.</p>	<p><b>Trecho 15</b> O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente o seu <i>hijab</i>, o seu véu, no ponto que afrouxou em volta da orelha.</p>	<p>1-apertando <b>com força</b> 2- <b>o seu véu</b> 1-Colocou “nervosamente” entre vírgulas.</p>	<p>1-Trocou “hijab” por “véu”</p>	<p>1-Incluiu “ele” depois de “que”</p>	<p>1-Trocou “nervosamente” por “com nervosismo”. 1-Trocou “afogueado” por “queimando”</p>
<p><b>Trecho 16</b> The TV plays in the Background. Breaking news. We interrupt this program.</p>	<p><b>Trecho 16</b> Ao fundo, a tevê está ligada. Notícias de última hora. “Interrompemos a programação.”</p>	<p>1-Inclui parágrafo e travessão e acrescenta “...” depois de “programação”.</p>	<p>1-Interrompemos a <b>programação</b></p>	<p>1-Inversão da frase. 1-Excluiu a vírgula depois de “fundo”.</p>	
<p><b>Trecho 17</b> My mother catches us watching, and hurries to turn it off. She talks to Ammu Ibrahim a while longer, her back to us. When she hangs up, the phone begins ringing. It's a jarring sound in the middle of the night: too loud and like it <i>knows</i> something.</p>	<p><b>Trecho 17</b> A minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar. Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas para nós. Assim que ela desliga, o telefone volta a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece que <i>sabe</i> de alguma coisa.</p>	<p>2-Inclui parágrafo.</p>	<p>1-Trocou “alguma coisa” por “algo” 1-Coloca vírgula depois de Ibrahim</p>	<p>1-A minha mãe 2-Exclusão da “,” depois de “assistindo”. 1-Excluiu “A” antes de minha. (+1)(+1) 2-excluiu a vírgula depois de “demais”. 1-Excluiu “e” antes de “parece”. 1-Trocou “que sabe” por “saber”. 1-Excluiu a vírgula depois de “desliga”.</p>	<p>1-A tradução de: the <i>phone begins ringing</i> por <b>volta a tocar</b>, não é desejada que o telefone não tocou anteriormente.</p>
<p><b>Trecho 18</b> My mother answers. It is one of Baba's friends from the mosque, a taxi driver named Mahmoud.</p>	<p><b>Trecho 18</b> A minha mãe atende. É um dos amigos do Baba da Mesquita, um taxista chamado Mahmoud.</p>		<p>1-Um <b>taxista</b></p>	<p>1-A minha mãe 1-Excluiu “A” antes de minha. (+1) (+1) (+1)(+1) (+1) (+1)</p>	<p>Uma vírgula depois de Baba, tiraria a ambiguidade da frase.</p>

Fonte: Da autora.

cont. Quadro A.1

ORIGINAL	TRADUÇÃO	EXPLICITAÇÃO	SIMPLIFICAÇÃO	NORMALIZAÇÃO	ALTERAÇÃO NÃO DESEJADA OU DESNECESSÁRIA
<p><b>Trecho 19</b> Everyone calls him Red because of his hair. Red sounds desperate to reach may father. “He’s not here,” my mother says. She listen for a moment. “okay”, she says, and hangs up..</p>	<p><b>Trecho 19</b> Todo mundo o chama de Vermelho por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar e falar com o meu pai. – Ele não está aqui – diz a minha mãe, que por um momento ouvi atentamente. – Tudo bem – ela diz, e desliga.</p>	<p>1-Localizar e falar com o meu pai. 2-Tudo bem 3- Atentamente 1-Mudança do nome do personagem de “Vermelho” para “Ruivo” 2- Colocou “por momento” entre vírgulas.(+1)</p>	<p>1-Trocou “localizar e falar com o meu pai” por “localizar meu pai e falar com ele”. (+1) (+1)</p>	<p>1-Uniu esse trecho ao anterior por meio do pronome relativo “que”. 2- Inverteu a ordem de “minha mãe diz” por “diz a minha mãe”. 1-Excluiu “,” depois de “ela diz”. (+1) (+1) 1-Excluiu “a” antes de “minha”. 1-Colocou “,” antes de “por um momento”. (+1)</p>	<p>2-Trocou “ela diz” por “ela responde”. 1-Trocou “por um momento” por “por enquanto”. 1-Colocou “vermelho” em caixa alta” (+1) (+1) (+1) (+1) (+1) (+1)</p>
<p><b>Trecho 20</b> The phone rings again. That terrible noise. This time, I can’t figure out who’s calling.</p>	<p><b>Trecho 20</b> O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível. Desta vez, não faço ideia de quem está ligando.</p>		<p>1-faço ideia</p>		
<p><b>Trecho 21</b> My mother says, “really? ” She says “Asking about us? The police?”</p>	<p><b>Trecho 21</b> A minha mãe diz: – É mesmo? Fazendo perguntas sobre nós? A polícia?</p>		<p>1-Fazendo perguntas.</p>	<p>1-A minha mãe 1-Exclusão do “A” antes de “minha”. (+1)</p>	
<p><b>Trecho 22</b> A little later, I wake up on a blanket on the living room floor. Somehow, in the midst of the chaos, I’ve nodded off. Everything we could possibly carry – and more – is piled by the door, threatening to topple at any second.</p>	<p><b>Trecho 22</b> Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor, no chão da sala de estar. De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo.</p>	<p>1-Trocou “De alguma maneira” por “Não sei como”. 1-Incluiu “eu” antes de “acordo”.</p>		<p>1-Troca de “junto” por “juntamente” 1-Trocou “peguei” por “tinha pegado” 1-Acrescentou “o” depois de “Tudo”. 1-Trocou “a gente foi capaz” por “fomos capazes”.</p>	<p>1Trocou “maneira” por “modo”.</p>



Fonte: Da autora.

cont. Quadro A.1

ORIGINAL	TRADUÇÃO	EXPLICITAÇÃO	SIMPLIFICAÇÃO	NORMALIZAÇÃO	ALTERAÇÃO NÃO DESEJADA OU DESNECESSÁRIA
<p><b>Trecho 23</b> My mother paces around, checking and rechecking her purse. She has all our birth certificates: proof, if anyone demands it, that she is our mother.</p>	<p><b>Trecho 23</b> A minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo de novo a sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato a nossa mãe.</p>	<p>1-..está zanzando 2-Colocou “de fato” entre vírgulas.</p>	<p>1-Trocou as vírgulas do trecho “<i>if anyone demands it,</i>” por travessões. 2- colocou “a” antes de “prova”.</p>	<p>1-A minha mãe 2-Trocou “:” por “;” depois de “certidões de nascimento” 1-Exclusão do “A” antes de “minha”. (+1) (+1) (+1) 2-Excluiu “o” antes de “outro”. 3-Excluiu “a” antes de “nossa”. (+1) 1-Excluiu “de novo” antes de “a sua bolsa”. (+1) (+1) 1-Trocou “reconfereindo” por “conferindo”. 1-Sugeri excluir “de novo” depois de “reconfereindo”. 2-Excluiu “as” antes de “nossas” 3-Excluiu “a” antes de “nossa mãe”. (+1) 1-Excluiu “reconferindo” e acrescentou “e de novo” depois de “de novo”.</p>	<p>1-<b>Reconferindo de novo.</b> É redundante e desnecessário. 2- A melhor tradução para “<i>paces aroud</i>” seria andar em círculos.</p>

Fonte: Da autora.

cont. Quadro A.1

ORIGINAL	TRADUÇÃO	EXPLICITAÇÃO	SIMPLIFICAÇÃO	NORMALIZAÇÃO	ALTERAÇÃO NÃO DESEJADA OU DESNECESSÁRIA
<p><b>Trecho 24</b> My father, El-Sayyid Nosair, was born in Egypt. But my mother was born in Pittsburgh. Before she recited the Shahada in a local mosque and became Muslim – before she took the name Khadija Nosair – she went by Karen Mills.</p>	<p><b>Trecho 24</b> O meu pai, El-Sayyid Nosair, nasceu no Egito. Mas a minha mãe nasceu em Pittisburgh. Antes de recitar a <i>Shahada</i><sup>1</sup> numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.</p>		<p>1-Uniu a frase trocando “.” depois de Egito por “,”.</p>	<p>1-O meu pai. 2-a minha mãe. 1-Excluiu “a” antes de “minha”. (+1) 1-Trocou “Shahada” por “shahada”. 1-Trocou “numa” por “em uma”.</p>	<p>1-Trocou “islamismo” por “islã”. 1-Corrigiu o “i” na palavra Pittsburgh. (+1) (+1) (+1) (+1)</p>
<p><b>Trecho 25</b> “Your Uncle Ibrahim is coming for us,” she tells me when she sees me sitting up and rubbing my eyes. The worry in her voice is tinged with impatience now. “If he ever gets here.”</p>	<p><b>Trecho 25</b> O seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente – ela diz, quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.</p>	<p>1-se ele chegar aqui <b>algum dia</b> 1-Trocou “sentado direito” por “sentado ereto”.</p>	<p>1-Trocou “matizada de” por “misturada com”. 2-Trocou “matizada” por “mesclada”.</p>	<p>1-Exclusão de “O” antes de “seu”. (+1) (+1) (+1) 1-Trocou “buscar a gente por “nos buscar”. (+1) 1-Trocou “quando me vê” por “ao me ver”.</p>	
<p><b>Trecho 26</b> I do not ask where we are going, and no one tells me. We just wait far longer than it should take Ammu to drive from Brooklyn to New Jersey.</p>	<p><b>Trecho 26</b> Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey.</p>	<p>1-Acrescentou “!” depois de “ninguém me diz” e também depois de “esperamos”. 2-Colocou “esperamos” entre vírgulas.</p>	<p>1-Apenas esperamos. <b>E esperamos muito mais tempo</b></p>	<p>1-T roca “para onde” por “aonde”. 3-retirou a vírgula depois de “indo”. 1-Excluiu “E” antes de “esperamos”. 1-Colocou “.” Depois de “indo”. 2-Trocou “para vir” por “em vir”.</p>	<p>1-Colocou “.” Depois de “indo”.</p>

Fonte: Da autora.

cont. Quadro A.1

ORIGINAL	TRADUÇÃO	EXPLICITAÇÃO	SIMPLIFICAÇÃO	NORMALIZAÇÃO	ALTERAÇÃO NÃO DESEJADA OU DESNECESSÁRIA
<p><b>Trecho 27</b> And the longer we wait, the faster my mother paces and the more I feel like something in my chest is going to burst. My sister puts an arm around me. I try to be brave. I put an arm around my brother.</p>	<p><b>Trecho 27</b> E quanto mais tempo esperamos, mais rápido a minha anda de um lado para o outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. A minha <b>irmã mãe</b> me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um braço em volta do ombro do meu irmão.</p>	<p>1-Quanto mais <b>tempo</b> esperamos</p>		<p>1-Colocou vírgula depois de “E”. 1-Excluiu ”o” antes de “outro”. (+1) 1-Excluiu “eu” antes de “sinto”. 2-Excluiu “meu antes de peito”. 1-Colocou “,” depois de “outro”. 1- A minha irmã 2-Exclusão do “A” antes de “minha”. (+1) (+1) (+1) (+1)</p>	<p>1-A tradução de <i>puts an arm around me</i> por <b>me abraça</b> está incorreta. 2-A tradução de <i>...put na arma round my brother</i> também não corresponde a <b>Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão</b>. <b>1-Corrige a tradução excluindo “do ombro”.</b></p>

Fonte: Da autora.

Legenda:

- P/R 1- Adriana
- P/R 2 - Bernardo
- P/R 3 - Marcelo
- P/R 4 - Simone
- P/R 5 - Júlia
- P/R 6 - Gustavo
- P/R 7 - Rosângela
- P/R 8 - Carlos
- P/R 9 - Kátia
- P/R 10 - Otto
- Tradutor

APÊNDICE B – Explicitações, Normalizações, simplificações, Alterações não desejadas e alterações desnecessárias em três traduções de *A Good Man is Hard to Find* de Flannery O'Connor.

Quadro B.1 – Explicitações, Normalizações, simplificações, Alterações não desejadas e alterações desnecessárias em três traduções de *A Good Man is Hard to Find* de Flannery O'Connor.

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise <sup>114</sup>
<b>Trecho 0</b> THE GRANDMOTHER didn't want to go to Florida.	A avó não queria ir à Flórida.	A avó não queria ir para a Flórida.	A avó não queria ir para a Florida	
<b>Trecho 1</b> She wanted to visit some of her connections in east Tennessee and she was seizing at every chance to change Bailey's mind.	Desejava visitar uns parentes <b>distantes</b> no leste do Tennessee e aproveitava qualquer oportunidade para fazer Bailey mudar de idéia.	Queria visitar uns parentes no leste do Tennessee e aproveitava todas as oportunidades para induzir Bailey a mudar de idéia.	Queria visitar alguns dos seus conhecidos no Tennessee Ocidental, e andava a aproveitar todas as oportunidades para tentar conseguir que Bailey mudasse de ideias.	<b>E</b>
<b>Trecho 2</b> Bailey was the son she lived with, her only boy.	Bailey era seu único filho, com quem morava.	Bailey o filho com o qual ela morava, seu único filho homem, sentado à mesa na beira da cadeira, dobrava-se sobre o alaranjado da página de esportes do Journal.	Bailey era o filho com quem vivia, o seu único rapaz. <b>Estava</b> sentado à mesa na <b>beirinha</b> da cadeira, inclinado sobre as páginas cor de laranja da secção desportiva do <b>jornal</b> .	<b>S N S N S N</b> alteração não desejada
<b>Trecho 3</b> He was sitting on the edge of his chair at the table, bent over the orange sports section of the <i>Journal</i> .	Ele estava sentado à mesa, na beirada da cadeira, curvado sobre a página alaranjada da seção esportiva do Journal.			
<b>Trecho 4</b> "Now look here, Bailey," she said, "see here, read this," and she stood with one hand on her thin hip and the other rattling the newspaper at his bald head.	— Olha isso aqui, Bailey — ela disse —, veja só, leia isso — falou de pé com uma das mãos sobre o quadril magro e com a outra <b>roçando</b> o jornal na cabeça calva <b>do filho</b> .	"Olhe só isso aqui, Bailey, olhe só, leia isso aqui", disse ela em pé <b>a seu lado</b> , com uma das mãos no quadril magro e a outra <b>esfregando outra folha</b> de jornal na careca <b>do filho</b> .	«Mas <b>ouve lá</b> , Bailey», disse ela, «olha para aqui, lê isto», e pôs-se em pé com uma mão sobre a anca magra e a outra estendida, brandindo o jornal em direcção à careca dele.	<b>E N E E E</b> 2 Alterações não desejadas de tradução <b>Alteração não desejada</b>

Fonte: Da autora.

<sup>114</sup> OBS: Na coluna da Análise, as cores determinam o autor da ação de acordo com a cor atribuída ao seu nome no topo da tabela. No corpo do texto destacamos, também com as cores do autor, o trecho, a palavra ou os sinais de pontuação.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<p><b>Trecho 5</b> "Here this fellow that calls himself The Misfit is aloose from the Federal Pen and headed toward Florida and you read here what it says he did to these people.</p>	<p>— Olha, um sujeito que se chama o Desajustado fugiu da penitenciária estadual e está indo em direção à Flórida; lê só o que diz aqui, o que ele fez com essa gente.</p>	<p>"Esse tal cara que fugiu da penitenciária federal, o Desajustado, como ele mesmo se chama, e que foi justamente em direção à Flórida... Leia só o que diz aqui, veja o que ele fez com as pessoas.</p>	<p>«Aqui está este tipo que se chama a si mesmo O Inadaptado e que anda à solta, fugido da prisão federal, e parece que vai em direção à Florida {falta trecho} e aqui diz tudo o que fez às pessoas.</p>	<p>E E S 02 Alterações não desejadas</p>
<p><b>Trecho 6</b> Just you read it. I wouldn't take my children in any direction with a criminal like that aloose in it.</p>	<p>Lê bem. Eu é que não levaria os meus filhos pra um lugar sabendo que tem um marginal desses solto indo na mesma direção.</p>	<p>Vale a pena você ler. Eu é que não levaria os meus filhos, fosse lá para onde fosse, com um bandido desses assim à solta na área.</p>	<p>Lê. Lê, ao menos. Eu não levaria os meus filhos para um sítio onde um criminoso destes anda à solta.</p>	<p>E E E E E E E</p>
<p><b>Trecho 7</b> I couldn't answer to my conscience if I did."</p>	<p>Não ficaria em paz com minha consciência se fizesse uma coisa dessas.</p>	<p>Não ficaria em paz com a minha consciência."</p>	<p>Se o fizesse, nunca me sentiria em paz com a minha consciência».</p>	<p>E E</p>
<p><b>Trecho 8</b> Bailey didn't look up from his reading so she wheeled around then and faced the children's mother, a young woman in slacks, whose face was as broad and innocent as a cabbage and was tied around with a green head-kerchief that had two points on the top like rabbit's ears.</p>	<p>Bailey não ergueu os olhos de sua leitura. Então ela deu a volta e se pôs na frente da mãe das crianças, uma mulher jovem, de calças compridas de aparência barata, e cujo rosto largo e inocente parecia um repolho amarrado por um lenço verde, com duas pontas que faziam lembrar as orelhas de um coelho.</p>	<p>Bailey não olhou para cima, não parou de ler o que lia, e ela então deu uma volta. Foi ficar cara a cara com a mãe das crianças, mulher nova, numa calça folgada, cujo rosto era tão largo e inocente quanto um repolho, estando envolto num lenço verde de cabeça amarrado com duas pontas no alto, como as orelhas de um coelho.</p>	<p>Bailey não levantou a cabeça da secção desportiva e por isso a avó olhou em volta e encarou a mãe das crianças, uma mulher jovem de calças elegantes, cuja face era tão larga e inocente como uma couve, rodeada por um lenço verde com as duas pontas atadas no alto da cabeça, como as orelhas de um coelho.</p>	<p>N E S E N E E E Alteração não desejada de tradução</p>
<p><b>Trecho 9</b> She was sitting on the sofa, feeding the baby his apricots out of a jar.</p>	<p>Estava sentada no sofá, dando ao bebê geléia de mocotó diretamente do vidro.</p>	<p>Ela, sentada no sofá para alimentar o bebê, dava-lhe geléia de damasco que tirava do vidro.</p>	<p>Estava sentada num sofá, a dar ao bebê papa de alperces de um boião.</p>	<p>E E E E E</p>

Fonte: Da autora.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<b>Trecho 10</b> "The children have been to Florida before," the old lady said.	— As crianças já conhecem a Flórida — a senhora disse.	"À Flórida as crianças já foram", disse a velha senhora.	«As crianças já estiveram na Florida antes», disse a mulher idosa.	N S N
<b>Trecho 11</b> "You all ought to take them somewhere else for a change so they would see different parts of the world and be broad.	— Vocês precisam levar elas pra algum outro lugar para variar, de maneira que elas possam ver outras partes do mundo e serem cultas.	"Deveriam levá-las a algum outro lugar, para variar, para que vejam diferentes partes do mundo e possam ter perspectivas mais amplas.	«Deviam levá-las a outros sítios, {falta trecho} para elas verem outras partes do mundo e expandirem os conhecimentos.	Alteração não desejada de português/ E S S S
<b>Trecho 12</b> They never have been to east Tennessee."	Elas nunca foram ao leste do Tennessee.	Ao leste do Tennessee elas nunca foram."	Elas nunca foram ao Tennessee Ocidental».	N
<b>Trecho 13</b> The children's mother didn't seem to hear her but the eight-year-old boy, John Wesley, a stocky child with glasses, said, "If you don't want to go to Florida, why dontcha stay at home?"	A mãe das crianças parecia não escutar as palavras da senhora, mas o menino de oito anos, John Wesley, troncudo e de óculos, disse: — Se a senhora não quer ir pra Flórida, por que não fica em casa?	A mãe das crianças nem pareceu escutar, mas o garoto de oito anos, John Wesley, parrudinho e de óculos, disse: "Se a senhora não quer ir para a Flórida, por que é que não fica em casa?"	A mãe das crianças pareceu não ter ouvido, mas o rapaz de oito anos, John Wesley, um miúdo forte de óculos, disse: - Se não queres ir à Florida porque é que não ficas em casa?	E S N N N
<b>Trecho 14</b> He and the little girl, June Star, were reading the funny papers on the floor.	— ele e a menina menor, June Star, estavam no chão lendo histórias em quadrinhos.	Ele e a menina {falta informação}, June Star, estavam lendo histórias em quadrinhos no chão.	- Ele e a rapariga mais nova, June Star, estavam a ler banda desenhada no chão.	S N Quebra na padronização na troca de aspas por travessão
<b>Trecho 15</b> "She wouldn't stay at home to be queen for a day," June Star said without raising her yellow head.	— Ela num ficava em casa nem que fosse pra ser a Cinderela do Boa Noite Cinderela — June Star disse sem levantar sua cabeça amarela.	"Em casa? Duvido. Por nada desse mundo ela fica", disse June Star sem levantar a cabeça {falta informação}.	- Ela não ficaria em casa nem para ser rainha por um dia - disse June Star sem levantar a cabeça loira.	E E S N Alteração não desejada de tradução
<b>Trecho 16</b> "Yes and what would you do if this fellow, The Misfit, caught you?" the grandmother asked.	— É, e o que vocês fariam se esse sujeito, o Desajustado, pegasse vocês? — a avó perguntou.	"Ah, é? E o que fariam vocês, se esse camarada, o Desajustado, pegasse vocês?" {falta informação}	- Ah sim? - perguntou a avó. - Então e se este tipo, o Inadaptado, vos apanhasse?	N N S N S E N E E

Fonte: Da autora.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<b>Trecho 17</b> "I'd smack his face," John Wesley said.	— Eu dava um <b>soco bem</b> na cara dele — John Wesley disse.	"Eu <b>quebrava</b> a cara dele", John Wesley disse.	<b>Dava-lhe cabo do focinho</b> - disse John Wesley.	E E
<b>Trecho 18</b> "She wouldn't stay at home for a million bucks," June Star said.	— Ela <b>num</b> ficava em casa nem por um milhão de dólares — June Star disse.	"Nem por um milhão de dólares ela ficava em casa" June Star disse.	- Ela não ficava em casa nem por um milhão de dólares - disse June Star.	Linguagem informal
<b>Trecho 19</b> "Afraid she'd miss something.	— <b>Num ia querer {falta informação}</b> perder nada.	"Tem medo de estar <b>perdendo coisas</b> .	- Havia de ter medo de perder qualquer coisa <b>excitante</b> .	E S E E
<b>Trecho 20</b> She has to go everywhere we go."	Ela tem que ir pra todo lugar que a gente vai.	<b>Tem</b> de ir pra toda parte <b>com a gente</b> ."	Tem <b>sempre</b> que ir conosco onde quer que vamos.	S E
<b>Trecho 21</b> "All right, Miss," the grandmother said.	— Deixa estar, mocinha — a avó disse.	"Está bem, mocinha", <b>disse a avó</b> .	- Muito bem, menina -, <b>disse a avó</b> .	NN
<b>Trecho 22</b> "Just remember that the next time you want me to curl your hair."	— <b>Você vai ver só</b> a próxima vez que me pedir pra fazer cachos no seu cabelo.	"Da próxima vez que me pedir para cachear seu cabelo, <b>você vai ver uma coisa</b> ."	- <b>Lembra-te</b> do que disseste da próxima vez que quiseres que eu <b>te faça</b> caracóis no cabelo.	E S E N S LCC
<b>Trecho 23</b> June Star said her hair was naturally curly.	June Star <b>retrucou</b> que seu cabelo era naturalmente cacheado.	June Star disse que seu cabelo <b>já</b> era naturalmente cacheado.	June Star disse que tinha o cabelo naturalmente encaracolado.	E E
<b>Trecho 24</b> The next morning the grandmother was the first one in the car, ready to go.	Na manhã seguinte, a avó foi a primeira a se instalar no carro, pronta para <b>a viagem</b> .	Na manhã seguinte a avó foi a primeira a entrar no carro, pronta para partir.	Na manhã seguinte a avó foi a primeira a entrar para o carro, pronta para partir.	N E
<b>Trecho 25</b> She had her big black valise that looked like the head of a hippopotamus in one corner, and underneath it she was hiding a basket with Pitty Sing, the cat, in it.	Colocara em um canto sua <b>enorme maleta</b> preta de mão, que parecia a cabeça de um hipopótamo, e embaixo da maleta escondera a cesta onde trazia Pitty Sing, o gato.	Tinha posto num canto sua <b>enorme malinha</b> preta, que parecia uma cabeça de hipopótamo, por baixo da qual ela escondia numa cesta o gato, Pitty Sing.	Tinha a grande mala que parecia a cabeça de um hipopótamo colocada num canto, e debaixo dela escondera um cesto com Pitty Sing, o gato.	E N E N Informação contraditória Informação contraditória

Fonte: Da autora.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<p><b>Trecho 26</b> She didn't intend for the cat to be left alone in the house for three days because he would miss her too much and she was afraid he might brush against one of the gas burners and accidentally asphyxiate himself.</p>	<p>Não queria deixar o gato sozinho na casa por três dias porque o animal sentiria demais a sua falta e ela temia que o mesmo se esfregasse em um dos <b>bolões do gás</b> e, acidentalmente, se asfixiasse.</p>	<p>Não quis deixar o gato em casa sozinho, por três dias, porque ele sentiria muito a sua falta e ela tinha medo de que acidentalmente <b>se asfixiasse</b> ao se esfregar num bico de gás.</p>	<p>Não fazia tentões de deixar o animal três dias sozinho em casa porque ele sentiria demasiado a sua falta e <b>além disso</b> tinha medo que acidentalmente esbarrasse num dos bicos de gás do fogão e <b>morresse</b> asfixiado.</p>	<p>Alteração não desejada de digitação S N E</p>
<p><b>Trecho 27</b> Her son, Bailey, didn't like to arrive at a motel with a cat.</p>	<p>Seu filho, Bailey, não gostava de chegar em um <b>motel de beira de estrada</b> com um gato.</p>	<p><b>Mas</b> o filho dela, Bailey, não gostava de chegar a um motel com um gato.</p>	<p><b>Bailey, o filho</b>, não gostava de chegar <b>aos motéis</b> com gatos.</p>	<p>E N N S</p>
<p><b>Trecho 28</b> She sat in the middle of the back seat with John Wesley and June Star on either side of her.</p>	<p>Ela sentou-se no meio do assento traseiro, com John Wesley e June Star de cada lado.</p>	<p><b>A avó ia</b> no banco de trás, no meio, com um <b>neto</b> de cada lado, John Wesley e June Star.</p>	<p>A avó <b>estava</b> no meio do banco de trás com John Wesley e June Star sentados um de cada lado.</p>	<p>E E S N N</p>
<p><b>Trecho 29</b> Bailey and the children's mother and the baby sat in front and they left Atlanta at eight forty-five with the mileage on the car at 55890.</p>	<p>Bailey, a mãe das crianças e o bebê sentaram-se <b>no banco</b> da frente. Saíram de Atlanta às oito e quarenta e cinco, com a <b>quilometragem marcando</b> 89946 no <b>velocímetro</b>.</p>	<p>Bailey e a mãe das crianças com o bebê iam na frente e eles saíram às oito e quarenta e cinco de Atlanta com o <b>painel</b> indicando 89944 quilômetros rodados.</p>	<p>Bailey, a mãe das crianças e o bebê sentaram-se <b>no banco</b> da frente e deixaram Atlanta às oito e quarenta e cinco. A <b>quilometragem</b> do carro era 55 890.</p>	<p>N E Alteração não desejada de português Alteração não desejada de tradução E N E Alteração não desejada de tradução</p>
<p><b>Trecho 30</b> The grandmother wrote this down because she thought it would be interesting to say how many miles they had been when they got back.</p>	<p>A avó anotou o <b>número</b>, pois achava que seria interessante saber, ao regressarem, quantos quilômetros teriam rodado.</p>	<p>A avó anotou o <b>número</b> por achar que seria interessante saber quantos quilômetros eles teriam feito, quando voltassem <b>para casa</b>.</p>	<p>A avó tomou nota disto porque pensou que seria interessante dizer quantos <b>quilômetros</b> percorrido quando regressassem.</p>	<p>SE EE Alteração não desejada de tradução: Não fez a conversão de milhas para quilômetros.</p>
<p><b>Trecho 31</b> It took them twenty minutes to reach the outskirts of the city.</p>	<p>Levaram vinte minutos para atingir os arredores da cidade.</p>	<p>Levaram vinte minutos para atingir a periferia da cidade.</p>	<p>Demoraram cerca de vinte minutos a atingir <b>o perímetro exterior</b> da cidade.</p>	<p>E</p>

Fonte: Da autora.



cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<p><b>Trecho 32</b> The old lady settled herself comfortably, removing her white cotton gloves and putting them up with her purse on the shelf in front of the back window.</p>	<p>A {FI} senhora acomodou-se confortavelmente, retirando as luvas brancas de algodão e colocando-as junto à {FI} bolsa, atrás do banco, no espaço entre o encosto e a janela traseira.</p>	<p>A velha senhora se instalou à vontade, tirando as luvas brancas de algodão e pondo-as junto com a bolsa {FI} no espaço por trás do banco {FI}.</p>	<p>A mulher idosa instalou-se confortavelmente, tirando as suas luvas brancas de algodão e colocando-as com a {FI} bolsa no espaço junto ao vidro de trás.</p>	<p>E S N S S E</p>
<p><b>Trecho 33</b> The children's mother still had on slacks and still had her head tied up in a green kerchief, but the grandmother had on a navy blue straw sailor hat with a bunch of white violets on the brim and a navy blue dress with a small white dot in the print.</p>	<p>A mãe das crianças ainda usava as calças de aparência barata e o mesmo lenço verde amarrado na cabeça, enquanto a avó usava um chapéu de palha azul marinho, estilo marinheiro, com um ramo de violetas brancas na aba e um vestido também azul marinho estampado de bolinhas brancas.</p>	<p>A mãe das crianças continuava com a mesma calça folgada, e com o mesmo lenço verde amarrado na cabeça, mas a avó estava usando um chapéu de palha azul-marinho {FI}, com um buquê de violetas brancas na aba, e um vestido também azul-marinho de bolinhas brancas.</p>	<p>A mãe das crianças continuava de calças e continuava com o lenço verde amarrado à volta da cabeça, mas a avó pusera um chapéu de palha azul-escuro com um ramo de violetas brancas na aba e escolhera um vestido azul-escuro com pequenas pintas brancas.</p>	<p>E S N / E S N / N S E E</p>
<p><b>Trecho 34</b> Her collars and cuffs were white organdy trimmed with lace and at her neckline she had pinned a purple spray of cloth violets containing a sachet.</p>	<p>A gola e os punhos eram de organdi branco com acabamento em renda e na altura do decote tinha um buquê roxo de violetas de pano com um pequeno sachê.</p>	<p>A gola e os punhos eram de organdi branco, com debruns de renda, e um ramallete roxo de violetas de pano, que era um sachê, estava pendurado em seu peito.</p>	<p>O colarinho e os punhos eram de organdi branco rematado por rendas e junto ao pescoço tinha pregado um alfinete de violetas roxas {FI} com um saquinho aromático.</p>	<p>E, E ENE E</p>
<p><b>Trecho 35</b> In case of an accident, anyone seeing her dead on the highway would know at once that she was a lady.</p>	<p>Em caso de acidente, qualquer pessoa que a visse morta na estrada saberia imediatamente que ela era uma senhora de classe.</p>	<p>Qualquer um que a visse morta na estrada, em caso de acidente, logo saberia tratar-se de uma senhora distinta.</p>	<p>Em caso de acidente, qualquer pessoa que a encontrasse morta na auto-estrada saberia que estava ali uma verdadeira senhora.</p>	<p>N S E E</p>

Fonte: Da autora.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<p><b>36 Trecho</b> She said she thought it was going to be a good day for driving, neither too hot nor too cold, and she cautioned Bailey that the speed limit was fifty-five miles an hour and that the patrolmen hid themselves behind billboards and small clumps of trees and sped out after you before you had a chance to slow down.</p>	<p>Ela disse <b>que achava</b> que seria um bom dia para viagem de carro, nem quente nem frio demais, e <b>lembrou</b> a Bailey que o limite de velocidade era 88 quilômetros por hora e que os patrulheiros se escondiam atrás de outdoors e de árvores na <b>beira da estrada</b> e que partiam atrás da gente {FI}, antes da gente ter a chance de diminuir a velocidade.</p>	<p>Disse que o dia, a seu ver, era bom para viajar {FI}, <b>nem muito quente nem muito frio demais</b>, e <b>lembrou</b> a Bailey que o limite de velocidade era de noventa quilômetros por hora, e que os guardas rodoviários, escondidos atrás de anúncios e de amontoados de árvores, logo saíam em disparada atrás {FI}, sem nem dar chance de reduzir {FI}.</p>	<p>Disse que ia ser um dia bom para viajar de automóvel, não muito quente nem muito frio, e avisou Bailey de que o limite de velocidade era cem quilômetros por hora e que as patrulhas da polícia se escondiam atrás dos cartazes e das árvores e vinham a acelerar atrás dos motoristas apanhados em infração antes que <b>estes pudessem vê-los</b> e abrandar {FI}.</p>	<p>E S Alteração não desejada de português N S S E Alteração não desejada.</p>
<p><b>Trecho 37</b> She pointed out interesting details of the scenery: Stone Mountain; the blue granite that in some places came up to both sides of the highway; the brilliant red clay banks slightly streaked with purple; and the various crops that made rows of green lace-work on the ground.</p>	<p><b>Apontava</b> detalhes interessantes dos locais <b>por onde passavam</b>: Stone Mountain; o solo de granito azul que às vezes chegava até a estrada em ambos os lados; os barrancos brilhantes, de argila vermelha levemente rajada de <b>azul</b>; e as diversas plantações que formavam no solo fileiras de renda verde.</p>	<p><b>E</b> apontou interessantes detalhes dos panoramas: Stone Mountain; o granito azulado que nalguns trechos aflorava de ambos os lados da rodovia; os barrancos brilhantes, de barro vermelho rajado ligeiramente de roxo; e as diversas plantações enfileiradas como rendilhados verdes na terra.</p>	<p><b>Apontou</b> detalhes interessantes na paisagem: Stone Mountain; o granito azul que nalguns <b>casos</b> aflorava junto das <b>bermas</b> da auto-estrada, de ambos os lados; as faixas brilhantes de argila vermelha ligeiramente eivadas de púrpura; e as várias culturas que desenhavam bordados verdes junto ao solo.</p>	<p>N E/Alteração não desejada de tradução N/ N/E Alteração não desejada de tradução</p>
<p><b>Trecho 38</b> The trees were full of silver-white sunlight and the meanest of them sparkled.</p>	<p>As árvores estavam cheias da luz <b>prateada e branca</b> do sol e até as <b>mais feias</b> faiscavam.</p>	<p>As árvores estavam cheias de uma luz solar prateada, e até mesmo as mais insignificantes brilhavam.</p>	<p>As árvores estavam cheias de luz de um branco prateado, e algumas {FI} cintilavam.</p>	<p>E E N N S</p>
<p><b>39 Trecho</b> The children were reading comic magazines and their mother had gone back to sleep.</p>	<p>As crianças estavam lendo histórias em quadrinhos e <b>a</b> mãe dormia, novamente.</p>	<p>As crianças iam lendo <b>suas</b> histórias em quadrinhos e <b>a</b> mãe tinha voltado a dormir.</p>	<p>As crianças iam a ler <b>revistas de quadrinhos</b> e <b>a</b> mãe voltara a adormecer.</p>	<p>N S E S S</p>

Fonte: Da autora.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<b>40 Trecho</b> "Let's go through Georgia fast so we won't have to look at it much," John Wesley said.	— Vamos passar depressa pela Geórgia pra gente num ter que ficar olhando muito pra essa terra — John Wesley disse.	"Vamos passar pela Geórgia bem rápido para não ter de olhar muita coisa", John Wesley disse.	Vamos atravessar a Georgia depressa que é para não termos que olhar demais para ela - disse John Wesley.	E E {Alteração não desejada de tradução}
<b>41 Trecho</b> "If I were a little boy," said the grandmother, "I wouldn't talk about my native state that way.	— Se eu fosse um menino — disse a avó — eu não falaria assim de minha terra natal.	"Eu, se eu fosse um menino", disse a avó, "eu não falaria assim desse jeito do meu estado natal.	- Se eu fosse um rapazinho - disse a avó – nunca falaria do meu estado natal dessa maneira. Tennessee tem as montanhas e a Georgia tem as colinas.	E E S E
<b>Trecho 42</b> Tennessee has the mountains and Georgia has the hills."	O Tennessee tem as montanhas, mas a Geórgia tem suas colinas.	O Tennessee tem montanhas, a Geórgia tem suas colinas..."		
<b>Trecho 43</b> "Tennessee is just a hillbilly dumping ground," John Wesley said, "and Georgia is a lousy state too."	— O Tennessee é {FI} um depósito de lixo de caipira — John Wesley disse — e a Geórgia é uma droga de estado, também.	"O Tennessee não passa de um lixão, é uma terra de arigós", John Wesley disse, "e a Geórgia também é uma porcaria de estado."	- Tennessee é só um apeadeiro <sup>1</sup> de toscos – disse John Wesley - e a Georgia também é um estado que não presta para nada.	S E N E E S E E S <sup>1</sup> Lugar de passagem onde não se demora muito
<b>44 Trecho</b> "You said it," June Star said.	— Isso mesmo — June Star disse.	"É isso mesmo", disse June Star.	- Nem mais - disse June Star.	
<b>Trecho 45</b> "In my time," said the grandmother, folding her thin veined fingers, "children were more respectful of their native states and their parents and everything else.	— Na minha época — disse a avó cruzando os dedos de veias finas — as crianças tinham mais respeito por sua terra natal, pelos pais e tudo o mais.	"No meu tempo", a avó disse, cruzando os dedos de veias finas, "as crianças tinham mais respeito pela terra natal, pelos pais e por tudo o mais.	- No meu tempo - disse a avó entrecruzando os dedos sulcados de pequenas veias - as crianças tinham mais respeito pelos seus estados natais, e pelos seus pais, e por muitas outras coisas.	N S

Fonte: Da autora.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<p><b>46 Trecho</b> People did right then. Oh look at the cute little pickaninny!" she said and pointed to a Negro child standing in the door of a shack.</p>	<p>As pessoas sabiam se comportar {FI}. Ah, olha só aquele <b>neguinho</b>, que gracinha! — ela disse e apontou para uma criança negra, em pé na porta de um barraco.</p>	<p>Procedia-se bem, naquela época. Oh, mas vejam só o <b>pretinho</b>, que graça!", disse {FI} e apontou para um <b>menino negro</b>, em pé na porta de um barraco.</p>	<p>[<b>Não traduziu a primeira frase</b>] Oh, olhem, que pretinho tão <b>amoroso!</b> - disse ela <b>apontando</b> para uma criança preta diante da porta de uma <b>cabana</b>.</p>	<p>E S N N S E E N</p>
<p><b>Trecho 47</b> "Wouldn't that make a picture, now?" she asked and they all turned and looked at the little Negro out of the back window.</p>	<p>— Não daria um quadro? — ela perguntou e <b>todos</b> se viraram para ver a <b>criança</b> através da janela traseira.</p>	<p>"Não daria um quadro?" perguntou, e todos se viraram, olhando o <b>menino negro</b> pelo <b>vidro</b> de trás.</p>	<p>- Não dava um <b>belo</b> quadro? - perguntou ela, e todos se viraram e olharam para o pretinho através da janela de trás.</p>	<p>S S E S E</p>
<p><b>Trecho 48</b> He waved.</p>	<p>Ele acenou.</p>	<p>Ele deu adeus.</p>	<p>Ele acenou-<b>lhes</b>.</p>	<p>E E</p>
<p><b>Trecho 49</b> "He didn't have any britches on," June Star said.</p>	<p>— Ele <b>tava</b> sem calça — June Star disse.</p>	<p>"Ele estava sem calça", disse June Star.</p>	<p>- Estava sem calças - disse June Star.</p>	<p>N N N Linguagem informal</p>
<p><b>Trecho 50</b> "He probably didn't have any," the grandmother explained.</p>	<p>— Provavelmente <b>nem tem</b> calça — a avó explicou. —</p>	<p>"Talvez <b>nem tenha</b>", a avó explicou.</p>	<p>- Provavelmente <b>não tem</b> nenhuma - explicou a avó.</p>	<p>E Alteração não desejada de tradução</p>
<p><b>Trecho 51</b> "Little niggers in the country don't have things like we do.</p>	<p>Os <b>neguinhos</b> da roça não têm coisas como a gente tem.</p>	<p>"Os <b>negrinhos</b> da <b>roça</b> não são <b>assim como nós</b>, não têm coisas."</p>	<p>- Os pretinhos do campo não têm muitas <b>das coisas</b> que nós temos.</p>	<p>E N E E</p>
<p><b>Trecho 52</b> If I could paint, I'd paint that picture," she said.</p>	<p>Se eu soubesse pintar, <b>faria o quadro</b> — ela disse.</p>	<p>E <b>acrescentou</b>: "Ah, se eu soubesse pintar, <b>bem que</b> faria esse quadro!".</p>	<p>Se eu soubesse pintar, pintava aquela <b>cena campestre</b>.</p>	<p>N S E E</p>

Fonte: Da autora.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<b>Trecho 53</b> The children exchanged comic books.	As crianças trocaram de revistas em quadrinhos.	As crianças trocaram de revista.	As crianças trocaram livros de quadrinhos entre si.	E
<b>Trecho 54</b> The grandmother offered to hold the baby and the children's mother passed him over the front seat to her.	A avó se ofereceu para segurar o bebê e a mãe das crianças passou-lhe o menino por cima do encosto do banco da frente.	A avó se ofereceu para segurar o bebê, que a mãe das crianças lhe passou por cima do banco {FI}.	A avó ofereceu-se para segurar no bebê e a mãe passou-lho {FI} do banco da frente.	E E E E E E E
<b>Trecho 55</b> She set him on her knee and bounced him and told him about the things they were passing.	Ela sentou-o sobre os joelhos, e fazia-o pular e falava-lhe a respeito das coisas que passavam.	Tendo-o posto nos joelhos, ela agora o puxava para cima e lhe falava das coisas pelas quais estavam passando.	A avó sentou-o sobre o joelho e inclinou-o para a janela e foi-lhe descrevendo as coisas interessantes que iam passando na paisagem.	Alteração não desejada E S E E S
<b>Trecho 56</b> She rolled her eyes and screwed up her mouth and stuck her leathery thin face into his smooth bland one.	Arregalava os olhos, fazia bico e espremia sua cara magra e áspera contra o rosto macio e liso do bebê.	Revirava os olhos, fazia bico com a boca, colava a cara magra e dura no rosto, lisinho e fofo, da criança, que de vez em quando lhe dava algum sorriso distante.	Rolou os olhos e espremeu a boca e encostou a sua cara rugosa à cara lisa e inexpressiva dele.	S Alteração não desejada E S E N
			De vez em quando ele fazia-lhe um sorriso distante.	E S E S
<b>Trecho 57</b> Occasionally he gave her a faraway smile.	De vez em quando, ele lhe esboçava um sorriso {FI}.			
<b>Trecho 58</b> They passed a large cotton field with five or six graves fenced in the middle of it, like a small island.	Passaram por uma grande plantação de algodão com cinco ou seis túmulos isolados por uma cerca, como uma pequena ilha, bem no centro.	Passaram por uma grande plantação de algodão com um cercado com cinco ou seis túmulos no meio, como uma ilha.	Atravessaram um grande campo de algodão com cinco ou seis túmulos no meio rodeados por uma cerca, como uma pequena ilha.	S S E

Fonte: Da autora.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<b>Trecho 59</b> "Look at the graveyard!" the grandmother said, pointing it out.	— Olha <b>lá</b> o cemitério! — a avó disse <b>apontando</b> .	" <b>Olhem lá</b> o cemitério!", disse a avó, <b>apontando</b> .	- Olhem para o cemitério- disse a avó, apontando para ele.	E E
<b>Trecho 60</b> "That was the old family burying ground.	— Aquilo era o antigo cemitério da família.	"{FI} O antigo campo-santo da família.	{FI} Era o local de enterro <b>de uma</b> família.	S S
<b>Trecho 61</b> That belonged to the plantation."	<b>Pertencia</b> à plantação.	<b>Pertencia</b> à fazenda."	<b>Pertenciam</b> à plantação.	S S E E
<b>Trecho 62</b> "Where's the plantation?" John Wesley asked.	— Onde está a fazenda? — John Wesley perguntou.	" <b>E</b> onde está a fazenda?", John Wesley perguntou.	- Onde <b>é que</b> está a plantação? - perguntou John Wesley.	E E N
<b>Trecho 63</b> "Gone with the Wind," said the grandmother. "Ha. Ha."	— <b>O vento levou</b> — disse a avó. — Ha ha.	"E o vento levou...", disse a avó. "Ha ha."	- E tudo o vento levou - disse a avó. - <b>Ah ah!</b>	Tradução incompleta do título do filme Alteração não desejada de tradução
<b>Trecho 64</b> When the children finished all the comic books they had brought, they opened the lunch and ate it.	Quando acabaram <b>de ler</b> todas as revistas em quadrinhos que haviam trazido, as crianças abriram o <b>saco de papel</b> onde estava o lanche e comeram <b>tudo</b> .	As crianças, quando acabaram todas as <b>revistas levadas</b> , abriram e comeram seus lanches.	Quando as crianças acabaram <b>de ler</b> todos os livros de quadrinhos que tinham trazido, abriram o <b>almoço</b> e comeram-no.	E E S N S E

Fonte: Da autora.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<p><b>Trecho 65</b> The grandmother ate a peanut butter sandwich and an olive and would not let the children throw the box and the paper napkins out the window.</p>	<p>A avó comeu um sanduíche de <b>creme</b> de amendoim e uma azeitona e não permitiu que as crianças jogassem o <b>saco</b> e os guardanapos de papel pela janela.</p>	<p>A avó comeu um sanduíche de <b>pasta</b> de amendoim e uma azeitona e não deixou as crianças jogarem pela janela os guardanapos e <b>sacos de papel</b>.</p>	<p>A avó comeu uma sanduíche de <b>manteiga</b> de amendoim e uma azeitona e não deixou as crianças atirarem os guardanapos <b>{FI}</b> e a caixa pela janela.</p>	<p>E E S butter: <b>creme/ pasta/ manteiga</b></p>
<p><b>Trecho 66</b> When there was nothing else to do they played a game by choosing a cloud and making the other two guess what shape it suggested.</p>	<p>Quando não <b>tiveram</b> mais o que fazer, <b>inventaram</b> um jogo em que um escolhia uma nuvem e os outros dois tinham que descobrir <b>com o que a mesma se parecia</b>.</p>	<p>Quando não <b>tinham</b> mais o que fazer, <b>brincaram de escolher uma nuvem para os outros adivinharem a forma que ela sugeria</b>.</p>	<p>Quando <b>já</b> não tinham <b>mais nada</b> que fazer jogaram a um jogo em que um deles escolhia uma nuvem e os outros dois tinham que adivinhar qual era a forma que <b>a nuvem</b> sugeria.</p>	<p>E E N E S E E</p>
<p><b>Trecho 67</b> John Wesley took one the shape of a cow and June Star guessed a cow and John Wesley said, no, an automobile, and June Star said he didn't play fair, and they began to slap each other over the grandmother.</p>	<p>John Wesley escolheu uma <b>nuvem</b> em forma de vaca e June Star <b>disse</b> "vaca", e John Wesley disse "<b>não, não, carro</b>", e June Star disse que ele <b>eslava roubando no jogo</b>, e começaram a se <b>socar</b> por cima da avó.</p>	<p>John Wesley escolheu uma <b>nuvem</b> que tinha forma de vaca, June Star <b>falou</b> vaca e ele disse que não, que era carro, e June Star disse que John Wesley <b>estava jogando sujo</b> e logo estavam os dois, por cima da avó, aos tapas.</p>	<p>John Wesley escolheu uma em forma de vaca e June Star disse <b>que era uma vaca</b> e ele disse que não, era um automóvel, e ela disse que ele estava a <b>fazer batota</b>, e começaram a <b>dar estaladas</b> uma ao outro diante da avó.</p>	<p>E N E E Erro de digitação Alteração não desejada de tradução E N E E E</p>
<p><b>Trecho 68</b> The grandmother said she would tell them a story if they would keep quiet. When she told a story, she rolled her eyes and waved her head and was very dramatic.</p>	<p><b>Esta disse, então</b>, que lhes contaria uma história se ficassem quietos. Quando contava uma história, ela revirava os olhos e sacudia a cabeça <b>de forma</b> bem dramática.</p>	<p>A avó disse que contaria uma história <b>{FI}</b> se eles ficassem quietos. E ela, quando contava uma história, revirava os olhos e agitava a cabeça e era <b>toda</b> dramática.</p>	<p>A avó disse que lhes contava uma história se ficassem sossegados. Quando ela contava histórias, <b>{FI} rolava os olhos</b> e agitava a cabeça e era muito <b>histrionica</b>.</p>	<p>S S E Alteração não desejada de tradução S N E S Alteração não desejada de tradução</p>

Fonte: Da autora.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<p><b>Trecho 69</b> She said once when she was a maiden lady she had been courted by a Mr Edgar Atkins Teagarden from Jasper, Georgia.</p>	<p>{FI} Disse que, em certa ocasião, quando era <b>moça</b>, foi cortejada por <b>um tal de Charles Oswald McEathern</b>, da <b>cidade de Jasper</b>, <b>na</b> Geórgia.</p>	<p>Contou <b>então</b> que nos <b>seus</b> tempos de <b>moça</b> tinha sido cortejada por um rapaz de Jasper, na Geórgia, chamado <b>Charles Otoline Miles Erlanger Robertson</b>.</p>	<p>Disse-lhes que <b>há</b> muito tempo, quando era uma donzela, fora cortejada por um Sr. Edgar Atkins Teagarden, de Jasper, Georgia.</p>	<p>S E E E S E N S E N</p>
<p><b>Trecho 70</b> She said he was a very good-looking man and a gentleman and that he brought her a watermelon every Saturday afternoon with his initials cut in it, E. A. T.</p>	<p>{FI} Disse que se tratava de um homem muito atraente, um cavalheiro, e que todo sábado à tarde {FI} lhe trazia de presente uma melancia esculpida com suas iniciais, C.O.M.E.</p>	<p>{FI} Um <b>rapaz</b> muito atraente, um cavalheiro, segundo a avó, que todo sábado à tarde, quando a visitava, levava-lhe uma melancia com suas iniciais gravadas: C O M E R.</p>	<p>{FI} Disse que era um homem muito bem-parecido e um cavalheiro e que lhe trazia todos os sábados uma melancia com as suas iniciais gravadas <b>na casca</b>, E.A.T</p>	<p>S N S E N S E</p>
<p><b>Trecho 71</b> Well, one Saturday, she said, Mr Teagarden brought the watermelon and there was nobody at home and he left it on the front porch and returned in his buggy to Jasper, but she never got the watermelon, she said, because a nigger boy ate it when he saw the initials, E. A. T.!</p>	<p><b>Pois bem</b>, em um sábado, ela disse, o sr. McEathern trouxe a melancia e como não havia ninguém em casa, deixou-a na varanda da frente e voltou para Jasper em sua charrete. Mas ela não encontrou a melancia, disse, pois um neguinho comeu-a ao ver as iniciais C.O.M.E.!</p>	<p>{FI} Num <b>desses</b> sábados, <b>como</b> ela disse, Robertson <b>chegou com</b> a melancia e não havia ninguém em casa e ele a deixou na varanda e voltou para Jasper na {FI} charrete, mas essa melancia ela nunca viu, porque um negrinho a devorou, como ela disse, quando leu as iniciais C O M E R.</p>	<p>Bem, um certo sábado, disse ela, o Sr. Teagarden chegou com a melancia e não estava ninguém em casa e ele deixou-a no alpendre e voltou no seu breque para Jasper, mas ela nunca chegou a ver a melancia porque houve um <b>rapaz preto</b> que a encontrou <b>no alpendre</b> e a comeu porque leu as iniciais na casca, «EAT»!<sup>1</sup></p>	<p>S N S E N S E</p>
<p><b>Trecho 72</b> This story tickled John Wesley's funny bone and he giggled and giggled but June Star didn't think it was any good.</p>	<p>A história mexeu com John Wesley, <b>que se riu a valer</b>, mas June Star achou que não tinha a menor graça.</p>	<p>A <b>historinha</b> agradou em cheio a John Wesley, que <b>estourou</b> numa gargalhada e se retorcia de rir, mas June Star não achou graça nenhuma.</p>	<p>A história mexeu com o <b>sentido de humor</b> de John Wesley e ele desfez-se em risadas, mas June Star achou que <b>não prestava</b>.</p>	<p>E N S E S E E N S E S E E S E</p>

Fonte: Da autora.



cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<b>Trecho 73</b> She said she wouldn't marry a man that just brought her a watermelon on Saturday.	Ela disse que não se casaria com um homem que lhe trouxesse apenas uma melancia <b>todo</b> sábado.	{FI}Disse que <b>jamais</b> se casaria com um homem que se limitasse a levar-lhe uma melancia no sábado, <b>já</b> a avó disse que para ela teria sido uma beleza se casar com <b>Robertson</b> , porque ele era um homem muito distinto e comprou ações da Coca-Cola logo que foram lançadas e <b>só tinha</b> morrido há poucos anos, <b>riquíssimo</b> .	{FI}Ela <b>nunca</b> se casaria com um homem que se limitasse a trazer-lhe <b>melancias</b> aos sábados.	E SE S E
<b>Trecho 74</b> The grandmother said she would have done well to marry Mr Teagarden because he was a gentleman and had bought Coca-Cola stock when it first came out and that he had died only a few years ago, a very wealthy man.	A avó disse que para ela teria sido bom casar-se com o sr. <b>McEathern</b> , uma vez que era um cavalheiro e comprara ações da Coca-Cola quando a companhia <b>iniciava suas atividades</b> , <b>morrendo</b> há poucos anos muito rico.	Pararam para comer uns sanduíches <b>grelhados num lugar chamado</b> The Tower.	A avó disse que teria sido <b>esperta</b> se tivesse casado com o Sr. Teagarden porque era um cavalheiro e comprara ações da Coca-Cola quando apareceram <b>no mercado</b> pela primeira vez e quando <b>morrera, o que aliás acontecera recentemente</b> , era um homem muito rico.	N S E E E Alteração não desejada de tradução E N
<b>Trecho 75</b> They stopped at The Tower for barbecued sandwiches.	Pararam <b>no posto</b> Tower <b>para comer</b> sanduíches de <b>carne de porco desfiada</b> .	Pararam para comer uns sanduíches <b>grelhados num lugar chamado</b> The Tower.	Pararam no The Tower para comerem sanduíches de churrasco.	E E Alteração não desejada de tradução Alteração não desejada de tradução E
<b>Trecho 76</b> The Tower was a part stucco and part wood filling station and dance hall set in a clearing outside of Timothy.	O <b>posto de gasolina</b> {FI}Tower era uma construção de <b>barro batido</b> e madeira, <b>onde funcionava também</b> uma boate. <b>O estabelecimento</b> ficava numa clareira nos arredores de Timothy.	{FI}Era um misto de <b>salão de festas</b> e <b>posto de gasolina</b> , parte em madeira, parte <b>cm</b> estuque, instalado numa clareira nos arredores de Timothy.	O The Tower era uma <b>estação de gasolina</b> e salão de baile, feito de estuque e de madeira que ficava numa clareira <b>depois</b> de Timothy.	E S Alteração não desejada de tradução E E S E Alteração não desejada de digitação E Alteração não desejada de tradução

Fonte: Da autora.

cont. Quadro B.1

O'CONNOR	O'SHEA	FRÓES	CORREIA	Análise
<p><b>Trecho 77</b> A fat man named Red Sammy Butts ran it and there were signs stuck here and there on the building and for miles up and down the highway saying, TRY RED SAMMY'S FAMOUS BARBECUE. NONE LIKE FAMOUS RED SAMMY'S! RED SAM! THE FAT BOY WITH THE HAPPY LAUGH. A VETERAN! RED SAMMY'S YOUR MAN!</p>	<p>Um sujeito gordo chamado Red Sammy Butts operava o posto. Havia <b>uma série</b> de cartazes tanto no posto quanto espalhados <b>ao longo da estrada</b>, nos dois sentidos, dizendo: Experimente os famosos sanduíches <b>de carne de porco desfiada</b> de Red Sammy. Nada se iguala aos sanduíches do famoso Red Sammy! Red Sam! O <b>gordão</b> da risada feliz. <b>Esse é bom!</b> Red Sammy <b>está com você!</b></p>	<p>O dono era um gordo, <b>{FI}</b> Red Sammy Butts, e havia placas penduradas <b>ali</b> por toda parte, e por quilômetros na rodovia <b>{FI}</b>, dizendo: EXPERIMENTE O AFAMADO <b>GRELHADO</b> DE RED SAMMY. NENHUM SE COMPARA AO DELE! RED SAM, O <b>GORDINHO</b> DA RISADA FELIZ! UM VETERANO! RED SAMMY, O <b>HOMEM CERTO!</b></p>	<p>Era gerido por um homem gordo chamado Red Sammy Butts e existiam sinais pregados aqui e ali no edifício, e à beira da estrada por vários quilômetros nos dois sentidos, que diziam EXPERIMENTE O FAMOSO CHURRASCO DO RED SAMMY. NÃO HÁ OUTRO CHURRASCO COMO O DO RED SAMMY! RED SAM! O <b>RAPAZ GORDO</b> COM UM <b>SORRISO FELIZ!</b> RED SAMMY É O VOSSO HOMEM!</p>	<p><b>S N</b> Alteração não desejada de tradução <b>E E E E E</b> <b>S E S E E E</b> Alteração não desejada de tradução</p>
<p><b>Trecho 78</b> Red Sammy was lying on the bare ground outside The Tower with his head under a truck while a gray monkey about a foot high, chained to a small chinaberry tree, chattered nearby.</p>	<p>Red Sammy estava deitado no chão <b>em frente ao posto</b>, com a cabeça debaixo de um caminhão, enquanto um mico cinza, de uns trinta centímetros de altura, preso por uma corrente a um <b>pé de laranja</b>, <b>fazia macaquices</b> por ali.</p>	<p>Deitado no chão, do lado de fora do The Tower, estava o <b>próprio</b> Red Sammy. Tinha a cabeça enfiada embaixo de um caminhão, enquanto um mico cinzento de seus trinta centímetros, amarrado pela corrente a um <b>pé de saboeiro</b>, fazia papagueatas por perto.</p>	<p>Red Sammy estava deitado no chão diante do The Tower, com a cabeça debaixo de um caminhão, enquanto um macaco cinzento de cerca de <b>vinte centímetros</b> de altura, amarrado com uma corrente a um <b>arbusto</b> próximo, garrulava por ali.</p>	<p><b>3</b> Alterações não desejadas de tradução <b>E</b> <b>E</b> Alteração não desejada de tradução <b>2</b> Alterações não desejadas de tradução <b>E</b></p>

Fonte: Da autora.

Legenda:

E = Explicitação

S = Simplificação

N = Normalização

## **ANEXOS**

ANEXO A – Trecho do original do livro *The Terrorist's Son – A Story of a Choice*, de Zak Ebrahim

### **CORPUS 1**

**Autor:** Zak Ebrahim

**Título:** *The Terrorist's Son – A Story of a Choice*

**Ano:** 2014

1 November 5, 1990

Cliffside Park, New Jersey

My mother shakes me awake in my bed: “There’s been an accident,” she says. I am seven years old, a chubby kid in Teenage Mutant Ninja Turtle pajamas. I’m accustomed to being roused before dawn, but only by my father, and only to pray on my little rug with the minarets. Never by my mother.

It’s eleven at night. My father is not home. Lately, he has been staying at the mosque in Jersey City deeper and deeper into the night. But he is still Baba to me – funny, loving, warm. Just this morning he tried to teach me, yet again, how to tie my shoes. Has he been in an accident? What kind of accident? Is he hurt? Is he dead? I can’t get the questions out because I’m too scared of the answers.

My mother flings open a white sheet – it mushrooms briefly, like a cloud – then leans down to spread it on the floor. “Look in my eyes, Z, she says, her face so knotted with worry that I hardly recognize her. “you need to get dressed as quick as you can. And then you need to put your things onto this sheet, and wrap it up tight. Okay? Your sister will help you.” She moves toward the door. “Yulla, Z, yulla. Let’s go.” “Wait,” I say. It’s the first word I’ve managed to utter since I tumbled out from under my He-Man blanket. “What should I put in the sheet? What... Things? I’m a good kid. Shy. Obedient. I want to do as my mother says. She stops to look at me. “Whatever will fit,” she says. “I don’t know if we’re coming back.” She turns, and she’s gone.

Once we’ve packed, my sister, my brother, and I pad down to the living room. My mother has called my father’s cousin in Brooklyn – we call him Uncle Ibrahim, or just Ammu – and she’s talking to him heatedly now. Her face is flushed. She’s clutching the phone with her left hand and, with her right, nervously adjusting her hijab where it’s come loose around her ear. The TV plays in the Background. Breaking news. We interrupt this program. My mother catches us watching, and hurries to turn it off.

She talks to Ammu Ibrahim a while longer, her back to us. When she hangs up, the phone begins ringing. It’s a jarring sound in the middle of the night: too loud and like it knows something.

My mother answers. It is one of Baba’s friends from the mosque, a taxi driver named Mahmoud. Everyone calls him Red because of his hair. Red sounds desperate to reach my father. “He’s not here,” my mother says. She listens for a moment. “Okay,” she says, and hangs up.

The phone rings again. That terrible noise. This time, I can't figure out who's calling. My mother says, "Really?" She says "Asking about us? The police?" A little later, I wake up on a blanket on the living room floor. Somehow, in the midst of the chaos, I've nodded off. Everything we could possibly carry – and more – is piled by the door, threatening to topple at any second. My mother paces around, checking and rechecking her purse. She has all our birth certificates: proof, if anyone demands it, that she is our mother. My father, El-Sayyid Nosair, was born in Egypt. But my mother was born in Pittsburgh. Before she recited the Shahada in a local mosque and became Muslim – before she took the name Khadija Nosair – she went by Karen Mills.

"Your Uncle Ibrahim is coming for us," she tells me when she sees me sitting up and rubbing my eyes. The worry in her voice is tinged with impatience now. "If he ever gets here."

I do not ask where we are going, and no one tells me. We just wait far longer than it should take Ammu to drive from Brooklyn to New Jersey. And the longer we wait, the faster my mother paces and the more I feel like something in my chest is going to burst. My sister puts an arm around me. I try to be brave. I put an arm around my brother.

ANEXO B – Trecho do original da tradução do livro *The Terrorist's Son – A Story of a Choice*, de Zak Ebrahim, feita por Renato Marques de Oliveira

**CORPUS – 1**

**Autor:** Zak Ebrahim

**Título:** O Filho do Terrorista – A História de uma Escolha

**Tradutor:** Renato Marques de Oliveira

**Ano:** 2015

5 de Novembro de 1990  
Cliffside Park, Nova Jersey

Aminha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama.

– aconteceu um acidente – ela diz –

Tenho sete anos de idade, um menino gorducho vestindo pijamas das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho com os minaretas. Nunca pela minha mãe.

São onze da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempo ele vem passando cada vez mais horas e horas a fio noite adentro na mesquita na cidade de Jersey. Mas para mim ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso. Ainda nessa manhã ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus cadarços. Ele se envolveu em algum acidente? Que tipo de acidente? Está machucado? Morreu? Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.

Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem – depois cai e se esparrama pelo chão.

– Olhe nos meus olhos Z – ela diz, o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço.

– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.

Ela caminha na direção da porta – Yulla, Z, Yulla. Vamos

– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de debaixo da minha colcha do He-man.

– O que eu devo colocar no lençol? Que... coisa?

Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer exatamente o que minha mãe me pediu. Ela se detém e olha para mim.

– Tudo o que couber – ela diz. – Não sei se a gente vai voltar.

Ela gira sobre os calcanhares, e desaparece.

Assim que terminamos de arrumar as nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar. A minha mãe ligou para o primo do meu pai que vive no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou simplesmente Ammu – e agora está tendo uma acalorada discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente seu *hijab* no ponto em que se afrouxou em volta da orelha. Ao fundo a TV está ligada. Notícias de última hora. *Interrompemos a programação*. A minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.

Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas pra nós. Assim que ela desliga o aparelho começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece que sabe de alguma coisa.

A minha mãe atende. É um dos amigos dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de vermelho por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar e falar com meu pai.

– Ele não está aqui – diz a minha mãe, que por momento ouve atentamente.

– Tudo bem – ela diz, e desliga.

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível.

Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. A minha mãe diz:

– É mesmo? Fazendo algumas perguntas sobre nós? A polícia?

Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor no chão da sala de estar. De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. A minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo de novo a sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato a nossa mãe. Meu pai, El Sayyid Nosair, nasceu no Egito. Mas a minha mãe nasceu em Pittsburgh. Antes de recitar a Shahada numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.

– O seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente – ela diz quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. Esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E quanto mais tempo esperamos, mais rápido minha mãe anda de um lado para outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. A minha mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão.

ANEXO C – Trecho do original do livro *A Good Man in Hard to Find*, de Flannery O'Connor

**CORPUS – 2**

**Autor:** Flannery O'Connor

**Título:** A Good Man is Hard to Find

**Ano:**1993

The grandmother didn't want to go to Florida.

She wanted to visit some of her connections in east Tennessee and she was seizing at every chance to change Bailey's mind. Bailey was the son she lived with, her only boy.

He was sitting on the edge of his chair at the table, bent over the orange sports section of the *Journal*. "Now look here, Bailey," she said, "see here, read this," and she stood with one hand on her thin hip and the other rattling the newspaper at his bald head.

"Here this fellow that calls himself The Misfit is a loose from the Federal Pen and headed toward Florida and you read here what it says he did to these people.

Just you read it. I wouldn't take my children in any direction with a criminal like that a loose in it. I couldn't answer to my conscience if I did."

Bailey didn't look up from his reading so she wheeled around then and faced the children's mother, a young woman in slacks, whose face was as broad and innocent as a cabbage and was tied around with a green head-kerchief that had two points on the top like rabbit's ears. She was sitting on the sofa, feeding the baby his apricots out of a jar.

"The children have been to Florida before," the old lady said. "You all ought to take them somewhere else for a change so they would see different parts of the world and be broad. They never have been to east Tennessee."

The children's mother didn't seem to hear her but the eight-year-old boy, John Wesley, a stocky child with glasses, said, "If you don't want to go to Florida, why don'tcha stay at home?" He and the little girl, June Star, were reading the funny papers on the floor.

"She wouldn't stay at home to be queen for a day," June Star said without raising her yellow head.

"Yes and what would you do if this fellow, The Misfit, caught you?" the grandmother asked.

"I'd smack his face," John Wesley said.

"She wouldn't stay at home for a million bucks," June Star said. "Afraid she'd miss something. She has to go everywhere we go."

"All right, Miss," the grandmother said.



"Just remember that the next time you want me to curl your hair."

June Star said her hair was naturally curly.

The next morning the grandmother was the first one in the car, ready to go.

She had her big black valise that looked like the head of a hippopotamus in one corner, and underneath it she was hiding a basket with Pitty Sing, the cat, in it.

She didn't intend for the cat to be left alone in the house for three days because he would miss her too much and she was afraid he might brush against one of the gas burners and accidentally asphyxiate himself. Her son, Bailey, didn't like to arrive at a motel with a cat.

She sat in the middle of the back seat with John Wesley and June Star on either side of her. Bailey and the children's mother and the baby sat in front and they left Atlanta at eight forty-five with the mileage on the car at 55890. The grandmother wrote this down because she thought it would be interesting to say how many miles they had been when they got back. It took them twenty minutes to reach the outskirts of the city.

The old lady settled herself comfortably, removing her white cotton gloves and putting them up with her purse on the shelf in front of the back window. The children's mother still had on slacks and still had her head tied up in a green kerchief, but the grandmother had on a navy blue straw sailor hat with a bunch of white violets on the brim and a navy blue dress with a small white dot in the print. Her collars and cuffs were white organdy trimmed with lace and at her neckline she had pinned a purple spray of cloth violets containing a sachet. In case of an accident, anyone seeing her dead on the highway would know at once that she was a lady.

She said she thought it was going to be a good day for driving, neither too hot nor too cold, and she cautioned Bailey that the speed limit was fifty-five miles an hour and that the patrolmen hid themselves behind billboards and small clumps of trees and sped out after you before you had a chance to slow down. She pointed out interesting details of the scenery: Stone Mountain; the blue granite that in some places came up to both sides of the highway; the brilliant red clay banks slightly streaked with purple; and the various crops that made rows of green lace-work on the ground. The trees were full of silver-white sunlight and the meanest of them sparkled. The children were reading comic magazines and their mother had gone back to sleep.

"Let's go through Georgia fast so we won't have to look at it much," John Wesley said.

"If I were a little boy," said the grandmother, "I wouldn't talk about my native state that way. Tennessee has the mountains and Georgia has the hills."

"Tennessee is just a hillbilly dumping ground," John Wesley said, "and Georgia is a lousy state too."

"You said it," June Star said.

"In my time," said the grandmother, folding her thin veined fingers, "children were more respectful of their native states and their parents and everything else. People did right then. Oh look at the cute little pickaninny!" she said and pointed to a Negro child standing in the door of a shack. "Wouldn't that make a picture, now?" she asked and they all turned and looked at the little Negro out of the back window. He waved.

"He didn't have any britches on," June Star said.

"He probably didn't have any," the grandmother explained.

"Little niggers in the country don't have things like we do. If I could paint, I'd paint that picture," she said.

The children exchanged comic books.

The grandmother offered to hold the baby and the children's mother passed him over the front seat to her. She set him on her knee and bounced him and told him about the things they were passing. She rolled her eyes and screwed up her mouth and stuck her leathery thin face into his smooth bland one. Occasionally he gave her a faraway smile.

They passed a large cotton field with five or six graves fenced in the middle of it, like a small island. "Look at the graveyard!" the grandmother said, pointing it out. "That was the old family burying ground. That belonged to the plantation."

"Where's the plantation?" John Wesley asked.

"Gone with the Wind," said the grandmother. "Ha. Ha."

When the children finished all the comic books they had brought, they opened the lunch and ate it. The grandmother ate a peanut butter sandwich and an olive and would not let the children throw the box and the paper napkins out the window. When there was nothing else to do they played a game by choosing a cloud and making the other two guess what shape it suggested. John Wesley took one the shape of a cow and June Star guessed a cow and John Wesley said, no, an automobile, and June Star said he didn't play fair, and they began to slap each other over the grandmother.

The grandmother said she would tell them a story if they would keep quiet. When she told a story, she rolled her eyes and waved her head and was very dramatic.

She said once when she was a maiden lady she had been courted by a Mr Edgar Atkins Teagarden from Jasper, Georgia. She said he was a very good-looking man and a gentleman and that he brought her a watermelon every Saturday afternoon with his initials cut in it, E. A. T. Well, one Saturday, she said, Mr Teagarden brought the watermelon and there was nobody at home and he left it on the front porch and returned in his buggy to Jasper, but she never got the watermelon, she said, because a nigger boy ate it when he saw the initials, E. A. T.! This story tickled John Wesley's funny bone and he giggled and giggled but June Star didn't think it was any good. She said she wouldn't marry a man that just brought her a watermelon on Saturday. The grandmother said she would have done well to marry Mr Teagarden because he was a gentleman and had bought Coca-Cola stock when it first came out and that he had died only a few years ago, a very wealthy man.

They stopped at The Tower for barbecued sandwiches. The Tower was a part stucco and part wood filling station and dance hall set in a clearing outside of Timothy. A fat man named Red Sammy Butts ran it and there were signs stuck here and there on the building and for miles up and down the highway saying, TRY RED SAMMY'S FAMOUS BARBECUE. NONE LIKE FAMOUS RED SAMMY'S! RED SAM! THE FAT BOY WITH THE HAPPY LAUGH. A VETERAN! RED SAMMY'S YOUR MAN!

Red Sammy was lying on the bare ground outside The Tower with his head under a truck while a gray monkey about a foot high, chained to a small chinaberry tree, chattered nearby

ANEXO D – Trecho do original da tradução do livro *A Good Man is Hard to Find*, de Flannery O'Connor, feita por Clara Pinto Correia

**CORPUS – 2**

**Autor:** Flannery O'Connor

**Título:** Um bom homem é difícil de encontrar

**Tradução:** Clara Pinto Correia

**Ano:** 2006

A avó não queria ir para a Florida. Queria visitar alguns dos seus conhecidos no Tennessee Ocidental, e andava a aproveitar todas as oportunidades para tentar conseguir que Bailey mudasse de ideias. Bailey era o filho com quem vivia, o seu único rapaz. Estava sentado à mesa na beirinha da cadeira, inclinado sobre as páginas cor de laranja da secção desportiva do jornal. «Mas ouve lá, Bailey», disse ela, «olha para aqui, lê isto», e pôs-se em pé com uma mão sobre a anca magra e a outra estendida, brandindo o jornal em direcção à careca dele. «Aqui está este tipo que se chama a si mesmo O Inadaptado e que anda à solta, fugido da prisão federal, e parece que vai em direcção à Florida e aqui diz tudo o que fez às pessoas. Lê. Lê, ao menos. Eu não levaria os meus filhos para um sítio onde um criminoso destes anda à solta. Se o fizesse, nunca me sentiria em paz com a minha consciência».

Bailey não levantou a cabeça da secção desportiva e por isso a avó olhou em volta e encarou a mãe das crianças, uma mulher jovem de calças elegantes, cuja face era tão larga e inocente como uma couve, rodeada por um lenço verde com as duas pontas atadas no alto da cabeça, como as orelhas de um coelho. Estava sentada num sofá, a dar ao bebé papa de alperces de um boião. «As crianças já estiveram na Florida antes», disse a mulher idosa. «Deviam levá-las a outros sítios, para elas verem outras partes do mundo e expandirem os conhecimentos. Elas nunca foram ao Tennessee Ocidental».

A mãe das crianças pareceu não ter ouvido, mas o rapaz de oito anos, John Wesley, um miúdo forte de óculos, disse: – Se não queres ir à Florida porque é que não ficas em casa? – Ele e a rapariga mais nova, June Star, estavam a ler banda desenhada no chão. –

Ela não ficaria em casa nem para ser rainha por um dia – disse June Star sem levantar a cabeça loira.

– Ah sim? – perguntou a avó. – Então e se este tipo, o Inadaptado, vos apanhasse? –

Dava-lhe cabo do focinho – disse John Wesley.

– Ela não ficava em casa nem por um milhão de dólares – disse June Star. – Havia de ter medo de perder qualquer coisa excitante. Tem sempre que ir connosco onde quer que vamos.

– Muito bem, menina –, disse a avó. – Lembra-te do que disseste da próxima vez que quiseres que eu te faça caracóis no cabelo.

June Star disse que tinha o cabelo naturalmente encaracolado.

Na manhã seguinte a avó foi a primeira a entrar para o carro, pronta para partir. Tinha a grande mala que parecia a cabeça de um hipopótamo colocada num canto, e debaixo dela escondera um cesto com Pitty Sing, o gato. Não fazia tenções de deixar o animal três dias sozinho em casa porque ele sentiria demasiado a sua falta e além disso tinha medo que acidentalmente esbarrasse num dos bicos de gás do fogão e morresse asfixiado. Bailey, o filho, não gostava de chegar aos motéis com gatos.

A avó estava no meio do banco de trás com John 68 Wesley e June Star sentados um de cada lado. Bailey, a mãe das crianças e o bebé sentaram-se no banco da frente e deixaram Atlanta às oito e quarenta e cinco. A quilometragem do carro era 55 890. A avó tomou nota disto porque pensou que seria interessante dizer quantos quilómetros tinham percorrido quando regressassem. Demoraram cerca de vinte minutos a atingir o perímetro exterior da cidade.

A mulher idosa instalou-se confortavelmente, tirando as suas luvas brancas de algodão e colocando-as com a bolsa no espaço junto ao vidro de trás. A mãe das crianças continuava de calças e continuava com o lenço verde amarrado à volta da cabeça, mas a avó pusera um chapéu de palha azul-escuro com um ramo de violetas brancas na aba e escolhera um vestido azul-escuro com pequenas pintas brancas. O colarinho e os punhos eram de organdi branco rematado por rendas e junto ao pescoço tinha pregado um alfinete de violetas roxas com um saquinho aromático. Em caso de acidente, qualquer pessoa que a encontrasse morta na auto-estrada saberia que estava ali uma verdadeira senhora.

Disse que ia ser um dia bom para viajar de automóvel, não muito quente nem muito frio, e avisou Bailey de que o limite de velocidade era cem quilómetros por hora e que as patrulhas da polícia se escondiam atrás dos cartazes e das árvores e vinham a acelerar atrás dos motoristas apanhados em infracção antes que estes pudessem vê-los e abrandar. Apontou detalhes interessantes na paisagem: Stone Mountain; o granito azul que nalguns casos aflorava junto das bermas da auto-estrada, de ambos os lados; as faixas brilhantes de argila vermelha ligeiramente eivadas de púrpura; e as várias culturas que desenhavam bordados verdes junto ao solo. As árvores estavam cheias de luz de um branco prateado, e algumas cintilavam. As crianças iam a ler revistas de quadrinhos e a mãe voltara a adormecer.

– Vamos atravessar a Geórgia depressa que é para não termos que olhar demais para ela – disse John Wesley.

– Se eu fosse um rapazinho – disse a avó – nunca falaria do meu estado natal dessa maneira. Tennessee tem as montanhas e a Geórgia tem as colinas.

– Tennessee é só um apeadeiro de toscos – disse John Wesley – e a Geórgia também é um estado que não presta para nada. – Nem mais – disse June Star.

– No meu tempo – disse a avó entrecruzando os dedos sulcados de pequenas veias – as crianças tinham mais respeito pelos seus estados natais, e pelos seus pais, e por muitas outras coisas. Oh, olhem, que pretinho tão amoroso! – disse ela apontando para uma criança preta diante da porta de uma cabana. – Não dava um belo quadro? – perguntou ela, e todos se viraram e olharam para o pretinho através da janela de trás. Ele acenou-lhes.

– Estava sem calças – disse June Star.

– Provavelmente não tem nenhuma – explicou a avó.

– Os pretinhos do campo não têm muitas das coisas que nós temos. Se eu soubesse pintar, pintava aquela cena campestre.

As crianças trocaram livros de quadradinhos entre si.

A avó ofereceu-se para segurar no bebé e a mãe passou-lho do banco da frente. A avó sentou-o sobre o joelho e inclinou-o para a janela e foi-lhe descrevendo as coisas interessantes que iam passando na paisagem. Rolou os olhos e espremeu a boca e encostou a sua cara rugosa à cara lisa e inexpressiva dele. De vez em quando ele fazia-lhe um sorriso distante. Atravessaram um grande campo de algodão com cinco ou seis túmulos no meio rodeados por uma cerca, como uma pequena ilha. – Olhem para o cemitério – disse a avó, apontando para ele. – Era o local de enterro de uma família. Pertenciam à plantação.

– Onde é que está a plantação? – perguntou John 70 Wesley.

– E tudo o vento levou – disse a avó. – Ah ah!

Quando as crianças acabaram de ler todos os livros de quadradinhos que tinham trazido, abriram o almoço e comeram-no. A avó comeu um sanduíche de manteiga de amendoim e uma azeitona e não deixou as crianças atirarem os guardanapos e a caixa pela janela. Quando já não tinham mais nada que fazer jogaram a um jogo em que um deles escolhia uma nuvem e os outros dois tinham que adivinhar qual era a forma que a nuvem sugeria. John Wesley escolheu uma em forma de vaca e June Star disse que era uma vaca e ele disse que não, era um automóvel, e ela disse que ele estava a fazer batota, e começaram a dar estaladas uma ao outro diante da avó.

A avó disse que lhes contava uma história se ficassem sossegados. Quando ela contava histórias, rolava os olhos e agitava a cabeça e era muito histriónica. Disse-lhes que há muito tempo, quando era uma donzela, fora cortejada por um Sr. Edgar Atkins Teagarden, de Jasper, Georgia. Disse que era um homem muito bem-parecido e um cavalheiro e que lhe trazia todos os sábados uma melancia com as suas iniciais gravadas na casca, E.A.T. Bem, um certo sábado, disse ela, o Sr. Teagarden chegou com a melancia e não estava ninguém em casa e ele deixou-a no alpendre e voltou no seu breque para Jasper, mas ela nunca chegou a ver a melancia porque houve um rapaz preto que a encontrou no alpendre e a comeu porque leu as iniciais na casca, «EAT» ! A história mexeu com o sentido de humor de John Wesley e ele desfez-se em risadas, mas June Star achou que não prestava. Ela nunca se casaria com um homem que se limitasse a trazer-lhe melancias aos sábados. A avó disse que teria sido esperta se se tivesse casado com o Sr. Teagarden porque era um cavalheiro e comprara acções da Coca-Cola quando apareceram no mercado pela primeira vez e quando morrera, o que aliás acontecera recentemente, era um homem muito rico.

Pararam no The Tower para comerem sanduíches de churrasco. O The Tower era uma estação de gasolina e salão de baile, feito de estuque e de madeira que ficava numa clareira depois de Timothy. Era gerido por um homem gordo chamado Red Sammy Butts e existiam sinais pregados aqui e ali no edifício, e à beira da estrada por vários quilómetros nos dois sentidos, que diziam EXPERIMENTE O FAMOSO CHURRASCO DO RED SAMMY. NÃO HÁ OUTRO CHURRASCO COMO O DOREDSAMMY!REDSAM!ORAPAZGORDOCOMUM SORRISO FELIZ! RED SAMMYÉO VOSSO HOMEM!

Red Sammy estava deitado no chão diante do The Tower, com a cabeça debaixo de um camião, enquanto um macaco cinzento de cerca de vinte centímetros de altura, amarrado com uma corrente a um arbusto próximo, garrulava por ali.

ANEXO E – Trecho do original da tradução do livro *A Good Man is Hard to Find*, de Flannery O'Connor, feita por Leonardo Fróes

**CORPUS – 2**

**Autor:** Flannery O'Connor

**Título:** Um homem bom é difícil de encontrar

**Tradutor:** Leonardo Fróes

**Ano:** 1998

A avó não queria ir para a Florida. Queria visitar uns parentes no leste do Tennessee e aproveitava todas as oportunidades para induzir Bailey a mudar de ideia. Bailey, o filho com o qual ela morava, seu único filho homem, sentado a mesa na beira da cadeira, dobrava-se sobre o alaranjado da página de esportes do *Journal*. "Olhe só isso aqui, Bailey, olhe só, leia isso aqui", disse ela em pé a seu lado, com uma das mãos no quadril magro e a outra esfregando outra folha de jornal na careca do filho. "Esse tal cara que fugiu da penitenciária federal, o Desajustado, como ele mesmo se chama, e que foi justamente em direção a Florida... leia só o que diz aqui, veja o que ele fez com as pessoas. Vale a pena você ler. Eu é que não levaria os meus filhos, fosse lá para onde fosse, com um bandido desses assim a solta na área. Não ficaria em paz com a minha consciência."

Bailey não olhou para cima, não parou de ler o que lia, e ela então deu uma volta. Foi ficar cara a cara com a mãe das crianças, mulher nova, numa calça folgada, cujo rosto era tão largo e inocente quanto um repolho, estando envolto num lenço verde de cabeça amarrado com duas pontas no alto, como as orelhas de um coelho. Ela, sentada no sofá para alimentar o bebê, dava-lhe geleia de damasco que tirava do vidro. "À Flórida as crianças já foram", disse a velha senhora. "Deveriam leva-las a algum outro lugar, para variar, para que vejam diferentes partes do mundo e possam ter perspectivas mais amplas. Ao leste do Tennessee elas nunca foram."

A mãe das crianças nem pareceu escutar, mas o garoto de oito anos, John Wesley, parrudinho e de óculos, disse: "Se a senhora não quer ir para a Flórida, por que e que não fica em casa?". Ele e a menina, June Star, estavam lendo histórias em quadrinhos no chão.

"Em casa? Duvido. Por nada desse mundo ela fica", disse June Star sem levantar a cabeça.

"Ah, é? E o que fariam vocês, se esse camarada, o Desajustado, pegasse vocês?"

"Eu quebrava a cara dele", John Wesley disse.

"Nem por um milhão de dólares ela ficava em casa" June Star disse. "Tem medo de estar perdendo coisas. Tem de ir pra toda parte com a gente."

"Esta bem, mocinha", disse a avó. "Da próxima vez que me pedir para cachear seu cabelo, você vai ver uma coisa."



June Star disse que seu cabelo já era naturalmente cacheado.

Na manhã seguinte a avó foi a primeira a entrar no carro, pronta para partir. Tinha posto num canto sua enorme malinha preta, que parecia uma cabeça de hipopótamo, por baixo da qual ela escondia numa cesta o gato, Pitty Sing. Não quis deixar o gato em casa sozinho, por três dias, porque ele sentiria muito a sua falta e ela tinha medo de que acidentalmente se asfixiasse ao se esfregar num bico de gás. Mas o filho dela, Bailey, não gostava de chegar a um motel com um gato.

A avó ia no banco de trás, no meio, com um neto de cada lado, John Wesley e June Star. Bailey e a mãe das crianças com o bebê iam na frente e eles saíram às oito e quarenta e cinco de Atlanta com o painel indicando 89.944 quilômetros rodados. A avó anotou o número por achar que seria interessante saber quantos quilômetros eles teriam feito, quando voltassem para casa. Levaram vinte minutos para atingir a periferia da cidade.

A velha senhora se instalou a vontade, tirando as luvas brancas de algodão e pondo-as junto com a bolsa no espaço por trás do banco. A mãe das crianças continuava com a mesma calça folgada, e com o mesmo lenço verde amarrado na cabeça, mas a avó estava usando um chapéu de palha azul-marinho, com um buquê de violetas brancas na aba, e um vestido também azul-marinho de bolinhas brancas. A gola e os punhos eram de organdi branco, com debreus de renda, e um ramalhete roxo de violetas de pano, que era um sachê, estava pendurado em seu peito. Qualquer um que a visse morta na estrada, em caso de acidente, logo saberia tratar-se de uma senhora distinta.

Disse que o dia, a seu ver, era bom para viajar, nem muito quente nem muito frio demais, e lembrou a Bailey que o limite de velocidade era de noventa quilômetros por hora, e que os guardas rodoviários, escondidos atrás de anúncios e de amontoados de árvores, logo saíam em disparada atrás, sem nem dar chance de reduzir. E apontou interessantes detalhes dos panoramas: Stone Mountain; o granito azulado que nalguns trechos aflorava de ambos os lados da rodovia; os barrancos brilhantes, de barro vermelho rajado ligeiramente de roxo; e as diversas plantações enfileiradas como rendilhados verdes na terra. As árvores estavam cheias de uma luz solar prateada, e até mesmo as mais insignificantes brilhavam. As crianças iam lendo suas histórias em quadrinhos e a mãe tinha voltado a dormir.

"Vamos passar pela Geórgia bem rápido para não ter de olhar muita coisa" John Wesley disse.

"Eu, se eu fosse um menino", disse a avó, "eu não falaria assim desse jeito do meu estado natal. O Tennessee tem montanhas, a Geórgia tem suas colinas..."

"O Tennessee não passa de um lixão, é uma terra de arigós" John Wesley disse, "e a Geórgia também é uma porcaria de estado."

"E isso mesmo", disse June Star.

"No meu tempo", a avó disse, cruzando os dedos de veias finas, "as crianças tinham mais respeito pela terra natal, pelos pais e por tudo o mais. Procedia-se bem, naquela época. Oh, mas vejam só o pretinho, que graça!" disse e apontou para um menino negro, em pé na porta de um barraco. "Não daria um quadro?" perguntou, e todos se viraram, olhando o menino negro pelo vidro de trás. Ele deu adeus.

"Ele estava sem calça", disse June Star.

“Talvez nem tenha” a avó explicou. “Os negrinhos da roça não são assim como nós, não tem coisas.” E acrescentou: “Ah, se eu soubesse pintar, bem que faria esse quadro!”.

As crianças trocaram de revista.

A avó se ofereceu para segurar o bebê, que a mãe das crianças lhe passou por cima do banco. Tendo-o posto nos joelhos, ela agora o puxava para cima e lhe falava das coisas pelas quais estavam passando. Revirava os olhos, fazia bico com a boca, colava a cara magra e dura no rosto, lisinho e fofo, da criança, que de vez em quando lhe dava algum sorriso distante. Passaram por uma grande plantação de algodão com um cercado com cinco ou seis túmulos no meio, como uma ilha.

“Olhem lá o cemitério!” disse a avó, apontando. “O antigo campo-santo da família. Pertencia á fazenda.”

“E onde esta a fazenda?” John Wesley perguntou.

“E o vento levou...” disse a avó. “Ha, ha.”

As crianças, quando acabaram todas as revistas levadas, abriram e comeram seus lanches. A avó comeu um sanduiche de pasta de amendoim e uma azeitona e não deixou as crianças jogarem pela janela os guardanapos e sacos de papel. Quando não tinham mais o que fazer, brincaram de escolher uma nuvem para os outros adivinharem a forma que ela sugeria. John Wesley escolheu uma nuvem que tinha forma de vaca, June Star falou vaca e ele disse que não, que era carro, e June Star disse que John Wesley estava jogando sujo e logo estavam os dois, por cima da avó, aos tapas. A avó disse que contaria uma historia se eles ficassem quietos. E ela, quando contava uma historia, revirava os olhos e agitava a cabeça e era toda dramática. Contou então que nos seus tempos de moça tinha sido cortejada por um rapaz de Jasper, na Geórgia, chamado Charles Otoline Miles Erlanger Robertson. Um rapaz muito atraente, um cavalheiro, segundo a avó, que todo sábado á tarde, quando a visitava, levava-lhe uma melancia com suas iniciais gravadas: C.O.M.E.R. Num desses sábados, como ela disse, Robertson chegou com a melancia e não havia ninguém em casa e ele a deixou na varanda e voltou para Jasper na charrete, mas essa melancia ela nunca viu, porque um negrinho a devorou, como ela disse, quando leu as iniciais C.O.M.E.R. A historinha agradou em cheio a John Wesley, que estourou numa gargalhada e se retorcia de rir, mas June Star não achou graça nenhuma. Disse que jamais se casaria com um homem que se limitasse a levar-lhe uma melancia no sábado. Já a avó disse que para ela teria sido uma beleza se casar com Robertson, porque ele era um homem muito distinto e comprou ações da Coca-Cola logo que foram lançadas e só tinha morrido ha poucos anos, riquíssimo.

Pararam para comer uns sanduiches grelhados num lugar chamado The Tower. Era um misto de salão de festas e posto de gasolina, parte em madeira, parte em estuque, instalado numa clareira nos arredores de Timothy. O dono era um gordo, Red Sammy Butts, e havia placas penduradas ali por toda parte, e por quilômetros na rodovia, dizendo: EXPERIMENTE O AFAMADO GRELHADO DE RED SAMMY. NENHUM SE COMPARA AO DELE! RED SAM, O GORDINHO DA RISADA FELIZ! UM VETERANO! RED SAMMY, O HOMEM CERTO!

Deitado no chão, do lado de fora do The Tower, estava o próprio Red Sammy. Tinha a cabeça enfiada embaixo de um caminhão, enquanto um mico cinzento de seus trinta centímetros, amarrado pela corrente a um pé de saboeiro, fazia papagueatas por perto.

ANEXO F – Trecho do original da tradução do livro *A Good Man is Hard to Find*, de Flannery O'Connor, feita por José Roberto O'Shea

**Autora:** Flannery O'Connor

**Título:** É difícil encontrar um homem bom.

**Tradutor:** José Roberto O'Shea.

**Editora:** Siciliano

**Ano:** 1991.

A avó não queria ir à Flórida. Desejava visitar uns parentes distantes no leste do Tennessee e aproveitava qualquer oportunidade para fazer Bailey mudar de idéia. Bailey era seu único filho, com quem morava. Ele estava sentado à mesa, na beirada da cadeira, curvado sobre a página alaranjada da seção esportiva do Journal.

– Olha isso aqui, Bailey – ela disse –, veja só, leia isso – falou de pé com uma das mãos sobre o quadril magro e com a outra roçando o jornal na cabeça calva do filho. – Olha, um sujeito que se chama o Desajustado fugiu da penitenciária estadual e está indo em direção à Flórida; lê só o que diz aqui, o que ele fez com essa gente. Lê bem. Eu é que não levaria os meus filhos pra um lugar sabendo que tem um marginal desses solto indo na mesma direção. Não ficaria em paz com minha consciência se fizesse uma coisa dessas.

Bailey não ergueu os olhos de sua leitura. Então ela deu a volta e se pôs na frente da mãe das crianças, uma mulher jovem, de calças compridas de aparência barata, e cujo rosto largo e inocente parecia um repolho amarrado por um lenço verde, com duas pontas que faziam lembrar as orelhas de um coelho. Estava sentada no sofá, dando ao bebê geléia de mocotó diretamente do vidro.

– As crianças já conhecem a Flórida – a senhora disse. – Vocês precisam levar elas pra algum outro lugar para variar, de maneira que elas possam ver outras partes do mundo e serem cultas. Elas nunca foram ao leste do Tennessee.

A mãe das crianças parecia não escutar as palavras da senhora, mas o menino de oito anos, John Wesley, troncudo e de óculos, disse: – Se a senhora não quer ir pra Flórida, por que não fica em casa? – ele e a menina menor, June Star, estavam no chão lendo histórias em quadrinhos.

– Ela num ficava em casa nem que fosse pra ser a Cinderela do Boa Noite Cinderela – June Star disse sem levantar sua cabeça amarela.

– É, e o que vocês fariam se esse sujeito, o Desajustado, pegasse vocês? – a avó perguntou.

– Eu dava um soco bem na cara dele – John Wesley disse.

– Ela num ficava em casa nem por um milhão de dólares – June Star disse. – Num ia querer perder nada. Ela tem que ir pra todo lugar que a gente vai.

– Deixa estar, mocinha – a avó disse. – Você vai ver só a próxima vez que me pedir pra fazer cachos no seu cabelo.

June Star retrucou que seu cabelo era naturalmente cacheado.

Na manhã seguinte, a avó foi a primeira a se instalar no carro, pronta para a viagem. Colocara em um canto sua enorme maleta preta de mão, que parecia a cabeça de um hipopótamo, e embaixo da maleta escondera a cesta onde trazia Pitty Sing, o gato. Não queria deixar o gato sozinho na casa por três dias porque o animal sentiria demais a sua falta e ela temia que o mesmo se esfregasse em um dos bolões do gás e, acidentalmente, se asfixiasse. Seu filho, Bailey, não gostava de chegar em um motel de beira de estrada com um gato.

Ela sentou-se no meio do assento traseiro, com John Wesley e June Star de cada lado. Bailey, a mãe das crianças e o bebê sentaram-se no banco da frente. Saíram de Atlanta às oito e quarenta e cinco, com a quilometragem marcando 89946 no velocímetro. A avó anotou o número, pois achava que seria interessante saber, ao regressarem, quantos quilômetros teriam rodado. Levaram vinte minutos para atingir os arredores da cidade.

A senhora acomodou-se confortavelmente, retirando as luvas brancas de algodão e colocando-as junto à bolsa, atrás do banco, no espaço entre o encosto e a janela traseira. A mãe das crianças ainda usava as calças de aparência barata e o mesmo lenço verde amarrado na cabeça, enquanto a avó usava um chapéu de palha azul marinho, estilo marinho, com um ramo de violetas brancas na aba e um vestido também azul marinho estampado de bolinhas brancas. A gola e os punhos eram de organdi branco com acabamento em renda e na altura do decote tinha um buquê roxo de violetas de pano com um pequeno sachê. Em caso de acidente, qualquer pessoa que a visse morta na estrada saberia imediatamente que ela era uma senhora de classe.

Ela disse que achava que seria um bom dia para viagem de carro, nem quente nem frio demais, e lembrou a Bailey que o limite de velocidade era 88 quilômetros por hora e que os patrulheiros se escondiam atrás de outdoors e de árvores na beira da estrada e que partiam atrás da gente, antes da gente ter a chance de diminuir a velocidade. Apontava detalhes interessantes dos locais por onde passavam: Stone Mountain; o solo de granito azul que às vezes chegava até a estrada em ambos os lados; os barrancos brilhantes, de argila vermelha levemente rajada de azul; e as diversas plantações que formavam no solo fileiras de renda verde. As árvores estavam cheias da luz prateada e branca do sol e até as mais feias faiscavam. As crianças estavam lendo histórias em quadrinhos e a mãe dormia, novamente.

– Vamos passar depressa pela Geórgia pra gente num ter que ficar olhando muito pra essa terra – John Wesley disse.

– Se eu fosse um menino – disse a avó – eu não falaria assim de minha terra natal. O Tennessee tem as montanhas, mas a Geórgia tem suas colinas.

– O Tennessee é um depósito de lixo de caipira – John Wesley disse – e a Geórgia é uma droga de estado, também.

– Isso mesmo – June Star disse.

– Na minha época – disse a avó cruzando os dedos de veias finas – as crianças tinham mais respeito por sua terra natal, pelos pais e tudo o mais. As pessoas sabiam se comportar.

Ah, olha só aquele neguinho, que gracinha! – ela disse e apontou para uma criança negra, em pé na porta de um barraco. – Não daria um quadro? – ela perguntou e todos se viraram para ver a criança através da janela traseira. Ele acenou.

– Ele tava sem calça – June Star disse.

– Provavelmente nem tem calça – a avó explicou. – Os neguinhos da roça não têm coisas como a gente tem. Se eu soubesse pintar, faria o quadro – ela disse.

As crianças trocaram de revistas em quadrinhos.

A avó se ofereceu para segurar o bebê e a mãe das crianças passou-lhe o menino por cima do encosto do banco da frente. Ela sentou-o sobre os joelhos, e fazia-o pular e falava-lhe a respeito das coisas que passavam. Arregalava os olhos, fazia bico e espremia sua cara magra e áspera contra o rosto macio e liso do bebê. De vez em quando, ele lhe esboçava um sorriso. Passaram por uma grande plantação de algodão com cinco ou seis túmulos isolados por uma cerca, como uma pequena ilha, bem no centro.

– Olha lá o cemitério! – a avó disse apontando. – Aquilo era o antigo cemitério da família. Pertencia à plantação.

– Onde está a fazenda? – John Wesley perguntou.

– O vento levou – disse a avó. – Ha ha.

Quando acabaram de ler todas as revistas em quadrinhos que haviam trazido, as crianças abriram o saco de papel onde estava o lanche e comeram tudo. A avó comeu um sanduíche de creme de amendoim e uma azeitona e não permitiu que as crianças jogassem o saco e os guardanapos de papel pela janela. Quando não tiveram mais o que fazer, inventaram um jogo em que um escolhia uma nuvem e os outros dois tinham que descobrir com o que a mesma se parecia. John Wesley escolheu uma nuvem em forma de vaca e June Star disse "vaca", e John Wesley disse "não, não, carro", e June Star disse que ele estava roubando no jogo, e começaram a se socar por cima da avó.

Esta disse, então, que lhes contaria uma história se ficassem quietos. Quando contava uma história, ela revirava os olhos e sacudia a cabeça de forma bem dramática. Disse que, em certa ocasião, quando era moça, foi cortejada por um tal de Charles Oswald McEathern, da cidade de Jasper, na Geórgia. Disse que se tratava de um homem muito atraente, um cavalheiro, e que todo sábado à tarde lhe trazia de presente uma melancia esculpida com suas iniciais, C.O.M.E. Pois bem, em um sábado, ela disse, o sr McEathern trouxe a melancia e como não havia ninguém em casa, deixou-a na varanda da frente e voltou para Jasper em sua charrete. Mas ela não encontrou a melancia, disse, pois um neguinho comeu-a ao ver as iniciais C O M E! A história mexeu com John Wesley, que se riu a valer, mas June Star achou que não tinha a menor graça. Ela disse que não se casaria com um homem que lhe trouxesse apenas uma melancia todo sábado. A avó disse que para ela teria sido bom casar-se com o sr McEathern, uma vez que era um cavalheiro e comprara ações da Coca-Cola quando a companhia iniciava suas atividades, morrendo há poucos anos muito rico.

Pararam no posto Tower para comer sanduíches de carne de porco desfiada. O posto de gasolina Tower era uma construção de barro batido e madeira, onde funcionava também uma boate. O estabelecimento ficava numa clareira nos arredores de Timothy. Um sujeito

gordo chamado Red Sammy Butts operava o posto. Havia uma série de cartazes tanto no posto quanto espalhados ao longo da estrada, nos dois sentidos, dizendo: Experimente os famosos sanduíches de carne de porco desfiada de Red Sammy. Nada se iguala aos sanduíches do famoso Red Sammy! Red Sam! O gordão da risada feliz. Esse é bom! Red Sammy está com você!

Red Sammy estava deitado no chão em frente ao posto, com a cabeça debaixo de um caminhão, enquanto um mico cinza, de uns trinta centímetros de altura, preso por uma corrente a um pé de laranja, fazia macaquices por ali.

ANEXO G – Preparação/revisão realizada na tradução feita por Renato M. de Oliveira em  
trecho do livro O Filho do Terrorista – A História de uma Escolha

~~1.~~

5 DE NOVEMBRO DE 1990

CLIFFSIDE PARK, NOVA JERSEY

~~111~~

~~A m~~Minha mãe me acorda aos chacoalhões na ~~minha~~ cama.

— Aconteceu um acidente — ela diz.

Tenho sete anos de idade, um menino gorducho ~~vestindo de~~ pijamas das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho com os minaretes. Nunca pela minha mãe.

São onze da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos ele vem passando cada vez mais horas e horas ~~a fio~~ noite adentro na mesquita na Cidade de Jersey. Mas para mim ele ainda é o Baba — engraçado, amoroso, afetuoso. Ainda nessa manhã ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus cadarços. Ele se envolveu em algum acidente? Que *tipo* de acidente? Está machucado? *Morreu*? Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.

Minha mãe abre um lençol branco — por um breve instante o tecido se avoluma feito um cogumelo, como uma nuvem — depois cai e se esparrama pelo chão.

— Olhe nos meus olhos, Z — ela diz, o rosto tão retorcido por ~~inúmeros inúmeras~~ ~~as~~ ~~rugas~~ de preocupação que mal a reconheço.

— Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar ~~as~~ suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. ~~Tudo bem~~ Certo? ~~A s~~ Sua irmã vai ajudar você.

Ela caminha na direção da porta. — *Yulla, Z, yulla*. Vamos.

— Espere — ~~eu~~ digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de debaixo ~~da do minha coleha~~ meu cobertor do He-Man.

— O que eu devo colocar no lençol? Que... *coisas*?

Sou um bom menino. Tímido. ~~obediente~~Obediente. Quero fazer exatamente o que ~~a~~minha mãe me pediu.

Ela se detém e olha para mim.

— Tudo que couber — ~~ela~~diz. — Não sei se a gente vai voltar.

Ela ~~gira sobre os calcanhares~~se vira, e desaparece.

Assim que terminamos de arrumar as nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar. A minha mãe ligou para o primo do meu pai que vive no Brooklyn — nós o chamamos de Tio Ibrahim, ou simplesmente Ammu — e agora está tendo uma acalorada discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente seu *hijab*, no ponto em que se afrouxou em volta da orelha. Ao fundo a tevê está ligada. Notícias de última hora. *Interrompemos a programação*. A minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.

Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas para nós. Assim que ela desliga, o aparelho começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece que *sabe* de alguma coisa.

~~A m~~Minha mãe atende. É um dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de Vermelho por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar e falar com o meu pai.

— Ele não está aqui — diz ~~a~~minha mãe, que por um momento ouve atentamente.

— Tudo bem — ela diz, e desliga.

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível.

Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. ~~A m~~Minha mãe diz:

— É mesmo? Fazendo perguntas sobre nós? A polícia?

Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor no chão da sala de estar. De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar — e mais ainda — está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. ~~A m~~Minha mãe está zanzando de um lado para ~~o~~outro, conferindo e reconferindo de novo a sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova — para o caso de alguém exigir — de que é de fato ~~a~~nossa mãe. Meu pai, El-Sayyid Nosair, nasceu no Egito. Mas a minha mãe nasceu em Pittsburgh. Antes de recitar a Shahada<sup>12</sup> numa mesquita local e se converter ao islamismo — antes de adotar o nome Khadija Nosair —, ela atendia por Karen Mills.

[1] Comentário: Há necessidade de manter a Oxford comma? Trata-se do mesmo sujeito.



— O seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente — ela diz quando me vê sentando direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. — Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E quanto mais tempo esperamos, mais rápido a minha mãe anda de um lado para o outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. A minha irmã me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão.

ANEXO H – Preparação/revisão realizada na tradução feita por Renato M. de Oliveira em trecho do livro O Filho do Terrorista – A História de uma Escolha

Cliffside Park, Nova Jersey

A minha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama.

– aconteceu um acidente – ela diz –

Tenho sete anos de idade, um menino gorducho vestindo pijamas das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho com os minaretas. Nunca pela minha mãe.

São onze da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos, ele vem passando cada vez mais horas e horas a fio noite adentro na mesquita na cidade de Jersey. Mas, para mim, ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso. Ainda nessa manhã, ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus cadarços. Ele se envolveu em algum acidente? Que tipo de acidente? Está machucado? Morreu? Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.

Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante, o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem – depois cai e se esparrama pelo chão.

– Olhe nos meus olhos Z – ela diz, o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço.

– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro desse lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.

Ela caminha em direção à porta – Yulla, Z, Yulla. Vamos.

– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí debaixo da minha colcha do He-man.

– O que eu devo colocar no lençol? Que... coisa?

Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer, exatamente, o que minha mãe me pediu. Ela se detém e olha para mim.

– Tudo o que couber – ela diz. – Não sei se a gente vai voltar.

Ela gira sobre os calcanhares e desaparece.

Assim que terminamos de arrumar as nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos, a passos surdos, para a sala de estar. A minha mãe ligou para o primo do meu pai que vive no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou, simplesmente, Ammu – e agora está tendo uma acalorada discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita, nervosamente, seu *hijab* no

**[2] Comentário:** Utiliza-se, nesse caso, travessão e não meia-risca. Todas as ocorrências similares devem ser uniformizadas com o sinal de travessão e não meia-risca.

**[3] Comentário:** Eu acredito que a Revisão Crítica seria mais ideal nesse caso. Eu não trabalho com Revisão de Tradução, não tenho qualificação para isso, mas, no caso da Revisão Crítica, eu poderia lançar um olhar mais estilístico ao seu texto, como em relação à essa alteração que fiz (acredito ser uma escolha mais elegante e formal do que a sua).

ponto em que se afrouxou em volta da orelha. Ao fundo a TV está ligada. Notícias de última hora. *Interrompemos a programação.* A minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.

Ela fala com Ammu Ibrahim, por mais algum tempo, de costas pra nós. Assim que ela desliga o aparelho, começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais e parece que sabe de alguma coisa.

A minha mãe atende. É um dos amigos dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de Vermelho por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar e falar com meu pai.

– Ele não está aqui – diz a minha mãe, que, por momento, ouve atentamente.

– Tudo bem – ela diz, e desliga.

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível.

Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. A minha mãe diz:

– É mesmo? Fazendo algumas perguntas sobre nós? A polícia?

Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor no chão da sala de estar. De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado, juntamente à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. A minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo de novo a sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato a nossa mãe. Meu pai, El Sayyid Nosair, nasceu no Egito. Mas a minha mãe nasceu em Pittsburgh. Antes de recitar a Shahada numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.

– O seu tio, Ibrahim, está vindo nos buscar – ela diz quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

Não pergunto aonde estamos indo e ninguém me diz. Apenas, esperamos. E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E, quanto mais tempo esperamos, mais rápido minha mãe anda de um lado para outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. A minha mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão.

**[4] Comentário:** Por que você optou por utilizar essa marcação mais informal e “falada”? Você acredita que o livro tem características de linguagem mais informal do que formal? Essas questões, em relação à tradução, devem ser pensadas e verificadas. Às vezes, o padrão se mescla em um texto, em relação à linguagem formal e não formal, é complicado manter esse padrão quando o autor do texto original não o mantém, mas é interessante pensar o porquê de suas escolhas, também. Cada gênero exige um conjunto específico de regras, não existe, somente, a linguagem formal difundida pela gramática normativa. A linguagem de uma obra depende do público-alvo e do gênero textual. No caso de tradução, acredito que você deva prestar atenção nessas pistas deixadas pelo autor, se for o caso, pois, nem sempre, o “correto” será optar pelo mais formal.

ANEXO I – Preparação/revisão realizada na tradução feita por Renato M. de Oliveira em  
trecho do livro O Filho do Terrorista – A História de uma Escolha

Cliffside Park, Nova Jersey

A minha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama.

– Aconteceu um acidente – ela diz. –

Tenho 7 anos de idade, um menino gorducho de pijama das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho de minaretes. Nunca pela minha mãe.

São 11 horas da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempo ele vem passando cada vez mais horas, noite adentro na mesquita de Jersey City. Mas para mim ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso. nesta exata manhã ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus cadarços. Será que ele se envolveu em algum acidente? Que tipo de acidente? Estará machucado? Estará morto? Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.

Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante o tecido se avoluma como um cogumelo, como uma nuvem, e depois cai e se esparrama pelo chão.

– Olhe nos meus olhos Z – ela diz, com o rosto tão retorcido de preocupação que mal a reconheço.

– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Entendeu? A sua irmã vai ajudar você.

Ela caminha na direção da porta – Yulla, Z, Yulla. Vamos.

– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de baixo da minha colcha do He-Man.

– O que eu tenho de colocar no lençol? Que... coisas?

Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer exatamente o que minha mãe me pediu. Ela se detém e olha para mim.

– Tudo o que couber – diz. – Não sei se a gente vai voltar.

Ela gira sobre os calcanhares e desaparece.

Assim que terminamos de arrumar as nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar. A minha mãe tinha ligado para o primo do meu pai que mora no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou simplesmente Ammu, – e agora está tendo uma acalorada discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita com nervosismo seu *hijab* no ponto em que ele se afrouxou em volta da orelha. Ao fundo a TV está ligada.

Notícias de última hora. “Interrompemos a programação”. A minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.

Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas pra nós. Assim que ela desliga o telefone começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece que *sabe* de alguma coisa.

A minha mãe atende. É um dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de Ruivo por causa dos cabelos dele. O Ruivo parece desesperado para localizar meu pai e falar com ele .

– Ele não está aqui – diz a minha mãe, que por momento ouve atentamente. –  
Tudo bem – ela responde , e desliga.

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível.

Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. A minha mãe diz:

– É mesmo? Fazendo algumas perguntas sobre nós? A polícia?

Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor, no chão da sala de estar. Não sei como, em meio ao caos, tinha pegado no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. A minha mãe está zanzando de um lado para outro, conferindo e reconferindo de novo a sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato a nossa mãe. O meu pai, El Sayyid Nosair, nasceu no Egito. Mas a minha mãe nasceu em Pittsburgh. Antes de recitar a shahada numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.

– O seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente – ela diz quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está misturada com impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamosE esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E quanto mais tempo esperamos, mais rápido minha mãe anda de um lado para outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. A minha mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão.

ANEXO J – Preparação/revisão realizada na tradução feita por Renato M. de Oliveira em trecho do livro O Filho do Terrorista – A História de uma Escolha

Cliffside Park, Nova Jersey

Minha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama.

– Aconteceu um acidente – ela diz.

Tenho sete anos de idade, um menino gorducho vestindo pijamas das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre meu tapetinho com os minaretes. Nunca pela minha mãe.

São onze da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos, ele vem passando cada vez mais horas e horas a fio, noite adentro, na mesquita na (da?) cidade de Jersey. Mas para mim ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso. Ainda nessa manhã, ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus cadarços. Ele se envolveu em algum acidente? Que tipo de acidente? Está machucado? Morreu? Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.

Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante, o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem – depois cai e se esparrama pelo chão.

– Olhe nos meus olhos, Z – ela diz, o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço.

– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. (aquí pode ser ponto ou vírgula) E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.

Ela caminha na direção da porta – Yulla, Z, Yulla. Vamos.

– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de debaixo da minha colcha do He-man.

– O que eu devo colocar no lençol? Que... coisa?

Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer exatamente o que minha mãe me pediu. Ela se detém e olha para mim.

– Tudo o que couber – ela diz. – Não sei se a gente vai voltar.

Ela gira sobre os calcanhares e desaparece.

Assim que terminamos de arrumar nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar. Minha mãe ligou para o primo do meu pai que

**[5] Comentário:** O artigo definido antes do pronome possessivo, pela gramática tradicional, é considerado desnecessário (embora não consista em "erro"). Então eu cortei. A ausência do artigo dá mais fluidez à leitura do texto. Se fosse um texto dissertativo, eu só teria cortado e ponto, sem mais comentários. Mas como é um texto literário, o artigo fica opcional - você pode usar ou omitir. No restante do texto, eu cortei, pois acho que melhora a qualidade. Mas, como eu disse, a opção final é sua e a manutenção não consiste em erro formal.

**[6] Comentário:** Essa vírgula é opcional.

**[7] Comentário:** Cf. Comentário 1

**[8] Comentário:** Essa vírgula aqui também é opcional, mas recomendada (adjunto adverbial anteposto). De novo, se fosse um texto dissertativo, diria para seguir essa regra. Como é literário, fica a critério.

**[9] Comentário:** De novo a questão do estilo. Pela norma culta, o certo aqui seria um ponto e vírgula ao invés do ponto; como é um texto literário, você pode manter o ponto, se quiser.

**[10] Comentário:** Aqui a vírgula também é optativa, mas recomendo tirar.

**[11] Comentário:** Cf. Comentário 1

**[12] Comentário:** Cf. Comentário 1

vive no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou simplesmente Ammu – e agora está tendo uma acalorada discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente seu *hijab* no ponto em que se afrouxou em volta da orelha. Ao fundo, a TV está ligada. Notícias de última hora. *Interrompemos a programação.* Minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.

[13] Comentário: Vírgula optativa.

[14] Comentário: Cf. Comentário 1

Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas pra nós. Assim que ela desliga, o aparelho começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece que sabe de alguma coisa.

Minha mãe atende. É um dos amigos dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de “vermelho” por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar meu pai e falar com ele.

[15] Comentário: CF. Comentário 1

– Ele não está aqui – diz a minha mãe, que, por momento, ouve atentamente.

– Tudo bem – ela diz, e desliga.

[16] Comentário: Aqui a mudança é porque localizar e falar não tem a mesma regência, então não podem ter o mesmo complemento.

[17] Comentário: Made a comment

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível.

Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. Minha mãe diz:

– É mesmo? Fazendo algumas perguntas sobre nós? A polícia?

[18] Comentário: Cf. Comentário 1

Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor no chão da sala de estar. De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. Minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo de novo a sua bolsa. Está munida de todas nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato nossa mãe. Meu pai, El Sayyid Nosair, nasceu no Egito, mas minha mãe nasceu em Pittsburgh. Antes de recitar a Shahada numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.

[19] Comentário: Cf. Comentário 1

[20] Comentário: Pode ser do texto original, mas perceba que há uma dupla redundância aqui. Talvez valha cortar o “de novo”, já que o conferindo e reconferindo já transmite a ideia de repetição e de nervosismo do momento.

[21] Comentário: Cf. Comentário 1

[22] Comentário: Cf. Comentário 1

[23] Comentário: Cf. Comentário 1

[24] Comentário: Cf. Comentário 1

– Seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente – ela diz quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

[25] Comentário: De novo, se fosse um texto dissertativo, eu iria deixar “está vindo nos buscar”; mas a escolha final é sua, o “a gente” funciona por coloquialismo, já que é uma fala.

Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E quanto mais tempo esperamos, mais rápido minha mãe anda de um lado para outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. Minha mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão.

[26] Comentário: Vírgula optativa aqui tam'bme, se você quiser.

[27] Comentário: Cf. Comentário 01

Cliffside Park, Nova Jersey.

Minha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama.

– Aconteceu um acidente – ela diz.

Tenho sete anos de idade, um menino gorducho vestindo pijamas das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho com os minaretes. Nunca pela minha mãe.

São 11 da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos, ele vem passando cada vez mais horas e horas a fio, noite adentro, na mesquita na cidade de Jersey. Mas para mim ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso. Ainda nesta manhã ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus cadarços. Ele se envolveu em algum acidente? Que tipo de acidente? Está machucado? Morreu? Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.

Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem –, depois cai e se esparrama pelo chão.

– Olhe nos meus olhos, Z – ela diz, o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço.

– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhá-las e amarrá-lo bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.

Ela caminha na direção da porta: – Yulla, Z, Yulla. Vamos!

– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de baixo da minha colcha do He-man.

– O que eu devo colocar no lençol? Que... coisa?

Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer exatamente o que minha mãe me pediu. Ela se detém e olha para mim.

– Tudo o que couber – ela diz. – Não sei se a gente vai voltar.

Ela gira sobre os calcanhares e desaparece.

Assim que terminamos de arrumar as nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar. Minha mãe ligou para o primo do meu pai que vive no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou simplesmente Ammu – e agora está tendo uma acalorada discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente seu *hijab* no ponto em que se afrouxou em volta da orelha. Ao fundo a TV está ligada. Notícias de última hora. *Interrompemos a programação*. Minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.

Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas para nós. Assim que ela desliga, o aparelho começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece que sabe de alguma coisa.

**[28] Comentário:** Na editora, grafamos os números até 10 por extenso e, a partir de 11, em numerais, por padrão. É preciso verificar se a grafia será utilizada dessa forma aqui.

**[29] Comentário:** Aqui a ideia é de que a mãe cai e se esparrama pelo chão. Caso seja o lençol, é preciso modificar o texto da seguinte forma:

Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem, depois cai e se esparrama pelo chão.



Minha mãe atende. É um dos amigos dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de Vermelho por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar e falar com meu pai.

– Ele não está aqui – diz a minha mãe, que por um momento ouve atentamente.

– Tudo bem – ela diz e desliga.

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível.

Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. A minha mãe diz:

– É mesmo? Fazendo algumas perguntas sobre nós? A polícia?

Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor no chão da sala de estar. De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo o que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. Minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo a sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato a nossa mãe. Meu pai, El Sayyid Nosair, nasceu no Egito. Mas a minha mãe nasceu em Pittsburgh. Antes de recitar a Shahada numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.

– O seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente – ela diz quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. Esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E quanto mais tempo esperamos, mais rápido minha mãe anda de um lado para o outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. A minha mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão.

ANEXO K – Preparação/revisão realizada na tradução feita por Renato M. de Oliveira em trecho do livro O Filho do Terrorista – A História de uma Escolha

Cliffside Park, Nova Jersey

Minha mãe me acorda, aos chacoalhões, na minha cama.

– Aconteceu um acidente – ela diz.

Tenho sete anos de idade, um menino gorducho vestindo pijamas das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre meu tapetinho com os minaretas. Nunca pela minha mãe. São onze da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos, ele tem passado mais e mais horas, noite adentro, na mesquita na cidade de Jersey. Mas para mim ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso. Ainda nessa manhã, ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus cadarços. Ele se envolveu em algum acidente? Que tipo de acidente? Está machucado? *Morreu?* Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.

Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante, o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem – depois cai e se esparrama pelo chão.

– Olhe nos meus olhos, Z – ela diz, com seu rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço. – Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai lhe ajudar. Ela caminha na direção da porta: – *Yulla, Z, Yulla. Vamos.*

– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de debaixo da minha colcha do He-man. – O que devo colocar no lençol? Que... coisas?

Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer exatamente o que minha mãe me pediu. Ela se detém e olha para mim.

– Tudo o que couber – ela diz. – Não sei se voltaremos. Ela gira sobre os calcanhares, e desaparece.

Assim que terminamos de arrumar as nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar. Minha mãe ligou para o primo do meu pai que vive no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou simplesmente Ammu – e agora está tendo uma acalorada discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente seu *hijab* no ponto em que se afrouxou em volta da orelha. Ao fundo, a TV está ligada. Notícias de última hora. *Interrompemos a programação.* Minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.

Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas pra nós. Assim que ela desliga, o aparelho começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, parece que *sabe* de alguma coisa.

Minha mãe atende. É um dos amigos dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de “Vermelho” por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar meu pai e falar com ele.

– Ele não está aqui – diz a minha mãe, que, por enquanto, ouve atentamente.

– Tudo bem – ela diz, e desliga.

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível. Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. A minha mãe diz:

– É mesmo? Fazendo algumas perguntas sobre nós? A polícia?

Um pouco mais tarde, eu acordo em cima de um cobertor no chão da sala de estar. De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que fomos capazes de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. Minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo de novo e de novo sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é, de fato, a nossa mãe. Meu pai, El Sayyid Nosair, nasceu no Egito, mas minha mãe nasceu em Pittsburgh.. Antes de recitar a *Shahada* numa mesquita local e se converter ao Islã, antes de adotar o nome Khadija Nosair, ela atendia por Karen Mills.

– Seu tio Ibrahim está vindo nos buscar – ela diz ao me ver sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E quanto mais tempo esperamos, mais rápido minha mãe anda de um lado para outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. Minha mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão.

ANEXO L – Preparação/revisão realizada na tradução feita por Renato M. de Oliveira em trecho do livro O Filho do Terrorista – A História de uma Escolha

Cliffside Park, Nova Jersey

A minha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama.

[30] Comentário: Minha

– Aconteceu um acidente – ela diz.

Tenho sete anos de idade, um menino gorducho vestindo pijamas das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho com os minaretes. Nunca pela minha mãe.

[31] Comentário: Acho que deveria fazer uma nota de rodapé explicando.

São onze da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos ele vem passando cada vez mais horas e horas a fio noite adentro na mesquita na cidade de Jersey. Mas para mim ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso. Ainda nessa manhã ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus cadarços. Ele se envolveu em algum acidente? Que tipo de acidente? Está machucado? Morreu? Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.

[32] Comentário: Retirar

[33] Comentário: Pode ser retirado

[34] Comentário: tenho muito medo

Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem – depois cai e se esparrama pelo chão.

– Olhe nos meus olhos Z – ela diz, o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço.

[35] Comentário: com o

[36] Comentário: enrugado

– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.

Ela caminha na direção da porta – Yulla, Z, Yulla. Vamos

[37] Comentário: Negritar

– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de debaixo da minha colcha do He-man.

[38] Comentário: retirar

– O que eu devo colocar no lençol? Que... coisa?

Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer exatamente o que minha mãe me pediu. Ela se detém e olha para mim.

– Tudo o que couber – ela diz. – Não sei se a gente vai voltar.

Ela gira sobre os calcanhares, e desaparece.

Assim que terminamos de arrumar as nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar. A minha mãe ligou para o primo do meu pai que vive no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou simplesmente Ammu – e agora está tendo uma acalorada discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente seu *hijab* no ponto em que se afrouxou em volta da orelha. Ao fundo a TV está ligada. Notícias de última hora. *Interrompemos a programação.* A minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.

[39] Comentário: queimando

[40] Comentário: Melhor trocar por lenço

Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas pra nós. Assim que ela desliga, o aparelho começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece que sabe de alguma coisa.

[41] Comentário: telefone

[42] Comentário: algo

A minha mãe atende. É um dos amigos dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de Vermelho por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar e falar com meu pai.

[43] Comentário: Retirar

– Ele não está aqui – diz a minha mãe, que por um momento ouve atentamente.

– Tudo bem – ela diz, e desliga.

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível.

Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. A minha mãe diz:

– É mesmo? Fazendo algumas perguntas sobre nós? A polícia?

Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor no chão da sala de estar. De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. A minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo de novo a sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato a nossa mãe. Meu pai, El Sayyid Nosair, nasceu no Egito. Mas a minha mãe nasceu em Pittisburgh. Antes de recitar a Shahada numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.

[44] Comentário: conferindo de novo

– O seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente – ela diz quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

[45] Comentário: sentado ereto

[46] Comentário: mesclada

Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E quanto mais tempo esperamos, mais rápido minha mãe anda de um lado para outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. A minha mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão.

[47] Comentário: retirar

[48] Comentário: retirar

ANEXO M – Preparação/revisão realizada na tradução feita por Renato M. de Oliveira em trecho do livro O Filho do Terrorista – A História de uma Escolha

Cliffside Park, Nova Jersey

Minha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama.

– Aconteceu um acidente – ela diz.

Tenho sete anos de idade, um menino gorducho vestindo pijamas das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre meu tapetinho com os minaretes. Nunca pela minha mãe.

São onze da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos, ele vem passando cada vez mais horas e horas a fio, noite adentro, na mesquita na (da?) cidade de Jersey. Mas para mim ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso. Ainda nessa manhã, ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus cadarços. Ele se envolveu em algum acidente? Que tipo de acidente? Está machucado? Morreu? Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.

Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante, o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem – depois cai e se esparrama pelo chão.

– Olhe nos meus olhos, Z – ela diz, o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço.

– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. (aqui pode ser ponto ou vírgula) E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.

Ela caminha na direção da porta – Yulla, Z, Yulla. Vamos.

– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de debaixo da minha colcha do He-man.

– O que eu devo colocar no lençol? Que... coisa?

Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer exatamente o que minha mãe me pediu. Ela se detém e olha para mim.

– Tudo o que couber – ela diz. – Não sei se a gente vai voltar.

Ela gira sobre os calcanhares e desaparece.

Assim que terminamos de arrumar nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar. Minha mãe ligou para o primo do meu pai que

**[49] Comentário:** O artigo definido antes do pronome possessivo, pela gramática tradicional, é considerado desnecessário (embora não consista em "erro"). Então eu cortei. A ausência do artigo dá mais fluidez à leitura do texto.

Se fosse um texto dissertativo, eu só teria cortado e ponto, sem mais comentários. Mas como é um texto literário, o artigo fica opcional - você pode usar ou omitir. No restante do texto, eu cortei, pois acho que melhora a qualidade. Mas, como eu disse, a opção final é sua e a manutenção não consiste em erro formal.

**[50] Comentário:** Essa vírgula é opcional.

**[51] Comentário:** Cf. Comentário 1

**[52] Comentário:** Essa vírgula aqui também é opcional, mas recomendada (adjunto adverbial anteposto). De novo, se fosse um texto dissertativo, diria para seguir essa regra. Como é literário, fica a critério.

**[53] Comentário:** De novo a questão do estilo. Pela norma culta, o certo aqui seria um ponto e vírgula ao invés do ponto; como é um texto literário, você pode manter o ponto, se quiser.

**[54] Comentário:** Aqui a vírgula também é optativa, mas recomendo tirar.

**[55] Comentário:** Cf. Comentário 1

**[56] Comentário:** Cf. Comentário 1

vive no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou simplesmente Ammu – e agora está tendo uma acalorada discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente seu *hijab* no ponto em que se afrouxou em volta da orelha. Ao fundo, a TV está ligada. Notícias de última hora. *Interrompemos a programação.* Minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.

[57] Comentário: Vírgula optativa.

[58] Comentário: Cf. Comentário 1

Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas pra nós. Assim que ela desliga, o aparelho começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece que sabe de alguma coisa.

Minha mãe atende. É um dos amigos dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de “vermelho” por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar meu pai e falar com ele.

[59] Comentário: CF. Comentário 1

– Ele não está aqui – diz a minha mãe, que, por momento, ouve atentamente.

– Tudo bem – ela diz, e desliga.

[60] Comentário: Aqui a mudança é porque localizar e falar não tem a mesma regência, então não podem ter o mesmo complemento.

[61] Comentário: Made a comment

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível.

Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. Minha mãe diz:

– É mesmo? Fazendo algumas perguntas sobre nós? A polícia?

[62] Comentário: Cf. Comentário 1

Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor no chão da sala de estar. De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. Minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo de novo a sua bolsa. Está munida de todas nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato nossa mãe. Meu pai, El Sayyid Nosair, nasceu no Egito, mas minha mãe nasceu em Pittsburgh. Antes de recitar a Shahada numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.

[63] Comentário: Cf. Comentário 1

[64] Comentário: Pode ser do texto original, mas perceba que há uma dupla redundância aqui. Talvez valha cortar o “de novo”, já que o conferindo e reconferindo já transmite a ideia de repetição e de nervosismo do momento.

[65] Comentário: Cf. Comentário 1

[66] Comentário: Cf. Comentário 1

[67] Comentário: Cf. Comentário 1

[68] Comentário: Cf. Comentário 1

[69] Comentário: De novo, se fosse um texto dissertativo, eu iria deixar “está vindo nos buscar”; mas a escolha final é sua, o “a gente” funciona por coloquialismo, já que é uma fala.

– Seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente – ela diz quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E quanto mais tempo esperamos, mais rápido minha mãe anda de um lado para outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. Minha mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão.

[70] Comentário: Vírgula optativa aqui tam'bme, se você quiser.

[71] Comentário: Cf. Comentário 01

ANEXO N – Preparação/revisão realizada na tradução feita por Renato M. de Oliveira em trecho do livro O Filho do Terrorista – A História de uma Escolha

### Cliffside Park, Nova Jersey

De repente, a minha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama dizendo:

– Aconteceu um acidente!

Tenho sete anos de idade. Sou um menino gorducho vestindo pijamas das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho com os minaretes. Nunca pela minha mãe!

São onze horas da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos, ele vem passando cada vez mais horas e horas a fio, noite adentro, em uma mesquita na cidade de Jersey. Mas, para mim, ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso. Ainda pela manhã, ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus cadarços.

Mas, em relação à afirmação da minha mãe, ele se envolveu em algum acidente? Que tipo de acidente? Está machucado? Morreu? Não consigo articular os questionamentos, uma vez que tenho muito medo das respostas.

Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante, o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem – depois cai e se esparrama pelo chão.

– Olhe nos meus olhos Z – ela diz, com o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação, que mal a reconheço. – Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.

Ela caminha na direção da porta e chama por Yulla:

– Yulla, Z, Yulla. Vamos!

– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de debaixo da minha colcha do He-Man. – O que eu devo colocar no lençol? Que... coisa?

Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer exatamente o que minha mãe me pediu. Ela se detém e olha para mim dizendo:



– Tudo o que **couber**. **Não** sei se a gente vai voltar.

Ela gira sobre os **calcanhares e desaparece**.

Assim que terminamos de arrumar as nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar. A minha mãe ligou para o primo do meu **pai**, que vive no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou simplesmente **Ammu – e deu início a uma acalorada** discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente seu *hijab* no ponto em que se afrouxou em volta da orelha. Ao **fundo**, a TV está ligada. Notícias de última **hora**.

- **Interrompemos a programação...**

**A minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.**

Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas pra nós. Assim que ela **desliga**, o aparelho começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece que sabe de alguma coisa.

A minha mãe atende. É um dos amigos dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de vermelho por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar e falar com meu pai.

– Ele não está aqui – diz a minha mãe, **que, por um momento, ouve** atentamente.

– Tudo bem – ela diz, e desliga.

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível.

Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. A minha mãe diz:

– É mesmo? Fazendo algumas perguntas sobre nós? A polícia?

Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor no chão da sala de estar. De **algum modo**, **em** meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. A minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo de novo a sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato a nossa mãe. Meu pai, El Sayyid Nosair, nasceu no Egito. Mas a minha mãe nasceu em Pittsburgh. Antes de recitar a Shahada **em uma** mesquita local e se

converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.

– O seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente – ela diz, quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

Não pergunto para onde estamos indo. E ninguém me diz! Apenas esperamos! E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar em vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E quanto mais tempo esperamos, mais rápido minha mãe anda de um lado para outro, e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. A minha mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão.

ANEXO O – Preparação/revisão realizada na tradução feita por Renato M. de Oliveira em trecho do livro O Filho do Terrorista – A História de uma Escolha

5 de novembro, 1990

Cliffside Park, Nova Jersey

Minha mãe me acorda aos chacoalhões na cama.

– Aconteceu um acidente – ela diz.

Tenho sete anos de idade, sou um menino gorducho vestindo pijamas das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e somente para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho com os minaretes. Nunca pela minha mãe.

São onze da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos ele vem passando cada vez mais horas e horas a fio, noite adentro, na mesquita na cidade de Jersey. Mas para mim ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso. Ainda nesta manhã ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus cadarços. Ele se envolveu em algum acidente? Que tipo de acidente? Está machucado? Morreu? Não consigo articular as perguntas porque estou com muito medo.

Minha mãe abre um lençol branco – por um breve instante o tecido se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem –, depois cai e se esparrama pelo chão.

– Olhe nos meus olhos, Z – ela diz, o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço.

– Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar bem firme. Tudo bem? A sua irmã vai ajudar você.

Ela caminha na direção da porta.

– Yulla, Z, Yulla. Vamos.

– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí debaixo da minha colcha do He-man.

– O que eu devo colocar no lençol? Que... coisas?

Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer exatamente o que minha mãe me pede. Ela se detém e olha para mim.

– Tudo o que couber – ela diz. – Não sei se a gente vai voltar.

Ela gira sobre os calcanhares e desaparece.

Assim que terminamos de arrumar as nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar. Minha mãe ligou para o primo do meu pai que vive no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou simplesmente Ammu – e agora está tendo uma acalorada discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com

[72] Comentário: Inclusão feita para ser fiel ao original.

[73] Comentário: Alteração feita para deixar o texto mais fiel à versão original.

[74] Comentário: Este é um termo estrangeiro. Por isso o itálico.

força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente seu *hijab* no ponto em que se afrouxou em volta da orelha. Ao fundo a TV está ligada. Notícias de última hora. *Interrompemos a programação.* A minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.

Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas para nós. Assim que ela desliga, o aparelho começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece saber de alguma coisa.

Minha mãe atende. É um dos amigos dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de vermelho por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar meu pai e falar com ele.

– Ele não está aqui – diz a minha mãe, que por um momento ouve atentamente.

– Tudo bem – ela diz e desliga.

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível.

Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. A minha mãe diz:

– É mesmo? Fazendo algumas perguntas sobre nós? A polícia?

Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor no chão da sala de estar. De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. Minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo a sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato nossa mãe. Meu pai, El Sayyid Nosair, nasceu no Egito. Mas a minha mãe nasceu em Pittsburgh. Antes de recitar a Shahada numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.

– O seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente – ela diz quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

Não pergunto para onde estamos indo, e ninguém me diz. Apenas esperamos. Esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E quanto mais tempo esperamos, mais rápido minha mãe anda de um lado para o outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. Minha mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do meu irmão.

[75] Comentário: Não se fala em ombro no original.

ANEXO P – Preparação/revisão realizada na tradução feita por Renato M. de Oliveira em trecho do livro O Filho do Terrorista – A História de uma Escolha

Cliffside Park, Nova Jersey

Minha mãe me acorda aos chacoalhões na minha cama: – aconteceu um acidente – ela diz.

Tenho sete anos de idade, um menino gorducho que veste pijama das Tartarugas Ninja. Estou acostumado a ser acordado antes mesmo de o dia raiar, mas somente pelo meu pai, e apenas para orar ajoelhado sobre o meu tapetinho com minaretes. Nunca pela minha mãe.

São onze da noite. Meu pai não está em casa. Nos últimos tempos ele vem passando, cada vez mais, horas e horas a fio noite adentro na mesquita na cidade de Jersey. Mas para mim ele ainda é o Baba – engraçado, amoroso, afetuoso. Ainda nessa manhã ele havia tentado, mais uma vez, me ensinar a amarrar meus tênis. Será que ele se envolveu em algum acidente? Que tipo de acidente? Está machucado? Morreu? Não consigo articular as perguntas porque tenho medo demais das respostas.

Minha mãe abre um lençol branco que, por um breve instante, se avoluma feito cogumelo, como uma nuvem, depois cai e se esparrama pelo chão.

– Olhe nos meus olhos Z – ela diz, o rosto tão retorcido por inúmeros nós de preocupação que mal a reconheço. – Você precisa se vestir o mais rápido que puder. E depois precisa colocar as suas coisas dentro deste lençol, embrulhar e amarrar tudo bem firme. Tudo bem? Sua irmã vai ajudar você.

Ela caminha na direção da porta – Yulla, Z, Yulla. Vamos.

– Espere – eu digo. É a primeira palavra que consigo pronunciar desde que saí de baixo da minha colcha do He-Man.

– O que devo colocar no lençol? Que... coisas?

Sou um bom menino. Tímido. Obediente. Quero fazer exatamente o que minha mãe me pediu. Ela se detém e olha para mim.

– Tudo o que couber – ela diz. – Não sei se a gente vai voltar.

Ela gira sobre os calcanhares e desaparece.

Assim que terminamos de arrumar nossas coisas, minha irmã, meu irmão e eu descemos a passos surdos para a sala de estar. Minha mãe ligou para o primo do meu pai que vive no Brooklyn – nós o chamamos de tio Ibrahim, ou simplesmente Ammu – e agora está tendo uma acalorada discussão com ele. O rosto dela está afogueado. Ela está apertando com força o telefone na mão esquerda e, com a direita, ajeita nervosamente seu *hijab*, no ponto em que se afrouxou em volta da orelha. Ao fundo a TV está ligada. Notícias de última hora. *Interrompemos a programação*. A minha mãe nos flagra assistindo e corre para desligar.

Ela fala com Ammu Ibrahim por mais algum tempo, de costas pra nós. Assim que ela desliga, o aparelho começa a tocar. É um som dissonante no meio da noite: barulhento demais, e parece que sabe de alguma coisa.

Minha mãe atende. É um dos amigos do Baba da mesquita, um taxista chamado Mahmoud. Todo mundo o chama de Vermelho por causa dos cabelos dele. Vermelho parece desesperado para localizar e falar com meu pai.

– Ele não está aqui – diz a minha mãe, que, por um momento, ouve atentamente.

– Tudo bem – ela diz e desliga.

O telefone toca de novo. Aquele ruído terrível.

Dessa vez, não faço ideia de quem está ligando. Minha mãe diz:

– É mesmo? Fazendo algumas perguntas sobre nós? A polícia?

Um pouco mais tarde, acordo em cima de um cobertor, no chão da sala de estar. De alguma maneira, em meio ao caos, peguei no sono. Tudo que a gente foi capaz de carregar – e mais ainda – está empilhado junto à porta, ameaçando desabar a qualquer segundo. Minha mãe está zanzando de um lado para o outro, conferindo e reconferindo a sua bolsa. Está munida de todas as nossas certidões de nascimento, a prova – para o caso de alguém exigir – de que é de fato nossa mãe. Meu pai, El Sayyid Nosair, nasceu no Egito. Mas a minha mãe nasceu em Pittsburgh. Antes de recitar a *Shahada* numa mesquita local e se converter ao islamismo – antes de adotar o nome Khadija Nosair –, ela atendia por Karen Mills.

– Seu tio Ibrahim está vindo buscar a gente – ela diz quando me vê sentado direito e esfregando os olhos. Agora a preocupação em sua voz está matizada de impaciência. – Se é que ele vai chegar aqui algum dia.

Não pergunto para onde estamos indo e ninguém me diz. Apenas esperamos. E esperamos muito mais tempo do que Ammu deveria demorar para vir de carro do Brooklyn até Nova Jersey. E quanto mais tempo esperamos, mais rápido minha mãe anda de um lado para outro e mais eu sinto que algo dentro do meu peito vai arrebentar. Minha mãe me abraça. Tento ser corajoso. Ponho um dos braços em volta do ombro do meu irmão.

## ANEXO Q – Conversa com Marcia Blasques via WhatsApp em 12/04/2017

